

Kathleen Connell, RSCM  
Rosa do Carmo Sampaio, RSCM

# UMA CAMINHADA NA FÉ E NO TEMPO

A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

Volume IV



Rosa do Carmo Sampaio, RSCM  
e  
Kathleen Connell, RSCM

## **UMA CAMINHADA NA FÉ E NO TEMPO**

História  
das  
Religiosas do Sagrado Coração de Maria

Volume 4

### **Primeira Parte**

Desde a morte do Fundador  
até ao fim do Generalato da Madre St. Félix  
1890-1905

### **Segunda Parte**

Continuando a História:  
Período em que a Madre St. Constance Farret foi Superiora Geral  
1905-1926

FONTES DE VIDA  
Estudos e Reflexões sobre a Herança das RSCM

*Título original:*

A Journey in Faith and Time: History of the Religious of the Sacred Heart of Mary,  
Vol. 4

*Tradução para Português:*

Maria do Rosário de Castro Pernas

*Revisão do Texto:*

Maria Filomena S. M. Gouveia, RSCM

Maria Julieta Mendes Dias, RSCM

*Volumes desta série:*

**Volume 1:** Rosa do Carmo Sampaio, RSCM. *Uma Caminhada na Fé e no Tempo: A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Gênese do Instituto — seu desenvolvimento com a Madre Saint-Jean — 1802- 1869.*

Tradução para Inglês: Mary Milligan, RSCM

**Volume 2:** Kathleen Connell, RSCM. *Uma Caminhada na Fé e no Tempo: A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. O crescimento do Instituto: as Fundações durante a liderança da Madre Ste. Croix Vidal — 1869-1878.*

Tradução para Português: Margarida Maria Gonçalves, RSCM

**Volume 3:** Kathleen Connell, RSCM. *Uma Caminhada na Fé e no Tempo: A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Fundações durante o Primeiro Mandato da Madre St. Felix Maynard como Superiora Geral — 1878-1890.*

Tradução para Português: Maria Filomena Gouveia, RSCM

*Capa:*

Bianca Haylich, RSCM

*Fotocomposição, montagem e arranjo gráfico:*

CLiObyRiP — Artes Gráficas

*Impressão e acabamento:*

CLiObyRiP — Artes Gráficas

*Tiragem:*

300 exemplares

*Conversão do PDF para o Word (2021)*

Lucienne do Carmo Félix Teixeira e Waldemar Bettio,

d Centro de Fontes da Área Brasil

*Edição:*

INSTITUTO DAS RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA, 2017

# ÍNDICE

Prefácio.....	9
1. O INSTITUTO SEM O FUNDADOR.....	13
Reações à morte de Jean Gailhac .....	15
O estado do Instituto em 1890.....	23
2. ETAPAS DE TRANSIÇÃO.....	29
A relação com os amigos de Gailhac.....	29
O mundo em que as Religiosas do SCM se moviam.....	35
Pressões políticas e econômicas.....	37
Questões com que a Madre St. Félix se confrontava.....	43
Visitas às Comunidades da Inglaterra e Irlanda.....	45
3. INÍCIO DO SEGUNDO MANDATO DA MADRE SAINT FÉLIX.....	55
Capítulo Geral de 1891.....	55
Viagem a Portugal.....	61
Viagem a América.....	64
4. NOVA DINÂMICA DE CRESCIMENTO.....	71
Viseu - Outra nova fundação em Portugal.....	71
Crescimento na França – Um desafio a enfrentar: Mende, Grenoble e Tarbes.....	80
Vallon.....	83
Bourg de Péage.....	87
5. A CONSOLIDAÇÃO DAS NOVAS FUNDAÇÕES NA FRANÇA E PORTUGAL, DE 1894 a 1896.....	107
Vallon.....	107
Bourg de Péage.....	109
A Casa Mãe.....	111
Trasladação do corpo de Gailhac.....	115
Chaves.....	116
Viseu.....	118
O Capítulo Geral de 1896.....	121

6.	DESENVOLVIMENTOS NA INGLATERRA E NA IRLANDA.....	133
	A promessa e a dor de Seaforth.....	133
	Nova Fundação em Barrow.....	137
	Outro convite: Blackbrook.....	147
7.	DAS CELEBRAÇÕES ÀS CRISES.....	157
	Aprovação das Constituições – 1899.....	157
	Quinquagésimo aniversário do Instituto – 1899.....	166
	As bodas de ouro da Madre Saint Felix – 1901.....	170
	Perseguição na França.....	173
	A Madre Saint Félix reage aos atos do Governo.....	182
8.	A QUESTÃO PORTUGUESA.....	193
	Afirmando a identidade portuguesa.....	193
	Alcançando o estatuto provincial.....	199
	A Madre Saint Félix e a situação portuguesa.....	205
	Uma nova Superiora Geral reage à Província Portuguesa.....	213
	O impacto da Revolução Portuguesa de 1910.....	218
	A eventual resolução.....	221
	Reflexões.....	226
9.	NOVAS FUNDAÇÕES NA AMÉRICA.....	231
	Ordem para abandonar a fundação da América.....	231
	St. Mary, Long Island City.....	234
	Academia do Sagr Cor de Maria, Borough Park, Brooklyn.....	239
	Uma mudança inesperada.....	246
	Marymount em Tarrytown — Uma Fundação na Arquidiocese de Nova Iorque.....	251
	<b>SEGUNDA PARTE.....</b>	<b>261</b>

	CONTINUANDO A HISTORIA: MADRE STE. CONSTANCE FARRET.....	261
	Os Primeiros Anos: de Estudante a Superiora Geral.....	261
	Capítulos Gerais no tempo da Madre Sainte Constance (1905, 1911, 1919, 1925).....	264
	Estabelecendo ligação com o Brasil.....	265

Tuy, Espanha: refúgio e oportunidade.....	267
A Luta do IRSCM por ser compensado pelo Gov. Português.....	270
Mudanças na Casa Mãe: as Irmãs Oblatas de Maria.....	276
Inglaterra: Seafield e Barrow.....	280
A maravilha que era Blackbrook House.....	282
Visitas à América.....	295
A deflagração da Guerra na Europa (1914-1918) .....	302
Perdas pessoais.....	307
Outra experiência de guerra: Cambrai.....	309
Primeiras evacuações de Cambrai.....	313
Grande evacuação para a Bélgica.....	315
Cartas circulares da M. Ste Constance às Irmãs do IRSCM.....	322
Crise em Lisburn.....	327
Ela era uma "Relíquia preciosa do Carisma" .....	331
Novas direções na América.....	333
A morte da Madre Sainte Constance.....	338
CRONOLOGIA SELECIONADA.....	345
Fotografias.....	361
Bibliografia.....	381
As autoras.....	389





## PREFÁCIO

Terminado este quarto volume, a série histórica sobre a vida das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, iniciada há trinta anos e intitulada *Uma caminhada na fé e no tempo*, chega ao seu termo.

A redação deste volume tem uma história própria. A irmã Rosa do Carmo Sampaio tinha começado a fazer investigações para o livro, no início da década de 1990, e continuou a redigi-lo em Roma, depois de se ter tornado conselheira geral, em 1995. Tinha terminado o rascunho manuscrito, em português, da primeira metade do livro, quando morreu prematuramente, em 1998.

Tomou-se a decisão de pedir a uma irmã portuguesa para completar o manuscrito e Ana Maria Gago, colaborando mais tarde com a Irmã Maria Alice Santos, foi escolhida para essa tarefa. Começaram a trabalhar no livro em 1999, mas só conseguiram trabalhar esporadicamente nos verões seguintes, visto que Ana Maria estava em missão no Mali e, além disso, tinha sido nomeada Comunicadora Inter-África do Instituto; Maria Alice também estava ocupada a tempo inteiro nos Colégios. No verão de 2001, tomaram a decisão de se libertarem do texto e do estilo de Rosa do Carmo e de escrever um texto seu. No fim, porém, isso não foi possível e, em 2002, a responsabilidade por terminar o livro recaiu sobre o Grupo Fontes [Sources Core Group].

Algum tempo mais tarde, a Irmã Mary Milligan, ajudada pela Irmã Maria Alice, como historiadora, começou a trabalhar no complexo e inacabado capítulo do manuscrito de Rosa do Carmo, que abordava a Questão Portuguesa, mas, por razões de saúde, a Irmã Mary não pôde continuar. Depois de eu ter completado o

Volume 3 de *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, em 2006, o trabalho de terminar a obra de Rosa do Carmo viria a tornar-se a minha obra de eleição.

Nessa fase, a língua do projeto, no seu todo, passou a ser o inglês. Em finais do verão de 2008, a Irmã Veronica Brand acorreu em meu auxílio e, durante vários meses, no seu "tempo livre", traduziu os primeiros cinco capítulos e as secções do sétimo capítulo do manuscrito de Rosa do Carmo, enquanto eu procedia à investigação necessária e redigia os capítulos relacionados com as comunidades dos Estados Unidos e com as fundações de Barrow e Blackbrook. Foi graças aos esforços de Veronica Brand, que o importante contributo de Rosa do Carmo se tornou acessível em inglês. Peguei no livro a partir daí, acabando por completar os capítulos 7, 8 e 9, adicionando a Segunda Parte e transformando a obra num todo unificado.

Este volume começa no ponto em que o volume 3 tinha terminado, com a morte de Gailhac, em 1890, e cobre os quinze anos seguintes da liderança da Madre St. Félix sem o fundador. Esses anos transbordaram de fé e de ação, incluindo: a determinação da Madre St. Félix em estender a Missão das RSCM a novas fundações em Viseu, Vallon, Bourg de Péage, Barrow, Blackbrook e St. Mary's, Long Island City. A 24 de fevereiro de 1899, cinquenta anos depois da nossa fundação, as Constituições receberam a aprovação final da Santa Sé. Dois anos mais tarde, em 1901, a Madre St. Félix, último membro da comunidade fundadora original, celebrou as suas Bodas de Ouro.

Esses anos, porém, foram seguidos pela Cruz, com grande sofrimento decorrente da escalada de perseguição anticlerical em França e Portugal, que conduziria a legislação e impostos opressivos, confiscação das propriedades das RSCM e exílio. Ocorreram ainda alguns mal-entendidos no seio do Instituto que tiveram de ser resolvidos.

Por tudo isto passou a minúscula, mas destemida, Madre St. Félix. Na verdade, ao fim de vinte e sete anos como superiora e tesoureira geral, se alguém merecia um tempo sabático, seria ela. Todavia, ao deixar o cargo de superiora geral, foi escolhida assistente geral para os doze anos seguintes!

Embora este projeto da história pretendesse centrar-se apenas nas três primeiras superiores gerais, que também eram membros da comunidade fundadora, decidi acrescentar uma segunda parte a este livro e apresentar a Madre Ste. Constance Farret, quarta superiora geral (1905-1926), que, de outro modo, poderia continuar oculta e, portanto, desconhecida para nós. Isso atrasou a finalização do livro, mas parece ter valido a pena. Espero que os leitores concordem, quando travarem conhecimento com esta interessante mulher.

Devemos agradecer a muitas pessoas que nos ajudaram a concluir este livro: a todas aquelas que mantiveram vivo o interesse por terminar o livro de Rosa do Carmo depois da sua morte, à Ir. Veronica Brand, cujas traduções nos permitiram recuperar o trabalho da Rosa, às superiores gerais Catherine Doland e Terezinha Cecchin e respetivos conselhos, pelo seu apoio constante a este projeto, a Margaret Fielding, RSCM e Breda Shelly, RSCM, pela sua importante leitura das provas deste texto, à Ir. John Bosco Goria e à Ir. Lucia Kenny, pela sua ajuda na consulta dos arquivos, a Celine Allen, pelas suas sugestões editoriais para a Primeira Parte, e a Phillip Pitt, pela sua cuidadosa preparação deste texto para publicação. Estou grata a todas as que me apoiaram com o seu encorajamento, sobretudo às Irmãs Rosamond Blanchet, Rosinha Pereira, André Dullaghan e, de modo especial, à Comunidade das RSCM de Kingston-on-Thames e a Sarah Gallagher, Diretora da Escola Internacional Marymount, em Londres, pela sua hospitalidade.

Gostaria de dedicar este livro ao Grupo Fontes, [Sources Core Group] que deu início a este projeto da história, há trinta anos, e que o levou a seu termo: às Irmãs Marjorie Keenan, Mary Milligan e Rosa do Carmo Sampaio. Sinto orgulho em ter pertencido a este grupo.

Kathleen Connell, RSCM  
23 de março de 2014

# 1

## O INSTITUTO SEM O FUNDADOR

Marie Elizabeth Maynard, nascida em Millau, França, em 1831, ingressou na recém-fundada congregação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria a 15 de setembro de 1849. Tinha dezessete anos de idade. Como era costume, recebeu um novo nome quando entrou no noviciado e, a partir de então, seria conhecida pelo seu nome em religião, Madre St. Félix. Embora não tivesse estado presente no dia da fundação, sempre foi considerada parte da comunidade fundadora, visto que tanto ela como as outras irmãs fizeram a primeira profissão juntas, em maio de 1851.

Mal ingressou na comunidade, foi-lhe atribuído um cargo, visto que as necessidades eram muitas e os trabalhadores, poucos. Não tendo qualificações particulares, a não ser a sua experiência como a segunda mais velha de oito filhos, a Madre St. Félix foi inicialmente incumbida da direção do orfanato, à qual dedicou o entusiasmo da sua juventude. Depois, por morte da Madre St. Stanislas Gibbal, em 1859, foi nomeada mestra de noviças. Mais tarde, tornou-se assistente da Madre St. Jean Cure, primeira superiora geral, e foi ecônoma do Instituto, cargo que deteria durante mais de vinte e cinco anos. Quando a Madre Ste. Croix Vidal sucedeu à Madre St. Jean como superiora geral, a Madre St. Félix tornou-se sua primeira assistente, continuando responsável pelas finanças do Instituto à medida que este se ia estendendo por várias fundações. Quando a Madre Ste. Croix morreu, em 1878, a Madre St. Félix foi eleita superiora geral do Instituto em crescimento. Ninguém ficou surpreso.

Durante a sua primeira década no cargo, o fundador da congregação, Jean Gailhac, esteve sempre presente para

aconselhá-la e animá-la<sup>1</sup>. Anos mais tarde, recordaria uma conversa em que Gailhac a descrevera como aquela que sempre fora "*a querida filhinha que Deus lhe confiara ainda muito nova e por quem ele nada negligenciara em prol da sua formação para a vida religiosa*"<sup>2</sup>. Perto do fim do seu primeiro período no cargo, porém, tornou-se óbvio que a saúde de Gailhac se estava a deteriorar. Perdera a audição e a visão. Viajar tornara-se um fardo para ele, embora tenha continuado a visitar as fundações de Inglaterra, Irlanda e Portugal. Nessa fase, era descrito como alguém que viajava "*diretamente de um lugar para outro, como uma encomenda postal*"<sup>3</sup>, precisando por vezes de um vagão para ir de uma parte da estação para outra. A Madre St. Félix sempre o acompanhara nessas viagens. Agora passaria a cuidar de Gailhac, tornando-se sua companheira constante. Estaria sempre com ele até à hora da sua morte.

Após o período imediato de perda e luto ocasionados pela morte de Gailhac, a Madre St. Félix sentiu ser seu dever escrever uma carta circular a todas as casas do Instituto: "*Minhas queridíssimas irmãs, devo-vos os detalhes dos últimos dias do nosso santo, querido e saudoso Pai, e imagino que estais impacientes por recebê-los*"<sup>4</sup>. Embora admitindo a insuficiência da comunicação escrita, a Madre St. Félix tentou descrever aqueles momentos com grande detalhe "*... para a todas animar e consolar*"<sup>5</sup>.

---

<sup>1</sup> Para um estudo sobre o primeiro mandato de doze anos da Madre St. Félix como superiora-geral (1878-1890), ver Kathleen Connell, RSCM, *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, Vol. 3 (Fontes de Vida, 2006).

<sup>2</sup> *Diverses Notes à Conserver Précieusement* (uma transcrição de notas ditadas à Madre St. Félix por Gailhac em vários momentos, desde novembro de 1883 a agosto de 1886; doravante designada por *Diverses Notes*) Arq. Hist./Cong., Vol. II-D, 95. Ver também *Processus apostolicus super virtutibus et miraculis in specie servi Dei Joannis Gailhac* (a seguir referido como Proc. op.) 3098-3100.

<sup>3</sup> Henri Victor Maynard. *John Gailhac: Priest and Founder of the Institute of the Sacred Heart of Mary*, transc. Madre Joseph Rogan, RSCM, e Francois Thérèse Rogan, RSCM (Westminster, MD: Christian Classics, Inc., 1977) 233; doravante referido como Maynard.

<sup>4</sup> Carta circular da Superiora-geral, Madre St. Félix, dirigida às diversas casas do Instituto por ocasião da morte do nosso venerável fundador, Proc. ap., 3115-3124.

<sup>5</sup> *Ibid.*

Quem conhecia bem Gailhac parecia estar convencido de que o santo sacerdote já estaria a gozar da plenitude da visão de Deus. A Madre St. Félix, porém, tinha plena consciência das palavras tantas vezes repetidas pelo fundador: *"Rezem muito por mim quando eu já não estiver neste mundo, e peçam aos outros que rezem para eu não ser privado por muito tempo da visão de Deus"*. Ansiosa por que a veneração antecipada de Gailhac não reduzisse as orações de que ele poderia precisar ainda, a Madre St. Félix recordou às irmãs a decisão do seu Conselho: *"Que cada comunidade mande celebrar missas pelo repouso da sua alma"*<sup>6</sup>. O mais surpreendente da carta da Madre St. Félix às religiosas do Instituto foi o fato de ter confessado que estava a sentir um grande isolamento, vazio e solidão, emoções tão profundas que nem sequer as conseguia expressar bem<sup>7</sup>. Certa de que todas as irmãs desejariam ter uma recordação do seu fundador, antes de terminar a carta, a Madre St. Félix garantiu-lhes: *"Terei o cuidado de repartir por cada uma de vós, minhas queridas filhas, um pequeno objeto que podereis guardar como preciosa recordação"*<sup>8</sup>.

## Reações à morte de Jean Gailhac

A notícia da morte de Gailhac tocara profundamente todos os que o conheciam. A imprensa de Béziers noticiou-a nos jornais diários do Midi, a 26 de janeiro; o *Publicateur de Béziers* deu a notícia alguns dias mais tarde: *"Esta semana, lamentamos a morte de... superior e fundador das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, [que] consagrou toda a sua vida às boas obras; o seu nome sempre foi pronunciado com o maior respeito por todos aqueles que o conheciam"*<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> Ibid.

<sup>7</sup> Ibid.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> *Le Publicateur de Béziers*, 31 de janeiro de 1890. Esta carta também se pode encontrar em P.J. B. Couerc, S. J., *La Congrégation du Sacré Coeur de Marie de Béziers: Son Origin, Son Histoire* (Montauban: imprimerie Catholique Jules Prunet, 1922) 162-166.

Esse jornal também publicou, na íntegra, a carta de condolências escrita à Madre St. Félix pelo bispo de Montpellier, François-Marie Anatole de Cabrières, a 25 de janeiro, dia da morte de Gailhac. Como o bispo capta e celebra a vida sacerdotal e apostólica de Gailhac de forma tão eloquente do ponto de vista da sua diocese, esta carta de condolências será citada na íntegra:

*Minha Reverenda Madre,*

*Foi com grande desgosto que tive a notícia da morte do superior e fundador das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Embora a iminência da sua morte fosse óbvia nos últimos meses, tal notícia não será menos triste tanto para o clero como para a cidade de Béziers em particular: será objeto de legítima tristeza. Desde a época da sua ordenação, em 1826, e durante mais de sessenta anos, aquele a quem todos chamavam "Padre Gailhac" nunca deixou de desempenhar com grande zelo e devoção todas as funções da vida sacerdotal: presença assídua no confessionário, solicitude nas visitas aos doentes, preocupação contínua com a educação religiosa mediante a catequese ou a pregação, celebrações exatas e fervorosas do mistério divino, dedicação constante à direção espiritual, à oração e ao estudo.*

*Era assim a vida deste bondoso sacerdote, cujas raras qualidades de inteligência e amor ardente pela virtude já tinham sido reveladas nos seus tempos de seminário, e que nunca deixou de ser um modelo, um conselheiro e um guia dedicado para os seus confrades. O seu contato necessário com o mundo, em Béziers, cidade rica e densamente povoada, mostrara-lhe, desde cedo, as chagas abertas de uma sociedade aparentemente rica e opulenta, mas que trazia em si muitas fontes de mal-estar, sofrimento e cruel miséria. Longe de se sentir desanimado pelo número de pessoas necessitadas de ajuda... no coração de uma cidade que apresentava tantos contrastes entre fortunas imensas e infortúnios igualmente imensos, o Padre Gailhac estava decidido a criar um refúgio para órfãs, abrigos para os sem-abrigo e uma espécie de escola agrícola para garantir braços vigorosos e mãos experientes ao serviço da sociedade. Como todas essas iniciativas requeriam o apoio de dóceis colaboradores, formados na abnegação e no sacrifício, sentiu-se inspirado a criar uma comunidade de mulheres que colocou, com intrépida confiança, sob a proteção do Sacratíssimo Coração de Maria.*



*Minha Reverendíssima Madre, é nas suas 'fjéis e devotas memórias, nas memórias das vossas irmãs mais idosas e nos anais da vossa Casa Mãe que se deve ler para se ficar com uma ideia fidedigna da vida diária deste incansável sacerdote para quem o peso de tantos trabalhos e tantas pessoas parece[ia] não pesar nada. Levantando-se muito cedo todas as manhãs, dedicava as suas melhores horas à meditação, à recitação do Ofício, à celebração da Missa e à ação de graças... Vinha depois a sua visita a cada uma das obras da cidade ou do campo, as suas longas sessões no confessionário e a direção espiritual no intuito de iniciar as postulantes e as noviças no difícil caminho da sua sublime vocação.*

*Deus permitiu, sem dúvida, que o Padre Gailhac experimentasse tribulações e provas, mas estas eram complementadas por consolações. Poder-se-ia até pensar que a medida das suas alegrias ultrapassava de longe a das tristezas. Que deleite, para ele, ver o seu Instituto expandir-se e as suas fundações, dependentes da Casa Mãe em Béziers, brotarem em Liverpool, na Irlanda, em Portugal e até na América!*

*Que deleite ver o noviciado tão fervoroso e tão cheio de vida, sempre transbordante de jovens tão piedosas, de França ou até da raça dos saxões, dos celtas e dos iberos, que sentiam orgulho em se consagrar ao Senhor<sup>10</sup>..*

O bispo recordou em seguida as memoráveis bodas de ouro da ordenação de Gailhac, em 1876, e nomeou os diversos grupos de pessoas associadas à vida sacerdotal de Gailhac, que nesse dia tinham estado presentes no pátio do colégio interno: as religiosas, os seus alunos, as crianças dos orfanatos, os sacerdotes amigos e confidentes de Gailhac, os penitentes, numerosos pais, e outros amigos mais numerosos ainda. Em seguida o bispo mencionou outras pessoas que não tinham estado presentes no evento, mas que também estavam em dívida para com o Padre Gailhac: os professores e os estudantes de *La Trinité*, os Irmãos das Escolas Cristãs e legiões dos seus alunos internos, as Irmãs Clarissas. O bispo terminou declarando que se estes e todos aqueles que tantas vezes tinham sido

---

<sup>10</sup> Ibid.

abençoados, consolados e animados pelo Padre Gailhac se tivessem reunido à volta deste, a Casa Mãe inteira teria sido demasiado pequena para contê-los a todos! Chega um momento em que até o reconhecimento mais merecido não é suficiente<sup>11</sup>.

Gailhac morrera nas primeiras horas de sábado, 25 de janeiro, e o seu corpo foi venerado ao longo do dia na capela do Sagrado Coração de Maria. Segundo o Padre Maynard, irmão da Madre St. Félix e último dos Sacerdotes do Bom Pastor, a capela nunca terá estado vazia durante esse período: *"Toda a gente queria olhar, pela última vez, para aquele rosto cheio e sem rugas, cuja idade e doença tinham deixado intacto, e que transmitia a paz e a serenidade que rodeara o velho sacerdote no momento da sua morte. Várias pessoas pediram relíquias. A cidade inteira correu ao funeral"*<sup>12</sup>. Uma missa solene de *requiem* foi celebrada na manhã seguinte, e seguiu-se-lhe o cortejo até ao cemitério da cidade mais próxima, ao fim da tarde. O cortejo que acompanhou o corpo até ao cemitério parecia interminável: sacerdotes, membros de várias congregações, pessoas de Béziers, os órfãos e as alunas internas da Casa Mãe e, por fim, as filhas religiosas de Gailhac<sup>13</sup>.

A 30 de janeiro, o Abade Guirauden, capelão e confessor das alunas internas, dirigiu uma longa alocução às estudantes reunidas, consolando-as: "Não choreis, minhas queridas filhas, o vosso venerado Pai está no céu a rezar a Deus por vós com maior fervor do que quando estava na terra. A fotografia foi inventada para nos ajudar a recordar o gracioso sorriso do ente querido que nos foi arrebatado. Agora, porém, as Irmãs e as vossas mestras substituirão a necessidade da fotografia. Elas ocuparão o lugar do vosso venerável pai"<sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> Maynard, 238.

<sup>13</sup> Para um relato dos últimos dias de Gailhac e da carta da Madre St. Félix ao Instituto, ver Kathleen Connell, RSCM, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3 (Fontes de Vida, 2006) 242-245.

<sup>14</sup> Alocução de Monsieur L'Abbé Guirauden, 30 de janeiro de 1890, Proc. ap., 6367-6370.

À medida que a notícia da morte de Gailhac se difundia, expressões escritas de simpatia iam chegando à Casa Mãe, provenientes de muita gente que o tinha amado e admirado. Tais cartas foram cuidadosamente guardadas nos arquivos da comunidade. Citaremos apenas uma amostra dessas inúmeras condolências<sup>15</sup>. As cartas lamentavam a perda de *"um fiel servo e de uma alma de elite"*<sup>16</sup> e recordavam Gailhac de muitas formas diferentes, como alguém *"que fez tanto bem"* ao longo *"da sua vida tão santa"*<sup>17</sup>, *"um verdadeiro protetor e uma bênção"*<sup>18</sup> para todas as suas religiosas. Grande parte do clero da diocese de Montpellier, da cidade de Béziers e das regiões circundantes tinha ficado profundamente tocada com a morte de Gailhac: *"Perdemos um santo na terra, mas esperamos firmemente encontrá-lo um dia no céu, graças ao bom Deus a quem ele amou e serviu tão bem, ajudando outros a amá-lo e servi-lo"*<sup>19</sup>.

Um sacerdote recordou detalhadamente a influência que Gailhac teve na sua vida: *"A primeira vez que ouvi o Padre Gailhac pregar (contando eu dezessete anos de idade), provocou uma impressão tão profunda em mim, que me pareceu que as suas palavras não eram palavras humanas, mas um tição ardente que me arrancava o coração e o transportava até o Céu, de tal modo que gritei espontaneamente: 'Oh! Que santo!!!'. Essa impressão permaneceu sempre comigo. Compreendo, portanto, o desgosto que sentis com a sua perda"*<sup>20</sup>. Certo homem escreveu da Inglaterra: *"Nunca me esqueci da impressão que ele provocou em mim. Nunca conheci homem tão santo e que vivesse a tal*

---

<sup>15</sup> A maior parte destas cartas podem ser encontradas em Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 53-75. Nesse volume, geralmente há duas ou mais cartas apostas a cada página.

<sup>16</sup> Monsenhor Gioacchino Auge a Madre St. Félix, 5 de fevereiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. II-E, 55.

<sup>17</sup> Joseph Flottes à Madre St. Félix, 29 de janeiro de 1890, Arq. Hist./Congr., Vol. 1-B, 71.

<sup>18</sup> Cardeal Hohenlohe à Madre St. Félix, 14 de fevereiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 71.

<sup>19</sup> Capelão das Carmelitas de Bédarieux à Madre St. Félix, 26 de janeiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 75.

<sup>20</sup> Cura Boissezson à Madame la Supérieure, 31 de janeiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 73.

*ponto na presença de Deus*"<sup>21</sup>. Um professor de Toulouse escreveu, manifestando o seu desgosto e admiração: "Sinto-me pesaroso com a notícia da morte do Reverendo Padre Gailhac, um verdadeiro desgosto para mim. Desde a minha primeira infância, sempre nutri a maior veneração por ele. Nunca passei por Béziers sem lhe ir prestar os meus respeitos e manifestar a minha gratidão"<sup>22</sup>.

Entre as Religiosas do Sagrado Coração de Maria das várias fundações, havia uma convicção geral de que Gailhac estava com Deus, intercedendo desde já por todos com o mesmo zelo incansável com o qual as conduziu para Deus durante a sua vida. A Madre St. Thomas escreveu do Porto: "*Sinto-me consolada ao pensar que o nosso venerado e carinhosamente amado Pai já está no céu a interceder pela sua querida família, da qual só está corporalmente separado*"<sup>23</sup>. Outra Irmã fazia-se eco do mesmo sentimento: "Passou a ser nosso intercessor, e uma abundante fonte de bênçãos recairá sobre cada uma das suas filhas e sobre o Instituto pelo qual ele tanto se sacrificou"<sup>24</sup>.

As religiosas de outras congregações que Gailhac tinha acompanhado demonstraram o afeto que nutriam por ele. Mlle. Mostolat, membro do primeiro grupo de leigas que tinham dirigido o Refúgio, e agora Madre Sacré Coeur, abadessa do Mosteiro das Clarissas Pobres de Notre Dame de Pitié, em Béziers, manifestou saudade e gratidão por tudo o que recebera dele: "*Era um dos meus amigos mais próximos, primeiro por laços familiares e, mais tarde, pelos laços espirituais, ainda mais preciosos, que tive o privilégio de criar com ele na minha vida religiosa... Não há dúvida que perdemos um Pai, um guia e um*

---

<sup>21</sup> Ed. Powell à Reverenda Madre, 4 de fevereiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 72.

<sup>22</sup> Professor C. Douain a Madame la Supérieure, 31 de janeiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. I-76.

<sup>23</sup> Madre St. Thomas à Madre St. Félix, 2 de fevereiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 53.

<sup>24</sup> Madre St. Thomas a Madre St. Félix, 2 de fevereiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 75.

*mestre aqui na terra; porém, agrada-me pensar que ganhamos um novo protetor no céu*"<sup>25</sup>.

Muitas das cartas das comunidades do Instituto sublinhavam a tristeza e o vazio que estavam a sentir<sup>26</sup>. Era uma reação perfeitamente natural, visto que todas as irmãs, sem exceção, tinham conhecido Gailhac pessoalmente. Os seus conselhos espirituais, oportunos e tantas vezes partilhados, tinham criado um forte vínculo entre o fundador e as irmãs. A sua perda deixou um vazio que parecia impossível de preencher.

Como prova de gratidão e de "amor filial e eterno"<sup>27</sup>, foram celebradas missas pelo fundador as diversas casas do Instituto. Um mês depois da morte de Gailhac, no dia 25 de fevereiro, sete sacerdotes concelebraram em Ferrybank, entre os quais o Padre Dunphy, amigo especial da comunidade<sup>28</sup>. No mesmo dia, no Porto, Braga e Chaves, foram celebradas missas solenes, com a possibilidade de comunhão geral para todas as alunas internas e externas<sup>29</sup>.

Movidas pelo seu sentimento de perda, algumas irmãs decidiram, então, que as suas vidas refletiriam a gratidão que sentiam por ele: *"A partir de agora, vou provar a todos o meu arrependimento como reconhecimento por todo o bem que ele sempre me queria fazer, apesar de eu nem sempre o ter aproveitado; a partir de hoje vou começar a seguir mais fielmente os conselhos deste bom Pai..."*<sup>30</sup>. *"O que me resta é corresponder a tudo o que este querido Pai fez por mim durante todos estes anos"*<sup>31</sup>. No mesmo sentido, a comunidade do Porto, no seu retiro mensal, de fevereiro, decidiu: *"Vamos ser*

---

<sup>25</sup> Madre Sacré-Coeur (das Clarissas de Béziers) à Madre St. Félix, 21 de janeiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 75.

<sup>26</sup> Ver Cartas de Condolências para a Madre St. Félix, Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 33ff.

<sup>27</sup> Madre St. Thomas a Madre St. Félix, 6 de fevereiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 34.

<sup>28</sup> Anais do Convento do Sagrado Coração de Maria, Ferrybank. SCM Archives, NEP, Box 252,

<sup>29</sup> Madre St. Thomas a Madre St. Félix, 6 de fevereiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 34.

<sup>30</sup> Madre St. Madeleine à Madre St. Félix, 3 de fevereiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 55.

<sup>31</sup> Madre St. Appollonie à Madre St. Félix, 3 de fevereiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. I-B, 55.

*observantes muito boas e fiéis da Regra, para que o bom Deus abençoe o nosso Instituto e o faça crescer...*"<sup>32</sup>.

Parece ter sido esse o desejo do Bispo de Cabrières para todo o Instituto. Ele fechara a sua carta de condolências dirigida Madre St. Félix com as seguintes palavras de desafio: "*Que as nossas lágrimas e a nossa nostalgia diante da urna do Padre Gailhac sejam uma homenagem bem merecida. Acima de tudo, porém, que todas as vossas virtudes, coragem, perseverante fidelidade no seguimento das suas lições e na continuação das suas obras sejam o maior tributo e o mais perdurável monumento que erigireis à sua memória, que tanto merece nunca mais ser esquecida*"<sup>33</sup>.

Tal desafio, lançado pelo bispo que tão bem conhecera Gailhac, ressoou profundamente no íntimo da Madre St. Félix. Durante quarenta e um anos, fora privilegiada por viver na Casa Mãe, perto de Gailhac, e aprendera com ele o que dizia respeito à vida religiosa. Sobretudo durante os anos em que fora Superiora Geral, Gailhac ditara-lhe pessoalmente as suas importantíssimas instruções em vários momentos, sobretudo durante o período de novembro de 1883 a agosto de 1886. As suas conversas foram cuidadosamente transcritas pela Madre St. Félix nos meses subsequentes à morte de Gailhac, e coligidas com o título *Diverses Notes à Conserver Précieusement*. Tais pensamentos influenciariam a forma como a Madre St. Félix governou o Instituto. Ela tentaria ser a administradora fiel, concretizando os ideais do fundador, sem permitir sequer os menores desvios ou alterações que se afastassem do espírito original tal como ela própria o entendia<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> Madre St. Thomas à Madre St. Félix, 2 de fevereiro de 1890, Arq.Hist./Cong., Vol. I-B, 53.

<sup>33</sup> Monsenhor de Cabrières a Madre St. Félix, 25 de janeiro de 1890, Le Publicateur de Béziers, 31 de janeiro de 1890.

<sup>34</sup> Diverses Notes, Arq. Hist./cong., Vol. 95.

## O Estado do Instituto em 1890

No momento da morte de Jean Gailhac, o Instituto do Sagrado Coração de Maria ainda não tinha completado quarenta e um anos de idade. Tinham sido anos cheios de vida e de crescimento contínuo. As duas primeiras décadas, correspondentes à liderança da primeira superiora geral, Madre St. Jean Cure, tinham sido uma época para estabelecer a fundação da Casa Mãe em Béziers, consolidando as suas estruturas em termos de comunidade e de obras apostólicas. O desejo de se expandir para lá de Béziers estava vivo, mas ainda não fora realizado no fim do mandato da Madre St. Jean. Contudo, após várias tentativas frustradas, novas fundações tinham surgido com uma rapidez surpreendente: 1870, Lisburn; 1871; Porto; 1872, Liverpool [Bootle]; 1877, Braga e Sag Harbor; 1879, Ferrybank e 1885, Chaves. No espaço destes quinze anos, o Instituto do Sagrado Coração de Maria fora estabelecido em três países da Europa e nos Estados Unidos da América.

Aos membros originais, todos de nacionalidade francesa, em breve se juntaram mulheres irlandesas, portuguesas e americanas, à medida que as sete fundações começaram a receber irmãs de vários países. A dimensão internacional, iniciada de forma inesperada a 11 de setembro de 1851, com a entrada de Rosanna MacMullen e Teresa Hennessy, estava agora consolidada<sup>35</sup>. O Instituto tinha apenas cerca de duzentos membros, mas fora agraciado com diversas nacionalidades e dedicava-se a uma grande diversidade de obras.

Um relatório, redigido em 1890 e apresentado à Santa Sé quinze meses mais tarde, descrevia detalhadamente o estado da Casa Mãe e das sete fundações existentes. Poderá ser útil, no início desta obra, fazer um apanhado dessas comunidades em 1890, tal como a Madre St. Félix as descreveu no seu "*Petit*

---

<sup>35</sup> Ver Rosa do Carmo Sampaio, RSCM, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. I (Fontes de Vida, 1990) 121-122.

*Historique*", visto ser essencial termos uma certa familiaridade com essas fundações das RSCM<sup>36</sup>.

A comunidade da Casa Mãe em Béziers era formada por quarenta e cinco irmãs professoras, de coro e conversas, por um noviciado de quarenta jovens professoras e noviças, e por catorze postulantes. A comunidade e o noviciado ocupavam a parte central da grande Casa Mãe; as obras a que as irmãs se dedicavam pessoalmente desenvolviam-se em alas situadas em cada extremidade do edifício. Numa dessas alas estavam situadas "as obras de caridade": o Orfanato (originalmente fundado por Gailhac, em 1834), a Preservação e a Providência, e a comunidade das Oblatas de Maria. O papel das Oblatas era ajudar as Religiosas do Sagrado Coração de Maria na supervisão e instrução das jovens da Preservação, na lavandaria, no tratamento do vestuário, e nos trabalhos da vinha. O colégio interno estava situado na ala oposta. Ai, as jovens das classes economicamente abastadas recebiam uma sólida educação cristã. A comunidade possuía ainda uma vinha em Bayssan, a pouca distância de Béziers. Esta fora, no passado, o local de um orfanato para rapazes denominado colônia agrícola. Os lucros da vinha, quando os havia, ajudavam a pagar as despesas das várias obras<sup>37</sup>.

A primeira fundação fora da França estava situada na cidade predominantemente protestante de Lisburn, na Irlanda do Norte, diocese de Down e Connor. Era costume do Instituto colocar cada nova fundação sob a proteção de um santo padroeiro. S. Patrício foi o padroeiro escolhido para guardar Lisburn. Esta fundação tinha uma comunidade de dezoito religiosas que dirigiam uma escola do Estado para duzentas crianças, um externato particular e um colégio interno. A casa que ocupavam, grande e bem situada, fora-lhes doada pela

---

<sup>36</sup> "Petit Historique des oeuvres et de l'Institut des Soeurs du Sacré Coeur de Marie Vierge Immaculée, fondés par le Tres Cher Reverend Pere Gailhac, notre Vénéré fondateur, et. L'État de l'Institut lors de son Décès le 25 Janvier 1890", (doravante designado por Petit Historique) Arq. Hist./RSHM., Caixa 18, Pasta 1.

<sup>37</sup> *Ibid.*, 7-8.



paróquia católica de Lisburn e pelo bispo da diocese, D. Dorrian<sup>38</sup>.

A segunda fundação, no Porto, Portugal, foi colocada sob a proteção do Sagrado Coração de Jesus e tinha a seu cargo a educação de crianças das classes mais abastadas. Mal as Religiosas do Sagrado Coração de Maria se tornaram proprietárias do local, abriram uma escola anexa para crianças pobres. Além de educar estas crianças pobres, escola servia-lhes refeições diárias e repartia por elas vestuário, consoante as suas necessidades. A comunidade era formada por vinte e cinco irmãs. A casa e a propriedade pertenciam ao Instituto e, depois de terminada a sua restauração, tornou-se uma atraente presença, muito apropriada para os fins aos quais se destinava. As suas obras iam prosperando<sup>39</sup>.

A fundação de Seaforth, a norte de Liverpool, Inglaterra, foi colocada sob a proteção de S. José. Esta comunidade, com trinta irmãs, em 1890, fora transferida do local original da fundação, em Bootle, para os subúrbios norte da cidade, perto do mar. Um edifício muito espaçoso e a propriedade adjacente tinham sido comprados pelo Instituto, em 1884. As irmãs de Seaforth continuaram a ensinar na grande escola da missão, m Bootle, além de dirigirem um colégio interno e um externato, em Seaforth, onde as crianças das classes mais altas recebiam uma educação esmerada. Geriam ainda duas escolas paroquiais da vizinhança<sup>40</sup>.

Na cidade de Braga, Portugal, uma comunidade de dezoito religiosas ocupava uma casa no centro da cidade. Tal como no Porto, a comunidade de Braga tinha um externato, um colégio interno e uma escola gratuita para os pobres. O padroeiro da comunidade de Braga era S. Luís Gonzaga<sup>41</sup>.

---

<sup>38</sup> Ibid., 3.

<sup>39</sup> Ibid., 3-4.

<sup>40</sup> Ibid., 4.

<sup>41</sup> Ibid., 5.

A fundação mais distante era em Sag Harbor, Nova Iorque, diocese de Brooklyn. Fora confiada à proteção de Santa Rosa de Lima, uma santa do hemisfério ocidental. A comunidade de Sag Harbor tinha quinze religiosas. Segundo o padrão habitual do Instituto, estavam à frente de um colégio interno e de um externato pago, no convento, bem como de uma escola paroquial perto da igreja matriz<sup>42</sup>.

A fundação de Ferrybank estava situada na diocese de Ossory, na Irlanda do Sul. Uma comunidade de dezoito religiosas dirigia escolas do Estado, um colégio interno e um externato. O bonito convento, desenhado pela Madre Ste. Croix e pago pelo Instituto, estava bem situado, no cimo de um monte cercado por terras arrendadas pela comunidade por trezentos anos. Esta fundação estava sob a proteção de S. João Evangelista<sup>43</sup>.

A última fundação criada durante a vida de Gailhac situava-se na cidade de Chaves, no norte de Portugal, província de Trás-os-Montes. Pertencia à diocese de Braga e encontrava-se perto da fronteira com a Espanha. Doze religiosas dedicavam-se sobretudo educação de crianças pobres em escolas gratuitas, mas também dirigiam um externato pago. Ocupavam um antigo convento pertencente a uma ordem contemplativa, que lhes fora doado pela abadessa, a última das religiosas que restava no convento<sup>44</sup>.

Ao terminar o *Petit Historique*, a Madre St. Félix comentou que o desenvolvimento do Instituto e a presença do mesmo em vários países custara a Gailhac muitas provas, sofrimentos e dificuldades, mas que ele nunca deixara de alimentar o espírito de Deus no Instituto e de aumentar as obras de zelo<sup>45</sup>. Ao morrer, conseguiu deixar o Instituto unido no meio de uma rica diversidade de nacionalidades, países e obras. A tarefa que

---

<sup>42</sup> Ibid.

<sup>43</sup> Ibid., 6.

<sup>44</sup> Ibid.

<sup>45</sup> Ibid., 7.

coube à Madre St. Félix Maynard foi manter e desenvolver essa unidade na diversidade.



## 2

### ETAPAS DE TRANSIÇÃO

#### **A relação com os amigos de Gailhac**

Nos primeiros dois anos de transição após a morte de Gailhac, a Madre St. Félix pode contar com o apoio das suas irmãs da congregação. Além disso, aconselhou-se com outras pessoas que conheciam Gailhac e que reconheciam o que significara a sua perda para a comunidade por ele fundada e, de modo especial, para a mulher que a teria de liderar, na sua ausência. A Madre St Félix terá sido, certamente, ajudada pelo seu irmão, o padre Henri Victor Maynard, último membro sobrevivente da ordem religiosa masculina fundada por Gailhac: os Padres do Bom Pastor.

Também se valeu das orações e do apoio de Marie Jean Léonard, abade da Abadia Cisterciense de Notre Dame de Fontfroide, perto de Narbonne. O abade fora amigo íntimo de Gailhac nos últimos catorze anos da sua vida e, durante esse período, a amizade entre os dois homens ia abrangendo cada vez mais os membros das suas congregações e respectivas preocupações. A Madre St. Félix descreveria no seu bloco de notas a experiência de ter sido incluída nessa amizade:

*Uma das alegrias do nosso Pai era ir visitar o seu venerável Abbé Jean, a quem amava com ternura. Nas suas duas almas que se veneravam mutuamente, encontravam-se um ao outro. Era uma verdadeira alegria para eles verem-se de novo, conversar sobre a santidade e sobre a felicidade de servir a Deus. Tal como no tempo de S. Domingos e de S. Francisco de Assis, estes dois santos, cheios do amor de Deus, ficavam felizes por passar várias horas juntos, falando da santidade e da felicidade de ganhar almas para Deus, vivendo apenas para sua*

*glória. Testemunhei-o muitas vezes, pois costumava acompanhar o nosso Pai e tive a sorte de participar em tais conversas<sup>1</sup>.*

Quando Gailhac estava a morrer, *Abbé Jean* não pudera ir visitá-lo a Béziers, porque a sua própria saúde se ia deteriorando progressivamente, impedindo-o de viajar<sup>2</sup>. Em vez disso, *Abbé Jean* acompanhara o seu amigo nos seus últimos dias através das suas cartas, que instavam com ele para que se mantivesse na paz e no abandono: "*Conheço a tua alma tão bem ou até melhor do que tu, por isso tenho o direito de te dizer mais uma vez, "Pax Christi"*"<sup>3</sup>.

Após a morte de Gailhac, a Madre St. Félix continuou a viajar até Fontfroide para visitar *Abbé Jean*<sup>4</sup>, apesar de nem sempre poder estar com ele, devido ao seu estado debilitado. Quando a saúde de *Abbé Jean* lho permitia, este escrevia-lhe. O seu grande afeto pelo Instituto pode ser visto no seguinte excerto de uma carta dirigida à Madre St. Félix:

*O vínculo que temos faz-me pensar que vós sois minhas filhas e que o vosso venerável Pai partilhou comigo toda a ternura e dedicação que Ele tinha por vós. Também louvo a Deus pela proteção evidente que Ele vos concede, mas a transição é difícil, sendo necessário usar paciência, bondade e firmeza. Ficai em paz pois Deus vos ajudará, e prova mais difícil já passou<sup>5</sup>.*

Em finais de 1891, a Madre St. Félix enviou um presente a *Abbé Jean*, acompanhado de notícias do Instituto, partilhando

---

<sup>1</sup> Madre St. Felix, *Notes*, Caderno 2, 11, Arq. Hist./Cong., Vol. VII, 12. (Estas páginas fazem parte de três cadernos, cobrindo cada um deles um período durante os seus dois mandatos como Superiora Geral. Nas suas *Notes*, a Madre St. Felix resume as suas recordações de algum evento ou crise importante. Como por vezes escreve muito depois do acontecimento, a cronologia e os factos relatados nem sempre são rigorosos). Para uma cópia datilografada das *Notes*, cadernos 1 e 2, ver Proc. op., 1300-1330 e 1331-1352.

<sup>2</sup> Abbe Jean sofria de reumatismo, o que o impediria de se deitar na cama depois de outubro de 1892. Tinha de dormir sentado. Ver "*Dom Marie-Jean Leonard*", uma brochura de "*l'Union Cistercienne*" (dezembro 1895-janeiro 1896) Arq. Hist./Cong., II-F, 63. Para mais informações acerca da sua relação com Gailhac, ver Kathleen Connell, RSCM, *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, Vol. 3, 235-241.

<sup>3</sup> Abbe Jean a Gailhac, Quinta-feira, sem data, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 59.

<sup>4</sup> Padre Marie Etienne à Madre St. Felix, 31 de outubro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 80.

<sup>5</sup> Abbe Jean à Madre St. Felix, 29 de setembro de 1891, Arq. Hist./cong., Vol. II-F, 84.

com ele o desejo de todas as irmãs: viver segundo o espírito do fundador. Ao agradecer-lhe, *Abbé Jean* enviou boas festas pelo Ano Novo a todas as irmãs, alegrando-se por elas tentarem ser fiéis ao espírito de Gailhac e recordando-lhes que seriam abençoadas por Deus pela forma como viviam o seu carisma. Confirmou que o espírito de fé estava bem enraizado no espírito do fundador, e terminou a sua carta recordando Gailhac: "*Que fé comovente! Que confiança na Divina Providência!*"<sup>6</sup>

A partir de 1892, *Abbé Jean* já não era capaz de escrever; contudo, a correspondência continuava através de dois monges cistercienses de Fontfroide, Padre Marie Étienne e Padre Marie Xavier. Muitas cartas traziam notícias de Fontfroide e do seu abade e, por sua vez, muitas outras cartas levavam notícias das comunidades do Sagrado Coração de Maria. *Abbé Jean* enviou uma bênção especial à Casa Mãe e às outras comunidades. Rezava pelas visitas da Superiora Geral a Inglaterra, Irlanda, América e Portugal<sup>7</sup>. Rezava pelas irmãs que tinham morrido<sup>8</sup> e pela terceira aprovação do Instituto pela Santa Sé, agradecendo a Deus essa graça<sup>9</sup>. Partilhava com elas a sua certeza relativamente à santidade de Gailhac e a sua convicção de que a estada do seu amigo no purgatório seria breve<sup>10</sup>. Nas suas orações, não esquecia nada daquilo que era caro ao seu amigo<sup>11</sup>. *Abbé Jean* ficava encantado com cada boa notícia chegada de Béziers — as novas fundações de França<sup>12</sup>, a renovação e o

---

<sup>6</sup> *Abbé Jean* a Madre St. Felix, 3 de janeiro de 1891, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 83.

<sup>7</sup> Ver Padre Marie Etienne à Madre St. Felix 7, 12, 14, 20, 29 de fevereiro de 1892; 13 de fevereiro, 28 de abril e 12 de junho de 1895; Padre Marie Etienne à Madre St. Charles, 14 de maio, 29 de julho, 17 de agosto de 1892; 9, 16 de março de 1895; Padre Marie Xavier a madre St. Felix, 12 de outubro e 6 de dezembro de 1892; 12 de abril e 14 de agosto de 1893; 28 de fevereiro e 27 de outubro de 1894; 2 de agosto e 28 de novembro de 1895. Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 85-105.

<sup>8</sup> Padre Marie Etienne a Madre St. Felix, 29 de julho de 1892, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 89; Padre Marie Xavier a Madre St. Felix, 14 de agosto de 1893, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 93.

<sup>9</sup> Padre Marie Etienne 5 Madre St. Felix, 27 de agosto de 1892, Arq. Hist./Cong., Vol. II-f, 90.

<sup>10</sup> Padre Marie Xavier à Madre St. Felix, 6 de dezembro de 1892, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 91.

<sup>11</sup> Padre Marie Etienne a Madre St. Felix, 15 de abril de 1892, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 87.

<sup>12</sup> Padre Marie Etienne à Madre St. Charles, 7 de julho de 1893, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 93; à Madre St. Felix, 13 de fevereiro de 1893, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F,98.

aumento do edifício da Casa Mãe<sup>13</sup>. Estava cada vez mais convencido de que, no céu, o Padre Gailhac velava, abençoando as irmãs, as comunidades e as obras, que pareciam prosperar<sup>14</sup>. Revelou que invocava diariamente Gailhac<sup>15</sup> e pedia às irmãs que rezassem para que ele em breve obtivesse a graça de estar junto do seu querido e santo amigo<sup>16</sup>. No seu leito de morte, *Abbé Jean* abençoou as Irmãs, rezou por elas e uniu as suas intenções ao seu sofrimento<sup>17</sup>. O padre Maynard também visitava a abadia com frequência, e foi lá passar um período de descanso, dando continuidade à relação fraterna que existira na época de Gailhac<sup>18</sup>.

Os monges de Fontfroide experimentavam a mesma ligação viva com a Casa Mãe e com Gailhac. Sentiam necessidade de falar acerca dele, e garantiam às irmãs que estavam solidários com elas na partilha das alegrias e das notícias sobre a comunidade do Sagrado Coração de Maria<sup>19</sup>. Quando os monges escreviam em nome de *Abbé Jean*, manifestavam sempre a amizade que os unia pessoalmente a Gailhac e às irmãs. Essa amizade continuou depois da morte de *Abbé Jean*<sup>20</sup>. Tanto o padre Marie Xavier, que foi abade após a morte de Marie Jean, como o padre Étienne, visitavam Béziers e iam rezar junto do túmulo de Gailhac, pedindo a sua intercessão para o ministério de ambos<sup>21</sup>. Sentiam uma grande unidade entre as duas congregações como consequência da comunhão e da amizade

---

<sup>13</sup> Padre Marie Xavier à Madre St. Félix, 27 de outubro de 1894, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 96.

<sup>14</sup> Ibid. Ver também Padre Marie Etienne a Madre St. Félix, 13 de fevereiro de 1895, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 98.

<sup>15</sup> Pe. Marie Etienne a Madre St. Félix, 13 de fevereiro de 1895, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 98.

<sup>16</sup> Padre Marie Xavier à Madre St. Félix, 9 de março de 1895, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 99.

<sup>17</sup> Padre Marie Etienne a Madre St. Charles, 16 de março de 1895, Hist. Arch./Cong., Vol. II-F, 99; a Madre St. Félix, 25 de março de 1895, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 101; 28 de abril de 1895, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 101; 12 de junho, 1895, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 102. *Abbé Jean* morreu em Fontfroide a 12 de novembro de 1895.

<sup>18</sup> Padre Marie Xavier a Madre St. Félix, 27 de outubro de 1894, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 96; Madre St. Charles à Madre St. Félix, 22 de Agosto de 1890, Arq. Hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>19</sup> Padre Marie Xavier a Madre St. Félix, 2 de agosto de 1895, Arq.Hist./Cong., Vol. II-F, 102.

<sup>20</sup> Padre Marie Etienne a Madre St. Félix, 6 e dezembro de 1895, Arq.Hist./Cong., Vol. II-F, 104.

<sup>21</sup> Padre Marie Xavier à Madre St. Félix, 14 de maio de 1896, Arq.Hist./Cong., Vol. II-F,96; Padre Marie Etienne à Madre St. Charles 17, 30 de junho de 1896, Arq.Hist./Cong., Vol. II-F, 107.



existentes entre o padre Gailhac e Abbe Jean. "As duas comunidades são irmãs; embora não sejam da mesma família, têm um só coração e uma só alma", escreveu o padre Etienne em 1897<sup>22</sup>. Queriam ser fiéis à comunhão das duas famílias religiosas, e quando iam rezar junto ao túmulo de Abbe Jean, rezavam sempre pela família de Béziers e ela família de Fontfroide<sup>23</sup>.

A ligação profunda entre as Religiosas do Sagrado Coração de Maria de Béziers e os Cistercienses de Fontfroide era uma grande consolação para a Madre St. Felix nos anos subsequentes da morte do fundador. Ela sabia que a mesma brotava da amizade vivida por Gailhac e *Abbé* Jean, uma amizade que os dois santos homens tinham partilhado com as suas duas comunidades e que ela própria tinha experimentado pessoalmente. As duas congregações tinham carismas muito diferentes, mas, como se vê pela sua correspondência, a forte empatia entre elas perdurava.

O Cardeal Hohenlohe, cardeal protetor do Instituto desde 1882, também fora um dos amigos da congregação, mas nos últimos anos tornara-se um pouco distante. Ao que parece, teria entrado em desacordo com Leão XIII, tendo por isso renunciado ao bispado de Albano, em 1883, e retirado-se para a Alemanha, passando por isso pouco tempo em Roma<sup>24</sup>. A isso se deverá provavelmente o fato de o Cardeal Hohenlohe não parecer um eficiente defensor da comunidade durante os anos da crise de Sag Harbor, 1883-1886. Monsenhor Auge, o agente das RSCM em Roma, vira o cardeal em Roma, na Páscoa de 1884, e perguntara-lhe se desejava continuar a ser o cardeal protetor da congregação. Ele respondera afirmativamente. Aparentemente,

---

<sup>22</sup> Padre Marie Etienne a Madre St. Félix, 1 de janeiro de 1897, Arq.Hist./Cong., Vol. II-F, 108.

<sup>23</sup> Padre Marie Xavier a Madre St. Félix, 12 de janeiro de 1898, Arq.Hist./Cong., Vol. II-F, 109.

<sup>24</sup> Segundo o New York Times de 8 de maio de 1895, correu o boato de que a causa da resignação do cardeal foi ele ter pedido emprestada, dos arquivos do Vaticano, uma carta escrita pelo seu amigo Bismarck ao Papa e, quando o Cardeal Hohenlohe foi chamado ao Vaticano, se ter recuado a devolver a carta e, por conseguinte, ter-se retirado de Albano. Ele tentara obter a Sede de Colônia, mas não conseguiu, por isso passava os seus dias entre a Alemanha e Roma, mas bastante independente em relação ao Vaticano.

porém, o cardeal só terá sabido da morte de Gailhac quando a Madre St. Félix o informou, várias semanas após a ocorrência. M. St. Félix escreveu-lhe uma carta muito franca, pedindo o seu apoio. Escreveu que o seu coração precisava de lhe contar o terrível golpe que a comunidade experimentara: *"Ah! Como é doloroso e duro para um Instituto perder o seu fundador, o seu pai"*. Os membros da comunidade ficariam inconsoláveis, prosseguiu, se não confiassem que o seu pai, a quem choravam, estava diante de Deus e os protegeria, velaria por eles e os assistiria sempre, em tudo. Apesar disso, admitia que também precisavam dele, seu cardeal protetor. Pediu-lhe que se lembrasse dos seus anteriores atos de bondade para com o fundador e recordou-lhe a necessidade que tinham dele, sobretudo naquele momento: *"Agora sois mais nosso pai do que nunca"*<sup>25</sup>.

O cardeal respondeu uma semana mais tarde: "É com profundo desgosto que respondo à sua carta que me trouxe triste notícia da perda desse querido Padre, que era um verdadeiro protetor, uma bênção para todas vós... Se eu puder ser útil nalguma coisa, apenas tereis de me escrever e eu farei tudo o que for possível"<sup>26</sup>. A Madre St. Félix continuou a escrever ocasionalmente e a enviar desejos de Boas Festas, pelo Natal, ao Cardeal Hohenlohe<sup>27</sup>, mas tornou-se óbvio que a saúde do Cardeal estava debilitada. Morreu a 30 de outubro de 1896.

A ajuda mais prática terá provavelmente surgido de outro amigo e admirador de Gailhac, o Bispo François-Marie Anatole de Cabrières, bispo de Montpellier desde 1874. Depois de ter elogiado Gailhac no dia da sua morte, este bispo rezara pela fidelidade perseverante da Madre St. Félix em seguir o exemplo

---

<sup>25</sup> Madre St. Félix ao Cardeal Hohenlohe, 9 de fevereiro de 1890, *Lettres à Conserver dans les Archives de la Communauté de 1889 à 1895* (aqui referidas como *Lettres diverses*). Cahier 2, 9-10, Arq. Hist./Cong., Vol. II-D, 95.

<sup>26</sup> Cardeal Hohenlohe à Madre St. Félix, 14 de fevereiro de 1890, Arq.Hist./Cong., I-B, 71.

<sup>27</sup> Ver Madre St. Félix ao cardeal Hohenlohe, 20 de dezembro de 1890, 14 de maio de 1891, 10 de dezembro de 1891, *Lettres diverses*, Cahier 2, 23-27, 36-37.

de Gailhac e dar continuidade às obras<sup>28</sup>. A Madre St. Félix podia confiar no apoio do bispo, quer em termos de receber a sua bênção antes de ela partir para visitar as fundações, quer da sua clara manifestação de confiança quando ela voltou a ser reeleita como superiora geral, da sua presença positiva durante os Capítulos Gerais do Instituto, da sua intervenção junto de bispos de dioceses onde o Instituto esperava iniciar novas fundações, ou dos seus conselhos sensatos quando a Madre St. Félix começou a ter dificuldades com as irmãs em vários países. De muitas formas concretas, o Bispo de Cabrières desempenhava as funções de "superior episcopal da comunidade", tendo geralmente o cuidado de respeitar as intenções do fundador tal como a Madre St. Félix as interpretava<sup>29</sup>.

## **O mundo em que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria se moviam**

A Madre St. Félix precisava do apoio dos monges de Fontfroide, de um cardeal protetor e do bispo de Montpellier, sobretudo porque a situação política da França, em 1890, não era de modo algum favorável às congregações religiosas. Durante a Terceira República Francesa, os problemas entre a Igreja e o Estado eram endêmicos. Cheios de ressentimento contra o clero, os republicanos estavam decididos a implementar uma sociedade laicizada num estado secular sem guardiões da moral. Como resposta, a Igreja Católica viria a reconhecer o perigo de uma apostasia nacional, considerando-a uma violação intolerável à história da França e à vontade da maioria.

Na década de 1880, o aspecto mais controverso desta luta tinha a ver com a educação. Duas formas diferentes de ver a

---

<sup>28</sup> Para uma cópia do elogio de Cabrières de 25 de janeiro de 1890, ver p. J. B. Couderc, SJ., 162-166.

<sup>29</sup> François-Marie-Anatole de Rovérie de Cabrières, nascido a 30 de agosto de 1830, foi nomeado para substituir François-Marie Le Courtier em 1873 e ordenado bispo de Montpellier a 19 de março de 1874. Foi elevado a cardeal por Pio X a 27 de novembro de 1911. Morreu a 21 de dezembro de 1921, tendo sido sacerdote durante mais de sessenta e oito anos, bispo de Montpellier durante quase quarenta e oito anos, e cardeal durante dez anos.

sociedade e a educação entraram em confronto. Até então, a maior parte dos esforços educacionais, quer públicos quer privados, tinham estado nas mãos de congregações religiosas. Agora, os que detinham o poder queriam retirar o controle das escolas à igreja a fim de estabelecerem mais solidamente o regime republicano. Reconhecendo que a instrução era a forma mais importante de influenciar as mentes e de estabelecer um novo sentido de unidade moral no país, esses políticos insistiam que a educação dos jovens deveria estar em mãos seculares, independentes em relação à Igreja. Mediante a promulgação de várias leis durante a década de 1880, fora conseguida a laicização das escolas, reduzindo assim a influência das congregações religiosas sobre a juventude da França<sup>30</sup>.

Tais mudanças legisladas foram sendo gradualmente concretizadas. Primeiro, as congregações que não eram autorizadas pelo Estado<sup>31</sup> foram proibidas de ter escolas<sup>32</sup>. Educação secundária para meninas<sup>33</sup> e uma escola de formação de professoras para jovens, foram criadas pelas autoridades seculares<sup>34</sup>. Foi introduzida a educação gratuita nas escolas primárias públicas<sup>35</sup>. Os diretores das escolas, tanto públicas como privadas, tinham de ter um diploma com as suas habilitações e um certificado das respetivas aptidões docentes<sup>36</sup>. A lei de 28 de março de 1882 tornou obrigatória a escolaridade para crianças de ambos os sexos entre as idades de seis e treze anos de idade, e pôs fim à educação religiosa nas escolas, substituindo-a por educação moral e cívica. Mais tarde, o Estado exigiu que o pessoal docente das escolas públicas fosse

---

<sup>30</sup> Ver Sarah A. Curtis, *Educating the Faithful: Religion, Schooling and Society in Nineteenth Century France* (De Kalb, IL: Northern Illinois University Press, 2000) 89-115.

<sup>31</sup> Entre as congregações não autorizadas que não tinham sido reconhecidas pelo governo contavam-se os jesuítas, os dominicanos, os franciscanos e os beneditinos. O Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria tinha sido reconhecido em 1856 pelo Imperador Napoleão III.

<sup>32</sup> Lei de 18 de março de 1889.

<sup>33</sup> Lei de 21 de dezembro de 1880.

<sup>34</sup> Lei de 29 de julho de 1881.

<sup>35</sup> Lei de 16 de junho de 1881.

<sup>36</sup> *Ibid.*

exclusivamente laico<sup>37</sup>. Por conseguinte, as religiosas foram completamente substituídas nas escolas primárias públicas gratuitas e, a partir de então, o antagonismo entre escolas públicas e privadas tornou-se acentuado<sup>38</sup>. Era apenas uma questão de tempo até as religiosas também serem expulsas das escolas privadas, e as suas propriedades serem confiscadas.

### **Pressões políticas e econômicas**

Em 1890, a liderança política da França também era hostil às congregações religiosas e deu continuidade à perseguição iniciada na década anterior. Durante a década de 1880, governos sucessivos tinham promulgado várias leis que, de uma forma indireta, tentavam destruir essas congregações. Em dezembro de 1880, foi criado um imposto sobre rendimentos das congregações religiosas. Havia várias formas possíveis de proceder ao pagamento. Como o Instituto do Sagrado Coração de Maria, em Béziers, tinha um conselho administrativo oficial, optou por apresentar as atas da reunião em que o orçamento e o relatório financeiro anual fora aprovado, pagando o imposto em conformidade. Quatro anos mais tarde, porém, a lei foi parcialmente modificada e substituída por outra, exigindo esta que as congregações religiosas fizessem um inventário de todo o mobiliário, bens e propriedades que o Instituto possuía na França e pagassem uma taxa fixa de 5 por cento sobre o valor total das respectivas propriedades e bens<sup>39</sup>.

Uma lei mais confusa, promulgada por volta dessa altura, tinha a ver com o recenseamento. Segundo essa lei, as congregações religiosas tinham de pagar um imposto quando um dos seus membros efetivos (ou seja, uma religiosa que tivesse feito os votos perpétuos) morresse, pois, o governo argumentava que a morte de um membro somava a parte do património pertencente à defunta à quota-parte pertencente às outras,

---

<sup>37</sup> Lei de 30 de outubro de 1886.

<sup>38</sup> Ver também Connell, *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, Vol. 3, 28-31.

<sup>39</sup> Lei de 30 de dezembro de 1884.

ainda vivas<sup>40</sup>. Todas estas medidas tinham por objetivo a ruína das congregações religiosas. Apesar de todos os seus protestos, da sua diligência e das negociações levadas a cabo, as congregações não conseguiram obter qualquer sinal positivo de mudança da parte do governo.

A alteração aos impostos sobre a propriedade<sup>41</sup> foi outro golpe para as congregações religiosas. Em 1890, o "Administrador das Contribuições" começou a avaliar todos os edifícios a fim de aplicar um novo imposto, baseado apenas no aspecto exterior dos edifícios e naquilo que os vizinhos tinham a dizer, sem consultar os proprietários. Isso deu azo a sentenças arbitrárias. Os funcionários exageravam os valores da renda dos edifícios e, mais uma vez, as congregações religiosas assistiram à violação dos seus direitos. Todas estas medidas conduziram à confiscação silenciosa e gradual do património das congregações religiosas pelo Tesouro do Estado.

A situação tornou-se tão complicada para as congregações religiosas, que nenhuma das superiores se sentia capaz de resolver os problemas impostos pelas leis ou seguir as difíceis exigências feitas pelos funcionários do Registro Civil e do Ministério das Finanças. A Igreja sentia uma necessidade premente de organizar a sua própria defesa e, nesse sentido, formou dois importantes comitês. O Comitê Geral para a Defesa da Religião foi criado pelos senadores e deputados católicos da Assembleia Nacional. Este comitê estava decidido a pôr em questão todas as facções legislativas que se opusessem às congregações religiosas. Vários meses mais tarde, foi criado o Comitê dos Consultores Jurídicos, sediado em Paris. Tinha por objetivo: interpretar as leis, preparar a defesa e sugerir um plano apropriado de ação para as congregações religiosas. Ambos os comitês desempenhavam um papel importante na defesa dos direitos das congregações, dando-lhes assistência jurídica e oferecendo-lhes ajuda consultiva e econômica aos homens e

---

<sup>40</sup> Lei de 29 de dezembro de 1884.

<sup>41</sup> Lei de 8 de Agosto de 1890.

mulheres religiosos, consoante as suas necessidades. A formação e a atividade destes dois grupos constituíram uma valiosa fonte de assistência às congregações, dando-lhes o estímulo que incentivou as congregações religiosas a continuar a lutar, juntas, pela sobrevivência num país que se tornara tão agressivo para a Igreja<sup>42</sup>.

Em certas ocasiões, as congregações religiosas não sabiam o que fazer porque o Comitê dos Consultores Jurídicos, confrontado com uma situação confusa que requeria diversas aplicações da lei, consoante as diferentes regiões administrativas, por vezes dava opiniões que não se aplicavam na localidade particular onde a congregação estava sediada. Noutras ocasiões, devido a circunstâncias em constante mutação, o Comitê dos Consultores Jurídicos tinha de alterar os seus pareceres.

A Madre St. Félix viu-se confrontada com este tipo de dilema no respeitante ao pagamento de uma multa relacionada com a morte de seis irmãs entre 1885 e 1889. Nunca tinha pago imposto algum por essas irmãs porque, segundo a opinião do Comitê de Consultores Jurídicos, as congregações oficialmente reconhecidas pelo Governo Francês, como o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, estavam isentas desse imposto, visto que os membros tinham os seus bens registados em nome da congregação. Subsequentemente, porém, as coisas mudaram. Em finais de novembro de 1889, até as congregações reconhecidas passaram a ter de pagar esse imposto<sup>43</sup>. O Comitê dos Consultores Jurídicos aconselhava agora o pagamento do imposto no prazo prescrito para evitar multas. A 24 de dezembro, porém, o Comitê mudou o seu parecer, aconselhando

---

<sup>42</sup> O primeiro comitê foi formado depois da promulgação dos decretos de 1880 e o segundo passado pouco tempo. Em finais de 1887, o Comitê dos Consultores Jurídicos anunciou que se tinha correspondido com mil trezentas e cinquenta e uma comunidades, tanto masculinas como femininas, com todos os bispos e com setecentos e trinta e um advogados e notários públicos. O seu coordenador era o Barão de Macau, um deputado.

<sup>43</sup> Isto aconteceu depois da sentença dada pelo Tribunal de Paris contra os Irmãos das Escolas Cristãs a 27 de novembro de 1889, que os obrigou a pagar uma taxa de acumulação por cada morte.

as congregações a suspender os seus pagamentos e a permanecerem caladas, mas essa opinião viria a ser de novo invertida<sup>44</sup>.

A Madre St. Félix, que estava ansiosa por legalizar a situação de uma vez por todas, recorreu ao seu próprio engenho. Em carta dirigida ao Ministro das Finanças, admitiu ter errado na interpretação que fizera da lei de 19 de dezembro de 1884, e explicou que fora essa a razão pela qual não pagara qualquer imposto pela morte das irmãs, que tinha ocorrido entre 1885 e 1889<sup>45</sup>. Apesar das dificuldades financeiras do Instituto, manifestou a sua disponibilidade para pagar o que era devido no presente e para o futuro. No entanto, em conformidade com o conselho dado pelo Comitê de Consultores Jurídicos, pediu ao Ministro das Finanças que a dispensasse de qualquer multa por descumprimento passado, "em consideração da sua boa vontade e da sua boa fé" e da sua "incapacidade nessas questões", acrescentando que a congregação não dispunha de recursos suficientes para pagar as despesas dos numerosos órfãos (nunca menos de cento e trinta e podendo chegar aos cento e cinquenta), que eram acolhidos e educados pelas irmãs. Para grande alívio de todos, a resposta do Ministro foi favorável e os encargos passados, cerca de 1.000-1.200 francos, foram perdoados<sup>46</sup>.

Pouco depois da morte de Gailhac, levantaram-se alguns problemas práticos. A Madre St. Félix escreveu uma longa carta ao Barão de Macau, coordenador do Comitê de Consultores Jurídicos, apresentando um retrato fiel da situação financeira do Instituto. Era necessário fazer imediatamente obras importantes na Casa Mãe. Fora o médico e o arquiteto que tinham chamado a

---

<sup>44</sup> Ver notas 26-27 do Comitê de Consultores Jurídicos das Congregações, 12 de dezembro, 24 de dezembro de 1889, Béziers: Arquivos da Casa Mãe.

<sup>45</sup> Não se sabe ao certo que irmãs foram abrangidas por esta lei ou se havia critérios específicos. Segundo a Necrologia das RSCM, cerca de dezessete RSCM morreram nos anos de 1885, 1886, 1887, 1888 e 1889, doze das quais morreram em Béziers. A Madre St. Félix menciona apenas seis na sua carta dirigida ao Ministro das Finanças.

<sup>46</sup> Madre St. Félix ao Ministro das Finanças, 10 de janeiro de 1890, *Lettres diverses*, Caderno 2,3-4. Ver também Proc. ap., 3160-3161.



atenção para as zonas que precisavam de ser renovadas, por serem pouco higiênicas ou perigosas<sup>47</sup>. Dada a situação financeira do Instituto, porém, não era óbvio como se havia de pagar as despesas. Os pesados impostos tinham esgotado as poupanças acumuladas com grande esforço e economia. Os recursos provenientes, de um modo geral, das vinhas de Bayssan, tinham diminuído devido à filoxera, que destruíra as vinhas durante a década de 1880. Devido à necessidade de arrancar pela raiz e de replantar as vinhas, a produção não rendera praticamente nada em certos anos. Só no fim da década é que a replantação começou literalmente a dar fruto. A colheita de 1890 foi boa e a colheita esteve ao seu preço normal<sup>48</sup>. Apesar desta notícia positiva, porém, as irmãs continuavam a não poder pagar as despesas em que tinham incorrido antes devido ao preço do arranque e da replantação das videiras. Se tinha de se fazer obras na Casa Mãe, parecia necessário pedir um empréstimo. No entanto, tal não se poderia fazer sem licença do governo. Como a Madre St. Félix desconhecia os procedimentos necessários, pediu a opinião do Barão de Macau relativamente à sua proposta: hipotecar os edifícios a troco de um empréstimo. Ao receber a resposta daquele, queixou-se, desapontada: "*Havia tantas formalidades a satisfazer e [era] tão difícil levá-las a cabo, que decidimos abandonar o projeto*"<sup>49</sup>.

No entanto, pôr de parte o plano de um empréstimo não era o mesmo que abandonar as obras necessárias<sup>50</sup>. Estas foram levadas a cabo em julho e agosto de 1890 durante as férias dos estudantes. A principal dessas obras era a construção de um aqueduto que se estenderia através da casa, levando água para todas as partes do edifício, desde a ala do colégio interno até a

---

<sup>47</sup> Madre St. Félix ao Barão de Macau, Lettres diverses, Caderno 2, 15-17.

<sup>48</sup> Ver Madre St. Jérôme à Madre St. Félix, 25 de agosto e 4 de setembro de 1890; Madre St. Charles à Madre St. Félix, 22 de agosto de 1890, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>49</sup> Madre St. Félix ao Barão de Macau, Lettres diverses, Caderno 2, 15-17.

<sup>50</sup> Decisão do Conselho Administrativo, 1 de agosto de 1890. *Registro das Délibérations du Conseil de la Congrégation des Religieuses du Sacré Coeur de Marie*, em Béziers 1879-1891 (doravante referido como *Délibérations du Conseil 1879-1891*) Arq. Hist./ RSCM., Caixa 18, Pasta 3.

sala de jantar do noviciado, na secção da comunidade, aos quartos, ao gabinete da Madre St. Félix e às casas de banho<sup>51</sup>. A natureza das obras era tal que estas não podiam ser feitas rapidamente e, assim, apesar da eficiência dos operários, as reparações avançavam lentamente, acompanhadas por pilhas de lixo e uma grande desarrumação espalhada por toda a parte. Não obstante, a Madre St. Charles garantiu à Madre St. Félix, então em Inglaterra, que as irmãs da Casa Mãe tinham tido uma "... procissão no dia 15 de agosto com toda a solenidade, no meio do lixo que as rodeava"<sup>52</sup>.

As pressões políticas e económicas eram uma fonte de grande preocupação para as religiosas da França. Os ataques constantes à Igreja e às congregações religiosas tiveram consequências nas escolas que lhes pertenciam. O colégio do Sagrado Cbração de Maria tinha, certamente, uma licença de lecionação e o seu pessoal docente tinha a preparação e os diplomas necessários para desempenhar as suas funções; apesar disso, o número de alunas começou a decrescer. A Madre St. Charles, diretora não oficial do internato, ficou aflita com o pequeno número de famílias que tinham inscrito filhas na escola. A 3 de agosto de 1890, só nove novas alunas estavam inscritas. No entanto, tentou não perder a confiança: "*... não é muito... esperamos que o Senhor, que tão bem conhece a nossa miséria, nos mande mais, na proporção da imensidão das nossas necessidades*"<sup>53</sup>. Em épocas como aquela, as irmãs contavam muito com a intercessão do fundador para ultrapassar as dificuldades e dar continuidade às obras que ele lhes tinha deixado.

No seu bloco de recordações, escrito vários anos depois de tais acontecimentos, a Madre St. Félix resumiu algumas das

---

<sup>51</sup> Renovações da Casa Me, 2 de julho de 1890, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 12, Pasta 4. Ver também cartas da Madre St. Xavier Fraty, Madre St. Jérôme Robert, Madre Ste. Constance Farret e Madre St. Charles MacMullen à Madre St. Felix, entre julho e setembro de 1890. Arq. Hist. / RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>52</sup> M. St. Charles à Madre St. Félix, 17 de Agosto de 1890, Arq. Hist./ RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>53</sup> M. St. Charles à Madre St. Félix, 3 de Agosto de 1890, Arq. Hist./ RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

maiores dificuldades desse período: "*Os tempos têm-se vindo a tornar cada vez mais assustadores, fazendo-nos temer um futuro desgraçado a curto prazo!*"<sup>54</sup> Os impostos aumentavam anualmente e os encargos fiscais constituíam uma pressão constante. Todos os anos, o conselho administrativo do Instituto fazia uma avaliação exaustiva do mérito de todos os seus bens e propriedades e calculava o valor a pagar ao Ministério das Finanças à taxa de cinco por cento, como a lei exigia<sup>55</sup>, mas o departamento fiscal nunca se dava por satisfeito com as declarações feitas. As irmãs tinham de esperar pelos resultados da avaliação. Só então saberiam quanto teriam de pagar.

### **Questões com que a Madre St. Félix se confrontava**

Com a morte de Gailhac, a Madre St. Félix experimentou um sentimento de grande tristeza e isolamento. Sentia a responsabilidade de levar todo o Instituto por diante seguindo a direção que o fundador estabelecera. Durante o mês de junho de 1890, a Madre St. Félix deteve-se a refletir e a pôr por escrito as recomendações que lhe tinham sido feitas pelo fundador, especificamente entre novembro de 1883 e agosto de 1886. Intitulou-as *Diverses Notes à Conserver Précieusement*<sup>56</sup>.

A Madre St. Félix parecia focada em certas advertências que assomavam à superfície dentro dela, acentuando o seu sentido de responsabilidade. Recordava, por exemplo, que Gailhac lhe dissera: "*A minha querida filha conhece bem todos os meus pensamentos... conto consigo; confio-lhe o cuidado de fazer o que eu próprio não fui capaz de fazer*". A Madre St. Félix parecia constrangida pelo encargo, tal como o interpretava literalmente: "*...ter muito cuidado para que nada, absolutamente nada da Regra seja mudado, retirado ou modificado, nem sequer os costumes. O conjunto é harmonioso, sendo importante deixá-lo*

---

<sup>54</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3, 8, Arq. Flist. / Cong., Vol. VII, 12.

<sup>55</sup> Declaração para 1890, Délibérations du Conseil 1879-1891, 19 de março de 1890, Arq. Hist. /RSCM., Caixa 18, Pasta 3.

<sup>56</sup> Diverses Notes à Conserver Précieusement. Arq. Hist. / Congr., Vol. II-d, 95. Ver também Proc. ap., 3098-3100.

intacto. Só Roma tem o direito de fazer quaisquer alterações"<sup>57</sup>. A sua principal preocupação, agora, era manter o espírito inicial como um todo integral em todas as comunidades. Anos mais tarde, a Madre St. Félix escreveria acerca dos seus sentimentos de então: *"A transição foi crítica e a situação era muito delicada. Por isso, a superiora [ela própria], com grande solicitude e diligência, mantinha uma vigilância contínua, para garantir que o espírito original se conservava em toda a sua integridade através de todo o Instituto"*<sup>58</sup>.

Todas as diversas dificuldades com que o Instituto se tinha confrontado — os cuidados a prestar a Gailhac nos últimos meses da sua vida, o impacto da sua perda e a perturbação por se ver a dirigir o Instituto sozinha — tudo isso contribuiu para o estado de exaustão da Madre St. Félix. A sua tensão elevada começou a manifestar-se sob a forma de nevralgia facial. Mesmo assim, a sua dedicação a cada irmã, a cada comunidade e a cada obra continuava a ser constante, mas as irmãs da Casa Mãe, sobretudo aquelas que faziam parte do conselho de administração, estavam muito preocupadas com ela.

Toda a gente sabia que seria difícil para a Madre St. Félix descansar e recuperar a sua energia, se ficasse na Casa Mãe durante o verão de 1890. Problemas financeiros, a inevitável desordem provocada pelas obras de renovação da casa e o calor intenso, típico dos verões em Béziers tornariam quase impossível a restauração das suas forças.

Uma longa visita às comunidades de Inglaterra e Irlanda, durante os meses de agosto e setembro de 1890, proporcionou a solução. O clima relativamente fresco de Ferrybank e a proximidade do mar, em Seaforth, eram convidativos. Sabendo que a superiora geral arranjaria muito que fazer nessas comunidades, as irmãs da Casa Mãe escreveram recordando-lhe que devia descontraí-la, libertar-se das preocupações e aproveitar a oportunidade para descansar. A Madre St. Jérôme Robert,

---

<sup>57</sup> Proc. ap., 3098, 3102.

<sup>58</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3,4-5.

ecônoma da Casa Mãe, escreveu: "*Trabalhe com calma, arranje tempo para repousar. Peça-lhe, em nome do Instituto, que cuide de si e que gaste com isso o tempo que for necessário*"<sup>59</sup>.

Algumas semanas mais tarde, a Madre St. Jérôme voltou a escrever: "... não se apresse a regressar, e espere para ter a certeza de que o seu sistema nervoso está, no mínimo, estável, antes de regressar..."<sup>60</sup>.

Todas sentiam que isso era necessário para o bem do Instituto. Os tempos eram difíceis. Seria preciso ter uma boa saúde para enfrentar o futuro, mas a Madre St. Félix parecia não saber como se poupar a trabalhos e fadigas. Acima de tudo, queria ser fiel à missão que [he fora confiada.

### **Visitas às Comunidades de Inglaterra e Irlanda**

A Madre St. Félix tinha, sem dúvida, uma preocupação especial com a Casa Mãe. Esta era "o berço do Instituto" e o lugar onde ela vivia e trabalhava, embora não se deixasse absorver completamente por ela. As outras comunidades do Instituto, com a sua ligação ao espírito do fundador e sua união à Casa Mãe, também a preocupavam. Tais fundações situavam-se a uma grande distância de Béziers. As comunidades viviam em contextos sociopolíticos diferentes e localizavam-se em dioceses com problemas diversos. Por conseguinte, cada fundação merecia a atenção especial da superiora geral, como fora o caso quando Gailhac ainda era vivo. O fundador escrevera muitas vezes a essas comunidades e às irmãs, pessoalmente, desenvolvendo temas fundamentais para a sua espiritualidade e para a fidelidade à sua vocação no Instituto. Gailhac, nos últimos anos acompanhado pela Madre St. Félix, visitara, anualmente, as casas de Irlanda e de Inglaterra e estivera três vezes em Portugal. Tinha um desejo profundo de visitar a comunidade de Sag Harbor, Nova Iorque, mas a distância, a viagem por mar e a sua idade avançada não lho permitiram. A Madre St. Félix queria dar

---

<sup>59</sup> M. St. Jérôme à Madre St. IFélix, 7 de agosto de 1890, Arq. Hist./ RSCM, caixa 5, Pasta .5.

<sup>60</sup> M. St. Jérôme à Madre St. Félix, 25 de agosto de 1890, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 5, Pasta 5.

continuidade a essa presença nas fundações para ajudar as irmãs a viver com maior autenticidade.

Partiu durante a primeira semana de agosto de 1890 para visitar as casas de Inglaterra e Irlanda e regressou a 17 de setembro<sup>61</sup>. É difícil reconstruir o itinerário exato da sua viagem, mas, ao que parece, terá partido de comboio de Béziers, passado por Paris, atravessado o Canal da Mancha e depois continuado até Seaforth, a norte de Liverpool, sem quaisquer paragens<sup>62</sup>.

A situação com que se deparou em Seaforth deve tê-la preocupado. A superiora, Madre St. Eugène Granier, continuava a causar perturbações na comunidade. Isso não foi surpreendente para a Madre St. Félix, mas foi um grande desapontamento para ela<sup>63</sup>. Em vez de lhe proporcionar um lugar de descontração, a situação em Seaforth parecia exacerbar a sua tensão. Entretanto, ia recebendo cartas da França, exortando-a a repousar. A Madre Xavier Fraty manifestou os sentimentos contraditórios que a comunidade da Casa Mãe estava a viver. Por um lado, a comunidade sentia muito a falta da Madre St. Félix; até tinham decorado a sua última carta! Por outro lado, queriam que ela ficasse fora o tempo necessário para poder regressar forte e saudável<sup>64</sup>. Na sua carta seguinte, a Madre Xavier dizia à superiora geral: *"Desligue-se um pouco, boa madre, para melhorar o seu sistema nervoso; não deixe que os assuntos sérios a preocupem demasiado. Tenha o cuidado de descansar regularmente"*. Em seguida tentou convencer a Madre St. Felix a manter-se longe mais duas ou três semanas do que ela pretendia originalmente, garantindo-lhe que a comunidade da Casa Mãe só a queria ver regressar recomposta e bem de saúde<sup>65</sup>. Aparentemente, as irmãs de França sentiam que a Madre St. Félix continuava a sofrer da sua nevralgia facial e de

---

<sup>61</sup> M. St. Jérôme a M. St. Felix, 12 de setembro de 1890, Arq.Flist. / RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>62</sup> M. St. Jérôme à Madre St. Felix, 7 de agosto de 1890, Arq. Hist. /RSCM., caixa 5, Pasta 5.

<sup>63</sup> Para mais informações sobre a relação da Madre St Félix com a Madre StEugene, ver Connell, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3, 208-211.

<sup>64</sup> Madre Xavier a Madre St. Félix, 5 de agosto de 1890, Arq. Hist. /RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>65</sup> Madre Xavier a Madre St. Felix, 14 de agosto de 1890, Arq. Hist. /RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

cansaço, visto que não se dera ao trabalho de repousar o suficiente. A Madre St. Jérôme escreveu-lhe num tom que se assemelha a uma descompostura: "*Peço-lhe, portanto, minha querida madre, em nome de todas nós, digo-o e sei que a madre também o sente — sim, todas nós desejamos ardentemente que volte bem para junto de nós. Suplico-lhe, portanto, em nome de todas, que gaste o tempo necessário para fazer o repouso suficiente para recuperar o seu equilíbrio*"<sup>66</sup>.

Destemida, a Madre St. Félix aproveitou a sua estada para visitar o bispo de Liverpool. Isso pode não ter sido fácil para ela. A partir de 1885, o Bispo O'Reilly recusara-se a visitar o convento de Seaforth por causa daquilo que ele alegava ser a desobediência da superiora local e da sua assistente. Tinha-se mesmo afastado de Gailhac quando o fundador viera orientar o retiro da comunidade. A Madre St. Félix escrevera ao bispo em 1889, pedindo-lhe perdão por qualquer ofensa que as superiores do convento lhe pudessem ter feito e pedindo o seu apoio, sobretudo agora, que o fundador já não podia viajar para visitar a comunidade<sup>67</sup>. A atitude do bispo para com a Madre St. Félix parecia ter-se suavizado, como resultado disso, mas ele continuava inflexível visto que "... depois da falta de honestidade, de simples verdade e de obediência, nunca poderia sentir plena e total confiança nelas [na superiora e na sua assistente], e, enquanto elas permanecessem em Seaforth, pelo menos como superiores, nunca se poderia interessar tanto pelo convento como gostaria"<sup>68</sup>. Agora, porém, o bispo prometeu a Madre St. Félix que supervisionaria algumas das prementes preocupações materiais da comunidade, e isso foi um grande alívio para a Madre St. Félix. O Bispo continuava a ter muitas interrogações acerca da atual superiora, porém, a Madre St. Félix prometeu responder às mesmas quando regressasse a Béziers.

---

<sup>66</sup> M. St. Jérôme à Madre St. Félix, 14 de agosto de 1890, Arq. Hist./ RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>67</sup> Ver Connell, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3, 217-220.

<sup>68</sup> C.V. Green à Madre St. Félix, 24 de agosto de 1889, SHM Archives, NEP, Box 253.

É provável que a superiora geral tivesse ficado feliz por deixar Seaforth. Em meados de agosto, viajou por mar até Lisburn, Irlanda do Norte, onde passou cerca de uma semana com a Madre Seraphim Doheny e sua comunidade. O pároco, Edward Kelly, acabara de morrer no mês anterior e o seu substituto ainda não fora nomeado. O padre Kelly tinha sido muito importante para a comunidade, visto ser o sacerdote que tinha convidado as RSCM a abrir a sua primeira fundação fora da França. A Madre St. Félix poderá ter sentido um certo embaraço na comunidade de Lisburn visto que o ex-pároco tinha escrito para Béziers insinuando que a Madre Seraphim estava a recair na sua antiga dependência. Parece que a comunidade, embora também desconfiada, tinha decidido não dizer nada acerca disso à superiora geral. Assim, a Madre St. Félix analisou os livros de contas da comunidade, não detectou quaisquer irregularidades e não se deixou levar por quaisquer suspeitas<sup>69</sup>.

A Madre St. Charles escreveu várias cartas à Madre St. Félix enquanto ela estava em Seaforth e Lisburn. Obviamente, dizia ela, esperava que o Bom Mestre curasse o problema nervoso da Madre St. Félix e que ela se beneficiaria do *"clima fresco da verde Irlanda, tão diferente do nosso Languedoque tropical"*. As cartas da Madre St. Charles eram cordiais e cheias de pequenas notícias: o terrível calor, a visita do Irmão Tempier, vindo de Paris, as mortes súbitas de alguns vizinhos, "fortalecidos mesmo a tempo com os sacramentos", o regresso recente do irmão da Madre St. Félix de Fontfroide, o lento progresso da construção do aqueduto, apesar dos bons esforços dos operários, a gratidão por todos os membros da Casa Mãe estarem bem e parecerem felizes. Numa das suas cartas, a Madre St. Charles revelou que, meses depois a morte de Gailhac, algumas irmãs da comunidade tinham começado a desejar ver curas milagrosas por sua intervenção, mas acrescentou, melancólica: *"O Sagrado Coração ainda não quis começar a glorificar o nosso venerado Pai. O*

---

<sup>69</sup> Para um debate completo do problema de Lisburn, ver Connell, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3,84-89.



*pequeno Félix Guibert... faleceu ontem às quatro da tarde. Neste momento, as nossas irmãs estão no seu enterro*<sup>70</sup>.

Após uma breve estada em Lisburn, a Madre St. Félix viajou para o sul, até Ferrybank, onde chegou a 27 de agosto<sup>71</sup>. A Madre St. Jean Madden e uma sobrinha da Madre St. Alphonse Keane, superiora da comunidade, receberam a Madre St. Félix em Dublin, acompanhando-a depois o resto do caminho. A comunidade de Ferrybank tinha acabado de fazer o seu retiro anual com um sacerdote jesuíta e a Madre St. Félix achou-a bem. Esta comunidade foi uma consolação para a superiora geral e, finalmente, apesar de continuar a sofrer de dor nevrálgica<sup>72</sup>, começou a recuperar a sua energia.

Durante a sua estada em Ferrybank, tal como nas outras comunidades que visitara, a Madre St. Félix fez duas conferências por dia. Lia e explicava as Constituições e partilhava com as irmãs as últimas recomendações feitas pelo Padre Gailhac. Também aproveitou a visita para partilhar pessoalmente um relato do último período da vida de Gailhac e para distribuir algumas das suas relíquias. Recordou as viagens que ela e o fundador tinham feito às comunidades de outros países. Foi uma partilha muito alegre. Também ela se sentia feliz por dar continuidade à missão de Gailhac de reforçar o espírito de Jesus Cristo nas irmãs<sup>73</sup>.

Como já começara o novo período na Escola Nacional de Ferrybank, a Madre St. Félix visitou as crianças das várias classes. Permaneceu em Ferrybank por mais algum tempo do que fora

---

<sup>70</sup> Madre St. Charles à Madre St. Félix, 17 de agosto de 1890. Ver também 13 e 22 de agosto de 1890, Arq. Flist. / RSCM, Caixa 5, Pasta 5. Esta referência à esperança que Gailhac realizasse milagres parece ter-se espalhado entre o povo. Em Belfast, um certo Patrick Crean parecia estar a recolher cartas que atestavam "milagres" realizados mediante as relíquias de Gailhac entre 1891-1898, por exemplo: Patrick Kelly saiu-se bem no seu exame, em Maynooth; o reumatismo da Sra. Duffy ficou imediatamente curado quando uma relíquia extraída da sotaina de Gailhac foi aplicada; Patrick Halfpenny ficou curada de sarampo e de convulsões mortíferas utilizando uma relíquia semelhante. Ver Arq. Hist. / Cong., Vol. I-6, 81-83.

<sup>71</sup> Anais do Convento do Sagrado corag5o de Maria, Ferrybank (doravante referido como Anais de Ferrybank) 67, SHM Archives, NEP, Caixa 252.

<sup>72</sup> Madre Xavier à Madre St. Félix, 30 de agosto de 1890, Arq. Hist. /RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>73</sup> Anais de Ferrybank, 67.

planejado porque se sentia feliz aí e o clima era um pouco menos cansativo para ela. Só lamentava não ter sido capaz de se encontrar com o bispo da diocese, Dr. Brownrigg, que então se encontrava ausente da cidade. Como era impossível para ela esperar o seu regresso, escreveu-lhe de Liverpool. Podemos sentir uma mudança de atitude na carta que dirigiu a esse bispo. Agradeceu-lhe a bondade que ele sempre manifestara ás irmãs de Ferrybank, expressando a sua satisfação com tudo o que tinha visto e experimentado na comunidade. Madre St. Félix via as irmãs *"cheias do espirito de Deus, muito unidas, felizes e, na medida das suas capacidades, dispostas a assumir as suas responsabilidades para com as crianças e jovens que lhes tinham sido confiadas"*. Estava certa que Deus abençoaria os seus esforços e que estes resultariam em bem<sup>74</sup>. E óbvio que a comunidade de Ferrybank fizera com que a superiora geral recuperasse a energia. Também se deve ter alegrado por se encontrar com várias jovens de Ferrybank que estavam prestes a partir para o noviciado de Béziers alguns dias mais tarde<sup>75</sup>.

Quando o tempo começou a mudar em Béziers, as cartas da Casa Mãe transbordavam de excitação por causa da *vendange* (vindima). Agora as Madres Jérôme, Xavier e St. Charles escreviam à Madre St. Félix acerca das videiras, das uvas, do sol e da humidade, e vê-se claramente que aquelas mulheres, nascidas na França ou francesas por adoção, eram bem versadas em todos os aspetos do fabrico vinícola. A Madre St. Charles escreveu acerca de um certo Monsieur Flottes, que decidiria sobre a data de início da *vendange*. Dessa decisão dependeria o regresso do noviciado de Bayssan para Béziers, e a viagem de regresso dos órfãos que participariam na *vendange*. *"A vendange começará a 8 ou 11 de setembro. Ao que parece, as videiras*

---

<sup>74</sup> Madre St. Félix ao Dr. Brownrigg, Bispo de Ossory, 10 de setembro de 1890, Lettres diverses, Caderno 2, 15.

<sup>75</sup> Anais de Ferrybank, 67.

*estão lindas. O tempo está a arrefecer*", escreveu a Madre St. Charles<sup>76</sup>.

A Casa Mãe ficara cheia de alegria pelas boas notícias enviadas de Ferrybank pela Madre St. Jean Madden descrevendo como a saúde da Madre St. Félix melhorara. A Madre St. Charles escreveu à superiora geral, dizendo que toda a comunidade estava exultante, concordando que ela devia prolongar ainda mais a sua estada em Ferrybank. Apesar de tais instâncias, a 5 de setembro a Madre St. Félix regressou a Seaforth, acompanhada pela Madre St. Alphonsus. Em vez de descansar e recuperar a sua energia, passou duas semanas a ajudar a Madre St. Eugène e algumas das irmãs a examinar as atitudes negativas que tinham dividido a comunidade. Foi nessa altura que a superiora geral descobriu pessoalmente a gravidade da situação e descreveu o estado da comunidade de Seaforth como uma *"ruína lamentável"*. Como resposta, a Madre St. Charles admitiu que não se admirava que tal tivesse acontecido e pensou que era *"necessário tomar todas as precauções para garantir que a situação não se agravasse e fazer tudo para cobrir o fogo com cinzas..."* Terminou a sua carta advertindo que *"...a difusão destas misérias que estamos a ter matar-nos-á na Inglaterra"*<sup>77</sup>.

A Madre St. Félix precisava de se encontrar de novo com o bispo de Liverpool e de conversar com ele acerca das suas apreensões relativamente às condições na comunidade de Seaforth. Antecipando esse encontro, deve ter partilhado com a Madre St. Charles a dificuldade que previa, porque a última replicou que não se atrevera a dizer nada acerca da visita ao bispo. Admitiu que temia os resultados desse encontro, não cessando, por isso, de rezar pelo mesmo. *"O Espírito Santo saberá enviar as inspirações onde lhe parece serem necessárias"*. Ao encontrar-se com o bispo, porém, a Madre St. Félix achou-o muito compreensivo e maravilhado por descobrir que ambos

---

<sup>76</sup> Madre St. Charles à Madre St. Félix, 3 de setembro de 1890, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>77</sup> M. St. Charles à Madre St. Félix, 28 de agosto de 1890, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 5, Pasta 5.

tinham opiniões coincidentes. Concordaram que a única solução para o problema, que se arrastava há tanto tempo, era a mudança da superiora e de algumas das irmãs<sup>78</sup>.

A Madre St. Félix ficou encantada por ter tido a oportunidade de manifestar o seu acordo com o bispo. Comunicou-o à Madre St. Charles que, dando graças a Deus, comentou que *"terão sido certamente os Sagrados Corações e as almas do purgatório a trabalhar juntos para conseguir que o D. O'Reilly e a madre [Madre St. Felix] pudessem tomar tal decisão"*. E continuou: *"Eu sabia que isso ia acontecer. Se nós temos de pedir o nosso pão de cada dia, Deus não poderia recusar aquilo que lhe pedimos a fim de melhor realizarmos a sua Obra. O nosso 'querido advogado', ou venerável pai, está sempre a pedir o que faz falta às suas pobres filhas. Tenhamos coragem, portanto, e uma confiança ilimitada sem lágrimas, e os Sagrados Corações estarão conosco, e nós saberemos como ultrapassar os problemas, por muito grandes que eles possam ser"*<sup>79</sup>.

A situação em Seaforth entristecia muito a Madre St. Félix, pois ela nutria um grande afeto pela Madre St. Eugène desde a época em que ela era uma criancinha do orfanato e, mais tarde, uma aluna do colégio interno de Béziers. Também lhe tinha amor ao ver o amor profundo que Gailhac tinha por essa sua sobrinha. A Madre St. Charles compreendia a Madre St. Félix. Escreveu no fim de uma das cartas que lhe dirigiu: *"Não consigo expressar quanto eu sofro por si e consigo. Quando estamos longe dos amigos e sabemos quão grande é o seu sofrimento, que triste se sente o nosso coração, mas fiat, fiat, fiat!"*<sup>80</sup>

A 17 de setembro, a Madre St. Felix regressou a Béziers onde a comunidade a esperava com ansiedade. Foi um tempo de

---

<sup>78</sup> A superiora geral continuou a trabalhar com o bispo para implementar a solução para os problemas de Seaforth. Na primavera de 1891, finalmente pode garantir-lhe que as mudanças de pessoal que ele aconselhara teriam lugar no fim do ano letivo. Pediu as suas orações e agradeceu-lhe a sua bondade para com a comunidade. Ver Madre St. Félix ao Bispo O'Reilly, 7 de abril de 1891, Lettres diverses, Caderno 2,28-29.

<sup>79</sup> M St. Charles à M. St. Félix, 13 de setembro de 1890, Arq.Hist. / RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>80</sup> Ibid.

*matar saudades*, de satisfazer o seu desejo profundo de estar com ela, de ver se a mudança de ares a tinha ajudado a recuperar a saúde e de lhe dizer, de forma mais detalhada, aquilo que as suas cartas tinham tentado transmitir-lhe durante o anterior mês e meio. E possível vislumbrar as ocorrências diárias na Casa Mãe no fim do verão de 1890: as noviças e algumas das irmãs da comunidade tinham passado um período de férias em Bayssan, enquanto as obras se iam fazendo na parte da casa que elas ocupavam. As crianças do orfanato tinham ido ajudar na *vendange*, que tinha corrido bem. Após um período de confusão e sujidade, as obras de renovação estavam quase terminadas. A galeria do colégio interno estava linda e o aqueduto estava pronto para levar água para as várias partes da casa.

Durante a ausência da Madre St. Félix, dois dos seus jovens primos, acompanhados pelo superior do Seminário de Lugon, tinham ido visitá-la, mas, ao chegar, tinham ficado desapontados por saber que ela estava fora. Prometeram visitá-la no ano seguinte<sup>81</sup>. O irmão Tempier, superior dos Irmãos das Escolas Cristãs, também ocorrera à Casa Mãe durante as suas viagens de ida e volta de Paris, e ficou triste por não a ter encontrado, visto estar ansioso por conversar com ela sobre o agravamento das políticas financeiras da França<sup>82</sup>.

Várias pessoas conhecidas do convento tinham morrido, sofrido acidentes ou contraído doenças graves. A mãe da Madre St. Jérôme e o pai da Irmã Beatriz tinham morrido<sup>83</sup>. De um modo geral, as férias tinham corrido bem e a vida da comunidade ia-se desenrolando como desejável. Todas tinham podido repousar devidamente, não tinha havido doenças graves e as irmãs pareciam felizes, unidas e fervorosas. A Madre St. Charles garantira que *"tinham sido as melhores férias que jamais*

---

<sup>81</sup> M. St. Jérôme a M. St. Félix, 12 de setembro de 1890, Arq. Hist./RSCM., caixa 5, Pasta 5.

<sup>82</sup> M. St. Charles a Madre St. Félix, 3 de agosto de 1890, Arq. Hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>83</sup> M. St. Jérôme a Madre St. Félix, 25 de agosto de 1890, Arq. Hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

*tinham tido!*"<sup>84</sup>. A Madre St. Félix, pelo seu lado, só contou comunidade as boas notícias, as experiências felizes que tivera em Inglaterra e na Irlanda.

O ano de 1890 tinha sido muito duro para a Madre St. Félix e para todo o Instituto. Além da tristeza relacionada com a perda do Padre Gailhac, tinha havido as negativas decisões políticas que tinham provocado a pressão econômica acrescentada dos impostos altos; o baixo rendimento da Casa Mãe e a situação da comunidade em Seaforth continuavam a ser preocupações constantes. A situação era tão difícil que, quando ela lhe enviou Boas Festas pelo Ano Novo, o Irmão Tempier perguntou: "*O período conturbado já passou? Espero sinceramente que sim*"<sup>85</sup>. Não obstante todas essas dificuldades, as irmãs viveram esse período com uma grande esperança. A Madre St. Charles expressou-o claramente: "*Esperamos que o Bom Mestre, que tão bem conhece a nossa miséria, nos dê aquilo de que nós precisamos consoante as nossas grandes necessidades. E que depois o nosso pai obtenha para as suas filhas tudo o que é necessário para levarem a cabo a obra que lhes foi confiada*"<sup>86</sup>.

As irmãs da Casa Mãe uniram-se à volta da Madre St. Félix, desejosas de fazer tudo o que pudessem para poderem colaborar na obra que Deus lhe confiara<sup>87</sup>.

---

<sup>84</sup> M. St. Charles à M. St. Félix, 3 de setembro de 1890, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>85</sup> Irmão Templer à Madre St. Félix, 17 de fevereiro de 1890, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 188.

<sup>86</sup> M. St. Charles à M. St. Félix, 3 de setembro de 1890, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

<sup>87</sup> M. Xavier h Madre St. Félix, 21 de agosto de 1890, Arq. Hist. /RSCM., Caixa 5, Pasta 5.

## Início do segundo mandato da Madre St. Félix

### Capítulo Geral de 1891

Um acontecimento que dominou o ano de 1891 foi o Capítulo Geral. Foi principalmente um Capítulo de Eleições, mas também abordou questões relacionadas com a congregação e que envolviam a tomada de decisões para o futuro. A 20 de dezembro de 1890, a Madre St. Félix enviara Boas Festas pelo Ano Novo ao Cardeal Hohenlohe, cardeal protetor do Instituto, informando-o de que, no ano seguinte, teria lugar a eleição de uma nova superiora geral. Esperava reunir as irmãs em Capítulo antes do mês de maio e notificá-lo-ia mal a data estivesse marcada<sup>1</sup>.

Como preparação para o Capítulo, foram nomeadas quatro novas conselheiras: Madre St. Xavier Fraty, Madre St. Jérôme Robert, Madre St. Anselm Ribau e Madre St. Sylvestre Harrington. Este novo conselho começou a preparar-se para o Capítulo e a planejar como se deveriam desenrolar as eleições<sup>2</sup>. As Constituições previam três dias de oração em todo o Instituto e um retiro de três dias para as irmãs que participassem no Capítulo. Deveria ter lugar na Casa Mãe, em Béziers, e começar a 29 de abril.

Várias semanas antes do Capítulo se reunir, a Madre St. Félix recebeu uma carta do Bispo O'Reilly de Liverpool que esperava com ânsia, embora com temor. O bispo fizera uma visita formal

---

<sup>1</sup>Madre St. Félix ao Cardeal Hohenlohe, *Lettres diverses*, Caderno 2, 23-24.

<sup>2</sup> A elegibilidade para superiora geral foi claramente estipulada pelas constituições de 1880: a pessoa escolhida deve ter pelo menos quarenta anos de idade e ter professado há pelo menos doze anos. A superiora geral é eleita por um mandato de doze anos. Pode ser reeleita por um segundo mandato de doze anos, mas depois precisa de dois terços dos votos e da aprovação da Santa Sé. (Capítulo IV). Ver *Arq. Hist./Cong.*, Vol. II-A.

ao convento de Seaforth tal como prometera à superiora geral. Descobriria que: *"As relações entre as superiores e os membros da comunidade em geral são tais que requerem grandes mudanças. Parece-me que ou as superiores devem ser mudadas ou que uma grande parte da comunidade deve ser removida"*. O bispo explicou que entrevistara cada irmã e que a maior parte destas admitira com ênfase que *"não eram uma comunidade feliz nem unida"*. O bispo prosseguiu: *"Disseram que a superiora [Madre St. Eugène Granier] não se entendia com os membros da comunidade... A assistente não participava no governo do convento, sendo a sua posição ocupada por uma irmã leiga [Irmã Ste. Melanie Condoyer], que exercia uma influência excessiva sobre a superiora"*<sup>3</sup>. A Madre St. Félix sabia sem dúvida o que tinha de suceder, mas só mais tarde. Seria da responsabilidade da religiosa escolhida para ser a superiora geral seguinte chamar a Madre St. Eugène de volta a Béziers e nomear a sua substituta.

No dia da abertura do Capítulo, às nove da manhã, toda a comunidade se reuniu na capela para o processo de eleição. Trinta e duas irmãs podiam votar, embora várias delas, sobretudo superiores das comunidades, não estivessem presentes, tendo enviado previamente os seus votos. O bispo de Cabrières presidiu à cerimônia como representante da Igreja. Vários sacerdotes, da diocese ou ligados às religiosas como capelães, também estavam presentes. Como indicado nas Constituições, a cerimônia começou com o cântico do *Veni Creator*. Os dois escrutinadores responsáveis como testemunhas da eleição, o Padre Caucanas, vigário-geral da diocese, e o Padre Bousquet, arcepreste da catedral, ocuparam os seus lugares. Quando os votos selados das comunidades foram colocados diante do Bispo de Cabrières, este dirigiu-se à assembleia<sup>4</sup>.

O bispo recordou às irmãs que, doze anos antes, também se tinham reunido no mesmo lugar, para uma cerimônia

---

<sup>3</sup> Bispo O'Reilly, à Madre St. Félix, 1 de abril de 1891, SHM Archives, NEP, Box 253. Para mais antecedentes sobre a relação entre o bispo de Liverpool e as superiores de Seaforth, ver Kathleen Connell, RSCM, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3, 214-221.

<sup>4</sup> Procès Verbal de l'Élection de la Supérieure Générale, Arq. Hist./cong., Vol. II-A, 47.



semelhante, mas, nessa ocasião, o Padre Gailhac estivera presente para apoiá-las com os seus conselhos e a sua presença. Nessa época, a recém-eleita superiora geral podia contar com a orientação do fundador enquanto governava o Instituto inspirada pelos pensamentos e pelo espírito do mesmo. Até data recente, a comunidade gozara da sua direção paternal, da firmeza dos seus conselhos, e daquela inteligência clara com que Deus dotara de forma tão abundante aquele a quem a comunidade chamara pai. Agora, recordou o bispo às irmãs, a situação mudara.

A partir de agora, a superiora da Comunidade será a verdadeira e única cabeça da família, sob a autoridade da Igreja. Será o ponto central do Instituto. Para ela e para a sua autoridade todos convergirão. Deus tem uma vontade clara para a vossa congregação. A prova é que o Instituto existe. Para formar o Instituto, Deus chamou-vos de várias partes do globo. Deus deu-vos uma vocação relacionada com as obras da congregação, uma vocação que requer zelo apostólico. E inegável que foi Deus que a formou. Cada uma de vós, aqui presente, dá testemunho dessa verdade<sup>5</sup>.

Depois da sua alocução, o bispo leu os parágrafos das Constituições relativos à eleição da superiora geral. Em seguida abriu os votos das outras comunidades, contou-os e meteu-os na urna que tinha à sua frente. Em seguida, as irmãs aptas para votar escreveram um nome numa folha de papel, dobraram-na em quatro e, por ordem hierárquica ou de idade, meteram os seus votos na urna<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Compte-Rendu de la Cerimonia de l'élection de la Supérieure Générale, 29 de abril de 1891, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 18, Pasta 2.

<sup>6</sup> Em 1891, a designação de elegibilidade para votar erada dada nos capítulos 4 e 5 das Constituições. Os membros a comunidade da Casa Mãe pareciam ter um papel mais importante. As assistentes e conselheiras que viviam na Casa Mãe, a secretária, a mestra de noviças, a bolseira, e "les vocales" da Casa Mãe (ou seja, as irmãs de coro com dez anos de profissão) tinha cada uma um voto. Das outras casas, porém, só a superiora local ou a sua assistente (se a superiora fosse legitimamente impedida de votar) podiam votar. Além disso, uma "vocal" de cada uma das outras casas era designada pelas suas companheiras para falar em nome de todos os membros da comunidade mediante um voto. Essa vocal era chamada a escrutinadora secreta. Ver Arq. Hist./cong., Vol. II a.

No fim da votação, o bispo começou a abrir e a ler cada boletim. "O primeiro nome votado foi o da Madre St. Félix; o segundo também; e ainda o terceiro; o sexto e o décimo; o vigésimo e trigésimo primeiro proclamaram o mesmo nome amado: a nossa Madre St. Félix foi reeleita por unanimidade!"<sup>7</sup>. O bispo felicitou então a comunidade pelo seu bom espírito, claro sinal da unidade entre todas. Rezou pela recém-reeleita e por que o mandato seguinte, de doze anos, ajudasse o Instituto a prosperar. Rezou ainda pedindo uma boa saúde, vida longa e todas as graças necessárias para a nova superiora geral. Em seguida, queimou os votos e dirigiu-se à capela para terminar a cerimônia com a Bênção do Santíssimo Sacramento.

As alunas do internato e as órfãs já ali se encontravam, e o bispo pareceu encantado por poder ser ele a dar-lhes a notícia: "Minhas filhas, como se costuma dizer, 'apresso-me a anunciar-vos' que todos os votos proclamaram, por unanimidade, a Reverenda Madre St. Félix — Superiora Geral. A vossa mãe, a quem tanto amais, continua a ser a mesma". Depois da Bênção e do cântico do *Te Deum*, toda a gente saiu para o corredor principal para abraçar a nova superiora geral. "A alegria foi universal e, durante o dia, houve grande festa!" Todos os membros da Casa Mãe — a comunidade, o noviciado, as alunas internas e os órfãos — participaram na celebração com cumprimentos e canções<sup>8</sup>.

Depois do jantar, o bispo regressou para ouvir *Le Petit Historique*, um resumo das várias obras do Padre Gailhac, entre 1831 e a sua morte, em 1890. Seguiu-se a leitura, pela Madre St. Félix, do *Compte Rendu de l'État de L'Institut*, seu pessoal, bens materiais, estado disciplinar e econômico. O bispo referiu que estava contente com esses resumos. Em seguida teve lugar a votação secreta de duas assistentes gerais. A Madre St. Charles

---

<sup>7</sup> *Compte-Rendu de la Cerimonie de l'élection de la Supérieure Generale*, 29 de abril de 1891, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 18, Pasta 2.

<sup>8</sup> *Ibid.*

MacMullen e a Madre St. Paul Mestre foram as escolhidas<sup>9</sup>. Depois desta eleição, o bispo voltou a falar da necessidade de unidade entre as funções e a Casa Mãe. Em seguida partiu, positivamente impressionado com tudo o que sucedera naquele dia<sup>10</sup>.

Na semana seguinte, as irmãs presentes no Capítulo Geral encontraram-se diariamente. O *Compte Rendu* dessas sessões resumiu o sucedido ao longo da semana: "*Todas as sessões tinham uma finalidade geral: fortalecer nas fundações, tal como na Casa Mãe, a uniformidade de vida com base na Regra e nos Costumes estabelecidos no Instituto*". A Casa Mãe deveria ser o modelo das comunidades em tudo. As comunidades não só deveriam viver em conformidade com a Regra e com as Constituições do Instituto, mas também com os diferentes costumes estabelecidos na Casa Mãe<sup>11</sup>.

Parece óbvio que, como resposta à ausência de Gailhac, e convencida de que o Instituto devia permanecer unido, a nova superiora geral e as delegadas ao Capítulo de 1891 sentiam a necessidade de legislar um espírito de uniformidade com todas as suas ramificações. Alguns exemplos dos aspectos específicos de tal política serão suficientes. O Capítulo sublinhou, uma e outra vez, que não se deveriam introduzir alterações às regras e aos costumes da Casa Mãe, a nível local, sem autorização expressa da superiora geral. A Casa Mãe era vista como o coração que comunica vida ao corpo; portanto, cada casa devia permanecer intimamente unida à Casa Mãe. Era proibido tecer quaisquer críticas à Casa Mãe, ou até aos costumes nela estabelecidos. Cada superiora que não falasse sinceramente com a superiora geral, mas lhe ocultasse alguma coisa, era "*como um ramo separado do tronco*"<sup>12</sup>. O horário da oração comum devia ser

---

<sup>9</sup> Ver *Délibérations du Conseil 1879-1891*, 29 de abril de 1891, Arq.Hist. / RSCM., Caixa 190, Pasta 13.

<sup>10</sup> A cópia manuscrita do *procès Verbal de l'Élection de la Supérieure Générale* foi mais tarde enviada para a Sagrada Congregação de Bispos e Regulares e recebeu a sua aprovação a 27 de maio de 1891. Ver Arq. Hist./Cong., Vol. II-a, 47.

<sup>11</sup> Capítulo Geral de abril de 1891, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 18, Pasta 2.

<sup>12</sup> *Ibid.*

uniforme nas fundações, e as próprias orações não deviam ser alteradas. Como o Capítulo considerava a língua francesa essencial para a unidade, devia ser falada em todas as casas. Quaisquer mudanças ou exceções a nível do *horarium* exigiam a autorização da superiora que, depois de ser autorizada pela superiora geral, podia permitir que as irmãs se levantassem uma hora mais tarde no inverno. As irmãs deviam preservar o amor pela Casa Mãe no seu coração. Se uma superiora local recebesse notícias tristes ou negativas da Casa Mãe, devia responder com uma carta de condolências, porque os sofrimentos de uma deveriam ser os sofrimentos de todas<sup>13</sup>.

A maior parte das decisões do Capítulo Geral referiam-se à superiora local e à sua relação com as irmãs. Esperava-se que a superiora local fosse capaz de fazer vir à superfície o melhor das irmãs, tendo em conta os seus pontos fortes e fracos. Devia criar um ambiente de paz e alegria, um ambiente em que as irmãs se sentissem felizes. As superiores não deviam ser parciais nem repisar os erros passados das irmãs. As superiores deviam presidir a todos os exercícios de piedade, às refeições e aos recreios. Noutros momentos, deviam estar habitualmente na sala da comunidade. Quando de visita às diversas casas, as irmãs não deviam levar queixas de uma comunidade para outra, nem deviam prestar ouvidos a quaisquer queixas. De três em três meses, a superiora devia prestar contas do estado material e espiritual da sua comunidade<sup>14</sup>.

As delegadas terminaram o Capítulo identificando práticas que se esperava que unissem todo o Instituto. As irmãs deviam escrever sempre "*tudo para Jesus por Maria*" no topo das folhas de papel que utilizassem, e todas as cartas deveriam começar pelas palavras do selo do Instituto: "*Seja o Sagrado Coração de Maria a nossa esperança, consolação e salvação!*" A festa de S. João Evangelista, a 27 de dezembro, devia ser celebrada por todas em memória dos dois fundadores, Jean Gailhac e Madre

---

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> Ibid.

St. Jean. Esta celebração perpétua ajudaria, assim o esperava o Capítulo, a reviver a alegria e a felicidade tradicionalmente experimentadas por todos os corações nessa verdadeira festa da família durante *"a primeira era do Instituto"*. O Capítulo também introduzia uma nota, bem necessária, de informalidade: ao falar da superiora geral, devia dizer-se sempre *"Notre Révérende Mère"*, mas ao falar-lhe pessoalmente, bastava dizer *"Ma Mère"*. O Capítulo de 1891 terminou com uma resolução invulgar: *"A nossa residência habitual deveria ser no Sagrado Coração de Jesus e, por conseguinte, permaneceremos aí como se fosse o nosso espaço de trabalho, agindo sempre em união com esse divino coração, e no Sagrado Coração da nossa divina Mãe encontraremos o nosso lugar de repouso"*<sup>15</sup>.

## **Viagem a Portugal**

Pouco depois do encerramento do Capítulo, a Madre St. Félix escreveu ao Bispo de Cabrières e, como era seu costume, pediu a sua bênção para a viagem que planejava fazer a Portugal. Não voltara lá desde que Gailhac e ela tinham visitado as comunidades portuguesas, em 1885. Informou o bispo de que esperava partir por volta de 6 de junho e estar fora durante cerca de um mês<sup>16</sup>.

A Madre St. Félix estava ansiosa por visitar as comunidades de Portugal e repetir aquilo que fizera em Inglaterra e na Irlanda durante os meses de agosto e setembro de 1890. É provável, portanto, que a Madre St. Félix tenha dirigido várias conferências por dia à comunidade que estava a visitar, lendo-lhes e explicando-lhes vários capítulos das Constituições. Também deve ter tido uma particular intenção de manter a promessa, feita às religiosas de Portugal, de partilhar com elas as suas recordações dos últimos dias com o fundador e repartir por elas algumas das suas relíquias.

---

<sup>15</sup> Ibid.

<sup>16</sup> Madre St. Félix ao Bispo de Cabrières, 28 de maio de 1891, Lettres diverses, Caderno 2, 30-33, Arq. Hist./Cong., Vol. II-D, 95.

Havia apenas três comunidades em Portugal (Porto, Braga e Chaves) quando a Madre St. Félix as visitou em 1891, mas nessas comunidades havia algumas religiosas que eram muito queridas do Padre Gailhac. No Porto, por exemplo, havia a superiora, M. St. Thomas Hennessy, que ingressara na congregação em 1851, fora mestra de noviças em Béziers, nomeada para iniciar a primeira tentativa frustrada de uma fundação em Callan, na Irlanda, em 1869, e depois fora fundamental nas fundações de Lisburn, Porto e Bootle.

Enquanto se recuperava de uma doença grave, tinha escrito a Gailhac, em 1887, confessando: "*Tenho necessidade das suas cartas, para me darem força e coragem para desempenhar a difícil tarefa que me impôs e que, com a ajuda da graça, eu quero desempenhar dignamente... Por isso, meu pai, escreva-me algumas linhas e não me deixe demasiado tempo à espera*"<sup>17</sup>. Esta carta tinha-se cruzado com a de Gailhac, que lhe escrevera com afeto: "*Há muito tempo que não lhe escrevo e, no entanto, agora é uma pessoa doente que escreve a uma convalescente!*" Recordava amavelmente àquela querida e velha filha e amiga que Deus enviara a ambos doenças e sofrimentos para eles se poderem assemelhar a Jesus Cristo. "*Sofrer é uma virtude se a aceitamos, e de grande mérito aos olhos de Deus se soubermos sofrer com resignação e amor*". Terminava a carta manifestando a esperança de que, se Deus lhe desse forças, ele iria visitá-la em Porto<sup>18</sup>. Agora ela poderia, pelo menos, ouvir descrever todos os detalhes da sua morte de uma irmã que estivera a seu lado.

Talvez a Madre St. Félix também lhe pudesse apresentar as suas condolências pela morte da irmã da Madre St. Thomas, a Madre Ste. Marie Hennessy, primeira superiora da fundação do Porto, que acabara de morrer, a 30 de abril de 1891.

Quando foi a Braga para descrever os últimos momentos da vida de Gailhac e das felizes recordações de viagens feitas às várias fundações, a Madre St. Félix estaria com outra filha

---

<sup>17</sup> M. St. Thomas a Gailhac, 8 de julho [1887], Proc. op., 4463-4464.

<sup>18</sup> Gailhac à Madre St. Thomas, GS/28/VI/87/A.

particularmente amada por Gailhac, a Madre St. Liguori MacMullen. Gailhac escrevera-lhe em certa ocasião: "Pessoalmente a Irmã é como um reservatório das graças de Deus. É na sua alma que Deus se deleita em derramar essas graças e fá-lo para que comunique essas graças às suas filhas mediante as suas orações, o seu exemplo e os seus conselhos"<sup>19</sup>. As cartas que Gailhac lhe escreveu durante uma época de escuridão espiritual são das mais belas por ele escritas: "Ame a Deus. Ponha toda a sua confiança em Deus. Repouse no coração de Deus. Renda-se aos seus cuidados paternais... que bom é adormecer nos braços de um pai como Deus e estar com ele coração a coração... Poderia uma mãe ser tão desnaturada a ponto de abandonar o seu filho?! Eu nunca te abandonarei, diz Deus. Transportar-te-ei no meu peito como um ramo de mirra"<sup>20</sup>. Que relíquia de Gailhac poderia ser mais preciosa do que esta carta escrita por ele?!?

De Braga, a Madre St. Félix empreendeu, com a Madre St. Liguori, a dura viagem até Chaves, a fundação mais recente de Portugal. A Madre Maria de Chantal escreveria mais tarde, na sua história, que a Madre St. Félix declarara ter ficado *"muito contente porque as religiosas tinham uma extensa vinha para cultivar aí e muitas almas para salvar, pois nessa cidade havia muito pouca religião e muitos abusos contra a mesma"*<sup>21</sup>.

Pouco depois do seu regresso de Portugal, a Madre St. Félix reuniu o seu conselho administrativo. Queria falar-lhes do seu encontro com o bispo de Viseu e de como ele lhe pedira que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria iniciassem uma fundação na sua cidade episcopal. Depois dessa conversa, o conselho reconheceu que a Divina Providência estava a chamar a comunidade a iniciar essa nova fundação dentro de aproximadamente um ano. Entretanto, o bispo aceitava prover

---

<sup>19</sup> Gailhac a Madre St. Liguori, GS/16/IX/84/A.

<sup>20</sup> Gailhac à Madre St. Liguori, GS/16/111/84/A.

<sup>21</sup> M. de Chantal Carvalhaes, RSCM., Vidas Viva (Coimbra: RSCM, 1948) 150-152.

às obras necessárias do convento onde a fundação ficaria alojada<sup>22</sup>.

Quase no fim do verão, a Madre St. Félix fez nova viagem para visitar as comunidades da Irlanda e da Inglaterra. Quando regressou à Casa Mãe, voltou a reunir o conselho administrativo e comunicou-lhes várias mudanças que fizera com a autorização do bispo local. A Madre St. Eugène fora chamada de novo à Casa Mãe, e os membros do conselho concordaram que ela fosse nomeada imediatamente para o conselho administrativo<sup>23</sup>.

## **Viagem à América**

Depois de regressar da sua viagem a Portugal, Inglaterra e Irlanda em 1891, a Madre St. Félix sentiu fortemente que chegara o momento de visitar a fundação da América situada em Sag Harbor, Nova Iorque. Nem ela nem o fundador tinham visitado Sag Harbor, embora tivessem estado lá em espírito com a comunidade, sobretudo durante o conturbado período de 1883-1886<sup>24</sup>.

Pouco depois da terrível tribulação ter finalmente terminado, em junho de 1886, o padre John F. Baxter, pastor da paróquia de St. Joseph, em Babylon, Long Island, escrevera à Madre St. Basil Davis, superiora de Sag Harbor. Ao que parece, o bispo de Brooklyn animara-o a abrir uma escola paroquial para crianças católicas na sua paróquia, por isso o Padre Baxter pedira à Madre St. Basil que ponderasse a sua oferta para dirigir a escola<sup>25</sup>. Mais tarde, a conselho do bispo, o pastor também sugeriu que se abrisse ainda uma nova academia para jovens católicas em Babylon. Seria certamente um sucesso, insistia ele; poderia até

---

<sup>22</sup> *Registre des Délibérations du Conseil 1891-1906* (doravante referido como *Délibérations*). Arq. Hist. / RSCM., Caixa 190, Pasta 13.

<sup>23</sup> 8 de setembro de 1891, *Délibérations*.

<sup>24</sup> Para uma descrição detalhada da crise de Sag Harbor, ver Connell, *Uma caminhada na Fé e no Tempo*, Vol. 3, 157-190.

<sup>25</sup> John F. Baxter à Madre St. Basil, 29 de julho de 1886, Sag Harbor Correspondente [Correspondência de Sag Harbor]. Arq. Hist. / RSCM., Caixa 9.



atrair jovens protestantes interessadas numa "educação francesa"<sup>26</sup>.

Algumas irmãs da comunidade de Sag Harbor ficaram muito entusiasmadas com a oferta. A Madre St. Basil, não. Recordou a comunidade que a recente situação com o pastor de St. Andrew's fizera sofrer muito as suas superiores e que não se deveria pensar noutra fundação até o desentendimento com o pastor estar definitivamente resolvido. Pelo menos aceitou informar as superiores de Béziers da oferta e, a 2 de agosto de 1886, escreveu à Madre St. Félix enviando-lhe também as cartas de convite do sacerdote<sup>27</sup>, mas não encontramos resposta de Béziers nos arquivos. Além disso, a Madre St. Basil fora a Inglaterra para o retiro, no verão seguinte, com a Madre Madeleine Dallon, que fez os seus votos perpétuos aí, a 6 de agosto de 1887. Sem dúvida, portanto, a Madre St. Basil teve a oportunidade de falar frente a frente com a Madre St. Félix acerca da proposta do Padre Baxter, mas não é óbvio se a posterior ansiedade da superiora geral pelo isolamento da comunidade de Sag Harbor, a terá levado, nessa época, a favorecer outra fundação nos Estados Unidos. Talvez a alegria da comunidade pela cura milagrosa da Irmã Cecilia Ryan, pouco tempo depois, tenha servido de agradável distração<sup>28</sup>. Seja como for, em 1892, o Padre Baxter já tinha deixado a paróquia de St. Joseph e a conversa chegara ao fim.

Entretanto, durante a reunião do conselho na Casa Mãe, a 3 de abril de 1892, a Madre St. Félix falou da sua esperança de viajar até a América em junho. Como resposta a sua proposta, foram apontadas várias razões para usar de prudência pelos membros do conselho: o seu cansaço, a sua idade, a longa e perigosa viagem, a sua ausência prolongada da Casa Mãe. No

---

<sup>26</sup> John F. Baxter à Madre St. Basil, 29 de julho de 1886, Sag Harbor Correspondence, Arq. Hist./RSCM., Caixa 9.

<sup>27</sup> Madre St. Bail à Madre St. Felix, 2 de Agosto de 1886, Sag Harbor Correspondence. Arq. Hist. / RSCM., Caixa 9.

<sup>28</sup> Para uma descrição desta cura milagrosa, ver Connell, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3, 190-193.

entanto, a Madre St. Félix insistiu em visitar as suas filhas na América, sentindo ser seu dever inevitável fazê-lo visto que a comunidade de Sag Harbor não tivera uma visita oficial da Casa Mãe desde que tinha partido para a América, quinze anos antes.

Finalmente, tendo tomado todas as medidas de prudência necessárias e tendo encomendado esta viagem e as viajantes ao Sagrado Coração de Jesus, foi decidido que a Madre St. Félix iria à América. Seria acompanhada pela Madre St. Eugène que, tendo regressado da Inglaterra no anterior mês de setembro, ainda estava completamente livre. Deixariam Béziers a 1 de junho, estariam em Montmartre para celebrar a primeira sexta-feira do mês e, daí, dirigir-se-iam ao Havre e embarcariam para Nova Iorque nessa mesma noite<sup>29</sup>.

Algum tempo depois do seu regresso, a Madre St. Félix escreveu longamente acerca da sua viagem à América nas suas *Notes*. Recordaria que hesitara antes de fazer a viagem pois esta significaria que ela estaria vários meses longe da Casa Mãe, mas não pudera recusar os pedidos insistentes daquelas a quem chamava "*as nossas queridas irmãs da América*". Antes de partir, encontrou-se com o bispo de Montpellier, que apoiou os seus projetos de viagem e que deu a sua bênção especial às viajantes bem como à comunidade de Sag Harbor. A Madre St. Félix escreveu que estava a viajar com duas religiosas; uma delas seria, supostamente, a Madre St. Eugène Granier, mas a identidade da outra irmã é desconhecida. As três irmãs enjoaram muito durante a travessia transatlântica, mas a alegria com que foram recebidas em Sag Harbor compensou os incômodos da viagem. Uma das religiosas mais velhas, provavelmente a Madre St. Benedict, que não voltara à Europa desde a sua chegada à América, em 1877, exclamou que mal podia acreditar no que via! A presença da Madre St. Félix na América parecia-lhe um sonho feliz!<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> Délibérations, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 190, Pasta 13.

<sup>30</sup> Madre St. Félix, Notes 1890-1905 (doravante referidas como Notes). Caderno 3,9-10, Arq. Hist./Cong., Vol. VII, 12.

A superiora geral escreveu dizendo que encontrara a comunidade muito bem. A Santa Regra estava a ser respeitada e o espírito do Instituto mantido. O bem ia-se fazendo lentamente, mas era efetivamente praticado na cidade, e algumas famílias já tinham abraçado a fé graças ao exemplo da comunidade. A Madre St. Félix encontrava-se cerca de uma hora por dia com a comunidade, animando as irmãs a perseverarem na sua fidelidade à Regra e, de modo especial, ao espírito que Gailhac lhes inculcava<sup>31</sup>.

As visitantes de Béziers ficaram encantadas por se encontrar com o novo bispo de Brooklyn, Charles McDonnell, que tinha percorrido mais de cento e sessenta quilômetros, de Brooklyn a Sag Harbor para lhes dar as boas vindas pouco depois da sua chegada. A Madre St. Basil escrever-lhe-ia mais tarde para lhe agradecer a sua simpática visita e para lhe dizer que a superiora geral ficara especialmente grata e gostaria que o bispo soubesse que levaria de regresso à "*soalheira França*" a feliz recordação do seu encontro. Entretanto, tinham pedido autorização, que lhes foi concedida, para que um sacerdote de língua francesa as ouvisse em confissão durante a sua visita a Sag Harbor<sup>32</sup>.

Embora se tivesse tentado planejar uma visita da Madre St. Félix ao bispo nos seus aposentos em Brooklyn, na segunda semana de julho, não é certo que tal encontro se tenha realizado. Em carta escrita de Béziers e datada de 17 de setembro de 1892, a Madre St. Félix explica que assuntos urgentes a tinham chamado de volta à Casa Mãe, e que deixara a América com pesar, não tendo voltado a estar com o bispo. Agradecendo entusiasticamente a proteção especial que o bispo votava à comunidade de Sag Harbor, a superiora manifestou a esperança de que, em breve, ele arranjará para a comunidade um "*lugarzinho*" na sua "*aldeia episcopal*" [Brooklyn], à sua vista e à sombra do seu cuidado pastoral, de tal modo que as obras da

---

<sup>31</sup> Ibid., 11-12.

<sup>32</sup> Madre St. Basil ao Bispo Charles McDonnell, 27 de junho de 1892, arquivos da Diocese de Brooklyn.

congregação pudessem florescer e assim as irmãs de Sag Harbor não se sentissem tão isoladas dos outros membros da comunidade<sup>33</sup>.

A Madre St. Basil reiterou esses sentimentos em carta dirigida ao bispo algumas semanas mais tarde: "Ela [a Madre St. Félix] ansiava profundamente voltar a vê-lo antes de partir, mas o destino voltou-se contra ela sob esse aspecto. O seu principal objetivo era colocar a sua pequena família de CÁ mais diretamente sob o seu paternal cuidado, o que, no entanto, ela já tinha explicado na carta que lhe escrevera"<sup>34</sup>.

Por fim a Madre St. Félix conseguira visitar o superior provincial dos Jesuítas em Nova Iorque antes da sua partida ~~para~~ da América. Levava consigo uma carta de recomendação do provincial Jesuíta de Toulouse e pediu que os Jesuítas de Nova Iorque se disponibilizassem para orientar retiros, etc., à comunidade de Sag Harbor<sup>35</sup>.

Quando as viajantes regressaram a Béziers, a Madre St. Félix informou o conselho sobre a viagem, que, em seu entender, tinha sido absolutamente necessária visto que tinham sido introduzidos muitos abusos na comunidade da América. Estes tinham de ser corrigidos e tinham de ser tomadas medidas sérias para impedir a ocorrência de novos abusos no futuro. Contudo, as atas dessa reunião não explicavam a natureza de tais abusos nem até que ponto estes se tinham difundido. No mesmo encontro, a Madre St. Félix contou que tinha ficado consolada por ver aquelas filhas muito dedicadas às obras de que tinham sido incumbidas. Na sua avaliação, comentou que o bem que estava a ser feito naquela fundação era "*modesto, mas seguro*". O conselho ficou feliz ao ouvir dizer que a Madre St. Félix e a sua companheira, supostamente a Madre St. Eugène, tinham

---

<sup>33</sup> Madre St. Félix ao Bispo Charles McDonnell, 17 de setembro de 1892, Arquivos da Diocese de Brooklyn. No é claro quais eram os assuntos prementes e por que razão ela não escrevera mais cedo ao bispo explicando a sua partida repentina.

<sup>34</sup> Madre St. Basil ao Bispo Charles McDonnell, 4 de outubro de 1892, Arquivos da Diocese de Brooklyn.

<sup>35</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3, 12.

aproveitado a oportunidade para parar em Montmartre a fim de agradecer ao Sagrado Coração de Jesus a sua proteção durante a viagem<sup>36</sup>.

Os abusos mencionados talvez se referissem a uma situação que a Madre St. Félix descreveu algum tempo mais tarde como *"uma triste ocorrência associada a esta viagem à América"*. Duas das irmãs coadjuvadoras de Sag Harbor, a Ir. Ste. Faustine e a Ir. Purification Harris, tinham parecido descontentes durante a visita, mas não tinham dito nada acerca disso enquanto a superiora geral estivera em Sag Harbor. Só depois do seu regresso à Casa Mãe escreveram dizendo que estavam descontentes com o hábito, insistindo, entre outras coisas, em certas modificações do véu. Na sua resposta, a Madre St. Félix recordou-lhes, muito simplesmente, que elas tinham ficado muito felizes com os seus hábitos no dia em que os tinham recebido! Várias semanas mais tarde, as duas irmãs deixaram o Instituto e arranjam trabalho como empregadas domésticas<sup>37</sup>. Consta que tinham ido ter diretamente com o bispo apresentando os seus pedidos de dispensa visto que a Madre St. Basil mais tarde pediria desculpa ao bispo por elas terem ido ter diretamente com ele em vez de enviarem primeiro por ela os seus pedidos. E apresentou a razão: *"É evidente que elas não nos querem dar a conhecer as razões da sua saída"*<sup>38</sup>.

A comunidade de Sag Harbor é pouco mencionada no material arquivado da congregação relativo à década de 1890, mas, ao que parece, as religiosas que lá estavam continuaram a praticar o bem *"lenta mas eficientemente"*. Quando, em 1898, a Madre St. Félix procurava recolher recomendações dos bispos em cujas dioceses as Religiosas do Sagrado Coração de Maria exerciam o seu ministério, para as apresentar a Roma, o novo bispo de Brooklyn escreveu uma excelente carta de

---

<sup>36</sup> *Délibérations*, 8 de setembro de 1892.

<sup>37</sup> Madre St. Félix, *Notes*, Caderno 3, 13-14.

<sup>38</sup> Madre St. Basil ao Bispo Charles McDonnell, 19 de março de 1893, Arquivos da Diocese de Brooklyn.

recomendação relativa à comunidade de Sag Harbor. Esta dizia, em dada altura:

*[Desde a sua chegada em 1877], têm-se dedicado zelosamente à educação de jovens, tanto ricos como pobres, em conformidade com o espírito das suas Constituições. Têm-se mostrado fiéis à observância da sua Regra e suportado com paciência e coragem as dificuldades e sacrifícios inerentes à sua entrega a uma fundação situada numa aldeia afastada do centro da população. Temos a alegria de também poder testificar o respeito e a estima em que são tidas pelas pessoas da sua vizinhança<sup>39</sup>.*

---

<sup>39</sup> Bispo Charles McDonnel à Sagrada Congregação para os Religiosos, 3 de março de 1898, Arquivos da Sagrada Congregação para os Institutos Religiosos e Seculares (doravante referida como SCRIS). M.30.

## Nova dinâmica de crescimento

### Viseu — Outra nova fundação em Portugal

Apesar do impacto da morte do fundador, a vida do Instituto foi regressando gradualmente ao seu ritmo normal. Tendo se recuperado do choque inicial, a Madre St. Félix conseguiu manter o equilíbrio do Instituto enquanto as irmãs continuavam a sua caminhada com zelo e generosidade. O bem estava a ser praticado em todas as localidades em que estavam presentes, e as populações locais admiravam as irmãs e reagiam de forma positiva ao seu trabalho.

O Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria estava preparado para esse crescimento! Em Portugal, as vocações estavam a aumentar e a necessidade de evangelização era grande. Graças as recomendações positivas dadas pelas alunas, o Instituto ia-se tornando conhecido. As boas referências chegaram à cidade de Viseu, situada numa zona de Portugal conhecida por Beira Alta. Segundo o recenseamento local, nessa época havia menos de nove mil habitantes e de dois mil agregados familiares em Viseu<sup>1</sup>. No entanto, embora fosse uma pequena cidade de província, atingira um certo estatuto administrativo e político, visto servir como capital de distrito e sede de conselho administrativo.

Um autor do século XIX descreveu Viseu como uma cidade que tinha crescido em torno de uma cidade medieval, com ruas estreitas, praças minúsculas pavimentadas com pedras romanas, edifícios modernos, varandas a dar para a rua, e janelas

---

<sup>1</sup> O recenseamento de 1887 citado em Madre Maria de Chantal Carvalhaes, RSCM, *Por Caminhos Não Andados: Sessenta Anos de História 1871-1931* (Lisboa: ISCM, 1970) 206.

decoradas ao estilo do século XVI<sup>2</sup>. Edifícios anteriormente ocupados por comunidades religiosas estavam, agora, abertos ao público e os seus agradáveis recintos proporcionavam bonitos passeios aos habitantes da cidade.

Os liberais controlavam a cena política e, como resultado disso, a cidade estava dominada por franco-mações e grupos anticlericais. Apesar disso, o povo era religioso, mas seguia um estilo de fé mais tradicional, visto que, durante mais de um século, a evangelização fora negligenciada.

No fim do século XIX, o comércio e a indústria tinham começado a desenvolver-se. Havia indícios de que a cidade estava a evoluir e de que a educação constituiria uma parte indispensável desse progresso. O desejo de recristianizar a sociedade começara a emergir durante esse período graças à visão e à tenacidade de três habitantes de Viseu — o Padre Joaquim da Silva Veiga (conhecido por Cura Veiga), Dona Eduarda Augusta de Queiroz Ribeiro Pereira Pinto de Almeida e Vasconcelos e o Cônego Manuel Vieira de Matos (secretário do então bispo de Viseu, D. José Dias Correia de Carvalho)<sup>3</sup>.

Segundo esses três habitantes, um dos primeiros passos do processo de recristianização seria proporcionar uma boa educação cristã às jovens da cidade. Mais tarde, como mães de família, essas jovens mulheres viriam a influenciar os seus maridos e a educar os seus filhos na fé. Era essa a forma de pensar típica dos círculos eclesiásticos da Europa no fim do século XIX, e os três eram defensores convictos desse princípio. Pensaram, portanto, em convidar uma congregação religiosa que pudesse abrir uma escola para meninas. Como conheciam as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, decidiram convidá-las a vir para a cidade. Antes disso, porém, precisavam de ter a autorização do bispo diocesano.

---

<sup>2</sup> A. Lucena, *Viseu Monumental e artístico*, n.d., p. 7, como citado em *Ibid.*

<sup>3</sup> O Cônego Manuel Vieira de Matos serviu a diocese numa época de inúmeros desafios. Mais tarde como Bispo da Guarda (1903-1914) e Arcebispo de Braga (1915) até à sua morte, em 1932.



Por estranho que pareça, o bispo, D. José Dias Correia de Carvalho, não apoiou de imediato tais ideias. Tinha medo de retaliações por parte de grupos anticlericais que eram muito fortes na cidade. Como a aprovação do bispo não chegou logo, a Senhora D. Eduarda reuniu um grupo de mulheres que foi falar ao bispo. Na primeira entrevista não foram bem-sucedidas, mas decidiram perseverar. O cônego Matos e o Padre Veiga tentaram ajudar as mulheres nos seus esforços, mas nada nem ninguém conseguiu convencer o bispo. A senhora D. Eduarda sugeriu a razão nas suas *Notas*: "*Ele tinha medo da oposição por parte de famílias que não queriam que as suas filhas fossem educadas por irmãs*". A certa altura, porém, o bispo concordou porque a oposição que ele previra não se chegou a manifestar. No entanto, insistiu que não assumiria qualquer responsabilidade pessoal pelas consequências; a responsabilidade recairia sobre os dois sacerdotes<sup>4</sup>.

O passo seguinte foi encontrar uma propriedade que fosse adequada para a escola. A escolha estava limitada a um único local que tinha espaço suficiente para acomodar uma comunidade religiosa, um colégio interno e uma secção para alunas externas. Foi o Convento do Bom Jesus, um edifício do século XVI, situado no Largo das Freiras. Depois de 1834, a sua comunidade tinha-se reduzindo gradualmente e quase desaparecera<sup>5</sup>. Restava apenas uma irmã de clausura, D. Delfina Rosa da Natividade, que era simultaneamente a priora e, segundo a lei, a administradora do edifício<sup>6</sup>. Viviam com um grupo de moças pobres, que sustentava, e elas ajudavam nos trabalhos necessários no convento<sup>7</sup>. Para que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria pudessem utilizar o edifício,

---

<sup>4</sup> *Notas de D. Eduarda Queiroz de Atayde de Almeida Vasconcelos*, Vice condessa de Treixedo e neta de D. Eduarda Queiroz. Estas notas, que agora se perderam, foram escritas e entregues à Madre Maria de Chantal Carvalhaes, RSCM. Ver *Por Caminhos Não Andados*, 209.

<sup>5</sup> Esta redução numérica resultou da política governamental de proibir as ordens religiosas de receberem novos membros. Com esta medida, o governo estava a defender a dissolução progressiva das ordens e a nacionalização dos seus edifícios.

<sup>6</sup> Tinha feito a sua profissão solene em 1820, por isso devia ser muito idosa.

<sup>7</sup> *Revista Católica*, 4 de julho de 1896. Ver *Por Caminhos Não Andados*, 210.

precisavam de ter a autorização do governo. Esta só se poderia obter após apresentação de uma recomendação positiva do bispo da diocese e da licença da priora que ocupava o edifício. Tendo recebido tanto a recomendação como a licença, o governo concedeu a sua aprovação e o caminho estava agora aberto para a mudança da comunidade para a pequena cidade de Viseu<sup>8</sup>.

Depois do local ter sido determinado, o cônego Matos foi visitar a superiora do Porto, apresentando-lhe o pedido de que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria considerassem a hipótese de dirigir a nova fundação de Viseu. A Madre St. Thomas Hennessy comunicou de imediato esse pedido a Béziers. Por conseguinte, quando a Madre St. Félix visitou Portugal como superiora geral, em 1891, o pedido já lhe tinha sido indiretamente feito pelo bispo de Viseu. Depois do seu regresso a Béziers, a Madre St. Félix convocou de imediato o seu conselho para refletir sobre a possibilidade desta nova fundação<sup>9</sup>.

Parecia ao conselho que a Divina Providência estava a chamar a comunidade a iniciar a nova fundação. Esta poderia contribuir para a renovação da fé na cidade e, eventualmente, vir a ser uma fonte de vocações para o Instituto. Sendo assim, o conselho concordou. Quanto às remodelações necessárias no convento, eram da responsabilidade da diocese de Viseu. Se o bispo concordasse em fazê-las, a fundação poderia ser feita no espaço de um ano<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Há uma semelhança entre a fundação de Viseu e a fundação feita em Chaves em 1885. A comunidade de Braga fora convidada pela abadessa do antigo convento da ordem de Nossa Senhora da Conceição a abrir uma escola numa secção do seu convento. A abadessa, octogenária, foi o último membro sobrevivente da sua Ordem. (Para mais informações sobre Chaves, ver Kathleen Connell, RSHM., *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, Vol 3, 121-128.

<sup>9</sup> Registo das *Délibérations du Conseil de la Congregation des Religieuses du Sacré Coeur de Marie em Béziers, 1891 a 1905* (doravante referidas como *Délibérations du Conseil*). Arq. Hist. / RSCM., Caixa 190, Pasta 13. Ver também Proc. ap., 4021-4022. Esta reunião do conselho estava datada de 30 de maio de 1891, mas a Madre St. Félix partiu para Portugal a 6 de junho de 1891. (A 28 de maio de 1891, escrevera a Monsenhor de Cabrières pedindo-lhe uma bênção para a viagem que duraria cerca de um mês). Assim, deve ter havido um erro ao datar esta reunião do conselho; provavelmente teve lugar no fim de junho ou no início de julho de 1891.

<sup>10</sup> Ibid.

Como prometido, o bispo terminou as obras de restauração necessárias para receber as irmãs numa das alas do convento e, em junho de 1892, a casa de Viseu estava pronta. A fundação foi colocada sob a proteção de S. José<sup>11</sup>. Devido ao ambiente hostil para com a Igreja de Viseu, o conselho escolheu a Madre Maria da Eucaristia Lencastre para superiora da nova fundação. A sua família era muito conhecida e respeitada no norte de Portugal e, embora esta nova superiora tivesse acabado de fazer os votos perpétuos, esperava-se que as ligações da sua família exercessem uma influência positiva, facilitando a aceitação das religiosas<sup>12</sup>.

Maria da Eucaristia, nascida a 12 de abril de 1862 e batizada como Maria Margarida Malheiro Freire Pinto de Almeida Soares de Lencastre, era filha dos condes de Alentém. Quando ela e a sua irmã mais nova já tinham idade suficiente, deixaram a opulência da sua casa de família e foram educadas na Academia Inglesa, no Porto. Embora Maria Margarida tenha debutado na alta sociedade pouco depois de ter deixado a Academia, não parecia interessada nos deveres sociais atribuídos a uma jovem da sua classe. Para grande desgosto do seu pai, quis ingressar nas Religiosas do Sagrado Coração de Maria, mas ele foi peremptório na sua recusa. Pouco depois, Margarida contraiu uma doença misteriosa. Segundo a tradição das RSCM, o seu médico viria a diagnosticar a causa da doença explicando à família que ela estava a sofrer por algum ideal frustrado. *"Deixem-na fazer o que ela tanto deseja, e ficará imediatamente curada"*, aconselhou ele. Quando Maria Margarida voltou a dizer aos seus pais que queria seguir a sua vocação para a vida religiosa, o pai tentou criar um ambiente religioso na propriedade familiar, esperando ainda manter a sua filha em Alentém. Como, entretanto, ela já completara vinte e três anos de idade, acabaria por deixar a sua casa a 19 de abril de 1885, sem o consentimento

---

<sup>11</sup> Ibid., 8 de setembro de 1892. Ver também Proc. op., 4036-4037.

<sup>12</sup> *Vidas Vivas*, 187. Não foi possível encontrar outras fontes, ou até informações relativas às fontes utilizadas pela Madre de Chantal.

do seu pai, e viajou até ao Porto, a caminho do noviciado de Béziers. O pai recusara-se a despedir-se da sua filha e, mais tarde, deserdou-a<sup>13</sup>.

Maria Margarida recebeu o santo hábito e o seu nome religioso, Maria da Eucaristia, a 4 de outubro de 1885. Depois de ter terminado o seu ano canônico, fez a sua primeira profissão a 9 de outubro de 1886 e foi mandada para Braga. Gailhac tinha muita confiança nesta mulher portuguesa recém-professa, pois nomeou a Madre Maria da Eucaristia como responsável pelas necessidades espirituais da comunidade na ausência da superiora, Madre St. Liguori. Foi o Padre Eigenmann quem sugeriu, com todo o respeito, que, como a comunidade de Braga estava ciente de que a Madre Maria da Eucaristia mal saíra do noviciado, ficaria mais feliz se Marie Joseph Butler fosse nomeada para dirigir a escola e a comunidade durante a ausência da superiora. A Madre Maria da Eucaristia poderia ser a sua assistente e tomar a seu cargo as noviças, as irmãs mais novas da comunidade, que ainda não tinham feito a sua profissão<sup>14</sup>. Gailhac aceitou a sugestão do Padre Eigenmann, mas é significativo que o fundador tenha reconhecido de imediato os dons de liderança daquela religiosa recém-professa.

Mal completou trinta anos de idade, a Madre Maria da Eucaristia foi nomeada primeira superiora portuguesa. Segundo o testemunho oral de irmãs que tudo presenciaram, a Madre St. Thomas celebrou o seu envio com grande solenidade. Tendo reunido a comunidade, a Madre St. Thomas entregou as Constituições à Madre Maria da Eucaristia, dizendo: *"Minha filha, aqui tens a Regra. Que ela seja o teu modelo. Guarda-a sempre diante de ti, para que as tuas filhas também a guardem"*. A Madre Maria da Eucaristia recebeu-a de joelhos e beijou-a<sup>15</sup>.

A 15 de julho de 1892, a Madre Maria do Loreto, a Irmã Olímpia e uma postulante, partiram de Braga, passando vários

---

<sup>13</sup> Ver Ibid., 180-182.

<sup>14</sup> Ver Connell, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3,128 e fn.117.

<sup>15</sup> *Vidas Vivas*, 187-188.

dias no Porto. A 17 de julho, três irmãs, Clementina Lado, Delfina Antunes Alves e Virgínia Coelho da Rocha, partiram do Porto para a nova fundação, a fim de dar imediatamente início aos preparativos para a comunidade fundadora. Passados dois dias, a Madre St. Thomas acompanhou a superiora, Madre Maria da Eucaristia, a Madre Maria do Loreto e várias outras irmãs até Viseu. A data oficial da fundação foi o dia 19 de julho de 1892. Quando, a 24 de setembro, a Madre St. Joseph Pancada e a Madre Maria do Carmo chegaram, a nova comunidade ficou completa. As pioneiras viajaram de comboio, visto que o caminho-de-ferro fora inaugurado dez anos antes<sup>16</sup>. A sua nova casa, o Convento do Bom Jesus, ainda estava muito degradada. Só a igreja fora preservada. No entanto, a pequena comunidade estava contente no meio das ruínas e das privações que o trabalho exigia delas<sup>17</sup>.

Tal como sucedera com as outras fundações, os primeiros tempos foram difíceis. A Madre Maria de Chantal conta o seguinte episódio da tradição: Dizem que certo dia não havia pão nem dinheiro para o comprar em casa. A irmã Virgínia, encarregada das compras da comunidade, estava preocupada por não haver nada que comer. Foi informar disso a Madre Maria da Eucaristia, que calmamente lhe replicou: "*Não se preocupe, irmã. Vamos rezar*". Rezaram e, pouco depois, uma mulher bateu porta, trazendo pão de milho que acabara de cozer. Surpreendida com a alegria e a profunda gratidão manifestadas pela irmã que lhe abriu a porta, a mulher voltou a casa e regressou trazendo outro grande pão<sup>18</sup>.

Ao princípio, a comunidade não foi hostilizada, talvez pelo fato de a iniciativa ter sido tomada pela Senhora D. Eduarda Queiroz. No entanto, a oposição à presença das religiosas acabou por surgir à superfície. A data do início das aulas estava perto e ainda não havia uma criança sequer inscrita na nova escola. Era

---

<sup>16</sup> Ibid., 188.

<sup>17</sup> Livro de relatos de Viseu. Maria

<sup>18</sup> Vidas Vivas, 191.

premente recorrer a alguma estratégia criativa para despertar o interesse entre as famílias! Nessa época, a Senhora Queiroz tinha uma neta de oito anos, Maria Eduarda, e foi decidido que a criança iria todas as manhãs a pé para a "escola", regressando a casa à tarde. Com esse plano, a comunidade conseguiu obter o resultado desejado. As famílias de Viseu, inicialmente movidas por mera curiosidade, começaram a manifestar interesse e, no dia da abertura, havia dezoito alunas internas e vinte externas<sup>19</sup>.

O Convento do Bom Jesus tinha originalmente sido estabelecido em Viseu a 27 de setembro de 1592, por isso a abertura da escola pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria coincidiu com o terceiro centenário do antigo convento. A religião não se extinguiu na cidade, como alguns tinham desejado; fora ressuscitada e insuflada com uma nova força e vida. Embora o "clima" cristão da cidade tivesse sido em tempos considerado fraco, a decisão das irmãs de ensinar catecismo aos domingos a meninas, moças e mulheres ansiosas por aprender começou a reavivar a fé das pessoas<sup>20</sup>. Os grupos anticlericais não perderam tempo a organizar campanhas contra as religiosas, mas nada as pôde impedir de continuarem a sua missão de tornar Deus conhecido e amado. Quanto mais difícil o ambiente, maior a necessidade da sua presença, simples, mas cheia de fé e de zelo.

Durante o primeiro ano letivo, uma das jovens irmãs, Madre Maria do Loreto Gonçalves, adoeceu, regressou a Braga e morreu aí, em abril de 1893<sup>21</sup>. A 31 de maio desse mesmo ano, teve lugar a cerimônia da Primeira Comunhão. Houve uma procissão que percorreu algumas ruas e impressionou muito as

---

<sup>19</sup> *Por Caminhos Não Andados*, 214.

<sup>20</sup> Resumo histórico enviado à Sagrada Congregação em 1898.

<sup>21</sup> Por esta época, havia duas jovens religiosas em Portugal com variantes do nome Loreto. Uma delas, uma irmã irlandesa chamada Madre Marie du Lorette Gough, tinha apenas vinte anos de idade quando morreu no Porto, a 30 de outubro de 1887. Era membro da família Gough, que agradeciara o Instituto durante pelo menos três gerações. A outra irmã, que talvez tivesse recebido o nome da sua predecessora, como era costume, recebera o nome de Madre Maria do Loreto. Foi uma das fundadoras da fundação de Viseu e morreu em Braga, a 3 de abril de 1893. Como ainda não fizera os votos perpétuos, não consta do *Grande Registo*.

pessoas. A partir de então, o número de alunas inscritas na escola aumentou e até as famílias importantes da região já queriam inscrever as suas filhas na escola. Se não foram aceitas mais alunas nesses primórdios, foi apenas por falta de espaço.

A medida que a escola se ia tornando mais conhecida, a Rainha D. Amélia, acompanhada pelos jovens príncipes D. Luis Filipe e D. Manuel, visitou a escola, a caminho de S. Pedro do Sul<sup>22</sup>. A ideia de convidar a rainha, de nacionalidade francesa, deveu-se ao fato de ela ter fama de ser uma apoiante de congregações religiosas e também se sentia que a sua visita faria aumentar a credibilidade da escola. A própria senhora D. Eduarda Queiroz ofereceu-se para acompanhar a Madre Maria da Eucaristia, a Madre St. Joseph Pancada e duas jovens, em representação das alunas, quando pediram esse favor à rainha, que respondeu acedendo graciosamente ao convite a visitar a escola<sup>23</sup>. Os preparativos para a chegada da rainha e dos jovens príncipes constituiu um desafio para as irmãs e para as alunas, pois queriam que tudo estivesse perfeito para a ocasião. As paredes do antigo convento foram cobertas com pano branco e decoradas com grinaldas de hera. Toda a casa foi preparada da melhor forma possível, tendo em conta os escassos recursos disponíveis. As alunas sentiam-se felizes e honradas com a visita da rainha à sua escola. Talvez a memória desse acontecimento tenha ajudado a dissipar os efeitos de alguns artigos perversos que apareceriam na imprensa local no ano seguinte, condenando a ação das autoridades que tinham autorizado os diretores da escola a utilizar o edifício. Segundo tais artigos, as religiosas tinham-se apoderado ilegalmente da casa, uma acusação de falsidade gritante, mas sintomática dos sentimentos antirreligiosos que ainda grassavam na cidade<sup>24</sup>.

---

<sup>22</sup> Citado nas notas de maria Eduarda Queiroz; ver *Por Caminhos Não Andados*, 221-222.

<sup>23</sup> No apareceu nenhuma notpícia nos jornais locais sobre este acontecimento, embora deva ter sido memorável para uma cidade de província como Viseu. A rainha faria nova visita em junho de 1896, que foi noticiada pelo jornal Comércio de Viseu, a 14 de junho de 1896. Ver *Por Caminhos Não Andados*, 222-223.

<sup>24</sup> *Vidas Vivas*, 192-193.

## Crescimento na França — Um desafio a enfrentar: Mende, Grenoble e Tarbes

Nas primeiras décadas após a fundação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, nunca fora possível abrir uma casa na França fora de Béziers. Tinham sido feitas várias tentativas, inclusive em vida da fundadora, mas esses esforços, durante as décadas de 1860 e 1870, tinham saído frustrados. A comunidade olhava antes para a Irlanda, Portugal e Inglaterra, e até para a América, não só tendo em vista a sua expansão, mas, como comenta certo historiador, mesmo pela sua própria sobrevivência. Tendo presente que as religiosas do Sagrado Coração de Maria constituíam "sem dúvida, um caso único" entre as congregações religiosas francesas do século XIX, o historiador Claude Langlois escreveu que, na ausência de fundações francesas fora da Casa Mãe e, por conseguinte, à luz da impossibilidade de recrutar jovens no local, a *internacionalização* tornou-se essencial para a sobrevivência da congregação. Assim, concluiu que a congregação "*devia a sua preservação sobretudo aos Irlandeses e aos Portugueses*"<sup>25</sup>.

Tinha havido uma exceção. Em 1879, o bispo de Montpellier estava a abrir uma escola católica na sua cidade episcopal e desejava confiar a direção dessa escola às Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Quando o assistente do bispo procurou Gailhac e apresentou essa ideia, na primavera de 1879, este replicou que ficaria feliz por enviar religiosas para a escola, mas, sem dúvida consciente da necessidade de recursos humanos para a nova fundação em Ferrybank, acrescentou que lhe seria impossível designar quaisquer religiosas para Montpellier até outubro de 1880. O assistente apelou à Madre St. Félix a fim de pedir a Gailhac para enviar irmãs em outubro de 1879, mas, ao que parece, isso nunca aconteceu<sup>26</sup>. Mais tarde, as atitudes anticlericais do governo, bem como a idade avançada de Gailhac,

---

<sup>25</sup> Claude Langlois, *Le Catholicisme au Féminin: Les congrégations françaises à supérieure générale au XIX siècle* (Paris: Les Editions du Cerf, 1984) 446.

<sup>26</sup> Ver Euzet à Madre St. Félix, 20 de junho de 1879, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 9.



continuaram a frustrar as esperanças de qualquer fundação na França<sup>27</sup>.

Após a morte de Gailhac, a Madre St. Félix sentiu uma grande responsabilidade de rejuvenescer a vida e a missão entre as irmãs. Reconhecia que o estado de espírito francês estava em declínio no Instituto. Enquanto as fundações estrangeiras iam crescendo e as vocações Irlandesas e Portuguesas iam florescendo, havia uma clara e demonstrável falta de novas vocações Francesas, e numerosas irmãs Francesas de idade avançada morriam todos os anos. Tal situação tinha constituído uma grande preocupação para Gailhac nos últimos anos da sua vida. Em 1887, a Madre St. Félix escrevera por duas vezes ao provincial Jesuíta de Toulouse, pedindo-lhe que enviasse jovens capazes para Béziers. Quando, no ano seguinte, teve notícia, através de um sacerdote de visita, que as vocações eram abundantes em determinada congregação no norte da França, imediatamente escreveu à superiora pedindo-lhe que enviasse algumas postulantes Francesas para as RSCM que, como a maior parte das congregações do *Midi*, estavam a sofrer por falta de vocações. Nenhuma dessas fontes se revelou frutífera. Era fundamental haver outra fundação na França<sup>28</sup>.

A Madre St. Félix e o seu Conselho animaram as irmãs a rezar com fé, pedindo a Deus que inspirasse boas vocações Francesas e que as orientasse para Béziers; ao mesmo tempo, tomou medidas vigorosas/dinâmicas em várias regiões para conseguir estabelecer uma fundação na França. O bispo de Montpellier prometeu o seu apoio e cartas de recomendação<sup>29</sup>.

A 13 de fevereiro de 1892, a superiora geral escreveu a Monsenhor Baptifolier, bispo de Mende, cuja diocese descreveu como sendo ainda "*rica na fé dos antepassados*" e "*fértil em generosas e sólidas vocações*". O seu objetivo era obter

---

<sup>27</sup> Madre St. Felix, Notes, Caderno 3, 16, Arq. Hist./cong., Vol. VII, 12.

<sup>28</sup> Para saber mais sobre esta busca de vocações francesas, ver Connell, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3, 28-29.

<sup>29</sup> Madre St. Felix, Notes, Caderno 3, 16.

autorização para abrir uma casa alguers na sua diocese; a sua principal intenção era atrair vocações Francesas<sup>30</sup>. Propôs ao bispo que o Instituto começasse por abrir um orfanato e um externato para a alta sociedade. Tendo investigado previamente a situação e percebendo que uma fundação na própria cidade de Mende poderia não ser possível por já ter uma presença suficiente de congregações religiosas, a Madre St. Félix propôs a cidade de Marvejo como um bom lugar, visto não dispor de outras "casas de caridade". Garantiu ao bispo que ele não se arrependeria se aceitasse a congregação cujo espírito é de fé, zelo e total dedicação à glória de Deus através da santificação pessoal e da sólida educação cristã que proporciona às jovens. Ele respondeu dizendo que lamentava muito não as poder receber, pois a diocese de Mende tinha um número muito grande de congregações religiosas<sup>31</sup>.

Nos primeiros meses de 1892, a Madre St. Félix escreveu ao Irmão Tempier, superior geral dos Irmãos das Escolas Cristãs, pedindo a sua opinião sobre as suas probabilidades de êxito junto do bispo de Grenoble, se ela lhe pedisse para iniciar uma escola na sua diocese. O irmão Tempier respondeu-lhe a 5 de março de 1892, dizendo que o único lugar que lhe parecia viável era a própria cidade de Grenoble, mas que mesmo esse local estava saturado de comunidades religiosas<sup>32</sup>. Não admira, portanto, que nenhuma fundação se tenha vindo a concretizar em Grenoble. A diocese de Tarbes revelou-se outra tentativa frustrada. A Madre St. Félix escrevera ao bispo, Monsenhor Billière, mas este, como os outros bispos contactados, não se mostrou disponível para autorizar novas congregações religiosas na sua diocese<sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> Madre St. Felix a Monsenhor Baptifolier, bispo de Mende, *Lettres diverses à Conserver dans les Archives de/a Communauté* (doravante referidas como *Lettres diverses*). Caderno 2 (1889-1895) 44-46. Arq. Hist./Cong., Vol. II-D, 95.

<sup>31</sup> *Ibid.*, 47.

<sup>32</sup> Irmão Tempier a Madre St. Felix, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 89.

<sup>33</sup> M. St. Felix a Monsenhor Cabrières, 14 de outubro de 1892, *Lettres diverses*, Caderno 2, 49-50.

## Vallon

Com estas portas fechadas, a Madre St. Félix pensou em seguida na diocese de Viviers. Tendo ouvido dizer que havia muitas vocações na região de Ardèche, na França, pensou inicialmente na cidade de Tournon<sup>34</sup>. Deu a conhecer as suas esperanças ao Bispo de Cabrières, que respondeu positivamente e prometeu uma carta de recomendação a Monsenhor Bonnet, bispo de Viviers, que conhecia bem<sup>35</sup>. Procurando toda a ajuda que julgava poder obter, a Madre St. Félix escreveu em seguida ao Padre Cytte, pároco de Berrias, Ardèche, pedindo-lhe para interceder junto do bispo em favor das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, no sentido de poderem iniciar uma fundação na diocese de Viviers. O padre Cytte mostrou-se favorável, na sua resposta, e a Madre St. Félix sentiu-se animada<sup>36</sup>.

A 12 de novembro de 1892, o conselho reuniu-se em Béziers e decidiu investir os seus esforços na fundação proposta na região de Ardèche, visto que esta parecia ser uma zona onde a fé era forte, havia muitas vocações e a comunidade receberia um certo apoio em relação ao seu pedido. Concordaram em pedir ao bispo de Cabrières para escrever a carta de recomendação que lhes tinha prometido anteriormente<sup>37</sup>.

A Madre St. Félix escreveu ao bispo de Viviers, pedindo uma entrevista que foi marcada para 23 ou 24 de novembro<sup>38</sup>. Antes desse encontro, a Madre St. Félix foi a Montpellier para informar o bispo do que estava a acontecer. O conselho reuniu-se de novo a 18 de novembro, para que a Madre St. Félix o pudesse notificar sobre os resultados da sua visita ao bispo de Cabrières, que não só aprovou os planos, mas também a animou fortemente a encontrar-se com Monsenhor Bonnet, bispo de Viviers, a quem já enviara uma carta de recomendação<sup>39</sup>.

---

<sup>34</sup> Ibid.

<sup>35</sup> Madre St. Félix, *Notes*, Caderno 3, 16-17.

<sup>36</sup> Madre St. Félix a Abbé Cytte, 31 de outubro de 1892, *Lettres diverses*, Caderno 2, 51-52.

<sup>37</sup> *Deliberations du Conseil*, 18 de novembro de 1892.

<sup>38</sup> Madre St. Félix a Monsenhor Bonnet, bispo de Viviers, *Lettres diverses*, Caderno 2, 54-55.

<sup>39</sup> *Deliberations du Conseil*, 18 de novembro de 1892.

No dia combinado, a Madre St. Félix dirigiu-se a Viviers. Monsenhor de Bonnet foi muito acolhedor. Já tinha falado com o seu conselho sobre as possibilidades existentes e identificara apenas três: Vallon e mais duas povoações nas montanhas. A Madre St. Félix ficou encantada. Sentia-se inclinada a escolher Vallon, sede do cantão (distrito territorial), com cerca de três mil habitantes, metade dos quais protestantes. A conversa com o bispo foi muito agradável e trocaram impressões acerca das "obras". Manifestando a sua gratidão pelo cordial acolhimento, a Madre St. Félix partiu com a certeza de que regressaria para a abertura de outra casa<sup>40</sup>.

A 25 de novembro, depois de ter regressado a Béziers, a Madre St. Félix convocou uma reunião do seu Conselho e relatou-lhe a entrevista positiva que tivera em Viviers e todas as possibilidades de uma fundação nessa diocese. Depois de analisarem as vantagens e desvantagens das hipóteses possíveis, escolheram Vallon, visto ser uma localidade onde a fé continuava a ser forte. As religiosas decidiram que começariam a fundação com um orfanato "*para poder haver esse primeiro traço de semelhança em relação à Casa Mãe*"<sup>41</sup>. O bispo de Cabrières ficou muito satisfeito com a sua decisão, e aconselhou-as a aceitar essa primeira possibilidade de Vallon. Seria uma forma de as tornar mais conhecidas e, mais tarde, também poderiam ser convidadas a ir para outras localidades<sup>42</sup>.

Tomada a decisão, a Madre St. Félix escreveu a Monsenhor de Bonnet a 20 de dezembro de 1892, comunicando a decisão unânime. Abririam uma casa na cidadezinha de Vallon. A Madre pediu-lhe que comunicasse a decisão ao pároco, para este poder escolher o local exato<sup>43</sup>.

Felizmente, a notícia da fundação de Vallon veio satisfazer um desejo sentido pelos grupos eclesiais da região, nomeadamente

---

<sup>40</sup> Madre St. Félix, *Notes*, Caderno 3, 17-18.

<sup>41</sup> *Deliberations du Conseil*, 25 de novembro de 1892.

<sup>42</sup> Madre St. Félix, *Notes*, Caderno 3, 19.

<sup>43</sup> Madre St. Félix a Monsenhor Bonnet, 20 de dezembro de 1892, *Lettres diverses*, Caderno 2, 58-60. Ver também Madre St. Félix, *Notes*, Caderno 3, 19.

para fortalecer mais a presença católica numa zona onde numerosos protestantes constituíam a parte mais rica e mais influente da população. A ideia de fundar um orfanato era discutida há vários anos e um senhor católico, que andava a pensar nisso, ofereceu-se para pagar as despesas da sua construção. Considerando a oferta de uma fundação um dom de Deus, tanto ele como a população católica receberam a notícia da chegada das irmãs "*com grande alegria*"<sup>44</sup>.

A Madre St. Félix não perdera tempo, apressando-se a contactar o pároco para marcar uma data para a sua visita a Vallon. Queria escolher uma casa onde a comunidade pudesse viver até a construção do convento estar terminada. Acrescentou que ele nunca se arrependeria de ter recebido as irmãs na sua paróquia pois iria encontrar nelas colaboradoras muito dedicadas<sup>45</sup>.

Após várias comunicações por escrito, a Madre St. Félix dirigiu-se a Vallon com uma das suas assistentes<sup>46</sup>. A visita correu muito bem. O pároco acolheu-as cordialmente. Mostrou-lhes a igreja paroquial, convidou-as para almoçar e depois acompanhou-as a uma casa que estava disponível e que poderia satisfazer às suas necessidades. Essa casa tinha oito quartos, uma cozinha, uma despensa, uma arrecadação e um sótão. O tamanho era bom, mas a casa estava muito suja e degradada. Depois de conversar com o senhorio acerca do preço e das condições, a Madre St. Félix fez uma proposta: em vez de pagar uma renda, a comunidade pagaria as obras urgentes necessárias no edifício ao longo dos quatro ou cinco anos durante os quais as religiosas o ocupariam, enquanto o novo edifício estivesse a ser construído. Foi ainda decidido que a comunidade não teria de pagar quaisquer outras despesas relacionadas com impostos,

---

<sup>44</sup> Bispo de Viviers a um querido confrade, 23 de dezembro de 1892, Arq.Hist. / RSCM, Caixa 6, Pasta 6.

<sup>45</sup> Madre St. Felix ao Cura de Vallon, 30 de janeiro de 1893, Lettres diverses, Caderno 2, 61-64.

<sup>46</sup> Bispo de Viviers à madre St. Felix, 7 de fevereiro e 28 de março de 1893, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 6.

seguros, etc. O arquiteto calculava que as despesas rondariam os 2.500-3.000 francos<sup>47</sup>.

Entretanto, na Casa Mãe, faziam-se os preparativos para esta fundação francesa. Havia um grande entusiasmo, partilhado por toda a comunidade. A 8 de maio de 1893, o conselho reuniu-se para decidir sobre as religiosas que formariam a nova comunidade. Foram escolhidas seis. A superiora, Madre Emmanuel Valgalier, a Madre Marie de la Salette Mendes e outra religiosa acompanhá-la-iam, tal como as irmãs Blandine Calmels, Brigitte Curvelier e ainda outra. Seriam ainda enviadas quatro jovens do orfanato, duas das quais sabiam bordar bem e as outras duas eram costureiras experientes. Ajudariam na instrução<sup>48</sup>.

As obras de restauração tiveram início durante o mês de maio. O pároco supervisionava os trabalhos e mantinha as irmãs informadas acerca do progresso. Em junho, foram enviadas as primeiras peças de mobiliário. A data original marcada para a partida de Béziers foi o dia 26 de junho<sup>49</sup>, mas teve de ser adiada até ao início de julho. A casa foi colocada sob a proteção especial de Santa Ana. Quando chegou o momento, a Madre St. Félix e a Madre Ste. Constance Farret, mestra das noviças, acompanharam o pequeno grupo de fundadoras. Receberam uma bênção especial do Bispo de Cabrières antes de empreenderem viagem e, quando chegaram a Vallon, receberam a bênção de Monsenhor Bonnet, Bispo de Viviers<sup>50</sup>.

Os membros da comunidade ficaram surpreendidos e agradados com a cordial recepção de que tiveram. O pároco convidara as pessoas da cidade e estas apareceram em grande número para a Eucaristia. A celebração foi muito solene e comovente, e o pároco fez uma bonita homilia dando as boas-vindas à comunidade<sup>51</sup>. As irmãs agradeceram a Deus e aos seus

---

<sup>47</sup> Madre St. Felix, Notes, Caderno 3, 20-21.

<sup>48</sup> Délibéré rations du Conseil, 8 de maio de 1893.

<sup>49</sup> Ibid.

<sup>50</sup> Madre St. Felix, Notes, Caderno 3, 22.

<sup>51</sup> Ibid.

novos vizinhos pelo caloroso acolhimento que tinham recebido naquela fundação Francesa há tanto tempo esperada, na pequena cidade de Vallon.

### **Bourg de Péage**

Enquanto iam sendo feitos contatos para a fundação em Vallon, surgiu outra oportunidade, esta em Bourg de Péage, na diocese de Valence. Neste caso, a fundação foi pedida com grande insistência por duas mulheres idosas e solteiras, denominadas simplesmente como as "*Demoiselles [Meninas] Deloche*", proprietárias de um colégio interno e de um externato para quem podia pagar.

A sua escola estava situada num planalto a pouca distância da cidade de Romans (Drôme). Só o rio Isère a separava da cidade. Da escola, a vista sobre a cidade era magnífica, sobretudo à noite, quando as casas de Romans estavam iluminadas. A zona circundante era agradável e a casa utilizada como colégio interno era muito confortável: bem iluminada, aquecida no inverno, com casas de banho e até com um ginásio. Havia terreno suficiente para os jogos e os passeios das alunas e as novas proprietárias teriam a oportunidade de comprar uma propriedade, ao lado da escola, e de aumentar o edifício, ou até de construir uma nova estrutura.

O pessoal docente, outrora numeroso, diminuía substancialmente devido à idade das diretoras. Contudo, a escola tinha bom nome e as filhas das melhores famílias da região tinham sido educadas aí. As *Demoiselles Deloche* tinham uma fé profunda e eram muito empenhadas. Como o prospecto da escola explicava, elas tentavam proporcionar uma sólida formação intelectual e religiosa, preparando as suas alunas para serem boas esposas e mães, cheias de fé<sup>52</sup>.

A escola era reconhecida pela diocese como escola católica gerida por leigos, com a mesma importância das instituições

---

<sup>52</sup> *Prospectos do estabelecimento das Demoiselles Deloche*, Arq. Hist. /RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

educativas geridas por congregações religiosas. As pessoas da cidade respeitavam as *Demoiselles Deloche* e apreciavam os seus trinta e cinco anos ao serviço da educação das jovens. Agora, devido à sua idade avançada, aquelas mulheres estavam ansiosas por vender a escola a quem quisesse continuar a geri-la com o mesmo espírito<sup>53</sup>. Alguns anos antes, tinham-lhes oferecido 35.000 francos pela propriedade, mas, nessa época, o bispo pedira-lhes que não a vendessem. Durante os quinze anos subsequentes, tinham perdido outras oportunidades de encontrar novos proprietários para a escola<sup>54</sup>.

Tendo ouvido dizer que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria estavam à procura de um lugar para abrir uma nova fundação na França, as *Demoiselles Deloche* contactaram a superiora geral, a 8 de dezembro de 1892<sup>55</sup>. Nesse primeiro contato, a Madre St. Félix foi informada do tipo de escola, das características do edifício, da vizinhança e da forma como as *Demoiselles Deloche* tinham pensado conduzir as negociações em vista da compra. Na sua segunda carta, as idosas irmãs foram muito honestas; advertiram a Madre St. Félix das dificuldades com que ela se depararia se comprasse a escola devido ao fato de a região ter várias escolas dirigidas por congregações religiosas e a chegada de mais uma não seria bem aceita<sup>56</sup>. Por conseguinte, o segredo acerca da transação seria absolutamente necessário para que tudo corresse como planejado. O próprio pároco não deveria saber nada acerca do assunto, visto estar ligado a outras congregações. Algumas destas fariam tudo para impedir a chegada de outra congregação desejosa de abrir um internato, sobretudo situado num local tão bonito, ao passo que

---

<sup>53</sup> Demoiselle Deloche à Madre St. Felix, 20 de março de 1893, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 6, Pasta 5. Como é óbvio, só uma das irmãs redigiu de fato as cartas para a Madre St. Félix, mas, como os nomes de batismo nunca são dados, a citação designará apenas um nome singular, ou seja, *Demoiselle Deloche*.

<sup>54</sup> Demoiselle Deloche à M. St. Félix, 28 de março de 1893, Arq. Hist./ RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>55</sup> Demoiselle Deloche à Madre St. Felix, 8 de dezembro de 1892, Arq.Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>56</sup> Demoiselle Deloche à Madre St. Felix, 16 de dezembro de 1892, Arq.Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.



os outros internatos se encontravam muitas vezes em zonas menos salubres e as alunas deixavam frequentemente a escola por motivos de doença<sup>57</sup>. As *Demoiselles Deloche* sugeriram que a autorização do bispo fosse pedida rapidamente, pois queriam transferir a sua casa para o Instituto do Sagrado Coração de Maria logo que possível<sup>58</sup>.

Na sua correspondência com a Madre St. Félix, é óbvio que, devido à sua idade e à sua necessidade de segurança financeira, as *Demoiselles Deloche* estavam ansiosas por terminar as negociações. Por outro lado, sentiam-se apreensivas, receando que as prioridades diocesanas frustrassem o projeto, se o bispo sentisse que havia demasiadas congregações religiosas na cidade vizinha e devido à pressão exercida pelas congregações femininas já presentes na zona.

Para quem observasse a situação a partir do exterior, as precauções sugeridas pelas irmãs Deloche pareciam exageradas, se não até paranóicas. A insistência em guardar segredo chegou ao ponto de recomendar que quando a Madre St. Félix fosse visitar a localidade, não deveria parar no colégio porque em certa ocasião, quando outro comprador em perspectiva tinha sido visto a visitar a escola, as negociações tinham fracassado. Assim, quando as RSCM chegassem, teriam de ser discretas, pois corriam boatos da existência de dois vizinhos que costumavam espiar continuamente as *Demoiselles Deloche*. A ansiedade das idosas irmãs levou-as a fazer sugestões minuciosas. Por exemplo, gostariam que fosse a própria superiora geral a encontrar-se com elas na primeira visita, de tal modo que a decisão final pudesse ser tomada no local e todos os assuntos pudessem ser resolvidos de imediato. Se isso não fosse possível, a primeira RSCM a aparecer poderia levantar suspeitas antes de as condições de

---

<sup>57</sup> Esta era a Congregação do Santíssimo Sacramento de Romans. Deve ter deixado a Madre St. Félix pouco à vontade, visto que, depois da sua educação inicial junto das Irmãs da Apresentação, fora educada por esta congregação no seu convento de Macon. (Ver Rosa do Carmo Sampaio, RSCM, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 1 (Fontes de Vida, 1990), 90-92.

<sup>58</sup> Demoiselle Deloche à Madre St. Felix, 19 de dezembro de 1892, Arq.Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

venda serem estabelecidas. Além disso, as *Demoiselles Deloche* sugeriram que a Madre St. Félix deveria vir a 26 de dezembro de 1892 ou 1 de janeiro, visto que, se a visita tivesse lugar num dia feriado, não haveria alunas presentes. No que dizia respeito ao município, aparentemente não haveria quaisquer dificuldades<sup>59</sup>.

Foi delineada uma estratégia para facilitar a aceitação inicial da congregação na diocese. As *Demoiselles Deloche* sugeriram que as religiosas anunciassem a sua chegada com o principal intuito de preparar as crianças para a Primeira Comunhão e também para garantir que estas recebiam uma refeição diária.

Mais tarde, poderiam abrir o internato. Outra sugestão era abrir uma escola pré-primária para rapazes e moças, visto que não havia nenhuma na região e, certamente, as melhores famílias confiariam os seus filhos às religiosas<sup>60</sup>.

Parece óbvio que as RSCM estavam muito interessadas em adquirir a escola. As informações que tinham colhido eram muito positivas. O seu desejo de se expandir na França era premente e, nesse momento, os planos para a fundação de Vallon ainda não eram seguros. As religiosas queriam aproveitar esta oportunidade<sup>61</sup>. Consultaram o bispo de Cabrières, que se sentia feliz com a possibilidade da fundação e que lhes prometeu escrever uma carta de recomendação a Monsenhor Cotton, bispo de Valence, seu amigo pessoal. Também as aconselhou sobre as pessoas a quem deveriam escrever<sup>62</sup>. A Madre St. Félix precisava de pouco mais ânimo para levar por diante a fundação. Estava convencida de que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria "*praticariam o bem naquela região*"<sup>63</sup>. Na sequência das instruções do bispo de Montpellier, a Madre St. Félix escreveu uma carta muito incisiva a Monsenhor Cotton, a 20 de dezembro

---

<sup>59</sup> Demoiselle Deloche à M. St. Félix, 19 de dezembro de 1892, Arq. Hist. / RSCM., Cx 6, P. 5.

<sup>60</sup> Demoiselle Deloche à M. St. Félix, 16 de dezembro de 1892, Arq.Hist. / RSCM., Cx 6, P. 5.

<sup>61</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3, 25-33.

<sup>62</sup> M. St. Félix a Mons. Cotton, 20 de dezembro de 1892, Lettres diverses, Caderno 2, 76-79.

<sup>63</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3, 25-33.

de 1892, pedindo autorização para tomar a seu cargo o colégio interno, em Bourg de Péage, das *Demoiselles Deloche*, que, devido à sua avançada idade, já não podiam continuar a dirigir. A Madre St. Félix teve o cuidado de apresentar o Instituto a Monsenhor Cotton, visto que as RSCM não eram suas conhecidas. Escreveu que os desígnios de Deus tinham levado a congregação a fazer várias fundações fora do país, mas que ainda não tinham sido bem-sucedidas na França, onde só existia a sua Casa Mãe, em Béziers. Agora, entusiasmadas com a ideia de iniciar uma fundação em Bourg de Péage, propuseram que, além do colégio interno, abririam uma obra de caridade, que poderia preparar a Primeira Comunhão de crianças pobres da paróquia.

Além de ensinar o catecismo, também dariam uma refeição diária às crianças. Pensavam que a chegada do Instituto não levantaria problemas à diocese, visto que as religiosas não estariam a fundar uma nova obra, mas a continuar uma obra que já existia há trinta e cinco anos<sup>64</sup>.

A proposta das *Demoiselles Deloche* tinha agradado muitíssimo à Madre St. Félix e ao seu conselho. Viam essa oferta como a ação da Divina Providência e decidiram por unanimidade pedir ao Bispo de Cabrières para enviar a sua recomendação ao bispo de Valence a fim de darem imediatamente início ao processo oficial. Começaram a perceber que aquele colégio interno poderia, até, vir a apoiar o orfanato de Vallon. Decidiram, portanto, fazer tudo o que fosse necessário para obtê-lo<sup>65</sup>.

Quando escreveu ao bispo de Viviers para lhe dar a sua resposta positiva relativamente à fundação de Vallon, a Madre St. Félix falou alegremente com ele de "*outra possibilidade, que surgira recentemente, de assumir a direção de um colégio interno em Bourg de Péage*"<sup>66</sup>. A questão foi colocada sob a proteção de Nossa Senhora do Sagrado Coração.

---

<sup>64</sup> M. St. Felix a Mons. Cotton, 20 de dezembro de 1892, *Lettres diverses*, Caderno 2, 76-79.

<sup>65</sup> *Délibérations du Conseil*, 5 de janeiro de 1893.

<sup>66</sup> M. St. Felix a Monsenhor de Bonnet, 20 de dezembro de 1892, *Lettres diverses*, Caderno 2, 58-60.

Entretanto, as *Demoiselles Deloche* não baixaram a guarda. Temendo que o município, instigado por outras congregações religiosas, começasse a levantar problemas, as idosas irmãs decidiram procurar aliados e começaram a sondar o pároco<sup>67</sup>. Tendo sabido que ele não era completamente contra o projeto e dissera que, depois das RSCM estarem instaladas, as protegeria, as *Demoiselles Deloche* foram visitá-lo para explicar a situação<sup>68</sup>. Não foi fácil para elas convencê-lo que o novo Instituto não tiraria o lugar das congregações já sediadas em Romans há muitos anos. Inclusivamente, tiveram de argumentar que, se as RSCM não fossem bem-sucedidas com o internato, abririam um orfanato, porque eram ricas! Confrontado com tais informações, o pároco mostrou interesse em conhecê-las.

As *Demoiselles Deloche* escreveram imediatamente para garantir à Madre St. Félix que a comunidade teria a proteção do pároco depois de terem feito uma descrição clara de como iriam proceder<sup>69</sup>. Embora Monsenhor Cotton ainda não tivesse respondido à sua carta, a Madre St. Félix aconselhou-se com o Bispo de Cabrières sobre os passos a dar, sobretudo no que dizia respeito ao seu contato com o pároco<sup>70</sup>. Depois de receber a carta das *Demoiselles Deloche*, a Madre St. Félix decidiu escrever ao pároco pedindo-lhe para recebê-las porque já era *"o pai da paróquia à qual as Religiosas do Sagrado Coração de Maria estavam prestes a dedicar-se"*. Pediu a sua ajuda junto do seu bispo que ainda não dera qualquer resposta, convencida de que a opinião do pároco teria uma influência muito positiva sobre a resposta de Monsenhor Cotton. Usou todo o tipo de argumentos para convencê-lo da importância do assunto, garantindo-lhe que encontraria nelas *"auxiliares dedicadas para todas as obras da paróquia... e que, tendo um espírito verdadeiramente apostólico,*

---

<sup>67</sup> Demoiselle Deloche à Madre St. Félix, 1 de janeiro e 22 de janeiro de 1893, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>68</sup> Demoiselle Deloche à Madre St. Félix, 22 de janeiro de 1893, Arq.Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>69</sup> Ibid.

<sup>70</sup> M. St. Félix a Mons. Cabrières, 15 de janeiro de 1893, Lettres diverses, Caderno 2, 80-81.

envidariam todos os esforços por se mostrarem dignas da sua proteção"<sup>71</sup>.

A carta foi bem-recebida pelo pároco. Num encontro que teve com as *Demoiselles Deloche*, no próprio dia em que recebeu a carta, manifestou o seu acordo com o espírito que sentia haver no Instituto do Sagrado Coração de Maria, e reafirmou, embora um pouco à cautela, que não faria nada contra elas "*visto terem como seu objetivo dar glória a Deus e fazer o bem*"<sup>72</sup>.

Uma das *Demoiselles Deloche* enviou as sugestões do pároco numa carta dirigida a Béziers. Ele ajudá-las-ia, pouco a pouco, mas nunca de uma forma óbvia, pois não queria ferir os sentimentos das outras religiosas da região. Sugeriu que a Madre St. Félix escrevesse de novo ao Bispo de Cabrières, implorando-lhe que intercedesse junto de Monsenhor Cotton. Depois insistiu que algumas Religiosas do Sagrado Coração de Maria fossem a Bourg de Péage, pois queria conhecê-las. A Madre St. Félix já tinha informado as *Demoiselles Deloche* que não iria a Bourg de Péage sem a expressa autorização das autoridades eclesiásticas. Esse sempre fora um princípio mantido pelos fundadores desde as infelizes ocorrências verificadas em Callan, Irlanda. As Religiosas do Sagrado Coração de Maria nunca avançariam com uma fundação, quer visitando-a quer empenhando-se nela, sem a aprovação do bispo diocesano<sup>73</sup>.

No mesmo dia em que recebeu a carta da Madre St. Félix, o pároco respondeu-lhe. A sua carta foi muito cordial, indicando que ele se sentira tocado pela forma como a Madre St. Félix manifestara o seu desejo de ajudar na paróquia. Manifestou a gratidão que sentia para com as *Demoiselles Deloche* que, durante tantos anos, tinham feito tanto bem. Agora gostaria de ver a sua situação financeira melhorar, naquela época de

---

<sup>71</sup> Madre St. Félix ao pároco de Bourg de Péage, 1 de fevereiro de 1893, Lettres diverses, Caderno 2, 82-86.

<sup>72</sup> Demoiselle Deloche à Madre St. Félix, 2 de fevereiro de 1893, Arq.Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>73</sup> Para um desenvolvimento completo do caso Callan, ver Connell, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 2, 18-29.

precariedade. Contudo, não podia tomar a iniciativa de ter outro colégio interno, visto que a escola dirigida pelas Irmãs do Santíssimo Sacramento já existia na região há cem anos, e que outra instituição ali viria competir com elas. Garantiu às RSCM que não faria nada contra o seu projeto, mas que, de momento, também não podia fazer nada para promovê-lo. Recordou-lhes que precisavam de falar tudo com o bispo, pois seria ele a decidir, e que o bispo se encontrava numa posição mais independente do que ele próprio<sup>74</sup>.

A Madre St. Félix estava convencida que, devido à sua preenchida agenda, o Bispo de Cabrières se esquecera de enviar a carta de recomendação ao bispo de Valence. Se a tivesse enviado, pensava ela, Monsenhor Cotton teria certamente dado uma palavra ao seu amigo acerca do projeto. Decidiu rescrever ao Bispo de Cabrières, pedindo-lhe de novo para interceder junto do seu amigo, Monsenhor Cotton. Estava certa de que uma palavra da sua parte resultaria numa resposta positiva<sup>75</sup>.

Durante a mesma semana, as *Demoiselles Deloche* foram a casa do bispo para falar diretamente com ele. Regressaram desanimadas, porque Monsenhor Cotton não lhes dera quaisquer esperanças. Pelo contrário, raciocinara que com o grande número de congregações já presentes na diocese, as *Demoiselles Deloche* deviam ter pensado em propor às Religiosas do Santíssimo Sacramento que assumissem a direção do colégio interno de Bourg de Péage. No que dizia respeito ao Instituto do Sagrado Coração de Maria, que elas fossem convidadas pelo pároco para iniciar uma obra de caridade. Tais possibilidades não agradaram às *Demoiselles Deloche*. O seu forte desejo de ver a questão resolvida como lhes parecia melhor, levou-as a propor Madre St. Félix que as religiosas viessem como seculares até as condições melhorarem! Estavam preparadas para redigir um documento de doação em vez de procederem a uma venda,

---

<sup>74</sup> Cura de Bourg de Péage à Madre St. Felix, 2 de fevereiro de 1893, Arq.Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>75</sup> Madre St. Félix a Monsenhor Cabrières, 5 de fevereiro de 1893, Lettres diverses, Caderno 2, 64-66.

mantendo o dinheiro que recebessem em segredo e dizendo que tinham convidado as RSCM porque um benfeitor lhes oferecera a quantia em dinheiro de que precisavam. Assim, ninguém poderia impedir as RSCM de virem para Bourg de Péage. As *Demoiselles Deloche* sugeriram até à Madre St. Félix que, como o pároco dissera uma vez que ele próprio as ajudaria, talvez não precisassem da autorização do bispo. Sublinharam que era importante manter todas as negociações em segredo<sup>76</sup>.

Nem é preciso dizer que a Madre St. Félix e o seu conselho nunca estariam dispostas a aceitar combinação tão duvidosa como esta. Era um plano que nunca poderia ser aceito pelo Instituto. Em vez disso, a Madre St. Félix decidiu contatar mais uma vez o pároco de Bourg de Péage, respondendo à carta que ele lhes escrevera. O conselho de Béziers reconhecia que ele seria uma peça-chave no contato com a autoridade diocesana e que a abertura, da sua parte, ajudaria a abrir o caminho para as outras pessoas envolvidas na decisão. Embora a primeira carta do pároco não tivesse sido incondicionalmente positiva, tinha sido amável e animadora, e elas sentiam que já estavam mais perto da realização das suas esperanças.

Assim, na carta que dirigiu ao pároco, a Madre St. Félix prometeu mais uma vez que ele poderia contar com as Religiosas do Sagrado Coração de Maria "...para se dedicarem ao bem-estar das jovens ricas e pobres que a Providência lhes confiasse"<sup>77</sup>. A superiora geral acrescentou que a sua vinda para Bourg de Péage não devia causar problemas a outras congregações; as RSCM tentariam sempre manter boas relações com elas. O seu objetivo não era procurar alunas, mas espalhar-se mais na França. O colégio interno poderia estar parcialmente cheio de alunas de Béziers, que habitualmente terminavam os seus estudos noutras regiões de França. Descreveu-lhe o espírito do Instituto, falando-lhe do fundador e das suas obras, que se estavam a estender a

---

<sup>76</sup> Demoiselle Deloche à Madre St. Félix, 6 de fevereiro de 1893, Arq.Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>77</sup> Madre St. Félix ao Cura de Bourg de Péage, 23 de fevereiro de 1893, Lettres diverses, Caderno 2, 87-91.

outras nações. Lembrou que a razão para a sua maior presença fora do que dentro de França talvez fosse "*o fortalecimento do nosso espírito apostólico*". Explicou que o bispo da diocese era sempre considerado o superior, em qualquer localidade em que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria se estabelecessem<sup>78</sup>.

O pároco recebeu a carta e respondeu-lhe no mesmo dia, agradecendo à Madre St. Félix pela transmissão dos detalhes acerca do Instituto. Compreendia a sua necessidade de se estender mais na França e reconhecia que, não estando longe de Béziers, Bourg de Péage seria ideal. Já tinha manifestado a sua boa vontade na primeira carta, mas a situação não dependia dele. Em data recente, estivera com o bispo e com os seus vigários e ficara a saber que eles não eram a favor da ida das irmãs para a diocese pelas razões já conhecidas. O sacerdote exortou as religiosas a terem a coragem de esperar que Deus melhorasse a situação<sup>79</sup>.

As *Demoiselles Deloche* foram visitar novamente o bispo. Sentiam que ele tinha tomado uma posição mais conciliadora e decidiram falar individualmente com todos os seus vigários. Aquele que pareceu mais aberto à proposta foi o vigário-geral, superior do seminário de Romans. Prometeu voltar a falar ao bispo, apesar da resistência oferecida por este último.

Aparentemente, todos concordavam que não seria justo pôr em risco a segurança futura das idosas diretoras só para impedir que algumas alunas não fossem para a escola de outra congregação<sup>80</sup>. Contudo, a ansiedade e preocupação das *Demoiselles Deloche* continuava a ser tão grande que elas escreveram ao bispo recordando-lhe o papel que os seus avós tinham desempenhado durante a Revolução, escondendo

---

<sup>78</sup> Ibid.

<sup>79</sup> Cura de Bourg de Péage a Madre St. Félix, 24 de fevereiro de 1893, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>80</sup> Demoiselle Deloche a Madre St. Félix, 20 de março de 1893, Arq. Hist./ RSCM., Caixa 6, Pasta 5.



sacerdotes perseguidos! Escreveram ao Bispo de Cabrières, pedindo-lhe que também intercedesse<sup>81</sup>.

Eventualmente, seria o vigário-geral de Romans que conseguiria suavizar a resistência do bispo. Em meados de março de 1893, o bispo mostrou-se mais aberto, manifestando até um certo interesse em saber mais acerca das Religiosas do Sagrado Coração de Maria<sup>82</sup>.

Obviamente, as *Demoiselles Deloche* ficaram encantadas. Finalmente começavam a ver o seu plano ser bem-sucedido. Sentindo que a sua própria posição estava agora mais segura, decidiram subir o preço de compra da propriedade da proposta inicial de vinte mil para vinte e cinco mil francos. Argumentaram que o valor da instituição aumentara porque em breve seria aberta uma estação de elétrico mesmo em frente da casa, o que também aumentaria o número de inscrições e duplicaria o valor da propriedade. Se não fosse por isso, insistiam, o preço inicial teria, pura e simplesmente, coberto as suas necessidades. Explicaram ainda que a sua intenção inicial fora doar a casa, mas que isso já não era possível devido à sua situação financeira e sua idade. Agora sentiam que não podiam ceder a casa por menos<sup>83</sup>.

Na sua carta seguinte para a Madre St. Félix, foram estabelecidas condições adicionais para a venda. Começando por parecer conciliadoras, as *Demoiselles Deloche* aceitaram que não seria necessário pagar o dinheiro todo de uma vez. Ficariam satisfeitas se recebessem dezassete mil francos no ato da assinatura do contrato de venda e os restantes oito mil francos ao longo de um período de cinco anos, mas com juros à taxa de 4,5 por cento. Além disso, continuariam a residir na casa, pois gostariam de permanecer aí até morrer. Além disso, se o Instituto quisesse vender a casa, teriam direito a metade do

---

<sup>81</sup> Ibid.

<sup>82</sup> Demoiselle Deloche à Madre St. Felix, 20 de março de 1893, Arq. Hist./ RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>83</sup> Ibid.

valor recebido se este fosse superior a trinta mil francos. Se houvesse prejuízos, elas não seriam afetadas<sup>84</sup>.

Estas propostas não pareceram muito justas ao Conselho de Béziers. Eram muito diferentes dos termos acordados no início das negociações. Assim, o conselho decidiu que não aceitaria outras condições além do novo preço de vinte e cinco mil francos<sup>85</sup>. A Madre St. Félix escreveu uma carta muito incisiva às *Demoiselles Deloche*. Explicou que ela e o seu conselho aceitariam o aumento de preço pois não queriam ser injustas, embora a casa valesse menos devido a todas as obras ainda necessárias. As outras condições não eram aceitáveis porque as religiosas não podiam aceitar compromissos que no futuro poderiam ser problemáticos para quem lhes sucedesse. Assim, não aceitaram outras cláusulas, orais ou por escrito, além dos vinte e cinco mil francos, que seriam pagos nos seguintes moldes: doze mil e quinhentos no ato de venda e treze mil ao longo de um período de cinco anos, com juros à taxa de quatro por cento. A Madre St. Félix acrescentou que a estação de elétricos não tinha qualquer interesse para ela. Com efeito, a comunidade preferiria que esse projeto não fosse avante porque “as nossas religiosa são chamadas a viver em recolhimento e silêncio e não querem barulho nem multidões”<sup>86</sup>.

Durante esse período de tempo, o vigário-geral de Romans continuava a tentar convencer o bispo a aceitar as RSCM na diocese e a sua persistência deu fruto. A opinião de Monsenhor Cotton ia evoluindo, sobretudo porque ele não queria pôr em risco a segurança financeira das *Demoiselles Deloche*, a quem admirava por terem dedicado tantos anos à educação católica das gerações mais novas<sup>87</sup>.

---

<sup>84</sup> Demoiselle Deloche à Madre St. Felix, 28 de março de 1893, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>85</sup> M. St. Felix à Demoiselle Deloche, 3 de abril de 1893, Lettres diverses, Caderno 2, 101-102.

<sup>86</sup> Ibid.

<sup>87</sup> Demoiselle Deloche à M. St. Felix, 5 de abril de 1893, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

Entretanto, a pronta e decisiva resposta da Madre St. Félix às novas condições propostas pelas idosas irmãs teve um impacto positivo na situação. Pedindo perdão, as *Demoiselles* Deloche revogaram todas as condições que tinham apresentado "*por influência de outras pessoas*". Pediram-lhe que ignorasse as duas últimas cartas, pois estariam dispostas a aceitar vinte mil francos se doze mil fossem pagos no momento da assinatura e os restantes ao longo de cinco anos com uma taxa de juro de quatro por cento, na condição de poderem permanecer na casa. Se não pudessem ficar, o preço seria de vinte e cinco mil francos pela casa com toda a mobília, funcionários e dependências exteriores<sup>88</sup>.

Por essa altura, o Bispo de Cabrières escreveu a Monsenhor Cotton dando-lhe "*muito boas informações acerca do Instituto, do Sagrado Coração de Maria*"<sup>89</sup>. Uma das *Demoiselles* esperava que a carta resolvesse o impasse. Escreveu que o vigário-geral aproveitara a situação para voltar a falar com o bispo e que, com outros sacerdotes da diocese, o vigário-geral argumentava que chegara o momento da Madre St. Félix escrever uma segunda carta ao bispo de Valence renovando o pedido. Não seria possível por algum tempo falar diretamente com Monsenhor Cotton porque ele estava em visita pastoral a diocese<sup>90</sup>.

Embora ainda sem resposta da casa do bispo de Valence, a Madre St. Félix decidiu contactar de novo Monsenhor Cotton. Voltou a pedir para se encontrar com ele pessoalmente e explicou que as religiosas estavam a espera de algum sinal de aceitação ao por parte dele antes de ousarem visitar Romans<sup>91</sup>. A Madre St. Félix sentia que era importante falar com Monsenhor Cotton. Ela e o seu conselho estavam muito conscientes de que a situação era complexa e decidiram pedir "*um conselho especial*

---

<sup>88</sup> Demoiselle Deloche à M. St. Felix, 5 de abril de 1893, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>89</sup> Demoiselle Deloche à M. St. Felix, 12 de abril de 1893, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>90</sup> Demoiselle Deloche à M. St. Felix, 30 de abril de 1893, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>91</sup> M. St. Felix a Monsenhor Cotton, 4 de maio de 1893, Lettres diverses, Caderno 2, 92-93.

vindo do céu através da oração"<sup>92</sup>, antes de se encontrarem com o bispo. O encontro foi finalmente combinado. A Madre St. Félix trouxe outra carta de recomendação do Bispo de Cabrières. Monsenhor Cotton foi muito cordial, mas não manifestou qualquer disponibilidade para aceitar mais congregações religiosas na sua diocese. O máximo que podia prometer era falar com o seu conselho sobre o assunto e comunicar a decisão por escrito.

No regresso, partilharam com o bispo de Montpellier os detalhes do encontro e redobraram as suas orações a Nossa Senhora e ao Coração de Jesus enquanto esperavam ansiosamente a resposta do bispo. Quando essa resposta chegou, compreenderam como teria sido difícil, para o bispo, tomar essa decisão. O grande número de congregações religiosas já presentes na diocese fazia-o sentir-se inclinado a recusar o pedido vindo de Béziers, mas a admiração que nutria pelo trabalho das *Demoiselles* Deloche e a opinião de todos os que o rodeavam, sendo diferentes da sua, fizeram-no renunciar às suas ideias pessoais. Ele só tinha mais uma pergunta a fazer-lhes: "Quais eram as obras a que elas se dedicariam em Bourg de Péage?"<sup>93</sup>

Apesar da sua aparente hesitação, secretamente Monsenhor Charles Cotton já decidira autorizar o Instituto do Sagrado Coração de Maria a assumir o colégio interno. Durante a sua visita pastoral a Bourg de Péage, visitara a escola e tinha dito às *Demoiselles* Deloche que o assunto estava a evoluir bem e que poderiam dizer à Madre St. Félix para vir. Incapazes de reprimir a sua alegria, as duas irmãs escreveram imediatamente à Madre S. Félix, contando-lhe tudo o que o bispo dissera, e advertindo-a que devia permanecer firme se, por acaso, outras obras lhe

---

<sup>92</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3, 25.

<sup>93</sup> Monsenhor Cotton a M. St. Félix, 20 de maio de 1893, Arq. Hist. /RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

fossem propostas em vez do internato, pois ninguém tinha o direito de limitar o seu zelo<sup>94</sup>.

Mal a Madre St. Félix recebeu a carta de Monsenhor Cotton, agradeceu-lhe, manifestando uma profunda gratidão pela oportunidade que estava a ser aberta para elas na sua diocese. Como lhe fora pedido, comunicou-lhe que o espírito do Instituto era:

*...um espirito iminentemente apostólico; em países de missão, aceitamos todas as obras que possam contribuir para a glória de Deus através da educação das jovens e das crianças, de escolas paroquiais, da educação de adultos, de orfanatos, de colégios internos e externatos, mas, na França, temos apenas orfanatos, um colégio interno e um externato*<sup>95</sup>.

A Madre St. Félix prosseguiu comentando que, se o bispo concordasse, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria assumiriam a direção do colégio interno dirigido pelas *Demoiselles* Deloche em Bourg de Péage e dariam início a um externato e a uma obra de caridade que, ao principio, seria a preparação para a Primeira Comunhão das crianças pobres da paróquia. Mais tarde, se os rendimentos o permitissem, aumentariam o número das obras de caridade. Perguntou em que data poderiam ir para Valence pois gostariam de ter tudo resolvido durante o mês de Maria, a quem tinham redobrado as suas orações<sup>96</sup>. Monsenhor Cotton respondeu-lhe imediatamente<sup>97</sup>. Apesar de estar em visita pastoral e de passar pouco tempo em Valence, marcou um encontro para o dia 2 ou 3 de junho ou, possivelmente, para o dia 5 e 6. A superiora geral não perdeu tempo. Recebeu a carta a 30 de maio e seguiu para Valence com a sua primeira assistente<sup>98</sup> no dia 1 de junho. Como o dia seguinte era a Primeira Sexta-feira, dirigiram-se à catedral

---

<sup>94</sup> Demoiselle Deloche a Madre St. Félix, 26-27 de maio de 1893, Arq.Hist. / RSCM, Caixa 6, Pasta 5.

<sup>95</sup> M. St. Félix a Monsenhor Cotton, 28 de maio de 1893, Lettres diverses, Caderno 2, 94-96.

<sup>96</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3, 26-27.

<sup>97</sup> Monsenhor Cotton a M. St. Félix, 29 de maio de 1893, Arq. Hist. /RSCM, Caixa 6, Pasta 5.

<sup>98</sup> A primeira assistente do conselho da Madre de St. Félix foi a Madre St. Charles MacMullen, por isso, supostamente, terá sido ela que acompanhou a superiora geral a Romans.

para participar na Eucaristia antes de verem o bispo. O encontro correu bem. Monsenhor Cotton recebeu-as de forma muito cordial e conversaram com grande à-vontade acerca das obras, dos projetos futuros e de tudo o que as interessava. Parecia à Madre St. Felix e à sua assistente que o bispo "*estava feliz por as ter aceitado*". Sugeriu-lhes que fossem visitar as *Demoiselles Deloche* para conversar com elas sobre as coisas necessárias que era indispensável fazer a seguir e para marcar uma data para a sua chegada. Seguiram os conselhos do bispo e foram para Bourg de Péage, encomendando algumas peças de mobília de que precisariam imediatamente, tais como camas, mesas e cadeiras e ultimaram tudo com as *Demoiselles Deloche*. O dia 15 de junho foi a data estabelecida para ocuparem o edifício<sup>99</sup>.

Depois de regressar a Béziers a 4 de junho, a Madre St. Félix encontrou-se com o seu conselho para lhes dar informações atualizadas sobre o encontro que tinham tido com Monsenhor Cotton e o encontro seguinte com as *Demoiselles Deloche*. Sentia-se feliz pelo fato da conversa com o bispo ter tido resultados tão positivos. A data da fundação seria a mais conveniente para o Instituto. O preço definitivo seria de vinte e cinco mil francos, dos quais dezessete mil seriam pagos no dia da assinatura, e os restantes oito mil quando possível, sem quaisquer outras taxas. Como a casa precisava de reparações, a data da abertura foi marcada para 21 de junho. Depois de tratados os assuntos práticos, os membros do conselho escolheram as oito religiosas que formariam a primeira comunidade de Bourg de Péage<sup>100</sup>.

O conselho também aprovou planos para alugar a casa adjacente à propriedade Deloche para servir como parte do colégio interno. As *Demoiselles Deloche* já tinham investigado as formas possíveis de alugar essa casa à proprietária, Fanny Juilhet,

---

<sup>99</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3, 28-29.

<sup>100</sup> Estas eram Marie Gabriel Blattes Coste, Madre St. Francois Ruas, Marie Bernard Laffon, Madre St. Paul Robert Malzac, Madre Dominique Kirvan, Madre du Carmel Reilly e Madre Gertrude Crean. A Madre Marie du Sacré Coeur Teixeira foi nomeada superiora. *Deliberations du Conseil*, 4 de junho de 1893.

de modo a não levantar suspeitas por parte dos vizinhos<sup>101</sup>. A casa tinha uma boa fachada e um bonito jardim e só estava separada do outro edifício por um muro. A renda foi acordada em novecentos francos com autorização para fazerem todas as reparações necessárias, incluindo a construção de uma passagem que ligasse as duas casas<sup>102</sup>.

Foi decidido que a Madre St. Félix e a mestra das noviças, Madre Ste. Constance Farret, acompanhariam a comunidade e, depois da propriedade ter sido transferida, seguiriam para Vallon. A casa foi colocada sob a proteção da Virgem Santíssima<sup>103</sup>. Nos dias subsequentes à transferência, porém, ainda era necessário decidir sobre muitos detalhes. As irmãs pediram ao arcipreste, Padre Boucharin, que supervisionasse as obras, mas ele recusou, referindo que as irmãs de outras congregações ficariam surpreendidas se ele se disponibilizasse para essa função<sup>104</sup>. Sugeriu que duas irmãs poderiam viajar mais cedo até Bourg de Péage para garantir que as coisas fossem feitas segundo os seus desejos, e foi isso que aconteceu. Duas irmãs, a superiora e outra acompanhadas pela Madre St. Félix, partiram antes das outras. Agora que a casa era delas, chegara o momento de prepará-la para a abertura da escola. A capela foi a primeira parte da casa a ficar terminada. Foi seguida por outras partes e, pouco a pouco, a casa ficou minimamente pronta para receber as irmãs e as alunas. Havia certas formalidades antes de iniciar as aulas e o inspetor era muito exigente. As obras demoraram mais do que tinha sido previsto e, a 17 de agosto, a comunidade ainda não tinha sido formalmente estabelecida<sup>105</sup>. Apesar disso, as coisas começavam a estar prontas e parecia que tudo tinha sido bem feito.

---

<sup>101</sup> Demoiselle Deloche à M. St. Félix, 5 de abril de 1893, Hist arch. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>102</sup> Fanny Juilhet à Madre St. Félix, 7 de junho de 1893, Arq. Hist. /RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>103</sup> Délibérations du Conseil, 4 de junho de 1893.

<sup>104</sup> Padre Boucharin à Madre St. Félix, (sem data) 1893, Arq. Hist. /RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>105</sup> Demoiselle Deloche à Madre St. Félix, 27 de agosto de 1893, Arq.Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

Não obstante os acordos já feitos, as *Demoiselles* Deloche estavam ansiosas por receber mais dinheiro, pedindo-o constantemente à Madre St. Félix<sup>106</sup>. Quanto à casa Juilhet, a renda só foi acordada a 12 de junho, visto que a proprietária pedira que o documento escrito fosse assinado no mesmo dia da transferência da casa, para ela não ter de ir duas vezes a Romans!

A comunidade deve ter-se mudado algures entre meados de agosto e o início de setembro. A meio de setembro, o bispo já tinha dado autorização para as irmãs terem o Santíssimo Sacramento e, ocasionalmente, Missa na capela<sup>107</sup>. Tais autorizações foram consideradas pela Madre St. Félix um favor da parte de Monsenhor Cotton e isso agradou-lhe muitíssimo. A autorização escrita do bispo foi cordialmente expressa, demonstrando a grande esperança que Monsenhor Cotton nutria pela presença da nova comunidade na diocese:

*Não tenho dúvidas de que nesta casa Nosso Senhor será fielmente adorado, e de que serão elevadas fervorosas orações. Estas serão certamente benéficas não só para as irmãs, mas também para as alunas, para a paróquia e para a diocese no seu conjunto, que, através de tais orações, será abençoada pelas graças de Deus. Desejo sinceramente prosperidade para o vosso estabelecimento educacional e que a perfeição cresça em todas as irmãs<sup>108</sup>.*

Havia dez religiosas na comunidade, mas estas ainda não tinham capelão. Pensando que o número de pessoas na casa já o justificava e preocupada que as irmãs, sendo de semiclausura, tivessem de sair para participar na Eucaristia, a Madre St. Félix consultou o pároco e, com o seu acordo, escreveu ao bispo

---

<sup>106</sup> Demoiselle Deloche à Madre St. Félix, 12 de junho de 1893 e 21 de julho de 1893, Arq. Hist./ RSCM., Caixa 6, Pasta 5.

<sup>107</sup> Madre St. Félix a Monsenhor Cotton, 18 de setembro de 1893, Lettres diverses, Caderno 2, 97-98.

<sup>108</sup> Monsenhor Cotton à Madre St. Félix, 19 de setembro de 1893, Arq. Hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 5.



pedindo-lhe que nomeasse um capelão<sup>109</sup>. Na ausência do bispo, foi o vigário-geral que recebeu a carta e arranjou um capelão que lhe pareceu adequado<sup>110</sup>.

Os tempos na França estavam difíceis, mas o Instituto do Sagrado Coração de Maria conseguiu, finalmente, consolidar a sua presença no seu país natal. Os amigos felicitaram-nas. Entre estes contava-se o Abbé Jean de Fontfroide, que escreveu à Madre St. Charles MacMullen através do Padre Marie Etienne: "*Diga-lhes quão calorosamente partilho a sua alegria quanto às boas notícias acerca das duas fundações possíveis*"<sup>111</sup>. A 14 de agosto, o Padre Marie Xavier de Fontfroide felicitaria também a Madre St. Félix: com grande satisfação tinham recebido a notícia de que as duas fundações possíveis na França se tinham tornado realidade<sup>112</sup>.

---

<sup>109</sup> Madre St. Félix a Monsenhor Cotton, 26 de outubro de 1893, Lettres diverses, Caderno 2, 98-100.

<sup>110</sup> Padre Colomb é Madre St. Félix, 31 de outubro de 1893, Arq. Hist. /RSCM, Caixa 6, Pasta 5. O capelão receberia 1800 francos e alojamento.

<sup>111</sup> Padre Etienne à Madre St. Charles, 7 de julho de 1893. Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 93.

<sup>112</sup> Padre M. Xavier é Madre St. Félix, 14 de agosto de 1893, Arq.Hist./Cong., Vol. II-F, 93.



## A CONSOLIDAÇÃO DAS NOVAS FUNDAÇÕES NA FRANÇA E EM PORTUGAL

**1894 — 1896**

Foi uma grande alegria ter três novas fundações em dois anos, duas das quais na França. Ao mesmo tempo, porém, isso requeria criatividade da parte das superiores responsáveis pelo Instituto; tinham de encontrar os recursos humanos e financeiros necessários para essas fundações.

As novas obras requeriam comunidades estáveis que estivessem devidamente preparadas para o que fosse necessário nos novos locais. Além disso, em breve se descobriu que os edifícios iniciais eram inadequados para o desenvolvimento das obras. Por conseguinte, depois das fundações iniciais terem sido adquiridas, uma segunda fase teve de ser inaugurada, uma fase que apelava à construção de edifícios para possibilitar a expansão das atividades das irmãs. Finalmente, na França, e eventualmente em Portugal, o ambiente político ia-se tornando cada vez mais hostil e, à medida que os anos avançavam, as irmãs tiveram de lutar para manter uma certa continuidade em relação àquilo que tinham fundado.

### **Vallon**

Muito em breve, após a fundação inicial em Vallon, em julho de 1893, as superiores começaram a procurar propriedades anexas onde construir. Ao fim de várias tentativas, descobriram um terreno com cerca de dez acres (quatro hectares) de superfície<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Ver correspondência de Sylvain Bartre à Madre St. Felix, 13, 20, 29 de julho de 1893, e a resposta da Madre St. Felix a Sy[vain Bartre, 7 de agosto de 1893, Arq.Hist./ RSCM, Caixa 6, Pasta 6.

Situado na zona considerada a mais baixa da cidade, mas, ao mesmo tempo, no campo, esse terreno estava cercado por um muro e tinha algumas pequenas dependências anexas para a família que se responsabilizasse por lavrar a terra e, eventualmente, pela colheita. No local seria construído um bonito edifício, adequado para o orfanato, e uma linda capelinha. O preço final era de vinte e cinco mil francos, a pagar ao longo de um período de dois ou três anos<sup>2</sup>. Os papéis foram assinados em nome de "*Marie Valgalier, professora*", também conhecida por Madre Emmanuel Valgalier, RSCM, superiora da comunidade de Vallon<sup>3</sup>. Quando informados das perspectivas para Vallon, os membros do conselho da Casa Mãe aprovaram todos os passos dados pela Madre St. Félix e ficaram contentes pela forma como a situação estava a evoluir. Também aprovaram os planos para comprar outro terreno anexo à propriedade de Vallon. Era grande e perfeito para construir, estando à venda por apenas dezoito mil e quinhentos francos<sup>4</sup>.

As obras começaram na festa de S. José, em 1896. À medida que a construção avançava, a Casa Mãe ia cobrindo as despesas. O pavilhão, que tinha uma linda capela com uma grande cruz interior talhada na pedra, foi inaugurado em abril de 1897. Tanto a Madre St. Félix como a Madre St Thomas Hennessy viajaram de Béziers para estarem presentes na cerimônia<sup>5</sup>.

As obras de Vallon, considerada a primeira fundação da França, iam evoluindo. No *Petit Historique* de 1898, a Madre St. Félix explicou que, nessa altura, a pequena comunidade era formada por duas irmãs de coro e três irmãs coadjuvas, mas, ao ver como progrediam as duas obras empreendidas em Vallon, o orfanato e o *ouvrier* ou oficina, predisse que o número de religiosas em breve aumentaria, concluindo: "*Estas duas obras*

---

<sup>2</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3,23.

<sup>3</sup> Madre St. Félix a Sylvain Bartre, 7 de agosto de 1893 e Sylvain Bartre à Madre St. Félix, 14 de agosto de 1893, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 6, Pasta 6. Para despesas relacionadas com a fundação de Vallon, ver Arq. Hist. / RSCM, Caixa 12, Pasta 1.

<sup>4</sup> Deliberations du Conseil, 8 de dezembro de 1893.

<sup>5</sup> Madre St. Felix, Notes, Caderno 3, 24.

são muito promissoras para o bem-estar das jovens da vizinhança"<sup>6</sup>.

## **Bourg de Péage**

O internato, anteriormente dirigido pelas *Demoiselles Deloche*, também cresceu. Em outubro de 1893, já havia trinta alunas internas e externas, sendo óbvio que esse número ia aumentar. Contudo, as religiosas em breve descobriram que não seria possível admitir mais alunas visto que o estado precário dos edifícios dissuadiria algumas famílias de nele inscreverem as suas filhas. Quando um terreno com dezessete acres e meio de superfície foi posto à venda, as RSCM interessaram-se por ele. O terreno e a propriedade nele existente foram avaliados em cem mil francos, com a possibilidade de se fazer um pagamento inicial e de pagar o resto em prestações ao longo de um período de dez anos. Foi decidido que a aquisição dessa propriedade seria essencial se quisessem desenvolver e alcançar os objetivos da escola<sup>7</sup>.

A propriedade foi comprada. Chamava-se *Le Clos* e estava situada na Rua Pisangon, em Bourg de Péage. A propriedade continha uma casa grande e elegante, com estábulos, cocheiras, alpendres, pátios, jardins, lagos, fontes, pavilhões, terras cultivadas e vinhas, fazendo tudo parte de uma propriedade murada. No ano seguinte, foram traçados os projetos para o novo colégio interno por um arquiteto que fora sugerido pela diocese<sup>8</sup>. O edifício, depois de iniciado, avançou a bom ritmo. No mês de abril de 1894, já foi possível proceder à bênção da zona de entrada, mas Monsenhor Cotton não pôde estar presente devido aos seus inúmeros compromissos. A cerimônia teve lugar, apesar de tudo, e, para grande satisfação da

---

<sup>6</sup> Petit Historique 1898, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 18, Pasta 1.

<sup>7</sup> Madre St. Félix a Monsenhor Cotton, 26 de outubro de 1893, Lettres diverses, Caderno 2, 98-100. Ver também Délibérations du Conseil, 21 de novembro de 1893.

<sup>8</sup> J. C. Pascal à Madre Supeiora, 30 de abril de 1894 e padre Colomb à Madre St. Félix, 6 de maio de 1894, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 6, Pasta 5.

comunidade, o Padre Colomb, capelão e "nomeado superior da casa", aceitou presidir, na ausência do bispo<sup>9</sup>.

A vida na escola ia correndo bem. A casa estava cheia, e havia um ambiente saudável e alegre que criava uma "excelente impressão" em todos aqueles que a visitavam. O Padre Colomb costumava visitá-la com a maior frequência possível, e ficava sempre encantado com a forma como tudo decorria<sup>10</sup>. Entretanto, para custear as despesas finais do edifício, teve de se contrair um empréstimo junto do banco agrícola<sup>11</sup>. Para dar a garantia necessária ao banco, foi negociada uma hipoteca sobre a parte do edifício que já fora construída (rés-do-chão e primeiro andar) e sobre um pedacinho de terreno situado do outro lado da rua<sup>12</sup>.

Passados três anos, o edifício estava pronto para ser ocupado. Tinham sido utilizados bons materiais na construção, que fora muito cuidada<sup>13</sup>. Toda a gente parecia satisfeita, sobretudo as famílias. A abertura oficial teve lugar em 1897, com uma Missa Solene em que, mais uma vez, tanto a Madre St. Félix como a Madre St. Thomas Hennessy estiveram presentes<sup>14</sup>.

Padre Colomb não pudera assistir à abertura como desejara, visto que, em junho de 1896, fora nomeado bispo de Evreux e, por conseguinte, teve de desistir da sua nomeação como "superior da comunidade"<sup>15</sup>.

---

<sup>9</sup> Bispo de Valence à Madre St. Félix, 20 de maio de 1894, e Madre St. Félix ao Bispo de Valence, 20 de maio de 1894, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 6, Pasta 5; Padre Colomb à superiora, 3 de abril de 1895, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 6, Pasta 5. Não é claro o que implicava o seu papel como "superiora". Poderia significar "delegada do bispo" na sua responsabilidade por cada uma das comunidades religiosas da sua diocese. Não se pretendia substituir a autoridade da superiora local das RSCM.

<sup>10</sup> Padre Colomb à superiora, 30 de abril de 1895, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 6, Pasta 5.

<sup>11</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3, 25-33.

<sup>12</sup> Ver Ato de assinatura da hipoteca, 6 de novembro de 1895, Béziers, Archives of the Motherhouse.

<sup>13</sup> Padre Colomb à Madre St. Félix, 29 de janeiro de 1896, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 6, Pasta 5.

<sup>14</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3, 25-33.

<sup>15</sup> Padre Colomb à Madre St. Félix, 8 de junho de 1896, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 6, Pasta 5. Foi nomeado outro sacerdote, mas desconhece-se o seu nome.

Comentando esta fundação no Petit Historique de 1898, a Madre St. Félix explicou que havia dezesseis irmãs na comunidade, dez irmãs de coro e seis irmãs coadjuvadoras, e acrescentou: *"Esta fundação parece destinada a uma grande prosperidade. No momento presente, dirige um colégio interno e um externato onde as melhores famílias locais gostam muito de colocar os seus filhos"*<sup>16</sup>.

## **A Casa Mãe**

A comunidade da Casa Mãe seguia o desenvolvimento das duas novas fundações da França com orgulho. O estado de espírito francês era elevado e havia um sentimento de vida renovada enquanto estas e outras fundações iam sendo criadas. Ao mesmo tempo, porém, também se começava a sentir a necessidade de mais espaço para as várias obras da Casa Mãe.

No início da década de 1890, as congregações religiosas na França gozaram de um breve período de "apaziguamento" por parte do ministério da educação. O Papa Leão XIII introduzira políticas destinadas a evitar o antagonismo entre as forças anticlericais na França. Como resultado, não tinha havido nenhum aumento das leis antirreligiosas relacionadas com a educação, mas também não tinha havido mudança naquelas que já existiam; estas continuavam a ser aplicadas com vigor, por isso os católicos deviam usar de prudência.

Em Béziers, cidade com tendências esquerdistas, os católicos não tinham força suficiente para exercer muita influência sobre os assuntos municipais e isso teve um impacto sobre as prioridades orçamentais e educacionais do município. Por exemplo, o Conselho Municipal deu uma ajuda tanto financeira como moral à nova escola municipal feminina de Béziers. Embora inicialmente essa escola nem sequer fosse proprietária do respetivo edifício<sup>17</sup>, tinha uma grande lista de alunas inscritas

---

<sup>16</sup> Petit Historique 1898, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 18, Pasta 1.

<sup>17</sup> Délibérations du Conseil Mun. de Béziers - na sessão de 4 de fevereiro de 1891, decidiu-se manter o aluguel, porque não era possível construir; sessão de 3 de julho de 1892, decidiu-se apresentar os projetos de construção da escola o mais rapidamente possível ao Ministro da Instrução Pública. Ver Arq. Hist. / RSCM, Caixa 20, Pasta 20.

e oferecia programas populares, como um nível avançado de costura, além de disciplinas teóricas<sup>18</sup>. Embora o Conselho Municipal apoiasse esse estabelecimento escolar, opunha-se ao ensino ministrado por congregações religiosas e aos colégios internos e externatos católicos, atacando-os até como fonte de males educacionais. Assim, o colégio interno das RSCM de Béziers não recebeu qualquer ajuda municipal<sup>19</sup>.

Apesar dessa falta de apoio financeiro, como o colégio interno tinha licença para dar aulas, não fora ameaçado e as inscrições tinham-se mantido. No entanto, depois de se ter organizado uma campanha para desincentivar as famílias de confiar a educação das suas filhas a congregações religiosas, houve anos em que as inscrições no colégio interno não aumentaram. As irmãs estavam sempre com medo de não terem um número suficiente de alunas para dar início ao ano letivo. O que as mantinha numa boa posição, porém, era o bom nome que a escola tinha devido à excelente preparação que as alunas recebiam. Havia uma grande preocupação, por parte do Estado, em melhorar a educação das jovens, e as escolas católicas tinham de trabalhar muito mais para granjearem credibilidade. Por conseguinte, havia necessidade de melhorar a infra-estrutura educacional do colégio interno das RSCM de tal modo que pudesse rivalizar com a escola municipal ou até ultrapassá-la. O programa do colégio interno incluía preparação para concorrer aos exames oficiais, mas essa preparação fazia-se sem negligenciar uma sólida formação em valores humanos e de fé. A educação da fé continuava a ser uma forte característica do colégio interno.

---

<sup>18</sup> Délibérations du Conseil Mun. de Béziers - na sessão de 10 de outubro de 1890, decidiu-se criar uma oficina de costura mais profissional na escola feminina. Ver Arq. Hist. / RSCM, Caixa 20, Pasta 20.

<sup>19</sup> Délibérations du Conseil Mun. de Béziers — na sessão de 30 de dezembro de 1893 e de 25 de janeiro de 1895, rejeitou-se completamente a possibilidade de subsidiar escolas gratuitas das irmãs. Arq. Hist. / RSCM, Caixa 20, Pasta 20.



Em 1892, foi promulgada uma nova lei relacionada com orfanatos<sup>20</sup>. O dia devia ser dividido em segmentos de trabalho, aulas e repouso, consoante a idade. As crianças até treze anos tinham de ter horas suficientes de instrução primária, e só podiam ter três horas de trabalho. Assim, no orfanato do Sagrado Coração de Maria de Béziers, as aulas tinham lugar de manhã, entre as oito e meia e as dez horas, seguidas por trabalho até às onze e depois recreio e almoço. À tarde, havia recreio até à uma, seguido por aulas com dois intervalos de trabalho entre as duas e as três e entre as cinco e as seis, seguindo-se meia hora de recreio. As jovens a partir dos treze anos de idade, inclusive, só tinham trabalho, com início às sete da manhã e terminando às sete da tarde, com um intervalo de almoço. Estas jovens trabalhavam cerca de dez horas por dia<sup>21</sup>.

Em 1895, foi este o horário seguido pelos dois orfanatos existentes, que continuou a ocupar setores separados dentro da Casa Mãe. O trabalho feito nos dois orfanatos também era muito diferente. Enquanto as meninas do orfanato júnior se concentravam nos bordados, as crianças mais velhas do outro orfanato (a antiga Preservação) focavam-se na costura. Quando necessário, e consoante as idades, as crianças por vezes também trabalhavam na vinha<sup>22</sup>. No Capítulo Geral de 1896, porém, tomou-se a decisão de combinar os dois orfanatos, integrando todas as atividades; a única distinção mantida seria a da idade e não a da classe social<sup>23</sup>. A Madre St. Anselme Ribo assumiria a responsabilidade pelo orfanato.

As irmãs Oblatas continuavam a dar assistência ao orfanato<sup>24</sup>. As irmãs Oblatas de Maria<sup>25</sup>, como eram oficialmente chamadas,

---

<sup>20</sup> Lei de 2 de novembro de 1892, Ver Orphelinates Sacré Coeur de Marie à Béziers 1900, Arq. Hist./Cong., Vol. IV-A, 25.

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> Maynard, 53.

<sup>23</sup> Capítulo geral de 1896, 98 Sessão de 24 de setembro de 1896, Arq.Hist. / RSCM, Caixa 190, Pasta 4.

<sup>24</sup> Ver declarações feitas por testemunhas: irmã Adelaide Bousquet, Arq.Hist. /Cong. Vol IV — A, 26; Irmã Madeleine Bousquet, Proc. ap. 2608; Irmã Plácida Chaulmey, Proc. ap. 2595-96.

<sup>25</sup> Monsenhor Le Courtier tinha-as obrigado a mudar o nome de ordem Terceira de Irmãs da Virgem para Irmãs Oblatas de Maria em 1873. Ver Maynard, Inquisitio, N2 7,428.

continuavam a viver separadas das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Segundo a sua vocação, consagravam-se, ofereciam-se e dedicavam-se a Maria, cujas virtudes prometiam imitar. Faziam votos anualmente. Em 1898, a madre St. Sylvestre Harrington, em representação da Madre St. Thomas Hennessy, superiora da Casa Mãe, foi incumbida de tudo o que se relacionava com as Oblatas. A principal missão destas continuava a ser o cuidado do vestuário de toda a casa e o trabalho nas vinhas. O seu capelão era o padre Maynard<sup>26</sup>.

A medida que se aproximava o fim do século, começava a dar-se uma clara mudança de época, e os requisitos de conforto e de tecnologia afetavam todos os níveis de vida. Desde 1895 até ao fim do século, a cidade de Béziers entrou num período de rápida modernização. As antigas praças públicas desapareceram, tendo sido construídos edifícios destinados a sublinhar a grandeza da cidade. As comunicações melhoraram grandemente graças a uma ligação direta de trem entre Béziers e Paris. Reconhecendo tais mudanças, bem como as decorrentes do aumento do número de religiosas na comunidade e no noviciado e a reestruturação das "obras" do Instituto, a Madre St. Félix e o seu conselho decidiram que chegara o momento de alargar a Casa Mãe e de proceder imediatamente às obras de restauração absolutamente indispensáveis. Tais obras, supervisionadas pelo arquiteto da cidade<sup>27</sup> e iniciadas em 1894, terminaram em 1896, mas as despesas tinham excedido as previsões financeiras.

Assim, foi necessário hipotecar a casa de Bourg de Péage e também a de Vallon<sup>28</sup>. Isso também impossibilitou a Casa Mãe de assumir uma quota importante no pagamento de uma dívida

---

<sup>26</sup> Ibid.

<sup>27</sup> O homem encarregado das obras foi o Sr. Cros, e o arquiteto foi o Sr. Dufour. Para mais detalhes acerca destas obras de renovação na Casa Mãe, ver Reparations Maison Mere, 4, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 12, Pasta 4.

<sup>28</sup> Ibid.

imprevista em que incorrera a superiora da comunidade de Lisburn<sup>29</sup>.

### **Trasladação do corpo de Gailhac**

Uma das mudanças da Casa Mãe que deleitou toda a comunidade foi a trasladação do corpo de Gailhac para a Casa Mãe. Ele fora enterrado no cemitério de Béziers, a pouca distância da Casa Mãe, no túmulo em que todas as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, que tinham falecido em Béziers, eram e ainda hoje são enterradas. A certa altura, Gailhac seria sepultado dentro da própria Casa Mãe; antes disso, porém, certas condições tinham de ser satisfeitas.

A Madre St. Félix estava ciente dos termos do decreto municipal, datado de 1 de julho de 1875, que permitia a trasladação dos restos mortais ao fim de cinco anos, se o defunto o tivesse especificamente pedido, se o novo local estivesse de algum modo em dívida para com ele e se a autorização tivesse sido concedida pelo presidente da câmara de Béziers. Assim, a 23 de janeiro de 1895, a Madre pediu formalmente a trasladação do corpo do Padre Gailhac logo que possível<sup>30</sup> e, a 28 de janeiro, o presidente da câmara de Béziers deferiu o seu pedido<sup>31</sup>.

Em carta não datada dirigida a *Monsieur* Lagarrigue, homem que apoiara a sua petição, a Madre St. Félix agradeceu-lhe por ter dado os passos necessários junto do presidente da câmara da cidade, para permitir a comunidade trasladar os restos mortais de Gailhac para a Cripta na Capela Redonda da Casa Mãe. Descreveu pormenorizadamente a *Monsieur* Lagarrigue a pequena cerimônia de exumação que tivera lugar a 4 de fevereiro de 1895. Tudo se tinha desenrolado serenamente. As nove horas fora cantada uma Missa de requiem presidida por

---

<sup>29</sup> Para saber mais sobre esta dívida imprevista, ver Connell, *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, Vol. 3, 90-95.

<sup>30</sup> Madre St. Félix ao Presidente do Conselho Municipal, 20 de janeiro de 1895, *Lettres diverses*, Caderno 2, 107-108, Arq. Hist. / Cong. II-D, 95

<sup>31</sup> Ver autorização do Presidente da Câmara (sinatura ilegível), 28 de janeiro de 1895, Arq. Hist./Cong. Vol. I-B, 79.

*Monsieur l'Abbé Guirauden, tendo concelebrado com ele cinco sacerdotes idosos, amigos de Gailhac. O Padre Maynard tinha conduzido as orações fúnebres. Depois da Missa, as religiosas e todo o pessoal da casa puderam permanecer junto da urna do seu venerado pai até depois das três da tarde. Teve então lugar a cerimônia religiosa do funeral na presença de vinte dos membros mais velhos da comunidade, tanto irmãs de coro como irmãs coadjuadoras. Ficaram todas profundamente comovidas enquanto assistiam à entrada da urna na parede, junto es urnas de Eugène Cure e da Madre St. Jean Cure Pellissier. Na sua carta, a Madre St. Félix garantia a Monsieur Lagarrigue que, devido ao seu papel nessa ocorrência, ele nunca seria esquecido nas orações da comunidade. E continuava: "Antes das quatro da tarde, estava tudo terminado, mas nós agora temos o nosso tesouro. Ele está ali, dentro das paredes da nossa capelinha! Oh! Merci, merci, merci, monsieur"*<sup>32</sup>.

## Chaves

Enquanto as novas fundações da França se expandiam, e a própria Casa Mãe estivesse a renovar o seu espaço e os ministérios desde há muito estabelecidos, a comunidade de Chaves começava a confrontar-se com dificuldades inultrapassáveis. Gailhac animara a primeira comunidade de Chaves, quando, algumas semanas depois da sua chegada, lhe escrevera: *"Uma única alma salva é uma grande obra aos olhos de Deus, mas recuperar uma população inteira para a prática das virtudes cristãs, para melhor compreender o espírito de Jesus Cristo, para imitar a vida perfeita desse admirável modelo, significa suscitar alegria entre os anjos e todos os santos!"*<sup>33</sup>

A comunidade tinha enfrentado muitos desafios desde os seus primórdios. Houvera dificuldades com Maria Rita Joaquina

---

<sup>32</sup> Madre St. Félix a M. Lagarrigue, n.d., Lettres diverses, Caderno 2, 109-112, Arq. Hist./Cong., Vol. II-D, 95. Para uma descrição completa da trasladação, ver o proces-verbal de /'exhumation et de la translation des restes du Rev. P. Gailhac incluído na biografia de Gailhac (1947) 138-139.

<sup>33</sup> Gailhac à Madre St. Liguori, GS/15/I/86/A.

do Carmo, a antiga abadessa do convento, que as convidara para Chaves. O Padre Eigenmann descrevera a situação sem rodeios na sua carta dirigida à Madre St. Félix: "Sem dúvida, só se desenvolverá, como necessário, após a morte da madre abadessa, mas esse protelamento é permitido pela Providência"<sup>34</sup>. No seu relato posterior dos primeiros tempos em Chaves, a Madre Maria de Chantal explicou que como a abadessa era muito idosa e estivera desligada de certas realidades da vida durante sessenta anos, não podia entender as dificuldades da gestão de uma escola num convento arruinado e, portanto, não dava à nova comunidade quaisquer recursos, para esta levar por diante a missão para a qual a convidara<sup>35</sup>.

As religiosas conseguiram abrir um externato em Chaves e atrair algumas alunas internas, mas quando pediram à abadessa uma sala adicional do antigo convento onde pudessem abrir uma escola para a educação das crianças pobres da cidade, ela começou por recusar e a Associação, proprietária e administradora legal do convento, também demorou a libertar o espaço. Passaram dois anos antes de a comunidade ter podido realizar o seu plano de abrir aquela escola para as meninas pobres de Chaves. Contudo, em 1888, oitenta crianças já estavam a ser educadas na referida sala. Quando a Madre St. Félix e a Madre St. Liguori visitaram a fundação de Chaves, em 1892, a superiora geral observara: "Há uma grande vinha para cultivar nesta cidade onde encontramos tão pouca religião e tão grandes a busos"<sup>36</sup>.

Durante algum tempo, foi esse sentido de "grande colheita" que permitiu à comunidade de Chaves ultrapassar muitos obstáculos. A certa altura, porém, os obstáculos tornaram-se demasiado grandes. Chaves era considerada "terra de missão", o que implicava que os membros do clero eram poucos e tinham sido insuficientemente formados no seminário. Como resultado

---

<sup>34</sup> Eigenmann à Madre St. Felix, 20 de maio de 1886, Arq. Hist./Cong., Vol. II-F, 174.

<sup>35</sup> Por Caminhos Não Andados, 186-187. 81

<sup>36</sup> Ibid., 186-191.

disso, a comunidade religiosa em breve começou a sentir falta de apoio espiritual, o que viria a ser uma grande preocupação para as superiores. A comunidade também sofria por falta de pessoal e por causa do frio extremo sentido no inverno no convento meio em ruínas<sup>37</sup>.

Pouco a pouco, foi-se desenvolvendo um tipo de obstáculo diferente. Em 1892, um movimento anticlerical criou raízes em Chaves. Em breve, os membros da Associação regente começaram a mudar e a sua atitude frente às religiosas dividiu-se. Alguns permaneceram fiéis à comunidade, outros, porém, iam-se tornando cada vez mais hostis e ameaçadores em relação à ideia de ter religiosas na escola. Em fevereiro de 1894, a Madre St. Félix e a Madre St. Liguori voltaram a empreender a difícil viagem até Chaves, para tentarem reconciliar as diferenças. À luz das ameaçadoras influências maçónicas da Associação e da cidade, e da ausência de apoio espiritual para a comunidade, as superiores tomaram a decisão de que a comunidade deixaria Chaves<sup>38</sup>. A Madre de Chantal descreve assim a triste partida:

A situação tornara-se demasiado difícil. Outras razões [também] — dificuldades de ordem material e espiritual, a dolorosa e longa viagem sempre que era necessário ir a Braga ou ao Porto — também devem ter pesado na decisão das superiores. Quando da última visita, 28 de fevereiro de 1894, a Madre St. Félix (acompanhada pela Madre St. Liguori) decidiu a partida da comunidade. Não foi sem que o coração das religiosas ficasse despedaçado — como não havíamos de sofrer pelo abandono de tão bela messe?<sup>39</sup>.

## Viseu

Os sentimentos anticlericais também continuavam presentes em Viseu. Em 1894, apareceram na imprensa alguns artigos

---

<sup>37</sup> Connell, *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, Vol. 3, 126-128

<sup>38</sup> *Ibid.* Madre St. Félix está enganada quando, anos mais tarde, escreve dizendo que a comunidade de Chaves foi transferida para Viseu em 1892. Ver Madre St. Félix, *Notes*, 4.

<sup>39</sup> *Por Caminhos Não Andados*, 197. Maynard, provavelmente com base nas *Notes* da sua irmã, afirma que a fundação foi fechada em 1892, para que as religiosas pudessem abrir outra fundação em Viseu, mas a data de 1894 é muito mais certa. Ver Maynard, 181.

antagônicos, denunciando as ilegalidades cometidas pelas autoridades ao permitir que os diretores do antigo convento abrissem a escola. Diziam que as religiosas tinham arruinado aquela casa. Isso não era verdade, visto que todas as alterações tinham sido acordadas entre a priora e o Cónego Matos. Confrontado com esses ataques, o governador civil decidiu visitar a casa e ver com os seus próprios olhos o que estava a acontecer<sup>40</sup>. Falou com a antiga priora e com as crianças que lhe faziam companhia e percebeu que aquelas queixas tinham sido apenas uma maldosa manobra anticlerical.

Devido à campanha negativa na imprensa, foi formada uma associação para defesa das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Essa associação era composta por D. Maria de Jesus Lemos, Maria José Correia de Carvalho, D. Eduarda Queiroz e Emília Chaves. Todas elas concordaram em "assumir todas as responsabilidades pelas mudanças no convento"<sup>41</sup>.

No fim do segundo ano acadêmico, já foi possível expor o trabalho feito pelas alunas. Uma exposição pública do seu trabalho decorreu de 4 a 6 de outubro de 1894. O jornal relatou o evento, descrevendo o estilo e a perfeição do trabalho (que consistia em flores artificiais, pinturas e bordados), comentando a competência das professoras e registando os nomes de muitas alunas que tinham exposto o seu trabalho. O artigo terminava afirmando que a academia fundada pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria tinha respondido a uma das principais necessidades da região e estava a beneficiar a educação das jovens sob muitos aspectos<sup>42</sup>.

Este artigo positivo não significava de modo algum que a perseguição tivesse diminuído da parte dos liberais; pelo contrário, refletia o fato de que a comunidade se estava a estabelecer mediante o bem que ia realizando. Em 1894, por exemplo, foi aberta uma escola gratuita, anexa à academia, e a

---

<sup>40</sup> Ver O Comércio de Viseu, 15 de agosto de 1894.

<sup>41</sup> Ibid.

<sup>42</sup> Ver O Comércio de Viseu, 14 de outubro de 1894.

Irmã Alphonsina começou a ensinar as crianças pobres inscritas na primária<sup>43</sup>. Essa fidelidade ao desejo de Gailhac — de que os pobres recebessem educação — deve ter agradado à Madre St. Félix e à Madre St. Liguori, quando estas visitaram a comunidade, ao regressar de Chaves, em março de 1894<sup>44</sup>. A nível religioso, segundo os relatos noticiosos, muitos habitantes de Viseu sentiam-se inspirados pela comunidade e pelas alunas que celebravam devoções marianas durante o mês de maio, e atraídos pelos bonitos cânticos e pelo fervor que pairava no ambiente<sup>45</sup>.

Em 1895, a Arquiconfraria de Santo Antônio, uma organização piedosa que beneficiava muitas pessoas de várias classes sociais da cidade, à qual pertenciam a Rainha Dona Amélia e os príncipes, pediu para realizar as suas reuniões e celebrações religiosas na escola. Ainda antes de pedir autorização ao governo, a superiora, Madre da Eucaristia, pôs à sua disposição o local. A Arquiconfraria respondeu formalmente dizendo que estava muito grata e que pedia a Deus que desse uma longa vida à respeitável diretora da escola. Tal aceitação foi apresentada a 9 de junho de 1895. A licença oficial do governo só foi dada a 9 de dezembro de 1897, data em que as irmãs já se tinham mudado para outro edifício!<sup>46</sup>

Em 1896, a Madre St. Félix, acompanhada pela Madre St. Liguori, fez nova visita a Viseu<sup>47</sup>. A 12 de junho do mesmo ano, a Rainha D. Amélia voltou a visitar a escola. Desta vez, a sua visita não passou despercebida aos olhos da imprensa. O jornal relatou a visita como um acontecimento importante, descrevendo detalhadamente o cenário: as alunas, vestidas de branco, alinharam-se na escadaria enquanto Sua Majestade passava. As religiosas também a esperavam. Na sala, havia um trono

---

<sup>43</sup> Ibid. Ver também *Por Caminhos Não Andados*, 232.

<sup>44</sup> *Jornal de Braga*, como citado em *Por Caminhos Não Andados*, 218.

<sup>45</sup> *O Comércio de Viseu*, 9 de maio de 1895.

<sup>46</sup> *Por Caminhos Não Andados*, 223-224.

<sup>47</sup> Ibid., 218.



adornado com seda azul e branca, para a rainha se sentar<sup>48</sup>. Dizem que, quando a Madre Maria da Eucaristia pediu à rainha para se sentar nesse lugar de honra, ela recusou, dizendo à superiora: "*Eu sou a esposa do Rei de Portugal, mas a Madre é a esposa do Rei dos Reis*"<sup>49</sup>. Segundo o artigo do jornal, as alunas apresentaram então um programa em honra da rainha, com um discurso em francês, a execução de a *Tarantela*, de Schubert, e, no fim, a oferta à rainha de uma linda coroa de flores artificiais que tinham feito<sup>50</sup>.

O ano letivo terminou com uma celebração solene que incluiu a distribuição de prêmios habitual em todas as escolas do Sagrado Coração de Maria. Um jornal católico descreveu a celebração, em agosto de 1896, como tendo sido linda, imponente e magnífica! Na mesma edição, o jornal avisava que o movimento anticlerical e os perseguidores da religião queriam atacar a academia de Viseu, mas não tinham sido bem-sucedidos nos seus planos de difamação porque a boa liderança da escola tinha preparado um terreno excelente para a educação religiosa, moral, civil, literária e artística<sup>51</sup>. Passados três anos, porém, haveria uma mudança de liderança, e a Madre Maria da Eucaristia, fundadora da academia de Viseu, seria enviada para o Porto como superiora.

## O Capítulo Geral de 1896

O terceiro Capítulo Geral das Religiosas do Sagrado Coração de Maria teve lugar em 1896, e onze sessões desse capítulo foram realizadas entre 20 e 29 de setembro. A Madre St. Félix convidara o Bispo de Cabrières para presidir ao Capítulo, mas ele respondera que não poderia estar presente entre 2 de setembro e 15 de outubro<sup>52</sup>. Pensando que não seria possível mudar de

---

<sup>48</sup> O Comércio de Viseu, 14 de junho 1896.

<sup>49</sup> Vidas Vivas, 193.

<sup>50</sup> O Comércio de Viseu, 14 de junho de 1896.

<sup>51</sup> Revista Católica, 15 de agosto de 1896.

<sup>52</sup> Madre St. Félix a Monsenhor de Cabrières, [sem data, Lettres Diverses, Caderno 2, 113-114, Arq. Hist. / Congr., Vol. II — D, 95.

planos porque as superiores das comunidades teriam dificuldade em alterar as datas de partida que já tinham sido marcadas, a Madre St. Félix pediu ao bispo para nomear alguém que o representasse. Ela sugeriu o arqui-diácono Bousquet, que conhecia bem o Instituto. O Bispo de Cabrières não concordou com isso, porém, e optou por mudar ele os seus planos, vindo presidir pessoalmente ao Capítulo nas datas originalmente planeadas<sup>53</sup>.

As onze sessões do Capítulo dividiram-se em duas partes. A primeira parte consistiu na leitura da versão final das Constituições, que depois foram aprovadas por unanimidade pelo Capítulo Geral. Foi decidido imprimir cinquenta cópias, doze das quais fariam parte do *dossier* a enviar para a Santa Sé. Até as Constituições receberem aprovação formal de Roma, duas cópias seriam enviadas a cada comunidade para estudo das irmãs. Cada comunidade deveria participar nas despesas de impressão<sup>54</sup>.

Durante a segunda parte do Capítulo, a começar na tarde de 21 de setembro, as delegadas detiveram-se a *"refletir sobre assuntos importantes do Instituto relacionados com o bem geral da Congregação e das suas obras"*<sup>55</sup>. Ao que parece, porém, tal como sucedera no Capítulo de 1891, a maior parte das sessões foi dedicada a tentar manter a unidade do Instituto mediante uma uniformidade regulamentada. Só em duas sessões (a quarta e a nona) é que as delegadas tomaram decisões relacionadas com as "obras" do Instituto, embora em duas outras sessões tenham analisado "a eficácia das obras" em relação às alunas.

Na quarta sessão, o primeiro tema foi a fundação de Viseu. Como a abadessa morrera, as religiosas tinham de decidir se seria melhor comprar o mosteiro, que estava quase em ruínas, ou adquirir outro edifício em bom estado que pudesse ser facilmente ampliado. Depois de terem analisado todos os

---

<sup>53</sup> Ibid., 114.

<sup>54</sup> Tenure du Chapitre Générale 1896 (33 pp.) Arq. Hist. / RSCM, Caixa 190, Pasta 4. Ver sessões 1, 2, 3.

<sup>55</sup> Ibid., sessão 4.

aspectos da questão, as delegadas aceitaram por unanimidade que seria mais prático e muito melhor decidirem-se pela segunda opção, visto que o mosteiro teria de ser completamente demolido e reconstruído a partir do zero, ao passo que um novo edifício só precisaria de algumas alterações. Decidiu-se, portanto, que o Instituto devia dar início aos preparativos necessários para a nova casa, de tal modo que a comunidade local e a escola pudessem ser transferidas para lá no ano seguinte<sup>56</sup>.

A 24 de setembro, uma parte da nona sessão do Capítulo foi dedicada aos orfanatos da Casa Mãe. "Para bem das jovens", optou-se por juntar num único orfanato os dois orfanatos separados que tinham existido até então: o "Orphelinat", para crianças com menos de treze anos de idade, e "Notre Dame" (anteriormente chamado Preservation [Preservação ou Resguardo]), para as alunas a partir dos treze anos, inclusive. As jovens já não se agrupariam segundo a sua classe social; a idade seria o único critério de agrupamento. Esta nova estrutura tomaria o nome de "Orphelinat du Sacré Coeur de Marie" [Orfanato do Sagrado Coração de Maria]. Haveria uma única diretora, e todos os assuntos comerciais seriam tratados utilizando a entrada da Rue de la Faïence. Para implementar tal mudança, o Capítulo autorizou a reestruturação do espaço que albergava o orfanato<sup>57</sup>.

Nas restantes sessões do Capítulo foram examinados vários aspectos da vida das irmãs. Alguns pontos parecem ser reafirmações do Capítulo geral realizado em 1891. O principal ponto analisado foi a uniformidade de todas as casas do Instituto segundo o modelo da Casa Mãe. Esse tema dominou a segunda parte da sessão de 21 de setembro. A superiora geral insistiu que todas as superiores locais deveriam imitar a Casa Mãe nos horários e na forma pela qual as devoções (exercícios de piedade) se ordenavam, de modo que não houvesse

---

<sup>56</sup> Ibid.

<sup>57</sup> Ibid., sessão 9.

divergências. Se fosse necessário introduzir diferenças de horário, pelo fato de algumas irmãs darem aulas nas escolas nacionais (paroquiais), cada superiora era convidada a sugerir uma forma de resolver o problema e a apresentá-lo para aprovação à superiora geral<sup>58</sup>.

A imitação da Casa Mãe devia ser absoluta nas orações rezadas, na forma de rezar (nada poderia ser adicionado ou retirado), na forma de comportamento, nas maneiras, no tom de voz, etc. Mais uma vez, a obrigação de usar a língua francesa nos diversos países era enfatizada por duas razões: tinha sido desejo do Fundador e as alunas precisavam de ter uma oportunidade de praticar a língua. Portanto, um dia por semana, as alunas deviam falar apenas francês a não ser durante as aulas<sup>59</sup>. Para garantir a uniformidade, todas as noviças deviam fazer o seu noviciado na Casa Mãe, a fim de poderem imbuir-se do espírito do Instituto. As delegadas concordaram que se devia pensar num processo para selecionar as vocações. Só poderiam ser recebidas postulantes que tivessem tido uma boa educação e cujas famílias não tivessem doenças hereditárias<sup>60</sup>.

A medida que o Capítulo avançava, a uniformidade continuava a ser afirmada como uma forma efetiva de conservar e desenvolver o espírito comum. As delegadas parecem ter pressentido que a unidade através do Instituto não podia ser sustentada sem uma estrutura uniforme que exigisse repetição dos mesmos gestos, a mesma forma de fazer coisas em cada parte da congregação. Por vezes, esse tema foi repetido uma e outra vez, mas abordado segundo uma perspetiva ligeiramente diferente. Por exemplo, tornou-se óbvio que haveria momentos em que seria necessário estabelecer exceções. Em países muito frios, onde não seria possível seguir rigorosamente o horário prescrito para todo o Instituto, ou no caso de irmãs que estivessem doentes, as superiores locais podiam estabelecer

---

<sup>58</sup> Ibid., sessão 4.

<sup>59</sup> Ibid., sessão 3.

<sup>60</sup> Ibid.

horários diferentes para levantar e para a meditação, mas só mediante autorização por escrito da superiora geral<sup>61</sup>.

A sexta, sétima e oitava sessões foram dedicadas à "reafirmação do papel das superiores", ou seja, a sua forma de viver em comunidade, a sua forma de se relacionarem com a superiora geral, a sua responsabilidade na área financeira e noutras áreas da vida. O Capítulo confirmou a obrigação de cada superiora local de enviar um relatório à superiora geral, em cada trimestre, descrevendo detalhadamente tudo o que ia acontecendo na casa e apresentando todas as receitas e despesas. Uma vez que era claro que os assuntos financeiros não eram completamente independentes, no fim do ano, os excedentes deviam ser enviados para a Casa Mãe. O Capítulo reiterou que os dotes das postulantes, bem como o dinheiro que sobrasse da sua viagem, pertenciam à Casa Mãe e não às comunidades locais que as tinham recebido<sup>62</sup>.

As superiores locais eram consideradas responsáveis pelas falhas das suas comunidades em termos de uniformidade. Essas superiores deveriam certificar-se de que se aderiam às Constituições e de que os votos eram fielmente vividos. Houve então um debate sobre uma série de normas relacionadas com as autorizações necessárias para o uso ou a doação de alguma coisa, por muito pequena que fosse. A pobreza não devia ser confundida com desordem ou com falta de limpeza, porque a ordem e a limpeza deviam ser universalmente observadas. Tudo devia ser bom e simples, mas não luxuoso. As obras de reparação necessárias deviam ser feitas, tendo em conta a economia e a simplicidade. As próprias superiores não deviam dar presentes sem autorização da superiora geral. Deviam evitar todas as despesas inúteis. Assim, não haveria dinheiro malgasto, deviam ter atenção a coisas tão pequenas como as medidas exatas das

---

<sup>61</sup> Ibid., sessão 5.

<sup>62</sup> Ibid., sessão 6.

várias partes do hábito e, para que tudo fosse claro, essas medidas deviam ser registadas num caderno<sup>63</sup>.

As superiores deviam presidir a todos os eventos comunitários: refeições, recreio e oração, e passar o máximo de tempo livre possível na sala da comunidade. Tinham a obrigação de garantir a felicidade das irmãs e de que não lhes faltasse nada. O ambiente da comunidade devia ser construtivo. Portanto, a superiora não devia permitir críticas, murmurações, curiosidades, grupos elitistas ou conversas privadas, inclusive durante o recreio. A discrição devia ser um dos pontos fortes da superiora, e os assuntos comunitários não deviam ser confiados a nenhuma irmã da comunidade, nem sequer às mais velhas, porque "*a idade não confere direitos neste campo*"<sup>64</sup>. Para garantir que tais objetivos seriam alcançados, as superiores deviam dizer algumas palavras edificantes durante os períodos de recreio e falar frequentemente do fundador, das fundadoras e da Casa Mãe<sup>65</sup>.

A sétima sessão do Capítulo foi dedicada à forma como as superiores locais se deviam relacionar com a superiora geral. A superiora local era pessoalmente responsável em variadíssimos aspectos, e isso devia ser difícil tendo em conta as distâncias e as dificuldades de comunicação entre as comunidades e a Casa Mãe. Por exemplo, embora a superiora local pudesse autorizar uma irmã da sua comunidade a oferecer uma medalha ou um terço aos pais ou a amigos que visitassem o convento, a própria superiora não podia oferecer nada sem autorização da superiora geral. Além disso, ao pedir autorização nesse sentido, a superiora local devia dar conhecimento à superiora geral da razão da oferta (delicadeza ou gratidão) e aceitar o conselho da superiora geral sobre a escolha do presente!<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> Ibid.

<sup>64</sup> Ibid.

<sup>65</sup> Ibid., sessão 7.

<sup>66</sup> Ibid.

A necessidade de uma comunicação simples e franca, sem esconder nada, era sublinhada com ênfase: *"Cada superiora deve ter precisamente a mesma vontade que a superiora geral. Colocar-se em contraposição com a autoridade mais elevada colocá-la-ia em contraposição com a vontade de Deus". Uma superiora que não fosse transparente com a superiora geral, mas que lhe escondesse os seus pensamentos, não seria verdadeiramente filha do Sagrado Coração de Maria, porque não teria esse espírito*"<sup>67</sup>.

A oitava sessão continuou a sublinhar a "misteriosa" dimensão da vida religiosa, tema abordado no Capítulo de 1891. Nada, que dissesse respeito aos assuntos internos da comunidade, devia ser revelado às crianças. Visitas exteriores de qualquer tipo estavam proibidas sem a autorização expressa da superiora geral. Quanto às visitas à casa, deviam ser breves e raras, e apenas nos momentos prescritos. Sempre que possível, as próprias visitas de antigas alunas deviam limitar-se às reuniões mensais calendarizadas<sup>68</sup>.

Durante a vida de Gailhac, as irmãs tinham sido incentivadas a partilhar as boas notícias dentro do Instituto como meio de unificar a comunidade. Quando as comunidades de Inglaterra e da Irlanda se encontravam para os retiros de verão de Gailhac, as irmãs deviam chegar cedo para se poderem encontrar com irmãs das outras comunidades. Infelizmente, isso começou a mudar depois da morte de Gailhac. No Capítulo, a comunicação pessoal entre as religiosas foi desencorajada, começando a assomar à superfície um sentimento de desconfiança. Sentia-se agora que os encontros para conversar podiam facilmente cair num espírito de crítica e murmuração, ofendendo assim a Deus. Não admira, portanto, que as delegadas do Capítulo tentassem dissuadir as irmãs de escrever individualmente a outras irmãs. Se uma carta era permitida, como por vezes acontecia por ocasião de um dia festivo, para distribuição de prémios, etc., a carta deveria ser

---

<sup>67</sup> Ibid.

<sup>68</sup> Ibid., sessão 8.

endereçada à superiora da comunidade, pressupondo que a mesma continha assuntos de interesse para toda a comunidade reunida!<sup>69</sup>

O Capítulo também estava muitíssimo preocupado com o cuidado que se deveria ter com a forma pela qual a correspondência era escrita, sobretudo quando dirigida à superiora geral. A 24 de setembro, o Capítulo abordou a forma correta das irmãs se dirigirem às superiores. Foi decidido que a superiora geral seria chamada "*Minha Reverenda Madre*" no trato pessoal, mas, quando se falasse dela, dever-se-ia utilizar a expressão "*Nossa Reverenda Madre*". As superiores das casas e da Casa Mãe teriam o título "*Muito Estimada (Respeitável) Madre*", e ser chamada "*Minha Madre*" no trato pessoal, e "*Nossa Madre*" quando se falava delas. A primeira assistente devia ser chamada "*Madre Assistente*" e as outras seriam chamadas "*Madre*", sendo este termo seguido do próprio nome<sup>70</sup>.

As sessões décima e décima primeira, realizadas a 24 e 29 de setembro, abordaram vários assuntos isolados de uma natureza mais prática. Um deles tinha a ver com a continuação da possibilidade das religiosas irem em peregrinações a Lourdes, se o desejassem. Isso requeria a autorização expressa da superiora geral e, para isso, como para qualquer outra viagem, as irmãs teriam de ir acompanhadas. Foi estabelecido que, se viajassem de trem, iriam em segunda classe, mas que ocupariam cabines de primeira classe quando viajassem de barco. Para férias, em Portugal, onde a propriedade à volta das casas era pequena, não tendo espaço para descanso e passeios, as religiosas tinham autorização para passar algum tempo no Bom Jesus ou no Sameiro, para mudarem de ares. Foi ainda decidido que, logo que os recursos económicos o permitissem, seria bom comprar uma propriedade algures a meio caminho entre Porto e Braga, para as irmãs passarem férias. As viagens "às termas" só

---

<sup>69</sup> Ibid.

<sup>70</sup> Ibid., sessão 9.



eram permitidas quando absolutamente necessárias para aquelas irmãs que o necessitassem por razões de saúde, e nos países onde o recurso às termas era habitual. As postulantes que estavam habituadas a frequentar as termas antes de ingressarem no Instituto, não seriam autorizadas a prosseguir com essa prática. Foi decidido que as postulantes cuja saúde exigisse absolutamente o recurso às termas, não seriam aceitas<sup>71</sup>.

Na décima primeira sessão, foi abolido o costume de privar uma irmã da Sagrada Comunhão devido a alguma ação negativa. Para substituir esse costume, deu-se início à prática de realizar algum ato de penitência pública no refeitório. A superiora, com caridade e grande prudência, deveria decidir qual o ato de reparação apropriado e como este deveria ser levado a cabo<sup>72</sup>.

No respeitante a outro assunto ainda, foi decidido que, durante o período de férias, os tempos de recreio e a hora de levantar seriam ligeiramente alterados, se o bem das irmãs o exigisse. Durante as férias, haveria *Benedicamus* a uma refeição de domingo e de quinta-feira. O *Benedicamus*, ou seja, a permissão de falar às refeições, no refeitório, também foi estipulado para os seguintes dias: três dias anteriores à Quaresma, festas de S. José, aniversário da primeira profissão no Instituto (dia 4 de maio), Pentecostes, Sagrado Coração de Jesus, Assunção, Sagrado Coração de Maria, Santo Rosário, Imaculada Conceição, Natal e S. João Evangelista<sup>73</sup>.

Apenas se tomou uma decisão importante relacionada com o governo, e isso teve lugar durante a penúltima sessão do Capítulo. Foi decidido que, "entre as superiores locais de cada país, haveria uma designada pelo nome de *Supérieure Principale*, [ou seja, Superiora Principal]."<sup>74</sup>

O Capítulo de 1896 reafirmou, assim, decisões anteriores e tentou providenciar mais estruturas no Instituto. Certas

---

<sup>71</sup> Ibid., sess5o 10.

<sup>72</sup> Ibid., sess5o 11.

<sup>73</sup> Ibid.

<sup>74</sup> Ibid., sessão 10.

deliberações relacionadas com problemas que tinham sido vividos em datas recentes, como o caso do empréstimo não autorizado contraído pela superiora de Lisburn<sup>75</sup>. Tentando evitar casos semelhantes no futuro, o Capítulo procurou apresentar um "pacote" de normas claras e detalhadas que fossem conhecidas de todas as superioras. Essas normas dariam a cada superiora uma noção mais explícita das suas obrigações e da forma pela qual ela desempenharia as suas funções; além disso, no momento da avaliação, as normas tornariam mais fácil para a superiora geral pedir contas às irmãs e tomar as devidas medidas.

Pouco depois do fim do Capítulo, a superiora geral visitou Portugal. Tinha lá estado em 1891, 1892, 1894 e no início de 1896, mas agora começava a pressentir um perigoso espírito de independência entre as religiosas aí sediadas. Ao regressar a França, fez a sua visita habitual ao bispo de Montpellier para informá-lo sobre as comunidades de Portugal e os respectivos ministérios. Contudo, também queria, acima de tudo, partilhar com ele a dolorosa impressão que tivera durante essa visita às irmãs. A Madre St. Félix confiou ao bispo que recebera certos sinais de "uma sombra de irritação" a emergir, e contou-lhe que o seu sentimento não fora contradito por um sacerdote religioso que por vezes confessava as irmãs de Portugal. Talvez tivessem sido premonições como estas que foram responsáveis pela insistência crescente da superiora geral sobre a uniformidade em todo o Instituto<sup>76</sup>.

A expansão do Instituto no contexto de um mundo que também estava a evoluir parece ter levado a essa tentativa de estabelecer estruturas e políticas de uniformidade. Contudo, a diversidade, que caracterizara desde o principio a abordagem da congregação às obras, não era tolerada no que dizia respeito ao *horarium* ou ao estilo de vida das religiosas. Isso deveria ser

---

<sup>75</sup> Para mais informações, ver Connell, *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, Vol. 3,84-95.

<sup>76</sup> Madre St. Félix ao Bispo de Cabrières, 29 de novembro de 1896, *Lettres diverses*, Caderno 3, 72-73, *Arq. Hist. / Cong.*, Vol. II-D, 95.

idêntico em todo o Instituto. A Madre St. Félix estava muito ansiosa por preservar o espírito do Instituto tal como o recebera de Gailhac. Por conseguinte, apesar dos promissores sinais de consolidação e crescimento, continuava a recear que qualquer diversidade suscitasse divisão. Para a Madre St. Félix, era absolutamente necessário salvaguardar a unidade e o carisma do Instituto a todo o custo e isso, em seu entender, poderia conseguir-se melhor legislando a uniformidade.

No entanto, no fim do terceiro Capítulo Geral do Instituto e seis anos depois da morte de Gailhac, o Instituto estava cheio de vitalidade. Tinha crescido ao longo desses anos, em termos do número de irmãs, das suas diversas nacionalidades e das suas obras de zelo. As sementes de vida nova continuariam a germinar, sobretudo na Inglaterra e no hemisfério ocidental.



## DESENVOLVIMENTOS NA INGLATERRA E NA IRLANDA

### A promessa e a dor de Seaforth

Por ocasião da morte de Gailhac, havia apenas uma grande comunidade RSCM em Inglaterra, numa zona chamada Seaforth, a norte de Liverpool. A comunidade original da Inglaterra, fundada em Bootle, no ano de 1872, tinha-se mudado para Seaforth, localidade maior e mais propícia, em 1884. O edifício, que fazia parte de uma propriedade imponente, originalmente chamada *Seafield Hall*, fora construído em 1860 por William James Fernie, um magnata proprietário de navios. Vendeu-o, vinte anos mais tarde, à International Marine Hydropathic Company, que transformou a propriedade num hotel de luxo, destinado a atrair visitantes da América do Norte. Tendo sido rebatizado com o nome de *Seafield House*, tinha quartos para alojar duzentos hóspedes e capacidade para quinhentos convivas por refeição. Passado pouco mais de um ano, porém, os donos do hotel desistiram de esperar pelo seu bom sucesso e decidiram negociar a venda de Seafield House pelo preço de trinta mil libras, considerado uma bagatela<sup>1</sup>.

Gailhac e a Madre St. Félix, então preocupados com a necessidade de espaço e de um ambiente saudável para a comunidade, autorizaram a compra de Seafield House, em novembro de 1883<sup>2</sup>. A venda da propriedade foi finalizada a 4 de

---

<sup>1</sup> Para uma descrição completa da casa e da propriedade, ver Connell, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3, 206-208.

<sup>2</sup> Ao que parece, o bispo de Liverpool receava que a Congregação de Nossa Senhora de Namur, que tinha uma escola secundária na localidade próxima de Mt. Pleasant, ficasse descontente com a chegada das RSCM a Seaforth. A superiora local da CND escreveu esta carta ao bispo descrevendo a reação magnânima da superiora geral de Namur: "Ela diz que não gostaria de levantar qualquer obstáculo à entrada das irmãs [RSCM] ali [em Seaforth]. Sem dúvida é uma pena ter duas escolas secundárias tão próximas uma da outra, mas não gostaríamos de entrar qualquer boa obra que as irmãs possam desejar levar a cabo aí". Carta da Irmã Mary de St. Philip a sua Eminência [o Bispo O'Reilly], 12 de julho de 1884, SHM Archives, NEP, Caixa 253.

julho de 1884, tendo sido estipulado que as trinta mil libras seriam pagas em várias fases: dez mil libras nos primeiros dois anos, cinco mil nos cinco anos seguintes e o resto num espaço de quinze anos, à taxa de juro de quatro por cento<sup>3</sup>. Em breve, porém, os pagamentos dos juros tornaram-se preocupantes para a superiora geral, visto que a comunidade local de Seaforth parecia incapaz de suportar a sua parte nos custos, e que a Casa Mãe se estava a debater com as consequências financeiras da infestação por filoxera que tinha afetado as vinhas da França. Durante esse período, a superiora de Seaforth, Madre St. Eugène Granier, parecia indiferente e irresponsável frente aos apelos da superiora geral. Só depois do afastamento da Madre St. Eugène do seu cargo, em 1891, é que a situação financeira de Seaforth começou a melhorar, mas apenas gradualmente<sup>4</sup>.

A comunidade religiosa sediada em Seafield House, Seaforth, era numerosa. Segundo o recenseamento oficial de 1891, havia vinte e oito irmãs na comunidade religiosa e oito meninas, entre os nove e os dezessete anos de idade, inscritas como alunas internas. O recenseamento não apresenta um quadro adequado do trabalho apostólico das religiosas em Seafield House. Além das alunas internas, havia muitas alunas externas que estudavam na escola do convento. Além disso, as RSCM continuavam a levar por diante o seu compromisso de ensinar as crianças da Paróquia de St. James, em Bootle, depois de se terem mudado para Seaforth.

Thomas Kelly, o pároco que tinha originalmente convidado as irmãs para Bootle, em 1872, morreu em 1887, tendo sido sucedido por Patrick L. Kelly. Sendo um sacerdote e educador muito capaz, o Deão Kelly apreciava a presença continuada das RSCM na escola Júnior (para meninas) e no infantário da

---

<sup>3</sup> Madre St. Félix Maynard, *Brief Histories*, 18.

<sup>4</sup> Connell, *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, Vol. 3, 208-211.

paróquia de St. James e na Escola Seleta para meninas e crianças pequenas de Bootle<sup>5</sup>. Tornou-se colaborador e amigo das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, interessando-se muito pela expansão do seu ministério como educadoras. Em 1887, incentivou as religiosas a criar um centro de formação para professoras/estudantes em Seafield House, onde as jovens poderiam ser preparadas para o curso oficial de dois anos na Escola de Formação para Professoras. As jovens ensinavam na escola de St. James, de manhã, e depois regressavam ao edifício chamado *"Anexo de S. José: Centro de Formação de Professoras/estudantes"*, em Seafield House, onde as religiosas as preparavam para os exames que eventualmente lhes dariam entrada na Escola oficial de Formação para Professoras<sup>6</sup>.

Apesar do êxito apostólico em Seaforth, em abril de 1893 o conselho de administração da Casa Mãe estava a ponto de falhar no pagamento da hipoteca, e de perder Seafield House. O principal obstáculo para pagar a dívida devida à compra de Seaforth era o fato de as duas propriedades vagas de Bootle ainda não terem sido vendidas. A 15 de abril de 1893, a Madre St. Félix pediu ao bispo de Liverpool para apoiar a venda das duas propriedades de Marsh Lane, mas, no início de maio, o conselho informou o bispo de que tinham tomado a dolorosa decisão de desistir de Seafield House. A decisão, como garantiram ao bispo, fora drástica, mas não irrevogável, e as irmãs esperavam sinceramente que nunca tivesse de ser levada a

---

<sup>5</sup> Eventualmente, a Escola Júnior e os Infantários foram unidos, dando origem à Nova Escola Primária.

<sup>6</sup> Ao examinar o Diário do Infantário de St. James de 1897-1924, encontrado na Escola Primária de St. James, Bootle, podemos encontrar alguns dos nomes das jovens professoras/estudantes que ensinavam de manhã em St. James. Em março e abril de 1897, estão registradas dez professoras/estudantes, às quais se juntaram mais duas jovens mulheres no ano seguinte. Uma dessas professoras/estudantes, Mary Devine, é mencionada várias vezes no Diário. O Diário comenta o fato de ela por vezes estar ausente visto estudar de manhã no convento de Seafield ou estar a assistir a um retiro no convento de Seafield. Em fevereiro de 1899, estava de regresso, após uma ausência de seis meses devido a falta de saúde. Parece ter regressado após as férias de verão de 7 de julho a 8 de agosto, mas, a 22 de agosto de 1899, encontramos esta triste notícia: "Mary Devine deixou hoje o ensino, devido ao agravamento da sua saúde".

cabo. A Madre St. Félix explicou o dilema do conselho em carta dirigida ao bispo:

*É certo que, se os agentes conseguissem encontrar um comprador para Bootle, nós nunca quereríamos ceder [a propriedade de] Seaforth, mas [sem o dinheiro da venda de Bootle], não conseguiremos continuar a pagar os juros, nem encontraremos os meios para fazer frente ao último pagamento devido para o ano que vem. Temos uma perspectiva assustadora à nossa frente — a inevitável expropriação da propriedade de Seaforth — mas, senhor Bispo, isso será um golpe terrível para o nosso Instituto. Que Deus nos preserve!*

Como o conselho considerava a venda da antiga propriedade de Bootle, mesmo abaixo do seu valor, como a sua "única tábua de esperança", a Madre St. Félix terminou a sua carta com outra súplica, pedindo ao bispo que usasse a sua poderosa influência para "se verem livres de Bootle"<sup>7</sup>.

A 29 de novembro de 1893, o Deão Kelly enviou a boa notícia à Madre St. Alphonsus Keane, então superiora de Seaforth. A Direção da Escola de Bootle, da qual ele era membro, aceitara comprar o antigo convento de Bootle por seis mil e quinhentas libras para albergar uma Escola Industrial. Reconhecia que o prego original do edifício era mais elevado, mas acrescentou: "*Tendo em conta o estado de negligência em que tanto o edifício como os muros do seu recinto se encontram atualmente, não hesito em afirmar que foi um bom preço, pois, dentro de um ou dois anos, estaria tudo tão dilapidado, que só conseguiriam obter o prego dos tijolos velhos*"<sup>8</sup>. Dois anos mais tarde, o outro lote de terreno de Bootle foi finalmente vendido pelo preço de seis mil e duzentas libras. Na carta que anunciava a venda, Joseph Rimmer,

---

<sup>7</sup> Carta da Madre St. Félix para o Bispo O'Reily, 15 de abril de 1893, SHM Archives, NEP, Caixa 253.

<sup>8</sup> Carta de P. L. Kelly à Madre St. Alphonsus, 29 de novembro de 1893, SHM Archives, NEP, Caixa 253. Nesse dia, no ano de 1895, abriu a Escola Industrial de Marsh Lane, tendo sido eventualmente adaptada de modo a acomodar trezentos rapazes e raparigas. As RSCM não faziam parte do pessoal docente desta escola, mas seriam eventualmente convidadas a ensinar na Escola Industrial feminina, em Blackbrook.



o representante da comunidade na venda, terminava a sua carta para a Madre de St. Félix dizendo: "Para a semana espero encerrar o negócio de Seafield [House] e aceitarei de bom grado as suas instruções relativamente ao dinheiro"<sup>9</sup>. O pesado fardo que tinha ameaçado a comunidade durante muitos anos tinha finalmente sido removido<sup>10</sup>.

Algumas das religiosas de Seaforth continuavam a educar as alunas internas e externas na escola do convento, em Seafield House; outras irmãs da comunidade saíam diariamente do convento para ensinar as crianças das paróquias de St. James, Santíssimo Sacramento, Estrela do Mar, St. Winefride, St. Elizabeth e St. Monica. Em breve seria pedido à comunidade de Seaforth para colaborar nas novas fundações das RSCM, em Barrow e Blackbrook.

### **Nova Fundação em Barrow**

O ano de 1897 foi um ano auspicioso na Inglaterra. A rainha Vitória celebrou o seu 60º jubileu e os seus súbditos, espalhados pelo mundo (embora não todos, certamente), celebraram o evento. O Diário da Escola St. James comentou o fato de que a escola esteve fechada desde 18 de junho até ao fim da semana seguinte para celebrar o jubileu.

A comunidade de Seafield House parecia feliz e as suas obras estavam florescentes. Um novo bispo, Thomas Whiteside, sucedera a Bernard O'Reilly como bispo de Liverpool, a 12 de julho de 1894, e parecia apoiar muito as Religiosas do Sagrado Coração de Maria. O Deão Kelly, pároco de Bootle, tratava com entusiástica solicitude a comunidade, e trabalhara com diligência para pagar a dívida de Seaforth. Na primavera de 1897, o

---

<sup>9</sup> Carta de Joseph Rimmer A Madre St. Félix, 9 de agosto de 1895, SHM Archives, NEP, Box 253.

<sup>10</sup> A venda das propriedades de Bootle e o consequente pagamento da dívida de Seaforth também ajudaram certamente as comunidades inglesas/irlandesas a pagar a dívida da ex-superiora de Lisburn às pessoas de Lisburn, Belfast e Dublin. Ver Connell, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3,93-94.

Instituto foi convidado a abrir outra fundação na diocese de Liverpool, na localidade de Barrow.

Barrow estava situada na península Furness, que recebera o nome da Abadia de St. Mary of Furness, um mosteiro cisterciense do século XII que florescera até ter sido saqueado e deixado em ruínas durante o reinado de Henrique VIII, quando os mosteiros de Inglaterra foram confiscados e as suas terras vendidas. Embora os protestantes fossem a maioria em Barrow, tal como na maior parte da Inglaterra, o número de católicos aumentava continuamente à medida que a população geral também crescia. Em 1868, foi erigida a primeira igreja católica da cidade. Não admira, portanto, que tenha sido dedicada a St. Mary of Furness.

Em breve se sucederam novas escolas, com professores leigos e o pároco como diretor, proporcionando formação para rapazes, meninas e crianças pequenas. Em 1897, tornou-se óbvio que as escolas, sobretudo as escolas para meninas e crianças pequenas, precisavam de uma atenção imediata. Os inspetores de sua Majestade avisaram o Padre Edward Caffrey, pároco que geria as escolas católicas de Barrow, que a menos que mudassem o pessoal, não haveria mais subsídios do governo. O Padre Caffrey aconselhou-se com o seu amigo Deão Kelly, recomendando-lhe este vivamente que procurasse uma comunidade religiosa capaz de ensinar as crianças<sup>11</sup>.

Há provas evidentes que sugerem que o Padre Caffrey tentara trazer as Irmãs da Misericórdia para a paróquia quase dez anos antes, esperando que elas ensinassem na escola e visitassem as pessoas necessitadas da paróquia. Em carta datada de 22 de setembro de 1888, a Irmã M. Paul, superiora do

---

<sup>11</sup> Há um manuscrito de dezesseis páginas redigido pela Madre St. Trinity Rafter, RSCM, membro da comunidade fundadora de Barrow e primeira diretora da escola. Intitula-se este *The Convent Barrow-in-Furness* (29 de outubro de 1897). Descreve a história inicial da paróquia, a chegada da comunidade das RSCM e o seu êxito em Barrow. Ver também Madre Ursula Gough, RSCM, *Convent of the Sacred Heart of Mary, Crosslands, Barrow-in-Furness, Lancashire* (escrito não publicado, parcialmente manuscrito, parcialmente datilografado), SHM Archives, NEP, Box 254.

convento da Misericórdia, em Mount Vernon, Liverpool, escrevera que as Irmãs da Misericórdia aceitavam iniciar uma missão em Barrow, mas só nas seguintes condições específicas: não teriam de pagar renda da casa e deveriam poder fazer as alterações necessárias na mesma; o ordenado das professoras de cada escola seria de cinquenta e cinco libras e as assistentes receberiam quarenta libras; a Missa e a confissão ficariam a cargo da igreja paroquial. Acrescentava ainda que as irmãs não estariam disponíveis por um ano, ou seja, até setembro de 1889. Uma semana mais depois, Bernard O'Reilly, então bispo de Liverpool, fora consultado sobre o assunto, tendo escrito ao pároco incentivando-o a não concordar com as condições: uma casa sem renda e ordenados elevados eram exigências excessivas. O pároco tinha as suas próprias reservas. Escreveu por sua vez à superiora, explicando que esperava que as irmãs comprassem a casa. A 14 de outubro de 1888 a superiora da Misericórdia manifestou o desapontamento da sua comunidade com os termos impostos e desfez o acordo<sup>12</sup>.

O Padre Caffrey<sup>13</sup> escreveu a outra congregação, mas em breve recebeu a recusa da superiora, Irmã Mary Frances Gibson. Esta consultara a sua superiora geral e ambas tinham concordado que seria impossível aceitar a oferta naquele momento, tendo outras necessidades de pessoal no Canadá, na Escócia, etc. Concluiu, portanto: "...Como Deus não nos dá os meios, podemos supor que Ele não quer que vamos, pelo menos no momento presente. O futuro está nas suas mãos"<sup>14</sup>. No seu relato inicial da fundação de Barrow, a Madre St. Trinity Rafter, RSCM, sugere que, em 1897, o Padre Caffrey, que ainda queria irmãs tanto para ensinar nas escolas como para visitar os paroquianos, voltou a pedir às Irmãs da Misericórdia e, mais tarde, a outra congregação, que viesse para Barrow. Segundo esse relato, quando ele insistiu pedindo duas religiosas

---

<sup>12</sup> Para esta coleção de cartas, ver SHM Archives, NEP, Box 254.

<sup>13</sup> Nesta correspondência, o pároco de Barrow é erradamente referido como Padre McCaffrey.

<sup>14</sup> Irmã Mary Frances Gibson ao Padre Mc Caffrey [sic], 2 de novembro de 1888, SHM Archives, NEP, Box 254.

credenciadas, nem as Irmãs da Misericórdia nem as da outra congregação puderam enviá-las, vendo-se forçadas a declinar o convite<sup>15</sup>.

O Deão Kelly começou a escrever à Madre St. Félix, para Béziers, instando com ela para que considerasse a hipótese de uma nova fundação em Barrow. A Madre St. Alphonsus Keane, superiora da comunidade de Seaforth, colaborou com ele, manifestando o seu próprio entusiasmo com a oferta. Reencaminhou para Béziers um mapa de St. Mary enviado pelo pároco, mostrando as posições relativas das futuras escolas do convento a St. Mary. Mais importante ainda, transmitiu as condições agora oferecidas pelo Padre Caffrey, que incluíam uma casa espaçosa, isenta de renda e mobilada pela paróquia, com um jardim de um tamanho razoável, bem murado, para haver privacidade durante os recreios, e próximo da igreja. As irmãs ensinariam as jovens e as crianças (cerca de seiscentas crianças) e receberiam os ordenados pedidos. Além de servirem em St. Mary, declarava ele, a paróquia consideraria uma bênção se as irmãs abrissem uma pequena escola particular, uma Escola Seleta, na paróquia. Se esse projeto de escola fosse levado a cabo, as receitas reverteriam em favor da comunidade. O Padre Caffrey acrescentou então: *"Aqui há uma grande abertura para uma comunidade zelosa, visto que os protestantes não são intolerantes e estariam dispostos a escutar as irmãs. Devo acrescentar que o bispo está de alma e coração com esta obra e me dá todo o seu apoio. Finalmente, creio que as irmãs encontrariam muitas futuras professoras entre as jovens daqui e, sem dúvida, também algumas vocações para a Ordem"*<sup>16</sup>.

A 8 de março, a Madre St. Alphonsus escreveu uma carta à Madre St. Félix pedindo-lhe para dar uma resposta positiva ao convite antes do Padre Caffrey ser forçado a procurar noutro lugar. Comentou que seria uma grande oportunidade poder abrir outra fundação na diocese de Liverpool. O Deão Kelly

---

<sup>15</sup> Madre St. Trinity Rafter, RSHM, The Convent Barrow-in-Furness.

<sup>16</sup> E. Caffrey ao Dek Kelly para as RSCM, 5 de março de 1897, SHM Archives, NEP, Box 254.

recomendara fortemente a comunidade e andava a tentar facilitar o caminho para nós. A Madre St. Alphonsus relatou que, em privado, o Deão Kelly encorajara a comunidade a mudar-se sem demora, porque a saúde do Padre Caffrey deixava muito a desejar, e se ele morresse antes das RSCM responderem, outro reitor poderia convidar uma congregação diferente para trabalhar na escola. A Madre St. Alphonsus acrescentou ainda que a saúde do Deão Kelly também não era famosa e que seria uma perda terrível se alguma coisa lhe viesse a acontecer. Terminou a sua carta instando com a superiora geral para que rezasse, pedindo que Deus a iluminasse e que depois fizesse o resto: *"Rezaremos por esta intenção visto que diz respeito à glória de Deus, à salvação das almas e ao bem do Instituto. O nosso Venerável Fundador certamente diria que sim... Finalmente, querida Reverenda Madre, invoquemos o Espírito Santo e, assim, terá a certeza de que está a ser sabiamente orientada"*<sup>17</sup>.

Em menos de uma semana, a Madre St. Félix escreveu ao Deão Kelly, que servia de intermediário, garantindo-lhe que o conselho, como era seu costume, rezara e refletira profundamente sobre o convite feito para Barrow. O resultado dessa oração e reflexão foi ver, sem dúvida, a vontade de Deus que instava com a comunidade para que partisse de todo o coração e que realizasse o máximo de bem possível com a graça de Deus e sob a direção do pároco. Em seguida, repetiu o seu acordo com os termos apresentados e declarou: *"Nous acceptons donc de plein gré"*<sup>18</sup>.

O Deão Kelly escreveu imediatamente ao Bispo Whiteside explicando que ele e o Padre Caffrey se tinham correspondido durante meses sobre a necessidade de convidar uma congregação para servir nas escolas de St. Mary. Mal foram estabelecidos os termos, o Deão Kelly explicou que enviara a carta do Padre Caffrey para Béziers, para a Madre Geral da

---

<sup>17</sup> Madre St. Alphonsus à Madre St. Félix, 8 de março de 1897, SHM Archives, NEP, Box 254.

<sup>18</sup> Madre St. Félix ao Padre L. Kelly, 15 de março de 1897, SHM Archives, NEP, Box 254.

comunidade de Seaforth, e que, mal recebera a sua entusiástica anuência, se apressara a informar o bispo, para o caso de o Padre Caffrey ainda não o ter notificado<sup>19</sup>. Há quase trinta anos que fora construída a primeira igreja católica em Barrow. Agora, em breve, chegaria a sua primeira congregação de religiosas.

Entretanto, era necessário que o presidente da câmara e o conselho municipal autorizassem a vinda das religiosas e que fosse posta à sua disposição uma "casa espaçosa". Segundo o relato da Madre St. Trinity relativamente às fases iniciais da fundação, "*só depois de discussões muito acesas*" é que o conselho municipal concordou. A casa, por outro lado, já fora comprada por John Peter Smith, por ocasião da conversão da sua mulher ao catolicismo. Essa casa encantadora fora oferecida ao bispo e eventualmente mobilada pela paróquia como convento para a comunidade de religiosas que em breve chegaria a Barrow. Quanto ao bispo, "*A sanção de Sua Eminência., foi cordialmente concedida, acompanhada da sua bênção*"<sup>20</sup>.

Em finais de agosto, o pároco marcara a data de abertura da fundação: novembro. Escrevendo em inglês em nome da superiora geral, a Madre St. Charles explicou ao Padre Caffrey que seis religiosas da Comunidade de Seaforth seriam enviadas para a fundação de Barrow; estas seriam substituídas por outras religiosas enviadas de Béziers no início de setembro. A Madre St. Charles prosseguiu: "*Foi o nosso bom amigo, o nosso querido e excelente padre Kelly, que escolheu aquelas que devem ir [para Barrow], e estou certa que ficareis satisfeito com elas*". Em seguida, como de costume, a Madre St. Charles confiou a pequena comunidade aos cuidados do sacerdote e, ao mesmo tempo, chamou-o a ingressar na família das RSCM. Agradeceu-

---

<sup>19</sup> Deão Kelly ao Bispo Whiteside, 15 de março de 1897, SHM Archives, NEP, Box 254. Ao que parece, o Padre Caffrey tinha-se esquecido de enviar o "Acordo" com as religiosas ao bispo até 7 de agosto de 1897.

<sup>20</sup> A Madre St. Trinity Rafter, RSCM, The Convent Barrow-in-Furness, 5-6. O autor sugere que, em junho de 1897, o Padre Caffrey julgava "ter falhado sob todos os aspetos em conseguir irmãs qualificadas", e que só em junho de 1897 é que a Madre St. Félix, então de visita a Seaforth, foi abordada acerca da nova fundação de Barrow. A correspondência de março de 1897, citada acima, sugere uma interpretação diferente.

lhe a ele e ao Deão Kelly por terem feito todos os preparativos necessários: "...por os vossos paternais corações terem achado útil e confortável para as queridas irmãs das quais estais prestes a tornar-vos pai". Em seguida acrescentou: "Agora, querido padre, como nós, aqui, na Casa Mãe, também nos beneficiamos um pouco do vosso interesse paternal, pedimo-vos humildemente a bênção, para nós e para todas as nossas outras casas pelas quais estou certa que, de futuro, tereis o mais vivo interesse"<sup>21</sup>.

Aproximando-se a data da partida, a Madre St. Félix escreveu ao Bispo Whiteside agradecendo-lhe sinceramente por ter escolhido a comunidade para essa "empresa religiosa" na sua diocese e pedindo a sua bênção para as irmãs escolhidas para a missão de Barrow<sup>22</sup>. No mesmo dia, a superiora geral escreveu às seis irmãs que estavam prestes a partir para a nova fundação, recordando-lhes que eram a primeira comunidade de religiosas jamais presente em Barrow e que o povo esperaria coisas extraordinárias das religiosas, que veriam como "anjos descidos do céu". A Madre St. Félix animava-as, portanto, a viver em perfeita união, dóceis e respeitosas para com a irmã nomeada para ser sua superiora, fiéis à Regra e cheias de espírito de fé<sup>23</sup>.

A última carta enviada para Barrow antes da partida da comunidade foi escrita pela Madre St. Charles, em nome da Superiora Geral, para o Padre Caffrey. Confiando as irmãs aos seus cuidados, prometia: "Confio firmemente que elas vos darão todas as satisfações possíveis pelo seu zelo e devoção em ajudar-vos no vosso duro trabalho apostólico para salvação das almas. Elas serão a vossa consolação, as mães dos entes queridos que confiareis aos seus cuidados e a edificação da vossa paróquia..."<sup>24</sup>.

A Madre St. Trinity, uma das seis religiosas da comunidade fundadora, fez um relato detalhado da sua chegada nas suas memórias *The Convent- Barrow in Furness*. A nova comunidade

---

<sup>21</sup> Madre St. Charles ao Padre Caffrey, 27 de agosto de 1897, SHM Archives, NEP, Box 254.

<sup>22</sup> Madre St. Félix ao Bispo Whiteside, 16 de outubro de 1897, SHM Archives, NEP, Box 254.

<sup>23</sup> Madre St. Félix a "Mes Bien Chères Enfants", 17 de outubro de 1897, SHM Archives, NEP, Box 254.

<sup>24</sup> Madre St. Charles ao Padre Caffrey, 18 de outubro de 1897, SHM Archives, NEP, Box 254.

era formada por quatro irmãs de coro: a Madre Vincent Foley era a superiora, a Madre St. Trinity fora nomeada diretora da Escola Feminina, sendo a Madre des Douleurs Crossley a professora assistente e a Madre Loretto [Brennan] a diretora do Infantário. As duas irmãs leigas, Irmã Margaret Mary Kavanagh e Irmã Catherine, eram responsáveis pelo convento e pelas necessidades materiais da comunidade.

A 29 de outubro, a comunidade, acompanhada pelo Deão Kelly, deixou Seafield House e foi recebida em Barrow pelo pároco. Havia duas carruagens preparadas para levar a comunidade até casa do Padre Caffrey, onde jantaram com ele e com alguns dos membros do clero local, que tinham vindo dar as boas-vindas às religiosas em Barrow. Depois do jantar, o pároco e os dois coadjuutores foram visitar as escolas de St. Mary com a nova comunidade, onde esta foi acolhida com uma recepção de boas-vindas. Finalmente, ao fim da tarde, a nova comunidade foi levada para o convento, situado em Nelson Street, nº 2. No seu relato, a Madre St. Trinity descreveu um momento emocionante: *"Enquanto transpunham o limiar da sua nova casa, os sinos da igreja tocaram o Angelus. Um dos sacerdotes comentou: 'Que bela oração para anunciar a vossa entrada no convento'"*<sup>25</sup>.

O novo convento, um edifício de tijolo com três pisos, no meio de um jardimzinho, fora preparado para as religiosas pelos paroquianos. Embora a capela, a cozinha, a sala de jantar e a recepção ainda não estivessem completamente prontas, a sala da comunidade e os quartos estavam limpos, mobilados e em "perfeita ordem". As religiosas ansiavam, sem dúvida, por uma noite bem dormida na sua nova casa. No domingo seguinte, 31 de outubro, segundo o relato da Madre St. Trinity, foi "dia de festa na Igreja de St. Mary". As irmãs foram convidadas a sentar-se na primeira fila da igreja, e o Deão Kelly apresentou cada uma delas aos paroquianos. Como conhecia bem o Instituto, contou-lhes tudo sobre as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, o seu fundador e fundadora, a sua Casa Mãe em Béziers, as diversas

---

<sup>25</sup> Madre St. Trinity Rafter, RSCM, The Convent Barrow-in-Furness, 9-11.



fundações do Instituto e as várias obras empreendidas pelas religiosas. Depois da celebração, as pessoas foram convidadas a visitar o convento para se encontrarem pessoalmente com a nova comunidade<sup>26</sup>.

No dia seguinte, 1 de novembro, as religiosas começaram a trabalhar com as quinhentas crianças inscritas na Escola Feminina e com as trezentas crianças do Infantário. A Madre St. Trinity, diretora da Escola Feminina, lembrava-se bem dos primeiros tempos: "Foi duro trabalhar para melhorar a qualidade da escola; tanto os conhecimentos religiosos como seculares eram baixos. Depois de cerca de dois anos de oração, paciência e ensino aturado, [porém], Deus abençoou os seus esforços. Tanto os inspetores eclesiásticos como governamentais ficaram altamente agradados com a formação que os alunos receberam, das irmãs. Depois de cada Exame anual, recebíamos relatórios testificando os altos níveis de desempenho atingidos"<sup>27</sup>.

Passado pouco tempo, o Padre Caffrey já não precisava de depender do Deão Kelly para comunicar com Béziers. Recordando o costume francês de enviar Boas Festas pelo Novo Ano e não pelo Natal, escreveu à Madre St. Félix a 30 de dezembro de 1898:

*Deveis gostar de saber que estamos todos bem, aqui em Barrow, obrigado. Vereis, por esta carta, que eu me considero um membro da comunidade. E porque não havia de ser assim? Graças à vossa bondade e à bênção de Deus, tenho a felicidade de ter inaugurado uma das últimas e talvez a menor das vossas casas, o que me faz sentir orgulhoso. Como já disse, talvez a comunidade mais pequena, mas a semente de mostarda também era muito pequena e, no entanto, em breve se transformou numa grande árvore<sup>28</sup>.*

Com essa grande confiança, o Padre Caffrey continuou a sua carta animando a comunidade a comprar o lote de terreno situado acima do jardim do convento, para bem da saúde das

---

<sup>26</sup> Ibid., 12-13.

<sup>27</sup> Ibid., 14-15.

<sup>28</sup> Padre Caffrey à Madre St. Félix, 30 de dezembro de 1898, SHM Archives, NEP, Box 254.

irmãs. Estava à venda, explicou ele, mas em breve poderia ser vendido a outros, com a possibilidade de construírem aí, prejudicando o convento.

Não admira que o pároco tenha acrescentado: *"Ficarei contente se puderdes ceder mais irmãs. St. Patrick seria beneficiada com duas ou três, e se quisermos ter uma Escola Seleta, precisamos de ajuda"*<sup>29</sup>.

Finalmente foram enviadas mais religiosas para Barrow. No entanto, o seu envolvimento nas escolas da paróquia vizinha de St. Patrick teve um lento começo. A Madre Vincent, superiora da comunidade de Nelson Street, escreveu uma carta muito franca ao Bispo de Whiteside em setembro de 1900, queixando-se de que o pároco responsável por St. Patrick se recusava a ter irmãs nas suas escolas e que uma irmã que já la ensinava fora afastada. A Madre Vincent escreveu com toda a transparência: *"Estou muito preocupada, desejando por isso comunicar-lhe a causa da minha preocupação... Creio que o Padre Barry não gosta de religiosas. Sinto-me inclinada a pensar, a avaliar pelo seu modo de agir e de falar, que ele é um homem muito peculiar. Não sei como poderei manter a comunidade"*<sup>30</sup>. A Madre Vincent prosseguiu, explicando a situação financeira da comunidade de Barrow em 1900. Havia sete irmãs de coro e duas irmãs coadjutoras. A comunidade dependia dos ordenados das três irmãs que trabalhavam nas escolas de St. Mary. Isso somava apenas cento e sessenta e cinco libras, acrescidas de vinte libras adicionais como "ajudas de custo" no fim de cada ano. Também tinham nove jovens na pequena, gratuita, escola seleta, no convento e davam aulas de música a algumas alunas, mas continuava a ser difícil gerir a situação. A Madre Vincent terminou a carta para o bispo com um comentário positivo: *"As irmãs estão todas muito bem, fervorosas e perseverantes nos*

---

<sup>29</sup> Ibid.

<sup>30</sup> Madre Vincent ao Bispo Whiteside, 21 de setembro de 1900, SHM Archives, NEP, Box 254.

*seus deveres espirituais. Suponho que Deus nos permite provas e dificuldades para nos aproximar mais dele*<sup>31</sup>.

Em 1901, as irmãs foram convidadas para ensinar na escola mista de St. Patrick e, dois anos mais tarde, no Infantário da mesma paróquia. A Escola Seleta em breve ultrapassou as instalações do convento, quando se tornou uma escola secundária seleta. Em 1905, os sacerdotes ajudaram a comunidade a comprar um grande edifício em Holker Street e inscreveram-se cento e vinte alunos, muitos dos quais não-católicos, ansiosos por se prepararem para os Exames Locais de Oxford e para a *Trinity College of Music*. As irmãs de Barrow também dirigiam as Associações das Filhas de Maria e de Santa Inês e preparavam mulheres que desejassem converter-se ao catolicismo.

### **Outro convite: Blackbrook**

Precisamente um ano depois de o Deão Kelly ter abordado as Religiosas do Sagrado Coração de Maria pedindo-lhes que dirigissem as escolas de Barrow, contactou a Madre St. Félix com outra oferta, esperando que esta lhe agradasse; se fosse aceita, permitiria à congregação ter uma maior presença apostólica na diocese:

*Tenho estado a tratar com Sua Eminência, o Bispo, a fim de criarmos uma grande Escola Industrial para as crianças vadias da cidade, e andamos à procura de algum edifício grande adequado, com terreno espaçoso para futura expansão. É uma obra tão necessária quanto urgente. Lembrei que a vossa congregação poderia ceder irmãs para essa Instituição, pois vos já estáveis envolvidas numa obra semelhante na França, estando a ser bem-sucedidas*<sup>32</sup>.

Ao que parece, antes de 1899, Blackbrook House fora um reformatório dirigido pelas Irmãs da Misericórdia. Porém, o Ministério do Interior achara o edifício inadequado, insistindo que se fizessem obras de reparação e de melhoria se continuasse

---

<sup>31</sup> Ibid.

<sup>32</sup> Deão Kelly à Madre St. Félix, 15 de março de 1898, SHM Archives, NEP, Box 255.

a haver ajudas do governo. Nesse momento, as Irmãs da Misericórdia retiraram-se. Como as terras e o edifício pertenciam à diocese, o Bispo Whiteside queria renovar o edifício e abrir *Blackbrook House* como Escola Industrial, ou seja, uma escola para jovens abandonadas e delinquentes, ainda sob os auspícios do Ministério do Interior, mas dirigida por uma congregação religiosa com experiência e compaixão para com as suas jovens educandas.

Segundo os cálculos do Deão Kelly, era uma oportunidade perfeita para a comunidade assumir esse importante ministério, tão próximo da missão do fundador, e conseguir manter financeiramente a obra. O Ministério do Interior pagaria cerca de sete xelins por semana por criança e se, depois das obras, conseguissem receber cerca de cem jovens, isso renderia cerca de mil e oitocentas libras por ano. Como de costume, o Deão Kelly instou com a superiora geral para que não perdesse tal oportunidade, "pois esta poderia não voltar a surgir"<sup>33</sup>.

A 15 de março, a superiora de Seaforth, Madre St. Alphonsus, escreveu em inglês à Madre St. Charles e à Madre St. Thomas, à superiora geral. O bispo visitara Seaford House na véspera e partilhara o seu plano de abrir uma Escola Industrial na diocese sendo a comunidade a assumir a responsabilidade por ela. A Madre St. Alphonsus apoiava, obviamente, a ideia, por muitas razões. Parecia tratar-se de uma oferta muito boa. O bispo tinha debaixo de olho uma casa construída em dez acres de terreno, num lugar chamado Appleton. Estava à venda por cerca de três mil libras. O bispo ofereceu-se para adiantar essa quantia ao Instituto, a fim de que as RSCM pudessem comprar a casa e o terreno. Se não fosse assim, a diocese poderia adiantar a importância, e o Instituto poderia restituir-lhe a quantia emprestada nos termos convenientes, estabelecidos pela comunidade. Obviamente, esperava-se que alguns juros fossem pagos regularmente. O bispo garantiu à Madre St. Alphonsus

---

<sup>33</sup> Ibid.

que, como o governo iria pagar por cada criança da escola, os juros e os pagamentos graduais da quantia emprestada não seriam um peso para a comunidade. Além disso, o bispo estava certo de que as paróquias perto de Appleton ansiariam, eventualmente, por ter as religiosas a administrar as suas escolas. *"Tudo isto parece tanto ser guiado pela Mão de Deus, que estou convencido de que seria muito insensato recusá-lo"*<sup>34</sup>.

Em conversa com o bispo, a Madre St. Alphonsus garantira-lhe: "... Notre Rev. Mère herdou o Espírito do nosso Venerado Fundador — zelo pelas almas, e eu sabia que ela envidaria todos os esforços por aceitar [o convite]". E continuou descrevendo o encontro com o bispo, no qual este falou sobre as crianças que as irmãs iriam ajudar:

*Estas crianças, de dois a catorze anos de idade, são as crianças abandonadas de Liverpool, resgatadas, na maior parte dos casos, de verdadeiras cavernas de pecado e miséria. Como disse o bispo, "Se a vossa Madre Geral soubesse de onde foram resgatadas, não hesitaria por um instante". E também disse: "Nós podemos salvar almas e pedir ao governo que pague por isso". Notre Vénéré Pere ficaria exultante de alegria com a perspectiva de salvar estas almas tão caras a Deus, e quem sabe se ele terá pedido isto a Deus para o Instituto por ele fundado"*<sup>35</sup>.

No fim da carta, a Madre St. Alphonsus instou com a Casa Mãe para agir logo que possível, visto que o bispo estava a pedir uma ação imediata. As irmãs enviadas para esta nova fundação não precisariam de ser qualificadas mediante um exame. Não haveria problema em obter a aprovação episcopal, visto que o próprio bispo tinha pedido especificamente às RSCM para se responsabilizarem pelo projeto. A ajuda financeira do governo não demoraria a chegar.

Ao que parece, a questão não terá sido imediatamente resolvida, pois só em maio do ano seguinte a Madre St. Félix tomou conhecimento de uma carta recebida em data recente do

---

<sup>34</sup> Madre St. Alphonsus à Madre St. Thomas e a Madre St. Charles, 15 de março de 1898, SHM Archives, NEP, Box 255.

<sup>35</sup> Ibid.

Bispo de Whiteside e escreveu: *"Apresso-me a dizer que é com muito prazer que assumiremos a direção da escola industrial que Vossa Eminência deseja confiar-nos; contudo, não o conseguiremos fazer antes do mês de setembro [1899]. Nessa altura, deveremos ter uma profissão depois da qual poderemos enviar o número de irmãs necessário..."*<sup>36</sup>.

O Deão Kelly respondeu com uma certa pena pelo fato da fundação ter sido adiada até setembro e prosseguiu industriando a superiora geral sobre o temperamento inglês:

As situações desenvolvem-se de uma forma muito diferente aqui, comparativamente à França. Convosco, todas as coisas seguem a sua ordem natural e regular, mas aqui, em Inglaterra, os acontecimentos e as oportunidades têm de ser aproveitados e tem de se agir imediatamente em conformidade com eles... tudo aqui se faz à pressa. As nossas instituições, lares, escolas e asilos tornam-se necessários de repente, devido ao aumento súbito da população, das cidades e das aldeias e, como é óbvio, essas instituições precisam de pessoal docente que ocupe imediatamente os seus postos. É essa a razão pela qual eu preferiria que enviásseis irmãs imediatamente, mesmo que depois tivésseis de trocá-las<sup>37</sup>.

Embora o Deão Kelly escrevesse que já tinha idade suficiente para saber que é difícil chegar a um acordo que agrade a toda a gente, não podia deixar de perguntar por que razão fora escolhido o mês de setembro para a celebração do quinquagésimo jubileu da congregação. Setembro era o mês em que todos os estudantes de Inglaterra regressavam à escola e esperavam encontrar a nova superiora/diretora no seu posto para recebê-los<sup>38</sup>.

Sem dúvida, a superiora geral estava preocupada com os preparativos do Instituto para o seu quinquagésimo jubileu. Além disso, talvez os seus esforços para conseguir que as Constituições fossem finalmente aprovadas pela Santa Sé tivessem desviado a sua atenção do plano do bispo para a Escola

---

<sup>36</sup> Madre St. Félix ao Bispo Whiteside, 29 de maio de 1899, SHM Archives, NEP, Box 255.

<sup>37</sup> Deão Kelly à Madre St. Félix, 30 de junho de 1899, SHM Archives, NEP, Box 255.

<sup>38</sup> Ibid.

Industrial de Appleton. A superiora de Seafield House, que apoiara o convite inicial do bispo, em março de 1898, teria certamente mudado de opinião acerca desse assunto. Escrevendo à Madre St. Thomas, a Madre St. Alphonsus expressou as suas preocupações no primeiro parágrafo da carta: *"Sinto uma grande perturbação na minha mente e, embora esteja sobrecarregada de trabalho e com grandes dificuldades acrescidas, não me poderei sentir confortável enquanto não explicar os meus receios"*. Aparentemente, tinha havido uma interrupção na comunicação entre a Madre St. Félix e o Bispo Whiteside e a Madre St. Alphonsus foi apanhada no meio. Além disso, parecia agora que a nova comunidade teria de alugar alojamento temporário por dois anos e, ao mesmo tempo, teria de pagar os juros sobre o preço do novo edifício — todas essas despesas enquanto receberia subsídios do Estado apenas para não mais de trinta jovens naquelas limitadas instalações. Parecia imperativo à Madre St. Alphonsus que a superiora geral conhecesse detalhadamente, sem demora, cada ponto das condições do bispo, *"para que não tenha de dar um salto no escuro"*<sup>39</sup>.

E fácil pressentir a exasperação da Madre St. Alphonsus que, no tom direto e sincero que lhe era habitual, partilhou os seus receios com a Madre St. Thomas. Não sabia se o Deão Kelly estava ciente do que implicavam os últimos planos, nem se a Madre St. Félix entendia a situação. Descobriu que as Irmãs da Misericórdia tinham assumido aquele ministério no ano anterior e se tinham retirado ao fim de um ano porque havia algumas dificuldades, e pensava que poderia ser por isso que o bispo recorrera às RSCM. *"Se as nossas religiosas recebessem cem ou cento e vinte crianças de imediato, certamente conseguiriam pagar os juros e parte da soma emprestada por ano, mas não de outro modo"*<sup>40</sup>, advertiu ela.

---

<sup>39</sup> Madre St. Alphonsus à Madre St. Thomas, 12 de julho de 1899, SHM Archives, NEP, Box 255.

<sup>40</sup> Ibid.

Parte da ansiedade da Madre St. Alphonsus devia-se a um recente e desagradável incidente que ela, como superiora de Seafield House, tivera com o bispo no dia da atribuição de prêmios. Como ele mais tarde aludiu a essa ocorrência, a Madre sentiu ser seu dever explicar-se: *"Eu teria certamente permanecido calada, mas, como envolveu uma questão que afeta seriamente a comunidade como organismo docente, senti ser meu dever explicar a vossa Eminência o efeito produzido aos olhos do público"*. A sua carta subsequente em que manifesta o seu arrependimento e pede perdão é sinal de que o bispo deve ter ficado muito descontente com ela<sup>41</sup>. Não admira, portanto, que agora se sentisse apreensiva quanto a assumir qualquer papel como intermediária entre Béziers e o Bispo Whiteside:

*No me peçais que trate de nada com Sua Eminência. Já tive de suportar o suficiente e não me poderia envolver em mais nada. Isso só poria em risco o meu grande trabalho aqui [em Seafield House], arruinando tudo. Empenhei-me no caso de Barrow, mas sabendo que isso implicava apenas dar religiosas para o trabalho, sem quaisquer dificuldades financeiras. Também sabia que tinha de lidar com dois sacerdotes irlandeses e não com um bispo inglês... No entanto, sinto que devo pôr os meus medos por escrito*<sup>42</sup>.

Tudo leva a crer que a Madre St. Félix terá escrito imediatamente ao Deão Kelly, pois este respondeu a 29 de julho, pedindo desculpa pela demora. Tinha tido um breve encontro com o bispo e reiterara o esboço do plano original para a Escola Industrial, com algumas alterações: o bispo estaria disposto a esperar até setembro pela chegada das irmãs; fora escolhido um local ótimo e saudável, perto de Lancaster, para o novo edifício, em cujas proximidades vivia uma senhora rica e caridosa, sendo de esperar que ela se interessasse pela obra<sup>43</sup>.

Como a superiora geral continuava interessada nos detalhes financeiros, o Deão Kelly marcou outro breve encontro com o bispo. A residência provisória acomodaria trinta alunas, mas a

---

<sup>41</sup> M. St. Alphonsus ao Bispo Whiteside, 19 de junho de 1899, SHM Archives, NEP, Box 255.

<sup>42</sup> M. St. Alphonsus é Madre St. Thomas, 12 de julho de 1899, SHM Archives, NEP, Box 255.

<sup>43</sup> Deão Kelly à Madre St. Felix, 29 de julho de 1899, SHM Archives, NEP, Box 255.



renda seria "nominal". O preço do novo edifício seria entre seis mil e sete mil libras<sup>44</sup>, com juros de aproximadamente quatro e meio por cento. A remuneração por cada criança seria de sete ou 7,6 xelins por semana<sup>45</sup>.

Quando setembro de 1899 chegou e as irmãs não chegaram, o bispo escreveu pessoalmente uma carta muito longa e detalhada à superiora geral, começando por lhe fazer uma súplica direta:

*Agora que as celebrações do vosso Jubileu terminaram e que estais preparadas para dar início a outro meio século de labor no caminho traçado pelo vosso Fundador, escrevo aquilo que sabeis — que Nossa Senhora do Rosário vos envia aquilo que eu julgo se revelará um trabalho muito consolador — o cuidado das crianças abandonadas desta grande cidade... agora escrevo para vos pedir que a casa seja aberta e a obra iniciada durante este mês de Nossa Senhora do Rosário, que vos enviou esta excelente missão no seu próprio mês. As crianças já estão à espera de ser entregues aos vossos cuidados; o perigo para a sua virtude aumenta à medida que o tempo passa; cabe-vos a vós apressar-vos e resgatá-las para Maria, sua Mãe<sup>46</sup>.*

O local do edifício provisório já tinha sido escolhido. Seria Blackbrook House, em St. Helen's. Segundo o bispo, a casa encontrava-se num lugar saudável, com seis ou sete acres de terreno e a uma distância de pouco mais de vinte e cinco metros da igreja. A casa estava em boas condições, visto que acabara de ser usada por outra congregação da diocese para as suas férias de seis semanas a meio de verão. Naquele momento, a intenção do bispo era construir uma Escola Industrial permanente perto de Lancaster<sup>47</sup>.

Em seguida, retomou o tema da nomeação imediata da superiora e da sua assistente.

---

<sup>44</sup> A estimativa original da construção, citada pela Madre St. Alphonsus em março de 1898, era de três mil libras. A estimativa atual era para um novo edifício, que custava entre seis mil e sete mil libras. Talvez tenha sido isso que terá suscitado a sua preocupação.

<sup>45</sup> Deão Kelly à Madre St. Félix, 11 de agosto de 1899, SHM Archives, NEP, Box 255.

<sup>46</sup> Bispo Whiteside à Madre St. Félix, 8 de outubro de 1899, SHM Archives, NEP, Box 255.

<sup>47</sup> Ibid.

Sem dúvida, o conselho em Béziers também estava preocupado com essa nomeação. Em julho, a Madre St. Alphonsus tinha sido muito perentória: "As religiosas a enviar deveriam ser muito entendidas em assuntos econômicos e muito despertas — aptas como gestoras. Uma religiosa sábia e muito experiente deveria ser a superiora. Para mim, gerir este lugar é muito mais difícil do que gerir dez fundações como Barrow"<sup>48</sup>. O conselho do Deão Kelly tinha um tom semelhante:

*Agora o mais importante para o êxito de toda a obra é ter uma superiora com energia e com um bom poder mental bem como recursos para apreender e combater as dificuldades, por isso espero que envieis alguém assim e, quando ela chegar, deverá dar uma volta por aqui para visitar todas as outras instituições semelhantes e ver, com os seus próprios olhos, os métodos e as formas de gestão mais recentes<sup>49</sup>.*

O bispo foi categórico ao dizer que a superiora e a sua assistente deviam ser nomeadas de imediato. Deveriam dirigir-se a Seafield House e, daí, visitar as outras Escolas Industriais femininas da diocese, recolhendo sugestões acerca da gestão desse tipo de escola, aprendendo quais os requisitos governamentais e estudando um livro preparado por um dos inspetores do governo sobre secções pertinentes da legislação estatal. Depois, a superiora e a sua assistente deveriam recheiar Blackbrook House com camas, roupas de cama, utensílios de cozinha, mesas, cadeiras, etc. O bispo lembrou que, antes da chegada das crianças, seria útil que as superiores pedissem vestuário para meninas dos três aos doze anos, acrescentando: "*Pois mal as autoridades civis da cidade ouçam dizer que as crianças podem ser recebidas em Blackbrook, pôr-nos-ão quinze a vinte crianças de todos os tamanhos à porta, vestidas de trapos e farrapos que teremos de queimar ou destruir*". Quanto à escolha da superiora, o bispo não exigia experiência anterior em instituições semelhantes, visto que a regulamentação governamental era variável. Ele queria uma superiora "que

---

<sup>48</sup> Madre St. Alphonsus à Madre St. Thomas, 12 de julho de 1899, SHM Archives, NEP, Box 255.

<sup>49</sup> Deão Kelly à Madre St. Felix. 11 de agosto de 1899, SHM Archives, NEP, Box 255.

*tivesse bom senso comum, fosse econômica e maternal, e dotada de tato para lidar com os agentes do governo*"<sup>50</sup>.

Podemos pressupor que a superiora, Madre Conception Kenny, e a sua assistente, Madre Theodore Broderick, foram nomeadas pouco depois da carta do bispo e se familiarizaram com a gestão desejável para as Escolas Industriais. Também se pode pressupor que a pequena comunidade fundadora envidou todos os esforços para mobilizar Blackbrook House, antecipando a chegada das meninas, que estava iminente.

Ao que parece, foi tomada a decisão de construir o edifício permanente maior não perto de Lancaster, mas ao lado de Blackbrook House, em terrenos pertencentes à diocese. O edifício ficou terminado, em 1904, e podia alojar cento e vinte meninas. A Madre St. Charles, que tinha visitado a comunidades de Blackbrook no verão de 1902, contou ao bispo que nessa ocasião *"as irmãs se queixavam do caráter áspero da sua superiora"*. Antecipando um Capítulo Geral, para agosto de 1903, em que se esperava serem feitas muitas mudanças, a Madre St. Charles prometeu mudar a Madre Conception, escrevendo então ao bispo: *"No último mês, recebi várias reclamações pedindo-me que mudasse a Ven. Madre, e como os seus três anos acabaram de expirar, a minha intenção é enviar, durante este mês, [novembro], a Madre Theodore para substituí-la"*<sup>51</sup>. Há dúvidas de que a Madre Theodore alguma vez tenha sido superiora de Blackbrook. Se assim foi, o seu mandato deve ter sido muito curto, visto que era uma pessoa doente, tendo sido submetida a uma grande cirurgia em 1903 e morrendo pouco depois. Ao que parece, a Madre Conception terá continuado superiora até 26 de setembro de 1903, data em que partiu para a Irlanda.

Há um brevíssimo relato anônimo sobre esses primeiros anos em Blackbrook, que resume bem o que se passou: *"A Madre Conception, mulher de grande capacidade administrativa, foi afastada em 1903, sucedendo-lhe a Madre M. Vincent [Foley],*

---

<sup>50</sup> Bispo Whiteside à Madre St. Felix, 8 de outubro de 1899, SHM Archives, NEP, Box 255.

<sup>51</sup> M. St. Charles ao Bispo Whiteside, 5 de novembro de 1902, SHM Archives, NEP, Box 255.

*que se manteve no cargo de Diretora até 3 de março de 1929*"<sup>52</sup>. É a esta mulher, Madre Vincent, que se deve o êxito da fundação de Blackbrook.

---

<sup>52</sup> "Blackbrook House", autor anónimo, no datado, manuscrito de 4 págs., SHM Archives, NEP, Box 255.

## DAS CELEBRAÇÕES ÀS CRISES

### Aprovação das Constituições — 1899

Mal a Madre St. Félix acabou de tratar das questões urgentes na sequência da morte de Gailhac, centrou de novo a sua atenção num assunto que a absorveria muito durante quase nove anos: a aprovação das Constituições da Congregação pela Santa Sé.

O Instituto recebera a aprovação oficial das primeiras Constituições, habitualmente denominadas como Santa Regra, a 8 de abril de 1850, alguns dias antes das irmãs fundadoras terem recebido o seu hábito religioso. Tal aprovação, dada pelo Bispo Thibault, então Bispo de Montpellier, identificava as Religiosas do Sagrado Coração de Maria como um Instituto de direito diocesano e conferia uma certa legalidade às Constituições que Gailhac redigira como guia da vida do Instituto. Seis anos mais tarde, a 19 de agosto de 1856, o Instituto recebeu o reconhecimento legal por parte do governo francês, tornando-se assim elegível para usufruir dos direitos de uma congregação religiosa autorizada, e passando a ser considerado instituição de "utilidade" pública<sup>1</sup>.

Depois do Instituto ter sido reconhecido pela Igreja diocesana da França e pelo governo francês, começaram a ser criadas fundações fora do país. Isso suscitou a necessidade urgente de tentar obter a aprovação pontifícia, a fim de que o Instituto pudesse continuar a expandir-se fora da França. Assim, a Madre St. Croix Vidal e Gailhac deram início a um processo de petições para a aprovação do Instituto pela Santa Sé. Essa aprovação foi dada em várias etapas. Um primeiro decreto, o Decreto de

---

<sup>1</sup> Ver Rosa do Carmo Sampaio, RSCM, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 1, 105 e 153-156.

Louvor (Decretum Laudis), concedido a 16 de setembro de 1873, deu à congregação o reconhecimento e a aprovação oficiais da Santa Sé<sup>2</sup>. A aprovação plena das constituições requereria mais tempo, porém, visto que a Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares<sup>3</sup> enviara uma longa lista de *animadversiones*, ou seja, de perguntas e sugestões de alterações nas Constituições antes de estas poderem ser aprovadas<sup>4</sup>.

Em 1879, após a morte do Papa Pio IX, a Madre St. Félix com o seu conselho e Gailhac, como fundador, pediram ao sucessor do Papa nova aprovação do Instituto. A 10 de julho de 1880, Leão XIII concedeu um segundo decreto, o Decreto de Recomendação, que confirmou a congregação como Instituto de Direito Pontifício<sup>5</sup>. Tal reconhecimento, porém, não incluía a plena aprovação das Constituições, visto que o decreto fora novamente acompanhado de uma lista de *animadversiones*<sup>6</sup>.

A aprovação das Constituições foi o terceiro e último obstáculo a transpor a fim do Instituto receber aprovação final por parte da Igreja. Em 1891, a Madre St. Félix dedicou-se a tentar alcançar esse objetivo. O cardeal protetor do Instituto, Cardeal Hohenlohe, prometeu que se empenharia ativamente no processo e pediu à superiora geral que lhe enviasse todos os documentos pertinentes<sup>7</sup> e uma cópia do pedido formal de aprovação das Constituições.

---

<sup>2</sup> Ver Decreto da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, 16 de setembro de 1873, 166-172, Arq. Hist. / Cong., Vol. II-B2, 32.

<sup>3</sup> A Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares foi dividida em 1908, tornando-se a Sagrada Congregação para os Religiosos um organismo separado. Em 1967, o Papa Paulo VI mudou o nome para Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares. Em 1988, o Papa João Paulo II voltou a mudar o nome para Sagrada Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e para as Sociedades de Vida Apostólica. Os arquivos desta congregação romana são designados pela abreviatura SCRIS, Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares.

<sup>4</sup> Ver *Animadversiones* in Constitutionibus (1873), Arq. Hist. / Cong., Vol. II-B2, 24.

<sup>5</sup> Ver Decreto da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, 10 de julho de 1880, 161-166, Arq. Hist. / Cong., Vol. II-B2, 32. Para conhecer a reação de Gailhac ao decreto, ver Connell, RSHM, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3, 11-15.

<sup>6</sup> Ver *Animadversions* in Constitutionibus (1880), Arq. Hist. / Cong., Vol. II-82, 25.

<sup>7</sup> Novas cópias manuscritas das *Animadversiones* de 1873 e 1880 foram obtidas junto da Sagrada congregação dos Bispos e Regulares para facilitar a preparação do requerimento do Instituto. Ver Arq. Hist. / Cong., Vol. II-B2, 26-28.

A Madre St. Félix deu início ao longo processo preparatório do dossiê dos documentos necessários. Começou por contactar o Bispo de Cabrières, pedindo-lhe uma carta de recomendação do Instituto. O Bispo estava sempre disposto a ajudar as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, mas, devido à sobrecarga de trabalho ou ao fato de se ter esquecido, mostrou-se muito negligente em termos de resposta. Sublinhando a importância de uma carta do bispo da diocese onde o Instituto tinha a sua Casa Mãe, a superiora geral tentou persuadi-lo que a sua carta de aprovação era fundamental para a prosperidade das obras da congregação nos "países de missão", pois o clero dava muita importância à recomendação do bispo<sup>8</sup>. O Bispo de Cabrières não enviou imediatamente a carta, apesar da ansiedade da Madre St. Félix por terminar o processo. Passaram seis meses e ela estava ansiosa por tratar de tudo, durante a oitava da Imaculada Conceição, visto ser essa a segunda festa do Instituto, mas, para isso, precisava da carta de recomendação do Bispo de Montpellier. Assim, a 2 de dezembro, a Madre St. Félix recordou-lhe de novo a urgência da questão, pedindo-lhe que escrevesse a sua recomendação mal as suas responsabilidades apostólicas lho permitissem<sup>9</sup>. A carta do Bispo de Cabrières foi enviada pouco depois e ele mandou uma cópia da carta à Madre St. Félix<sup>10</sup>. O seu afeto pelo Instituto e as informações positivas por ele dadas acerca do mesmo fizeram com que a Madre St. Félix se sentisse aliviada e feliz<sup>11</sup>.

Além do Bispo de Montpellier, outros bispos das dioceses onde as RSCM viviam e trabalhavam também escreveram cartas de recomendação, em 1891. Os arquivos da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares contêm cartas do bispo Patrick McAlister (Diocese de Down e Connor) e do Bispo John

---

<sup>8</sup> Madre St. Félix a Monsenhor de Cabrières, 28 de maio de 1891, Lettres diverses, Caderno 2 (1889-1895) 30-33, Arq. Hist. / Cong., Vol. II-D, 95 (a seguir referido como Lettres diverses).

<sup>9</sup> Madre St. Félix a Monsenhor de Cabrières, 2 de dezembro de 1891, Lettres diverses, Caderno 2, 33-34.

<sup>10</sup> Monsenhor de Cabrières ao Santo Padre, 11, de dezembro de 1891, SCRIS, M. 30.

<sup>11</sup> Madre St. Félix a Monsenhor de Cabrières, 13 de dezembro de 1891, Lettres diverses, Caderno 2, 38-39.

Loughlin (Diocese de Brooklyn)<sup>12</sup>. O Cardeal Vincenzo Vannutelli, então núncio papal em Portugal, que conhecia as irmãs de Braga, Porto e Chaves, também escreveu, recomendando o Instituto<sup>13</sup>. O cardeal protetor, Cardeal Hohenlohe, ia sendo informado dos passos dados e da necessidade urgente da aprovação definitiva do Instituto<sup>14</sup>.

As cartas pedidas foram reunidas e acompanhadas por um breve relato histórico da fundação do Instituto, por uma descrição do seu estado atual e pelo pedido oficial de aprovação definitiva das Constituições. Quando o processo ficou terminado, a Madre St. Félix Maynard foi entregar o dossiê ao Bispo de Cabrières, mas este, vendo que estava tudo completo, instou com ela para que o entregasse pessoalmente à Sagrada Congregação de Roma<sup>15</sup>.

Nas suas Notas, escritas depois do ocorrido, a Madre St. Félix explica que por essa altura tinha ficado apreensiva, receando que o espírito do fundador tivesse começado a enfraquecer na Congregação e que, como consequência disso, "a transição fosse crítica e a situação muito delicada". Os seus comentários dão a impressão de ter sido essa a razão para ela se manter continuamente atenta, com grande cuidado e vigilância, a fim de conservar o espírito original em toda a sua integridade em todo o Instituto. Ia-se tornando cada vez mais claro para ela que a necessidade de aprovação definitiva das Constituições era urgente<sup>16</sup>. A aprovação foi novamente recusada, porém, sendo enviada uma lista de onze *animadversiones* pela Sagrada Congregação<sup>17</sup>. Não há dúvida que o Instituto, nesse momento, ficou desapontado, mas a Madre St. Félix, escrevendo em

---

<sup>12</sup> Ver SCRIS, M. 30.

<sup>13</sup> Cardeal Vincenzo Vannutelli, ao Beatíssimo Padre, 25 de abril de 1891, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 117, Pasta 2.

<sup>14</sup> Madre St. Félix ao Cardeal Hohenlohe, 10 de dezembro de 1891, Lettres diverses, Caderno 2, 36-37.

<sup>15</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3, 6, Arq. Hist. / Cong., Vol.VII, 12 (a seguir referido como Notes).

<sup>16</sup> Notes, Caderno 3, 5.

<sup>17</sup> Ver Arq. Hist. / Cong., Vol. II-B, 29.



retrospectiva, apresentou uma interpretação mais positiva: As Constituições tinham sido oficialmente submetidas pela terceira vez em 1892, mas, tendo em vista a incorporação das alterações necessárias antes de serem apresentadas por uma quarta e última vez<sup>18</sup>.

Em 1897, o processo da aprovação definitiva das Constituições recomeçou de novo. O pedido feito pela Madre St. Félix ao Papa Leão XIII para aprovação final do Instituto estava datado com o dia 16 de janeiro de 1897<sup>19</sup>. O Instituto tinha crescido desde que o último requerimento fora apresentado. Como tinham sido criadas duas fundações adicionais na França, pediu-se aos Bispos de Valence e de Viviers que recomendassem a congregação agora presente nas suas dioceses<sup>20</sup>. Outros bispos, incluindo os Bispos de Liverpool, Ossory e Brooklyn escreveram, recomendando o pedido da comunidade<sup>21</sup>.

Como de costume, a finalização do dossiê estava atrasada. Um ano mais tarde, a 12 de fevereiro de 1898, a Madre St. Félix, escrevendo ao Bispo de Cabrières relativamente à nomeação do Cardeal Vincenzo Vannutelli como cardeal protetor do Instituto, voltou a lembrar ao bispo a sua prometida carta de recomendação<sup>22</sup>. Dois meses depois, a 20 de abril, recordou mais uma vez ao Bispo de Montpellier que, mal a sua carta fosse recebida, ela poderia encerrar o dossiê e enviá-lo imediatamente ao novo cardeal protetor, que dissera que estava interessado em acelerar o processo<sup>23</sup>.

O Bispo de Cabrières enviou finalmente a sua carta, completando assim a documentação, e o dossiê foi enviado de imediato ao Cardeal Vannutelli, que fez a devida entrega à

---

<sup>18</sup> Madre St. Félix, Notes, Caderno 3, 5.

<sup>19</sup> Madre St. Félix ao papa leão XIII, 16 de janeiro de 1897, Lettres diverses, Caderno 3, 3-4.

<sup>20</sup> Madre St. Félix a Monsenhor Cotton e Monsenhor Bonnet, 26 de janeiro de 1897, Lettres diverses, Caderno 3, 4.

<sup>21</sup> Ver SCRIS, M. 30.

<sup>22</sup> Madre St. Félix a Monseigneur de Cabrières, 12 de fevereiro de 1898, Lettres diverses, Caderno 3, 8-8bis.

<sup>23</sup> Madre St. Félix a Monseigneur de Cabrières, 20 de abril de 1898, Lettres diverses, Caderno 3, 13bis.

Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares. Até ao fim das férias de verão, porém, nenhuma ação foi implementada como resposta ao pedido do Instituto. A Madre St. Félix esperava que depois do período de férias de verão, as pessoas responsáveis por analisar o dossiê se dedicassem a essa tarefa. Também confiava que o novo cardeal protetor tivesse influência junto da Santa Sé e sobretudo do seu irmão, Cardeal Serafino Vannutelli, prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares entre 1896 e 1899. A 8 de novembro de 1898, a Madre St. Félix escreveu ao cardeal protetor pedindo-lhe, de forma muito direta, para interceder no sentido de que, dessa vez, as Constituições fossem aprovadas. Tal aprovação era fundamental para as fundações das RSCM em países estrangeiros, recordou-lhe ela<sup>24</sup>. Mais importante ainda, a Madre entendia que a mesma também era necessária para o estado de espírito das irmãs. Vários meses mais tarde, depois de ter examinado as Constituições, a Sagrada Congregação recomendou a sua aprovação e Leão XII confirmou a sua decisão. A aprovação definitiva estava datada de 24 de fevereiro de 1899, precisamente cinquenta anos depois da fundação do Instituto<sup>25</sup>.

O decreto formal dizia o seguinte:

*O nosso Santo Padre, Papa Leão XIII, em audiência de 20 de fevereiro de 1899, concedeu ao abaixo mencionado Cardeal prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, tendo em conta as cartas de recomendação dos bispos dos lugares onde o Instituto das Irmãs do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada, está estabelecido, sente-se feliz por aprovar e confirmar as Constituições acima transcritas, tal como constam do presente exemplar, cujo original será guardado nos arquivos da dita congregação, e mediante o conteúdo do presente decreto, as mesmas Constituições são aprovadas e confirmadas, sem prejuízo dos Ordinários, segundo os Sagrados Cânones e a constituições apostólicas.*

---

<sup>24</sup> Madre St. Félix à Eminência Reverendíssima, 8 de novembro de 1898, Lettres diverses, Caderno 3, 14.

<sup>25</sup> Decreto de Aprovação, Arq. Hist. / Cong., Vol. VII 132, 32; Madre St. Félix, Notes, Caderno 3, 7.

*Dado em Roma, no Secretariado da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, a 24 de fevereiro de 1899.*

*Card. S(erafino) Vannutelli, Prefeito  
Trombelta, Secretário<sup>26</sup>*

A boa notícia fora transmitida pessoalmente pelo cardeal protetor, antes do decreto em si ter sido enviado. A Madre St. Félix não se encontrava em Béziers nessa altura. Estava de visita às irmãs de Portugal, por isso foi daí que notificou todas as casas do Instituto por telegrama.

As irmãs ficaram cheias de alegria ao ouvir a notícia. Começaram a chover telegramas e cartas de felicitações e de ação de graças a Deus. Mal regressou a Béziers, a Madre St. Félix, que já recebera o texto, escreveu aos cardeais que tinham tornado a aprovação possível, partilhando com eles a grande alegria do Instituto, agradecendo-lhes os seus bons esforços e garantindo-lhes que *"o zelo e a coragem de todos dará um novo impulso para o cumprimento da vontade de Deus como manifestado nas Constituições"*<sup>27</sup>. Também o comunicou ao Bispo de Cabrières, pedindo-lhe que se juntasse a elas para agradecer a Deus essa graça<sup>28</sup>. Segundo a descrição da Madre St Félix ao Cardeal Vannutelli, durante esses primeiros dias, as religiosas estavam absorvidas na leitura e releitura das Constituições, saboreando-as de uma forma nova<sup>29</sup>.

A seu tempo, foi notado um erro nas novas Constituições: o artigo 27 estava diferente daquele que fora submetido pelo Instituto. O texto aprovado declarava: *"Após um ano inteiro de Noviciado, as noviças serão admitidas a votos anuais durante*

---

<sup>26</sup> A carta original e oficialmente selada de aprovação da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, datada de 24 de fevereiro de 1899, es-0 afixada à cópia manuscrita das Constituições (1897) que tinha sido submetida para aprovação. Ver Arq. Hist. / Cong., Vol. VII-B2, 32. Cópias datilografadas dos Documentos relacionados com a aprovação do Instituto podem encontrar-se em Proc. op., Vol. 22, 6439-6450.

<sup>27</sup> Madre St. Félix a Monsenhor de Cabrières, 23 de março de 1899, Lettres diverses. Caderno 3,8-9. Ver também Madre St. Félix ao Cardeal Serafino Vannutelli, 4 de abril de 1899, Caderno 3,15-16.

<sup>28</sup> M. St. Félix a Mons. de Cabrières, 5 de abril de 1899, Lettres diverses, Caderno 3,16-18.

<sup>29</sup> M. St. Félix ao Cardeal Vannutelli, 23 de abril de 1899, Lettres diverses, Caderno 3, 18-20.

*três anos, e depois disso farão votos por cinco anos*". O mesmo parágrafo do texto submetido rezava assim: *"Após um ano inteiro de Noviciado, as noviças podem ser admitidas a votos anuais até aos vinte e um anos de idade, quando farão votos por cinco anos"*. A diferença parecia mínima, mas era importante. No texto submetido era dada a possibilidade às noviças, que já tivessem vinte e um anos de idade, de fazer os seus votos por cinco anos, ao passo que o texto aprovado exigia que todas as noviças, fosse qual fosse a sua idade, fizessem votos anuais durante três anos e só depois disso fizessem votos por cinco anos. Tal mudança poderia causar complicações ao Instituto, pois poderia retardar a profissão perpétua das irmãs que fossem mais velhas e mais experientes ao ingressar nele. Sem profissão perpétua, essas irmãs poderiam ser impedidas de ir para as fundações ou de assumir certas responsabilidades limitadas às irmãs com votos perpétuos. A Madre St. Félix decidiu apresentar essas suas preocupações ao Cardeal Vannutelli e pedir que ele apoiasse a versão do Artigo 27 submetida pelo Instituto<sup>30</sup>. Deve ter aconselhado a Madre St. Félix a fazer um pedido formal para esse efeito porque, a 10 de maio de 1899, a Madre St. Félix requereu oficialmente que o Artigo 27 fosse modificado em conformidade com o costume do Instituto<sup>31</sup>. Pouco depois, a 3 de junho de 1899, a superiora geral recebeu uma revisão oficial do Artigo 27, que agora dizia assim: *"Após terem passado um ano no Noviciado, as noviças serão admitidas a votos anuais por dois anos, depois, farão votos por três anos"*<sup>32</sup>. A Madre St. Félix pareceu agradada com o arranjo e, a 13 de junho de 1899, manifestou-o ao Cardeal Vannutelli numa carta cordial, expressando o seu apreço<sup>33</sup>.

Após a aprovação das Constituições e a recepção da revisão oficial, o Bispo de Cabrières autorizou a publicação das

---

<sup>30</sup> Ibid.

<sup>31</sup> M. St. Felix ao Cardeal Vannutelli, 10 de maio de 1899, Lettres diverses, Caderno 3, 20-21.

<sup>32</sup> Rescrito of the Holy See, 3 de junho de 1899, Arq. Hist. / Cong., Vol. VII-132, 32.

<sup>33</sup> Madre St. Félix ao Cardeal Vannutelli, 13 de junho de 1899, Lettres diverses, Caderno 3, 21.

Constituições tal como estas tinham sido recebidas de Roma. Mal isso foi feito, o editor enviou ao bispo tanto as folhas impressas como o manuscrito romano, para ele se certificar da conformidade entre ambos, e assim poder escrever e assinar a declaração, nos termos da lei<sup>34</sup>.

A 19 de fevereiro de 1900, o Secretário da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, tendo revisto o texto impresso, declarou que havia acordo total entre este e o texto depositado junto da Sagrada Congregação<sup>35</sup>.

Finalmente, a 12 de abril de 1900, o Bispo de Cabrières deu o *imprimatur* para as Constituições, com o seguinte texto:

*Tendo visto as Constituições Originais do Instituto das Irmãs do SCM.V.I., um documento devidamente assinado e selado por Sua Eminência, o Cardeal S. Vannutelli, Prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, a 24 de fevereiro de 1899; tendo examinado as provas do trabalho completo dessas Constituições, impressas em Lille, em MM. Desclée de Brower e Cia.; tendo nós próprios verificado a conformidade exata existente entre o texto do manuscrito e o texto impresso; estando além disso convencidos da grande importância que tem para a boa direção da Congregação e para a perfeição de cada religiosa individual que faz parte dessa Congregação, ter um perfeito conhecimento das regras a observar e do espírito interior que torna essa observância fácil e meritória; e finalmente, desejosos de contribuir, na medida das nossas possibilidades, para o progresso de uma Congregação fundada na nossa diocese por um venerável membro do nosso clero, Congregação essa que, onde quer que se estabeleça — na França, Inglaterra, Irlanda, Portugal ou qualquer outro país — se distinguirá, tanto no futuro como no passado, pelo seu zelo, piedade e regularidade; declaramos a presente edição conforme, sob todos os aspetos, com o texto do manuscrito; e manifestamos os*

---

<sup>34</sup> Monsenhor de Cabrières à Madre St. Félix, 6 de janeiro de 1900, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 18, Pasta 12.

<sup>35</sup> Proc. op., Vol. 22, 29 Madre St. Félix ao Cardeal Vannutelli, 23 de abril de 1899, Lettres diverses, Caderno 3, 18-20.

*nostros sinceros desejos de que esta publicação possa contribuir para o desenvolvimento da Congregação e para proveito espiritual de todas as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada*<sup>36</sup>.

A aprovação das Constituições foi o último passo nos esforços do Instituto para ser plenamente reconhecido pela Igreja universal. Agora, para onde quer que fossem enviadas, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria seriam mais facilmente aceitas. Agora, com a sua Regra aprovada pela Santa Sé, já não estariam tão dependentes dos bispos locais. Com as Constituições aprovadas, o Instituto podia celebrar os seus cinquenta anos de existência com confiança e gratidão<sup>37</sup>.

### **Quinquagésimo aniversário do Instituto (1899)**

O ano de 1899 marcou outra importante efeméride para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Tinham passado cinquenta anos desde a fundação da Congregação. Agora chegara o momento de celebrar e de dar graças a Deus por tanto bem realizado. Os tempos difíceis tinham sido ultrapassados pelo espírito de fé das pioneiras, que tinham lançado fundações na Inglaterra e na Irlanda, em Portugal e na América. Agora chegara o momento de serem incentivadas a seguir em frente com um zelo ainda maior. À medida que os planos para a celebração se iam desdobrando, as religiosas, que agora já eram cerca de quatrocentas, refletiam sobre as fundações mais recentes — algumas dentro do mesmo país, outras num novo país ou num novo continente. Só na década de 1890, tinham sido criadas duas novas fundações francesas, duas novas fundações na Inglaterra e uma em Portugal!

---

<sup>36</sup> Ver exemplos deste imprimatur nas Constituições datadas de 1900, e também em cópias da aprovação do Bispo Whiteside (11 de maio de 19149 da tradução do texto para inglês em Arq.Hist. / RSHM, Box Y, Folder 2.

<sup>37</sup> Para uma comparação das várias primeiras edições das Constituições (1850, 1870, 1879, 1892, 1899) com articulações posteriores da Finalidade do Instituto e da Natureza e do Espírito do Instituto (1968, 1975, 1983, 1990), ver Margery Keenan, RSCM, The Constitutions of the Religious of the Sacred Heart of Mary: A Brief Consideration of the Purpose and Spirit of the Institute (Sources of Life, Resource Series II, março de 2000), 18.

Os jornais locais começaram a descrever os preparativos para o aniversário logo desde agosto. Num artigo muito positivo, um autor aproveitou a ocasião para falar da aprovação final das Constituições. Com sentimentos de amizade e gratidão para com a comunidade, o autor apresentou uma visão geral do trabalho do Instituto em vários Países e a necessidade de vocações religiosas que dessem continuidade a essa boa obra<sup>38</sup>.

O bispo de Montpellier aceitou de boa vontade presidir a celebração. A Madre St. Félix escreveu ao cardeal protetor, Vincenzo Vannutelli, anunciando o quinquagésimo aniversário e pedindo a sua bênção especial para o Instituto. Também pediu, se possível, uma bênção papal de Leão XIII para assinalar a ocasião<sup>39</sup>.

A data da celebração foi finalmente marcada para 19-20 de setembro na Casa Mãe em Béziers. Muitos convites foram enviados para bispos e para outros membros do clero, religiosos, amigos, antigas alunas e outros da França e de outros países. O Bispo Cotton, da diocese de Valence, foi um dos que não puderam assistir, por estar doente, mas enviou o seu vigário-geral, Padre Chausson, como seu representante<sup>40</sup>. A ausência da superiora da fundação de Seaforth provocou um certo desapontamento; ao que parece, o pároco, Deão P. L. Kelly, era de opinião que, como a cerimônia em Béziers coincidiu com a chegada das novas alunas a Inglaterra, a superiora tinha o dever de ficar em Seaforth para se encontrar com os pais<sup>41</sup>. No entanto, salvo raras exceções, os convidados assistiram à celebração e a capela da Casa Mãe ficou completamente cheia.

A Madre St. Félix deixou um relato detalhado do evento. Na véspera da cerimônia, os sinos de St. Aphrodise tocaram sem cessar para lembrar aos habitantes de Béziers o evento que já lhes fora previamente anunciado. Ora, precisamente às dez da

---

<sup>38</sup> Ver *Le Publicateur Béziers*, 25 de agosto de 1899, e *Semaine Religieuse de Montpellier*, 59.

<sup>39</sup> Madre St. Felix ao Cardeal Vannutelli, agosto de 1899, *Lettres diverses*, Caderno 3, 22.

<sup>40</sup> Madre St. Felix a Monsenhor Bonnet, agosto de 1899, *Lettres diverses*, Caderno 3, 22.

<sup>41</sup> Ver Padre L. Kelly á Madre St. Felix, 29 de julho de 1899, *Lettres diverses*, caderno 3, 22.

manhã do dia 19 de setembro, teve início a Missa Solene cantada. Cerca de sessenta sacerdotes participaram na procissão de entrada solene — todo o clero de Béziers, alguns dos antigos Sacerdotes do Bom Pastor, representantes das dioceses de Valence e Viviers, velhos amigos de Gailhac — e ocuparam os seus lugares no grande semicírculo à volta do altar. Também estavam presentes antigas alunas, amigos do convento, representantes das várias comunidades de Béziers, parentes da Madre St. Jean e de Gailhac e, obviamente, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria e outras religiosas<sup>42</sup>.

Antes do início da Missa, o capelão-confessor da Casa Mãe, Monsieur l'Abbé Rome, fez uma longa alocução em honra do celebrante, o Bispo de Montpellier, em cuja diocese a congregação fora fundada cinquenta anos antes. Também desejava felicitar as religiosas que tinham sido consagradas a Deus naquela santa Casa Mãe ao longo dos últimos cinquenta anos. Prosseguiu explicando a sua ligação a comunidade, que, como afirmou, o bispo colocara sob a sua direção (como capelão) apesar da sua falta de mérito e de experiência. Durante mais de dois anos, prosseguiu o capelão, tinha sido testemunha do desejo das irmãs de corresponder à vontade de Deus, e afirmou fortemente que *"Nosso Senhor Jesus Cristo vai sendo aqui, dia após dia, mais amado e mais bem servido, e o trabalho de santificação das almas vai progredindo sem interrupção, apesar dos obstáculos levantados pelo inimigo"*. Ao longo dos dois anos em que estivera na Casa Mãe, continuou Monsieur l'Abbé Rome, sentira que ele próprio se tornara melhor e que o espírito sobrenatural se desenvolvera na sua alma, o que ele próprio atribuía ao zelo das religiosas. O seu exemplo produzira um efeito benéfico no seu próprio crescimento espiritual, e ele agradecia a Deus por isso do fundo do seu coração<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> Ver Madre St. Félix, "Fête des Noce d'or de l'Institut et de la dernière des Fondations", Notes, caderno 3, 53.

<sup>43</sup> Para uma cópia desta alocução, ver SHM Archives, Motherhouse, Box 35, Folder 2. A afirmação de Abbe Rome de que o bispo o tinha encarregado de dirigir as RSCM da Casa Mãe "no caminho da perfeição" é muito interessante, tendo em conta o controle crescente que ele assumiria na Casa Mãe, na qualidade de capelão e confessor. Em 1904, Madre St Félix dirigiria



A Missa Americana de Millard foi cantada em quatro partes por um coro formado por membros da comunidade, do noviciado, do orfanato e por antigas alunas. A Madre St. Félix recordava a música como tendo sido "cantada com mestria" e com uma comovente expressão de fé, tendo ficado profundamente emocionada quando os membros do clero se juntaram espontaneamente ao coro. O Bispo de Cabrières fez a homilia utilizando o texto de S. Paulo: "As grandes obras são realizadas pelo poder de Deus e não pelo nosso", e explicou como Deus utilizara as ruínas da Revolução [francesa] para dar início a uma nova Congregação na Igreja. Aludiu em seguida à inspiração que o Padre Gailhac recebera de Deus: fundar o Instituto apenas um ano depois da confusão por que França passara em 1848, nunca imaginando que a congregação se espalharia tão depressa e até tão longe. O bispo concluiu a sua homilia recordando o que ainda faltava fazer para completar a Obra que fora confiada à congregação<sup>44</sup>.

A Eucaristia terminou precisamente ao meio-dia, seguindo-se-lhe um excelente almoço na sala do recreio, com todas as mesas dispostas de modo a formar uma ferradura gigante e decoradas com gosto e delicadeza. Segundo a Madre St. Félix, o ambiente era de alegria e amizade, e "toda a gente estava contente". Ao fim da tarde, os convidados regressaram à capela para a bênção do Santíssimo Sacramento, com novos cânticos maravilhosamente acompanhados ao violino. À noite houve um jantar para o bispo, os convidados mais íntimos e todos aqueles que tinham vindo de longe. O dia terminou com uma magnífica exibição de fogo de artifício no pátio do noviciado<sup>45</sup>.

---

uma súplica desesperada ao cardeal protetor, no sentido de que a ajudasse a mudar o capelão imediatamente, antes que não restasse nada do espírito do fundador. Segundo a superiora geral, Monsieur L'Abbé Rome, estando na Casa Mãe há nove anos, assumira o governo da comunidade da mesma. Ver Madre St. Felix ao Cardeal Vannutelli, 20 de setembro de 1904, *Lettres diverses*, Caderno 3,43-45.

<sup>44</sup> Madre St. Felix, Notes, Caderno 3, 54.

<sup>45</sup> *Ibid.*, 55.

No dia seguinte, a celebração mudou-se para uma zona mais rural, em Bayssan. Como o bispo de Montpellier tinha um compromisso anterior para presidir a um casamento, o vigário-geral de Drôme presidiu ao almoço, em que participaram alguns membros do clero e outros convidados, incluindo os proprietários das vinhas vizinhas de Bayssan e algumas das religiosas mais velhas. As festividades foram finalmente encerradas com uma bênção solene e uma breve alocução feita pelo vigário-geral, Padre Chausson. Na manhã seguinte, todos os convidados começaram a despedir-se, regressando a suas casas e levando consigo belas recordações daqueles dois dias memoráveis<sup>46</sup>. Talvez o Bispo Whiteside de Liverpool tenha sido o que melhor descreveu o estado de espírito dos participantes quando mais tarde escreveu à Madre St. Félix: *"Agora que as celebrações do jubileu já passaram, chegou o momento de dar início a um novo século de trabalho, seguindo o caminho traçado por Jean Gailhac"*<sup>47</sup>.

### **As bodas de ouro da Madre St. Felix (1901)**

Porém as celebrações do jubileu ainda não tinham terminado pois, dois anos após o quinquagésimo aniversário da fundação do Instituto, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria e os seus amigos reuniram-se na Casa Mãe para celebrar outro evento importante — as bodas de ouro da Madre St. Félix. Ela fizera a sua profissão religiosa com o primeiro grupo professo em maio de 1851, sendo considerada um dos membros fundadores do Instituto. Agora era a única sobrevivente desse primeiro grupo de dez irmãs. Ao celebrar as suas bodas de ouro, o Instituto também estava a recordar a profissão do grupo fundador<sup>48</sup>.

---

<sup>46</sup> Ibid., 56.

<sup>47</sup> Bispo Whiteside à Madre St. Félix, 8 de outubro de 1899, SHM Archives, NEP, Box 253.

<sup>48</sup> Oito das dez tinham morrido: Madre St. Marie Eustache (6 de fevereiro de 1853), Madre St. Cyprien Froment (4 de julho de 1856), Madre St. Stanislas Gibbal (15 de dezembro de 1859), Madre St. Jean Cure Pelissier (4 de março de 1869), Irmã St. Aphroside Cambon (24 de fevereiro de 1874), Madre Ste. Croix Vidal (4 de setembro de 1878), Irmã Ste. Modeste Jeantet (19 de abril de 1886), Irmã Ste. Agnes Roques (25 de dezembro de 1890). A Irmã St. Vincent Phalip foi mandada embora do Instituto (primavera de 1875). A Madre St. Félix sobreviveria até 26 de março de 1922.

A Madre St. Félix fora a mais jovem do grupo. Com efeito, como tinha apenas dezenove anos em 1851, tinha havido algumas dúvidas sobre a possibilidade de ela fazer a profissão com as outras. Quando do exame canônico, o Bispo Thibault, vendo o seu forte desejo de se consagrar e de se dedicar à sua vocação, concedeu a dispensa necessária que a admitiu à profissão final, embora ela ainda não tivesse vinte e um anos<sup>49</sup>. Fora um momento inesquecível para a jovem noviça. Agora, ao fim de cinquenta anos de dedicação a Deus e de serviço incansável pelo reino de Deus, celebrou juntamente com todos os membros do Instituto que ela ajudara a fundar e a consolidar através do mundo<sup>50</sup>

O evento teve lugar na Casa Mãe a 4 de maio de 1901, o dia da sua profissão cinquenta anos antes. O jubileu começou com uma Missa simples celebrada pelo Padre Maynard, irmão da Madre. Em seguida, a Madre St. Félix, rodeada pelas suas quatro conselheiras, renovou os votos na presença de toda a comunidade. A Missa Solene cantada começou às dez da manhã. Presidiu o capelão da casa, Monsieur l'Abbé Rome, como representante do bispo de Montpellier, que estava a fazer a sua visita *ad limina* ao Vaticano. Na Eucaristia estiveram presentes todas as religiosas, as alunas do colégio interno e do orfanato, antigas alunas e amigos do convento. Os cânticos entoados durante a Missa foram descritos pela Madre St. Félix como "sublimes", conferindo à comovente cerimônia "um sentimento de gratidão experimentado por todos os participantes"<sup>51</sup>.

---

<sup>49</sup> A madre St. Félix nasceu a 12 de outubro de 1831 em Millau. Há uma certa discrepância relativamente à data real da sua entrada. O registro oficial afirma que ela ingressou na comunidade a 15 de outubro de 1849, apenas dois dias depois de ter completado dezoito anos. Tinha dezanove anos quando fez os seus votos perpétuos, a 4 de maio de 1851. Ver Great Register, 4\*4, Arq. Hist. / RSHM, Caixa 17.

<sup>50</sup> Proc. op., 4392-4397. Ver também um relato de jornal não identificado, intitulado Noces d'Or, Arq. Hist. / RSHM, Caixa 5, Pasta 8.

<sup>51</sup> Ver Diverses Notes o conserver précieusement, 76-90, Arq. Hist. / Cong. Vol. II-D, 95. A Madre St. Félix faz um longo relato da celebração do seu jubileu, não só descrevendo os acontecimentos do próprio dia, mas também enunciando brevemente os contributos dos seus predecessores: equiparando o estilo de Appollonie a de Mme. [Jane] de Chantal, citando a sua decisão de ingressar no Instituto e a ajuda encontrada no mesmo; a Madre Ste. Croix e o seu papel nas fundações da Irlanda, Inglaterra e Portugal; e o seu próprio lugar na história primordial da comunidade. Esse relato, provavelmente escrito muito depois das suas bodas de ouro, é incaracterístico na sua inclusão de citações de Berlioz a St. Jérôme, e outras.

Depois da Missa, as visitas passaram a grandes salas arranjadas com muito gosto para dar os parabéns e oferecer ramos de flores à aniversariante. Em seguida, para deleite de todos os presentes, chegou uma bênção papal especial de Roma para aquela que se dedicava completamente, há meio século, ao serviço da Igreja. Ao fim da tarde, houve uma espetacular exibição de fogo de artifício no pátio do colégio interno, seguida por um programa musical de peças orquestrais para instrumentos de corda, danças, breves obras corais, declamações e execuções a solo no piano, harmônio, violino, bandolim e guitarra<sup>52</sup>.

Ao relatar o evento, um dos jornais do Midi comentou que aquelas eram as terceiras bodas de ouro celebradas na Casa Mãe em Béziers. As primeiras tinham sido o quinquagésimo aniversário da ordenação do fundador, Jean Gailhac, em setembro de 1876. As segundas, em 1899, tinham sido em honra dos cinquenta anos da fundação do Instituto. As terceiras foram as bodas de ouro da Madre St. Félix. O jornalista anônimo parece ter apreendido o significado do evento com uma sensibilidade invulgar: *"Na sua modéstia, ela não quis repetir o brilho das duas bodas de ouro anteriores já celebradas na Casa Mãe... esta festa íntima foi marcada por sentimentos de simpatia, veneração e afeto para com a Madre St. Félix, manifestados por todas as suas filhas, atuais e antigas, ricas e pobres, que tinham beneficiado da educação e da instrução religiosa recebida quer no colégio interno quer no orfanato"*<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> Ver o programa completo, decorado com iluminuras, dedicado À Notre Chère Révérende Mère à l'occasion de ses Noces d'Or, 4 de maio de 1851-1901, Arq. Hist. /RSCM / Caixa 5, Pasta 8.

<sup>53</sup> Ver L'Éclair: Journal Quotidien du Midi, 13 de maio de 1901, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 18, Pasta 8.

Ao descrever os telegramas e as cartas de felicitações que foram enviados à aniversariante por amigos e conhecidos que viviam em muitas partes do mundo, o jornalista escreveu que muitas dessas pessoas recordavam "*quando, aos dezessete anos, Marie Maynard se juntara aos fundadores do Instituto e mais tarde fechara os olhos dos mesmos depois de se ter imbuído do seu espírito e de o ter comunicado tão bem às Religiosas do Sagrado Coração de Maria*". Na sua opinião de jornalista, de todas as virtudes relativamente às quais a Madre St. Félix servira de modelo às suas filhas, era a sua inteligência executiva a que mais a caracterizava. As grandes e belas fundações criadas durante os seus mandatos como superiora geral constituíam uma prova impressionante disso mesmo<sup>54</sup>.

O Instituto do Sagrado Coração de Maria entrou no século XX celebrando e dando graças a Deus pelos seus cinquenta anos e pelo serviço dedicado de uma das suas fundadoras. As crises da primeira década desse século, porém, viriam pôr à prova a grande "inteligência administrativa da Madre St. Félix".

### **Perseguição na França**

No início do novo século, o Instituto já estava firmemente estabelecido, muito bem estava a ser praticado e havia novas possibilidades de crescimento tanto na América como em Portugal. No entanto, iam-se formando nuvens no horizonte, para a missão do Instituto na França.

Com o advento da Terceira República Francesa, sobretudo depois de 1875, tivera início na França um processo gradual de laicização da sociedade, passo a passo. *La Marseillaise* passara a ser o hino nacional. A cruz fora retirada das escolas, das instituições militares e dos escritórios cívicos. Agora era permitido trabalhar ao domingo e o divórcio fora reintroduzido. A educação passara a ser o foco desta luta. Jules Ferry, ministro da Instrução/Educação Pública entre 1879 e 1883, defendia uma

---

<sup>54</sup> Ibid.

posição que favorecia a instrução/educação pública em detrimento das escolas privadas. Sob a legislação introduzida por Ferry e pelos seus sucessores, cada *département* deveria ter uma escola normal masculina e feminina, foram inauguradas escolas secundárias para meninas, a instrução primária passou a ser gratuita, obrigatória e laica. A catequese foi eliminada das escolas públicas e, em 1886, os membros das ordens religiosas foram proibidos, por lei, de ensinar em escolas públicas<sup>55</sup>.

Pressentindo que este anticlericalismo na França era, em parte, uma reação contra a identificação dos católicos com os monárquicos e com a sua oposição à República como forma de governo, o Papa Leão XIII emitiu a encíclica *Nobilíssima Gallorum gens*, em 1884, recomendando que os bispos franceses tentassem dissuadir as suas ovelhas de se oporem à República como tal. Passado pouco tempo, o Papa tornou a sua posição clara em *Immortale Dei*, "*insistindo que o direito a governar não está necessariamente associado a qualquer forma de governo, proclamando ser dever de todos os católicos mobilizarem-se em favor da causa da República*"<sup>56</sup>.

Esta intervenção por parte de Leão XIII resultou num breve período de paz relativa entre a Igreja e o Estado, na França. A situação em breve se agravou, porém, devido a uma crise nacional: o chamado Caso Dreyfus. Teve início em setembro de 1894, quando um *bordereau*, ou memorando manuscrito, que supostamente acompanhara vários documentos ultrassecretos introduzidos na Embaixada Alemã em Paris, chegou ao Departamento dos Serviços Secretos do Gabinete de Guerra Francês. Levado por um sentimento de antissemitismo desenfreado existente no Gabinete de Guerra nessa época, o Coronel Hubert-Joseph Henry, oficial que descobrira o *bordereau*, identificou a caligrafia como bastante parecida com a de Alfred Dreyfus, oficial judeu dos Quadros Gerais. Embora

---

<sup>55</sup> Ver Connell, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3,18-21.

<sup>56</sup> Dom. Charles Poulet, A History of the Catholic Church, Vol. 2 (St. Louis, MO.: B. Herder Book Co., 1935) 466-467.

declarasse a sua inocência, Dreyfus teve de responder perante o tribunal militar, em dezembro de 1894, e, apenas com base na caligrafia e num dossiê forjado de outros documentos que nem sequer o mencionavam pelo nome, foi declarado culpado de traição e condenado a prisão perpétua na Ilha do Diabo, ao largo da costa da Guiana francesa<sup>57</sup>.

Quinze meses mais tarde, um novo chefe do Departamento dos Serviços Secretos do Gabinete de Guerra, Coronel Georges Picquard, começou a desconfiar de outro oficial francês, o Major Ferdinand Walsin Esterhazy. Ao analisar amostras da caligrafia de Esterhazy, Picquard *percebeu que correspondia perfeitamente com a caligrafia encontrada no bordereau* e alertou os Quadros Gerais. Estes, não querendo reabrir o Caso Dreyfus, transferiram Picquard para Tunes, tentando encobrir a história. Quando, regressou a Paris, passado mais de um ano, porém, Picquard entregou ao seu advogado as provas da caligrafia de Esterhazy e a notícia espalhou-se. Os Quadros Gerais foram obrigados a convocar um tribunal militar para julgar Esterhazy, mas, em janeiro de 1898, este foi unanimemente ilibado e Picquard foi preso. Esta distorção da justiça deu origem à famosa carta aberta de protesto de Emile Zola, *J'accuse*, pela qual viria a ser condenado a um ano de prisão e multado. Só em agosto de 1898 se descobriu que o documento crucial em que Dreyfus fora falsamente nomeado fora forjado. O coronel Hubert-Joseph Henry foi acusado de fraude, com razão, vindo mais tarde a suicidar-se. Esterhazy procurou asilo na Inglaterra. Contudo, a França continuava dividida entre os revisionistas, que tinham insistido para que o caso Dreyfus fosse reaberto, e os antirrevisionistas, conduzidos pelo Gabinete de Guerra e por aqueles que postumamente defenderam o Coronel Henry como herói e mártir<sup>58</sup>.

Os historiadores têm-se sentido intrigados pela questão da responsabilidade pelo caso Dreyfus. À primeira vista, a principal

---

<sup>57</sup> C. S. Phillips, *The Church in France 1848-1907* (New York: Russell and Russell, 1936) 250-251.

<sup>58</sup> *Ibid.*, 252-253.

responsabilidade deve recair sobre indivíduos do Gabinete de Guerra por acusações e encobrimentos precipitados e falsos. Comenta C. S. Phillips:

*Em lado nenhum a reputação de infabilidade é mais prezada do que nos círculos militares; quando aí se comete um erro, torna-se uma questão de prestígio profissional evitar a todo o custo admiti-lo. "A honra do exército" é sempre uma arma poderosa com a qual trabalhar sobre a opinião pública sobretudo na França e, neste caso, foi explorada até ao extremo. Além disso, a opinião pública também não precisava de muito para se convencer. Não só a imprensa antissemita, mas a imprensa na sua totalidade, clamava por justiça contra o traidor. O medo torna sempre os homens cruéis e injustos, e a ameaça alemã estava sempre à espreita... Se, portanto, os católicos estavam contra Dreyfus, também o estavam quase todos os outros. A sua responsabilidade não foi maior do que a nação no seu conjunto*<sup>59</sup>.

A verdade, porém, é que, de um modo geral, os bispos e o clero secular continuavam a não se comprometer em público e recusavam-se a tomar partidos, até mesmo quando o caso contra Dreyfus parecia estar a clarificar-se. Ao que parece, no entanto, o papel de certas ordens religiosas, incluindo os jesuítas e, sobretudo, os Assuncionistas, através do seu jornal *La Croix*, continuavam a ser fortemente antirreacionistas. Com a continuação do impasse, Leão XIII alinou-se com um pequeno grupo de liberais católicos que estavam a trabalhar para exonerar Dreyfus. "Numa entrevista dada a um representante do jornal de Paris *Le Figaro* [5 de março de 1899], o Papa manifestou a sua estupefação pela demora e disse, referindo-se a Dreyfus: 'Feliz a vítima a quem Deus considera suficientemente justa para que o seu sacrifício se assemelhe ao do seu Filho'... mas, apesar do Papa, o grosso dos católicos, tal como a maior parte da nação, permanecia obstinadamente contra a revisão"<sup>60</sup>

---

<sup>59</sup> Ibid., 254.

<sup>60</sup> Ibid., 254-258.



Em agosto de 1899, o caso foi finalmente reaberto e Dreyfus teve de se apresentar a um segundo tribunal militar. Foi considerado culpado, mas "com circunstâncias atenuantes", e condenado a dez anos de prisão. O veredito foi tão chocante que o presidente da França concedeu a Dreyfus perdão imediato. Aquilo de que a nação precisava agora era de uma forma de exorcizar a vergonha dos últimos cinco anos. Tinham de encontrar um bode expiatório.

O novo Primeiro Ministro, Pierre Waldeck-Rousseau, era descrito como um republicano moderado que fora empurrado para a esquerda na esteira do Caso Dreyfus. Embora perseguisse alguns dos líderes da conspiração contra Dreyfus, na opinião do historiador Adrien Dansette: "*Waldeck-Rousseau minimizou as responsabilidades militares e políticas, mas exagerou de tal maneira as responsabilidades clericais, que estas pareciam ser as mais importantes, embora, na verdade, fossem apenas secundárias... Sentia-se obrigado a sublinhar os aspectos anticlericais do seu programa de defesa republicano*"<sup>61</sup>.

As ordens religiosas, em particular, deviam servir de bode expiatório. Waldeck-Rousseau já começara a reunir uma lista de queixas contra elas ainda antes de ter assumido o cargo. O poder e a propriedade das ordens religiosas tinham vindo a aumentar desde a Revolução de 1789, e até os bispos e o clero secular começavam a queixar-se do "espírito invasivo das ordens religiosas". Waldeck-Rousseau acusava-as de cultivarem um espírito contrarrevolucionário na juventude, ameaçando assim a unidade moral do país. Em 1899, o seu primeiro ano no cargo, Waldeck-Rousseau introduziu um projeto-lei que esperava viesse a definir, eventualmente, os limites das ordens religiosas<sup>62</sup>.

A lei das Associações, na sua redação original, tinha duas partes distintas. Em primeiro lugar, a lei conferia aos cidadãos o direito de formarem grupos ou associações de mais de vinte

---

<sup>61</sup> Adrien Dansette, *Religious History of Modern France*, Vol. 2 (New York: Herder and Herder, 1961) 188-189.

<sup>62</sup> *Ibid.*, 190-191.

membros mediante um processo simples, desde que não agissem contra a Constituição. Havia uma ressalva, porém. Se essa associação queria ter o estatuto de personalidade civil para poder possuir propriedades, precisava da autorização do estado. A segunda parte da Lei das Associações sujeitava as novas congregações religiosas ao controle do estado, que agora podia autorizá-las, mediante um ato legislativo, ou não as autorizar. Além disso, as novas filiais ou obras (*établissement*) precisavam de um decreto do Conselho de Estado para serem legalmente reconhecidas. Foi conferida autoridade, ao Conselho de Ministros, para dissolver uma congregação ou para fechar um *établissement* mediante decreto.

Em janeiro de 1900, antes do projeto-lei poder ser aplicado, Waldeck-Rousseau revelou um motivo mais sinistro: utilizar certas congregações religiosas como bodes-expiatórios da vergonha nacional do Caso Dreyfus. Impaciente por começar a sua campanha, vingou-se dos Assuncionistas, congregação religiosa masculina, pela sua estreita ligação com os nacionalistas durante o escândalo Dreyfus. Citando o artigo 291 do código penal, o governo atacou o gabinete do jornal *La Croix*, deteve doze Assuncionistas, acusando-os de participar numa associação não autorizada de mais de vinte pessoas, e dissolveu a congregação<sup>63</sup>.

Se as congregações nem sequer eram mencionadas pelo nome na Lei das Associações de 1899, esta ação contra os Assuncionistas revelou que a lei se dirigia de fato contra eles. "*Resumindo, o efeito do projeto-lei foi o seguinte: libertar as associações seculares do controle estatal, mas, no caso das congregações religiosas, tornar o controle muito mais apertado do que o fora até então*". A medida que o projeto-lei ia sendo analisado pelo comitê parlamentar altamente anticlerical, as suas provisões iam-se tornando "mais rígidas" sob vários aspetos. Quando foi debatido na Câmara, em março de 1901, e mais tarde no Senado, em junho de 1901, o projeto-lei tinha sido

---

<sup>63</sup> Phillips, 260-261.

"alterado a ponto de quase se tornar irreconhecível". Quando foi oficialmente promulgado, a 2 de julho de 1901, foi descrito por alguns como "o ato mais decisivo de política anticlerical desde 1870"<sup>64</sup>.

As principais provisões desta Lei das Associações modificada eram: **(1)** nenhuma congregação religiosa pode ser formada sem autorização dada, mediante um ato legislativo. Além disso, a Congregação não poderá formar qualquer filial ou obra (*établissement*) sem um decreto do Conselho de Estado. O conselho de ministros pode dissolver uma congregação ou fechar uma filial ou obra, mediante decreto. **(2)** Ninguém poderá dirigir ou ensinar um estabelecimento educacional de qualquer tipo se pertencer a uma congregação religiosa não autorizada. **(3)** Cada congregação deve elaborar o balanço e o inventário da sua propriedade e enviá-lo ao prefeito, como requerido. **(4)** Qualquer congregação formada sem autorização será declarada ilegal e os seus membros serão castigados. (5) Todas as providências destinadas a evitar tais provisões são nulas. (6) As congregações não autorizadas, a partir de agora, devem satisfazer os requisitos da presente lei no prazo de três meses. Caso contrário, serão dissolvidas tal como as congregações às quais a autorização for recusada e a sua propriedade será liquidada<sup>65</sup>.

Leão XIII enviara um protesto ao governo francês e Waldeck-Rousseau garantira-lhe que aplicaria a lei "com a maior moderação", mas as eleições realizadas em abril de 1902 revelaram uma clara maioria anticlerical. Dansette descreve o que se seguiu: "Desiludido e começando já a sofrer da doença que viria a revelar-se fatal, Waldeck-Rousseau aposentou-se e, por um estranho erro de cálculo, sugeriu para seu sucessor um homem que chegaria a trair de tal modo as suas intenções, que acabaria por assumir uma posição exatamente oposta. Com

---

<sup>64</sup> Ibid., 262-263.

<sup>65</sup> Ibid., 263-264.

Émile Combes, a defesa republicana transformar-se-ia numa ofensiva anticatólica"<sup>66</sup>.

Émile Combes tinha estudado e ensinado num seminário e, embora nunca tivesse chegado a ser ordenado subdiácono, é descrito como um *"sacerdote vira-casacas"* com uma fé *"... marcada por amargura contra a fé romana à qual virara as costas"*. Estava empenhado em destruir o catolicismo, as congregações religiosas e as suas escolas. Quando criticado pelos políticos rivais por seguir uma agenda demasiado obcecada por essa estratégia, dizem que terá respondido: *"Só assumi este cargo com esse objetivo"*<sup>67</sup>. Começou por aplicar de forma implacável a Lei das Associações modificada a fim de destruir, em primeiro lugar, as escolas dirigidas por congregações religiosas e depois as próprias congregações religiosas. Como a Lei de 1901 estabelecia a distinção entre as congregações e as suas filiais ou obras, tanto as congregações autorizadas como as não autorizadas eram vulneráveis. Além disso, como Combes se recusava a aderir à promessa de Waldeck-Rousseau de que a lei só se aplicaria a congregações e estabelecimentos criados depois de 1901, Combes tinha uma arma legal para usar tanto contra as ordens desde há muito estabelecidas como contra as novas.

Apanhando-as de surpresa, Combes começou por agir contra as filiais e as obras não autorizadas de congregações autorizadas. Como resultado, mais de duas mil e quinhentas escolas foram fechadas em 1902. As congregações não autorizadas que tinham requerido autorização, de boa fé, segundo o processo originalmente proposto por Waldeck-Rousseau, quase foram rejeitadas em bloco pelo ambíguo processo utilizado por Combes. Em março de 1903, foi recusada autorização a cinquenta e quatro ordens masculinas, condenando assim três mil pregadores, dezesseis mil professores e os monges do mosteiro da Grande Cartuxa<sup>68</sup> a dispersar-se ou, pelo menos, a

---

<sup>66</sup> Dansette, 195.

<sup>67</sup> Ibid., 197.

<sup>68</sup> Está documentado que milhares de camponeses que viviam zona da Grande-Cartuxa tentaram impedir os soldados de fechar o mosteiro, bloqueando o acesso destes com pedras,

secularizar-se, na França. Em junho de 1903, Combes juntou os pedidos de autorização de oitenta e uma congregações femininas dedicadas ao ensino e apresentou-os à Câmara de Deputados. Mais uma vez, foram rejeitados em bloco e as congregações receberam ordem de dissolução. Num esforço final por alcançar os seus dois objetivos — destruir as congregações religiosas e afastar da sua administração o sistema educativo privado — Combes apoiou uma lei promulgada a 7 de julho de 1904, proibindo membros de ordens religiosas de ensinar fosse qual fosse a sua situação legal. As ordens votadas ao ensino foram dissolvidas e, por lei, os seus bens não poderiam ser partilhados entre as irmãs que lhes tinham pertencido. Em vez disso, as suas propriedades foram confiscadas pelo Estado<sup>69</sup>. Como resultado, muitos antigos membros, sobretudo de congregações femininas dissolvidas, foram dispensados dos seus votos e deixados entregues a si próprios<sup>70</sup>.

Ao deixar o seu cargo, em janeiro de 1905, Combes podia gabar-se de ter alcançado os seus objetivos. Tinha destruído as congregações religiosas na França e tinha livrado o país de professores religiosos nas escolas católicas. Havia um último objetivo a alcançar na agenda anticlerical, e o governo de Combes preparou o caminho para isso: separação entre Igreja e Estado e revogação da Concordata de 1801 em dezembro de 1905.

---

árvores e carroças. Os soldados chegaram as três da tarde, deitando as portas abaixo com machados: "Os padres, que estavam a cantar o ofício na capela, foram presos um a um, enquanto a multidão entoava as palavras de *Parce Domine*". Ibid., 202.

<sup>69</sup> Ibid., 201-204. Dansette afirma que, segundo fontes católicas, o valor da propriedade confiscada somava quinhentos milhões de francos.

<sup>70</sup> Os Arquivos do Vaticano, em Roma, contêm maços de cartas escritas durante esse período por mulheres indigentes que pediam dispensa dos seus votos. Por vezes as suas congregações foram dissolvidas tão rapidamente que as dispensas não foram concedidas antes de as mulheres se terem dispersado. Muitas vezes as dispensas concedidas eram apenas dos votos de pobreza e de obediência, não incluindo a dispensa do voto de castidade, que era considerado perpétuo. Ocorre-me a carta de uma dessas mulheres desesperadas. Na sua carta, explica ela que não tem família, nem dinheiro, nem possibilidades de emprego. A sua única esperança de sobrevivência é casar com alguém que a sustente, suplicando por isso uma dispensa do seu voto de castidade, para poder aceitar um pedido de casamento.

## A Madre St. Félix reage aos atos do Governo

Ainda antes da promulgação da Lei das Associações de 2 de julho de 1901, a Madre St. Félix mantivera-se vigilante. Tinha a segurança de saber que o Instituto obtivera o reconhecimento e a autorização legais mediante decreto assinado pelo Imperador Napoleão III, a 19 de agosto de 1856. Nessa época, ao requerer autorização oficial, um instituto era designado, segundo o seu ministério, como congregação dedicada ao ensino, à saúde ou misto. Assim, segundo a sua classificação, a nova congregação adotava os estatutos de uma congregação aprovada de longa data e com classificação semelhante. As Religiosas do Sagrado Coração de Maria foram classificadas, não como congregação votada ao ensino, nem como congregação ligada à saúde, mas como congregação mista, empenhada em diversas obras de utilidade social. Sendo classificadas como congregação mista, as RSCM aceitavam adotar os estatutos das Irmãs de S. José de Vans (Ardèche), aprovadas pela Lei de 1825. Assim, a partir de 1856, o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria foi autorizado como congregação dirigida por uma superiora geral em conformidade com as Constituições e autorizada a deter propriedades<sup>71</sup>.

A Madre St. Félix não estava preocupada com a Casa Mãe, visto que esta era a sede da congregação autorizada e da superiora geral. Estava mais preocupada com as outras duas fundações francesas. A lei de Waldeck-Rousseau especificara que só estabelecimentos criados depois de 1901 tinham de pedir autorização, mas, com uma sabedoria gerada pela experiência, a Madre St. Félix receava que a legislação pudesse mudar, passando a incluir todas as obras não autorizadas.

O barão de Mackau temia o mesmo. Tendo criado o Comitê de *jurisconsultes des Congrégations* (Comité de Consultores jurídicos) para assistir as congregações religiosas na abordagem de assuntos financeiros na década de 1880<sup>72</sup>, reuniu mais uma

---

<sup>71</sup> Ver Sampaio, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 1, 153-156.

<sup>72</sup> Ver acima, no Cap. 2, a secção intitulada "O mundo em que as RSCM se moviam", 35-37.

vez leigos católicos simpatizantes com conhecimentos para prestar assistência jurídica a mulheres e homens religiosos que dela precisassem. A 14 de março de 1901, o Barão escreveu de Paris para garantir às superiores que o Comitê *de jurisconsultes des Congrégations* tinha assumido a sua missão, iniciada vinte anos antes com a aprovação dos bispos, de assistir às congregações religiosas. Desta vez, por razões de segurança, toda a comunicação seria codificada. A Madre St. Félix deveria usar apenas o seu código de identificação #303 na sua correspondência. Não deviam ser incluídas outras indicações da sua identidade. Também lhe foi dado o nome de um intermediário através do qual deveria passar a sua correspondência dirigida ao Comitê e dele recebida. Tinha liberdade para mudar esse intermediário, mas deveria informar imediatamente o Comitê de quaisquer mudanças<sup>73</sup>.

Utilizando o seu código #303, a Madre St. Félix escreveu ao Barão de Mackau passadas duas semanas. Começou por lhe agradecer por ter reconstituído o *Comitê de Jurisconsultes de Congrégations* e pela proteção oferecida através do número de código. Em seguida explicou a sua situação: a comunidade tinha duas casas na França — um colégio interno, em Drôme, Bourg de Péage (perto de Romans) e um orfanato em Ardèche, Vallon. As novas instalações, compradas apenas quatro anos antes, foram descritas como sendo ocupadas apenas pela Congregação, mas dois dos seus membros foram citados com nomes civis como proprietários. Todos os atos de venda, despesas de construção, etc., para as duas propriedades, foram inscritos sob os seus nomes. A Madre St. Félix aconselhou-se sobre como deveria reconhecer melhor a relação da propriedade com as duas "proprietárias" e com a Congregação em si. Em seguida descreveu breve e detalhadamente as três hipotecas então

---

<sup>73</sup> O comité começou por sugerir Monsieur Martel (pai), médico, residente na Place St. Nazaire, Béziers. Mais tarde decidiu-se que o seu filho, Dr. Charles Martel, seria uma melhor opção do que o seu pai, já de idade avançada. A partir de 28 de outubro de 1901, o merceeiro, Monsieur Jean Beziat, residente na Rue Hôtel Dieu, em Béziers, foi escolhido por #303 como intermediário. Ver Béziers: Archives of the Motherhouse.

relacionadas com a propriedade de Bourg de Péage e a hipoteca sobre a propriedade de Vallon. Perguntou: "Se for necessário pedir que sejam reconhecidos os estabelecimentos de Drôme e de Ardèche, as hipotecas serão impedimentos?" Finalmente, explicou mais uma vez que a Congregação, na França, tinha esses dois estabelecimentos não autorizados e a Casa Mãe de Béziers, que fora autorizada. Reconhecendo a possibilidade de um agravamento do cenário, a superiora geral perguntou: "Se os bens da congregação forem tomados, os dotes serão devolvidos a todas as religiosas?"<sup>74</sup>

Ao que parece, a Madre St. Félix ainda não sabia ao certo se precisava de arriscar, pedindo autorização para os dois estabelecimentos, por isso escreveu ao bispo de Montpellier, em maio de 1901, pedindo diretivas<sup>75</sup>. Com base nos conselhos recebidos, pediu autorização ao prefeito de Hérault. Embora o prazo já tivesse caducado, a Madre St. Félix declarou que pensara que não fosse necessário pedir uma autorização especial para as filiais da França, visto que o decreto de reconhecimento legal do Instituto de 1856 indicava uma superiora geral, implicando assim que o Instituto poderia ter outras casas que não requeressem autorização individual<sup>76</sup>.

Ainda antes da eleição de Emile Combes, a Madre St. Félix sentia um agravamento diário da situação. A 5 de outubro de 1901, escreveu uma nota a um bispo, provavelmente ao bispo de Liverpool, anunciando que "as nossas queridas Carnnelitas"<sup>77</sup>, recentemente recomendadas ao bispo para admissão na diocese de Liverpool, tinham acabado de passar por Béziers para se despedirem da Casa Mãe. Não dispunham dos recursos necessários para ir para Liverpool, por isso estabelecer-se-iam em Espanha, perto da fronteira. A Madre St. Félix escreveu para

---

<sup>74</sup> [Madre St. Felix], Nº #303, a Barão de Mackau, 27 de março de 1901, Béziers: Archives of the Motherhouse.

<sup>75</sup> Madre St. Felix ao Bispo de Cabrières, maio de 1901, Lettres diverses, Caderno 3,26.

<sup>76</sup> Madre St. Felix ao prefeito de Hérault, agosto de 1901, Lettres diveses, Caderno 3, 26-27.

<sup>77</sup> É provável que "as nossas queridas Carmelitas" fossem as Carmelitas de Bédarieux, onde Gailhac fora seu confessor.



agradecer ao bispo a sua bondosa disponibilidade em acolher essas irmãs carmelitas se a Divina Providência tivesse desejado que elas se estabelecessem na diocese de Liverpool. Como se vira, não era esse o desígnio de Deus, mas a Madre agradecia-lhe o seu oferecimento. Em seguida acrescentou que, como os acontecimentos na França se estavam a tornar mais ameaçadores, ela seguiria em frente, sem demora, abordando a Santa Sé sobre os projetos relativos ao noviciado<sup>78</sup>. Embora em 1901 não tivesse ocorrido à Madre St. Felix que a comunidade da Casa Mãe das RSCM talvez também tivesse de procurar asilo na Inglaterra, em março de 1904, incentivada pelo Bispo de Montpellier, escreveria à Santa Sé pedindo autorização para transferir temporariamente a Casa Mãe para a Inglaterra [Seafield] ou para a Irlanda [Ferrybank] até a situação na França melhorar<sup>79</sup>.

A Madre St. Félix também ficou muito triste com a partida dos monges da Abadia de Notre Dame de Fontfroide. Abbe Jean tinha morrido em 1895, apenas cinco anos depois de Gailhac. Nos últimos anos da sua vida, Gailhac preocupara-se com o efeito das leis anticlericais que ameaçavam as congregações religiosas. Numa sua carta, Abbe Jean tentou animar Gailhac: "Admiro a sua solicitude por nós, sentindo-se esmagado, como se sente, pelas preocupações da sua numerosa família, mas o seu coração é suficientemente grande para abraçar a todos com a mesma caridade. Bem, não se preocupe conosco. Estou convencido que seremos deixados em paz quanto à nossa

---

<sup>78</sup> Madre St. Félix ao Monsenhor, 5 de outubro de 1901, SHM Archives, NEP, Box 253. Antes do fim do mês, a Madre St. Félix escreveu para Roma pedindo autorização para erigir um noviciado provisório em Inglaterra ou na Irlanda, visto que se estava a tornar imprudente e perigoso mandar jovens de países estrangeiros para a França. Ver *Lettres diverses*, 29 de outubro de 1903, Caderno 3,27-28. Foi concedida autorização em dezembro de 1901, mas a Madre St. Félix atrasou o projeto e, entretanto, o Cardeal Vannutelli desincentivou a mudança proposta. Como a perseguição se agravou, porém, a Madre St. Felix voltou a escrever ao cardeal em junho de 1903, e desta vez recebeu autorização e abriu o noviciado em Ferrybank.

<sup>79</sup> Ver Madre St. Félix à Santa Sé, SCRIS, M. 30, Dossiê II, 16. A Comunidade pode ter começado a transferir cartas valiosas e outros materiais das fontes da Casa Mãe para Liverpool por essa altura. Isso pode explicar a presença da "famosa mala de viagem" cheia de documentos encontrada por Mary Milligan, RSCM, em Seafield, na década de 1970.

capacidade como agricultores até chegar o momento da crise geral<sup>80</sup>. Esse momento de crise geral acabaria por chegar em 1902, com a Lei contra as congregações. Coube ao sucessor de Abbé Jean, Abbé Marie Xavier, último abade de Fontfroide, levar os monges, seus irmãos, para o exílio em Espanha, onde se juntaram aos monges do mosteiro de Sémanque. Após o Ato de Separação de 1905, não regressariam a Fontfroide<sup>81</sup>.

Entre as muitas opiniões recolhidas pela Madre St. Félix contou-se a sugestão de que a melhor forma de proteger a propriedade de Bourg de Péage seria deixar a casa por iniciativa do próprio Instituto, de forma pública, de tal modo que os vizinhos as vissem. Pensava-se que essa partida temporária poderia desviar a atenção da propriedade até a situação melhorar e a propriedade poder ser recuperada. Por conseguinte, como a situação continuava incerta, a Madre St. Félix escreveu às irmãs das duas comunidades francesas e ao pároco de Vallon sobre a sua partida prevista, instruindo-as sobre como deveriam embalar a mobília, o que deveria ficar nas casas e o que poderia ser guardado na casa do sacerdote, e assim por diante<sup>82</sup>.

As religiosas de Bourg de Péage foram as primeiras a responder. Ao que parece, terão fechado o colégio interno no fim de julho [1902], e regressado a Béziers, mas o Cônego Ulysse Chevalier e a sua prima, Mme. Roux conseguiram persuadi-las a regressar. Os notáveis de Bourg de Péage e de Romans ajudaram-nas nesse intento. Pessoas ligadas a políticos influentes intervieram em favor das religiosas. Um amigo de Waldeck-Rousseau e de Charles Mossant, tio de uma das alunas da escola e amigo de Émile Loubet, Presidente da República, intercedeu em favor das religiosas e da sua escola. O Presidente

---

<sup>80</sup> Abbe Jean a Gailhac, 8 de julho de 1880, Arq. Hist. / Cong., Vol. II-F, 41-61.

<sup>81</sup> O mosteiro foi vendido, passando de um novo proprietário para outro. O Instituto Rockefeller tinha proposto transportar os claustros de Fontfroide para Nova Iorque como parte do museu dos Claustros que estava a ser construído em Manhattan. Em 1908, porém, Fontfroide foi vendida, pelo contrário, a proprietários de terras de Languedoc, Sr. e Sra. Gustave Fayet, que conservaram a grande e antiga abadia. Ver n.a., *Abbaye de Fontfroide*, (Béziers: Désiré, n.d.).

<sup>82</sup> ????? (não consta, no livro).

Loubet prometera até que a escola seria autorizada, mas, ao que parece, o pedido de autorização por escrito já tinha sido incluído entre muitos outros e globalmente rejeitado<sup>83</sup>.

Não muito depois, o prefeito de Drôme apresentou ao comandante da policia uma cópia da carta enviada a superiora geral da Congregação do Sagrado Coração de Maria. Ordenava-lhe que notificasse a superiora local de Bourg de Péage de que a escola deveria estar fechada e as religiosas deveriam ser transferidas para a sua Casa Mãe a 31 de julho de 1903. Se não o fizessem, estariam sujeitas as multas previstas na Lei de 4 de dezembro de 1902<sup>84</sup>. Como a autorização que tanto desejavam ainda não chegara, as irmãs permaneceram na escola durante o ano letivo de 1902-1903, enquanto esperavam a ordem formal de encerramento. Não ficaram surpreendidas, portanto, quando foram notificadas que, a partir de 31 de julho, não poderiam continuar a dar aulas e deveriam abandonar os edifícios e regressar a Béziers. Partiram antes de caducar o prazo. O *Pensionnat du Sacré Coeur de Marie* de Bourg de Péage passara a ser uma das treze mil novecentas e quatro escolas católicas de que Émile Combes se gabava de ter "livrado o país" em 1903! Como planejado, a Madre St. Françoise Ruas e outra irmã ficaram durante vários anos na casa vazia do capelão, vigiando o colégio abandonado, para saber se este poderia vir a ser reaberto e quando. Dadas as circunstâncias e tendo deliberado sobre a situação, a superiora geral e o seu conselho concordaram, com relutância, em deixar a fundação de Bourg de Péage em finais de 1906<sup>85</sup>.

A escola viria a ser reaberta a 27 de setembro de 1908, mas não pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria, a quem pertencera. A propriedade confiscada, no valor de seiscentos mil

---

<sup>83</sup> Ver Benjamin Missud, "Le pensionnat des Filies du Sacré-Coeur de Marie" L'Impartial, 1 de janeiro de 2009.

<sup>84</sup> Carta do Prefeito de Drôme ao Comandante da Gendarmerie, n.d., Béziers, Archives of the Motherhouse.

<sup>85</sup> Ver Registre de Actes du Conseil, 30 de dezembro de 1906, Arq. Hist. /RSCM, Caixa 190, Pasta 6.

francos, foi vendida por cem mil francos pelo governo, para nele se estabelecer uma "école supérieure" para rapazes. Ao escrever sobre o centenário desta escola de rapazes, em 2008, o jornalista Benjamin Missud descreveu a inauguração da escola contrapondo as opiniões dos dois jornais regionais que cobriram o evento cem anos antes, quando Gaston Doumergue, o ministro da Instrução Pública e das Belas Artes e futuro presidente da República, presidiu à abertura. *Le Bonhomme Jacquemart*, um jornal radical, anticlerical, mostrou-se entusiasmado com a inauguração e citou o discurso feito pelo presidente da câmara, em que este descreveu a cerimônia como uma bela concretização das esperanças de Gambetta. Dirigindo-se ao ministro radical Gaston Doumergue, o presidente da câmara continuou com orgulho: "É numa casa construída para religiosas e para uma educação autocrática que viestes instalar a educação laica e popular que anima o espírito da revolução". O outro jornal, *L'Impartial*, expressou um raro tom de simpatia pelas religiosas que tinham sido despojadas da sua propriedade e, mais importante ainda, do seu ministério em Bourg de Péage. Depois de ter condenado como uma forma de "mercantilismo" o negócio pelo qual um edifício avaliado em seiscentos mil francos fora vendido por uns meros cem mil francos, o artigo continuava: "As boas irmãs irlandesas [sic] que confiaram na hospitalidade da França certamente não previam que tal ocorresse... mas será justo deleitarmo-nos publicamente com uma maldosa partida pregada a umas nobres estrangeiras que tinham acreditado que, connosco, encontrariam a paz que tinham direito a esperar?"<sup>86</sup>

A Lei de julho de 1901 era aplicável a todos os estabelecimentos não autorizados. Contudo, de um modo geral, as ordens do prefeito aplicaram-se apenas a escolas, não incluindo instituições de caridade e hospitais, visto não haver pessoal leigo suficiente para substituir o pessoal religioso. Foi o caso do orfanato das Religiosas do Sagrado Coração de Maria,

---

<sup>86</sup> Benjamin Missud, "27 de setembro de 1908, l'inauguration de l'école supérieure de garçons" *L'Impartial*, 11 de setembro de 2008.

em Vallon, onde as religiosas nunca tiveram de guardar a sua mobília nem de levar à prática a partida prevista. Como no caso de muitas dessas instituições de caridade, as religiosas do orfanato de Vallon ficaram aliviadas por poderem continuar a sua obra, mas, ao mesmo tempo, viviam no medo de que o governo ainda o viesse a fechar<sup>87</sup>.

Nem sequer as congregações autorizadas estavam em segurança depois da promulgação da lei de 7 de julho de 1904. Estipulava esta "que o ensino de qualquer tipo, sob qualquer forma, estava proibido para as congregações religiosas na França", e que as congregações religiosas autorizadas como congregações dedicadas ao ensino deviam ser dissolvidas. O Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria não foi dissolvido, porém, porque, como referimos anteriormente, fora autorizado, não como congregação dedicada ao ensino, mas como congregação mista, com vários tipos de ministérios. A própria Casa Mãe foi poupada porque, localmente, sempre fora vista como obra de utilidade pública, ou seja, como obra de caridade para os pobres. Poder-se-ia dizer que os cuidados, cheios de amor, prestados ao longo dos anos às mulheres do Refúgio e às adolescentes que eventualmente as substituíram, aos órfãos e aos doentes pobres, que acorriam ao dispensário, tinha deixado uma marca indelével nas pessoas de Béziers e, agora, as autoridades municipais utilizaram a sua autoridade para proteger a Casa Mãe, impedindo a sua dissolução<sup>88</sup>.

---

<sup>87</sup> O orfanato do Sagrado Coração de Maria, em Vallon, continuou a prestar assistência a órfãos até 1944.

<sup>88</sup> Reagindo as exigências do governo, no início da década de 1880, a Madre St. Félix tinha referido que o orfanato era um estabelecimento separado, embora, na realidade, "as nossas obras formem um todo". Também por essa altura, a Madre St. Paul Mestre, diretora das obras de caridade da Casa Mãe, tinha tornado bem claro que o seu estabelecimento fora oficialmente designado como "uma escola com um orfanato associado", mas que às religiosas dos orfanatos nunca se tinham exigido diplomas como se exigiam as professoras. Ver Connell, *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, Vol 3,22-25. Felizmente, como a Lei de 1904 estava a ser aplicada, o município reconheceu o orfanato, não como uma escola, nem como formando um todo com o colégio interno, mas como obra de beneficência para os pobres e, portanto, isenta dos efeitos da Lei.

O *Pensionnat du Sacré Coeur de Marie*, internato que existia desde 1851, não teve a mesma sorte. A prefeitura de Hérault entregou a ordem, assinada por Georges Clémenceau em Paris, a 11 de julho de 1906, de que o internato deveria estar fechado a 1 de setembro. As religiosas já estavam à espera disso. Na sequência da notificação, o Bispo de Cabrières escreveu um longo tributo à superiora geral, resumindo o objetivo e os êxitos do *pensionnat* durante mais de cinco décadas. Citaremos esse tributo na íntegra:

*Montpellier, 15 de julho de 1906*

*Minha queridíssima Filha,*

*Foi com verdadeiro desgosto que li, em primeiro lugar no jornal La Croix de Paris, depois nos nossos outros jornais, a triste notícia do encerramento do nosso internato, a partir do próximo dia 1 de setembro [1906]. Aqueles que vos estão a golpear desta maneira não vos conhecem. Nunca visitaram a vossa comunidade. Não fazem ideia da composição da vossa escola. Desconhecem que as vossas casas ricas em alunas das melhores famílias de França, Irlanda, Inglaterra e Portugal, quer estabelecidas em solo nacional ou estrangeiro, se distinguem pela competência das professoras, pela excelência da metodologia e pelo alto nível da educação. Estas casas contribuem, no seu âmbito, para a boa reputação do ensino feminino na França e conferem, se isso é possível, um certo brilho ao orgulho de longa data do nosso país, tão estimado há muitos e longos séculos. Não duvido do futuro; haverá um inevitável retorno deste assomo de paixão que o anticlericalismo não é adequado para justificar e reabrireis os vossos internatos de tal modo que, uma vez mais, se possa aprender, a par das ciências humanas, a ciência sagrada do Evangelho e admirar nela o ideal sagrado de todas as virtudes praticadas pela Virgem Maria. Aceite, por favor, minha respeitabilíssima e queridíssima Filha, as minhas dedicadas e respeitosas condolências pelo imerecido infortúnio que neste momento a espera.*

*M. A. de Cabrières,  
Bispo de Montpellier<sup>89</sup>*

---

<sup>89</sup> La Semaine religieuse de Montpellier, julho de 1906, 477.

Ao contrário do *pensionnat* de Bourg de Péage, que esteve fechado durante cinco anos e depois foi confiscado e vendido, o colégio interno de Béziers só seria fechado a 1 de setembro de 1906 e, após um breve espaço de tempo, as alunas foram reunidas em massa num local próximo (residência do Bom Pasteur)<sup>90</sup> com um novo nome (Saint Anne), e com professoras leigas cristãs em vez de religiosas. Lecionou-se em Saint Anne entre 1907 e 1919. O internato era dirigido por duas jovens mulheres, *Mesdemoiselles* Léonie e Louise Dugé, ex-governantes de Béziers. Sucederam-lhes as *Mesdemoiselles* Daraignes. Segundo o relato de Louis Secondy, por volta de 1919, a escola, com a autorização da superiora geral Madre Ste. Constance, foi transferida com cuidado para o seu local original, entre as paredes da Casa Mãe, "tentando ver se os poderes públicos aceitariam ou tolerariam a abertura de um estabelecimento gratuito num local religioso". Ao que parece, as autoridades públicas não protestaram contra o regresso da escola à Casa Mãe, por isso, dois anos mais tarde, os jesuítas tomaram posse do Bon Pasteur, propriedade que Gailhac oferecera à Companhia de Jesus antes de morrer. A escola, agora de novo nas suas instalações originais, entre as paredes da Casa Mãe, mudou o seu nome para *Cours Saint-Jean* e contratou *Mademoiselle* Sabine Albisson para diretora. A escola funcionava independentemente do convento e estava separada dele, embora estivesse imbuída dos valores religiosos da comunidade e dez religiosas fizessem parte do pessoal docente. A influência

---

<sup>90</sup> A história acerca da propriedade do Bom Pastor é interessante. Após o declínio dos Sacerdotes do Bom Pastor, e a relutância dos Sacerdotes do Espírito Santo em se tornarem guardiões espirituais das RSCM, Gailhac decidiu doar a propriedade do Bom Pastor aos Jesuítas. Entretanto, porém, em 1886, Gailhac cedeu temporariamente as terras e o edifício do Bom Pastor a Pierre Gontie e a Marie Louise Elizabeth Lapeyre Gontie, na condição de que ele ou a sua viúva a passassem para os jesuítas mal o superior geral dos jesuítas autorizasse a sua posse. Após a morte de Pierre, não querendo sobrecarregar Madame Gontie com essa responsabilidade, os jesuítas autorizaram um dos seus, Charles de Lajudie, SJ., a tornar-se o proprietário legal da propriedade em agosto de 1892. Segundo Michel de Lattre, "após a morte de Gailhac, é difícil seguir a história do edifício visto que ele passa muitas vezes de mão em mão até à Constituição de 21 de janeiro de 1921 e à entrada dos jesuítas na casa". Ver *Inquisitio circa valorem historicum vitae servi Dei sacerdote V. Maynard concinnatae*. (Vatican City: Typis Polyglottis, 1962) 430-431.

direta das religiosas regressou quando, em outubro de 1959, Marie Saint Jean Bartès, RSCM, foi escolhida para dirigir a escola, dando início a uma nova era<sup>91</sup>. O bispo de Montpellier tivera uma certa razão quando garantiu à superiora geral, em 1906: "Não duvido do futuro... reabrirei os vossos colégios internos". O Pensionnat du Sacré Coeur de Marie, em Bourg de Péage, fora-lhes arrebatado, mas outro permaneceria ainda, pelo menos até 1997.

---

<sup>91</sup> Ver Louis Secondy, "Du Pensionnat des dames du Sacré-Coeur de Béziers (1851) à la disparition du Curs Saint Jean (1973)", documento não publicado entregue no simpósio A Dinâmica de uma Espiritualidade realizado na Casa Mãe das RSCM, em Béziers, 7 de janeiro de 2000.



## A QUESTÃO PORTUGUESA

A chamada "Questão Portuguesa" é muito interessante, sendo apenas um exemplo de quão difícil e dolorosa foi a primeira década do século XX para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, não só na França, mas sobretudo em Portugal. Era neste país que o mistério pascal estava a ser experimentado mais profundamente.

### **Afirmando a identidade portuguesa**

As fundações do Porto e de Braga tinham dado poucas vocações nos seus primórdios. Por conseguinte, a liderança das comunidades portuguesas continuava a ser predominantemente irlandesa. A Madre Ste. Marie Hennessy foi a primeira superiora no Porto, mais tarde substituída pela sua irmã, Madre St. Thomas Hennessy. Eram ambas de nacionalidade irlandesa, tal como a Madre St. Liguori MacMullen, superiora em Braga, que foi substituída, como superiora, por outra mulher irlandesa, Marie Joseph Butler, entre 1896 e 1903. Durante a sua ausência, a Madre St. Liguori foi superiora no Porto de 1896 a 1899, em Viseu de 1899 a 1903 e depois regressou a Braga, como superiora, de 1903 a 1907. Entre 1886 e 1892, a superiora da fundação de Chaves, de tão breve duração, também seria uma mulher irlandesa, a Madre Annunciation Lynch. Além disso, outros cargos importantes foram confiados a religiosas irlandesas: por exemplo, a Madre Calliste Hughes trabalhou com as postulantes em Portugal antes de ser nomeada mestra de noviças em Béziers, no ano de 1896. Em 1890, um sacerdote,

escrevendo num jornal irlandês, descreveu o Colégio do Sagrado Coração de Maria de Braga como "Um Ferrybank português!"

As escolas portuguesas começariam, finalmente, a produzir vocações entre as jovens mais instruídas e cultas e, na sua maioria, foram imediatamente enviadas de volta para Portugal, após o seu noviciado em Béziers. Entre 1896 e 1907, as religiosas irlandesas que tinham sido superiores em Portugal ou morreram ou foram enviadas para fora de Portugal, deixando os postos de liderança nas mãos de religiosas portuguesas que pouco a pouco foram substituindo as suas irmãs irlandesas como superiores. Por exemplo, pouco depois da morte da Madre St. Marie Hennessy (1891) e da sua irmã Miss Margaret Hennessy (1896), a Madre St. Thomas Hennessy, então superiora no Porto, foi eleita para participar num Capítulo geral em Béziers, no outono de 1896, e não regressou a Portugal. A Madre St. Liguori substituiu-a no Porto, mas apenas durante três anos. Uma religiosa portuguesa muito dotada, a Madre Maria da Eucaristia Lencastre, que fora a primeira mulher portuguesa a ser superiora em Viseu, entre 1892 e 1899, foi então nomeada para o cargo de superiora na primeira fundação de Portugal, no Porto. Quando Marie Joseph Butler partiu de Portugal para os Estados Unidos, em 1903, a Madre St. Liguori substituiu-a em Braga por um período de apenas quatro anos (1903-1907), antes de também ela ser retirada do seu amado Portugal. A Madre Maria de Aquino Ribeiro foi nomeada então superiora de Braga. A Madre Annunciation deixou de ser superiora em Chaves, ao fim de seis anos, sendo então substituída pela assistente da superiora, a portuguesa, Maria de Jesus Perry.

Passado pouco tempo, houve uma mudança sensacional com a emergência de novas líderes, que foram nomeadas superiores. Todas elas eram jovens portuguesas: Madre Maria da Eucaristia de Lencastre, Madre S. José Pancada, Madre Maria de Jesus Perry, Madre Maria de Aquino Ribeiro, e outras, que viriam a ser suas assistentes.

Estas jovens superiores portuguesas poderão ter tido menos ligação com a superiora geral, embora a Madre St. Félix tenha visitado Portugal em junho-julho de 1891, Fevereiro de 1896, 27 de outubro a 27 de novembro de 1896 e março de 1899. Apesar dessas visitas, parecia às portuguesas cada vez mais distante e sem contato algum com as realidades políticas, culturais e eclesiais de Portugal<sup>1</sup>. Além disso, a rápida mudança de nacionalidade de quem ocupava os postos de liderança coincidiu com o que as irmãs portuguesas sentiam como um fardo injusto imposto às suas comunidades.

Como foi largamente explicado num volume anterior de *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, em 1896, a Madre St. Félix descobriu que a muito bem-sucedida superiora de Lisburn tinha equilibrado os seus orçamentos e reforçado a sua escola pedindo quantias exorbitantes de dinheiro emprestadas sem o conhecimento nem a autorização do conselho geral. A Madre St. Félix tomou a decisão de ser o Instituto a pagar as dívidas contraídas por essa irmã. As dívidas acumuladas, a vários credores, somavam três mil e duzentas libras; esta quantia deveria ser paga pelas comunidades de Lisburn, Ferrybank e Seaforth. A dívida maior, quatro mil libras devidas a um certo Sr. Magill, deveria ser paga pela Casa Mãe e pelas comunidades portuguesas. Contudo, como a Casa Mãe estava profundamente envolvida em obras de restauro e noutras dívidas, a responsabilidade pelo pagamento da dívida a Magill recaiu sobre as comunidades portuguesas<sup>2</sup>.

Além disso, embora a Madre St. Félix tivesse podido contar com a total lealdade e colaboração da Madre St. Thomas e da Madre St. Liguori para pagar essa parte da dívida, parece não ter

---

<sup>1</sup> A Madre St. Félix escrevia ao bispo de Montpellier depois de cada visita a Portugal e muitas vezes referia à dolorosa impressão causada pelas suas visitas às irmãs aí estabelecidas. Ver Madre St. Félix ao Bispo Cabrières, 29 de novembro de 1896 e 5 de abril de 1899, em *Diverses correspondences pour les affaires de la Congregation 1896-1905*, 12bis-13 e 16bis-18. Arq. Hist./cong., Vol. II-D, 95 (daqui por diante referidas como *Lettres diverses*, Cahier 3).

<sup>2</sup> Tal situação é longamente descrita em Connell, RSCM, *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, Vol. 3, 84-95.

querido revelar o engano da superiora de Lisburn às novas superiores portuguesas nem explicar por que razão as suas comunidades deveriam então ser sobrecarregadas com esses misteriosos pagamentos à Casa Mãe<sup>3</sup>. A Madre St. Félix insistiu, pura e simplesmente, pois, uma vez que ela, como superiora geral, tinha comprado a escola para a comunidade do Porto e tinha pago as suas obras de restauro, tinha o direito de ordenar à comunidade do Porto que pagasse a hipoteca da sua escola recém-comprada para angariar fundos para pagar essa dívida<sup>4</sup>.

A irritação e a resistência das irmãs portuguesas foram palpáveis quando a Madre St. Félix visitou Portugal, em 1896. Ao regressar a França, escreveu ao bispo de Montpellier, confessando que temia que o espírito do Instituto já não estivesse presente nas comunidades portuguesas. Como a Madre St. Félix mais tarde registrou nas suas notas com o título de *Triste épreuve du Portugal* [Triste prova de Portugal], acusaria a Madre Maria da Eucaristia de só estar a *fingir* uma falsa ligação à Casa Mãe e uma falsa lealdade às suas superiores e de fazer intrigas com outras para provocar um cisma em relação à Casa Mãe, transformando as casas portuguesas numa Província em que ela própria seria superiora provincial vitalícia. Segundo a Madre St. Félix, a Madre Maria da Eucaristia apenas utilizara o apelo da superiora geral às casas do Instituto para acorrer em auxílio da Casa Mãe como desculpa para justificar esse cisma. Assim, a Madre St. Félix não percebeu que os pagamentos da dívida eram uma importante causa do descontentamento das portuguesas. Acreditava que o peso da dívida era utilizado apenas como uma

---

<sup>3</sup> A Madre St. Félix escreve no seu forte e dolorosíssimo relato 'Triste épreuve du Portugal' que a sua correspondência com a superiora local - a quem descreve como sendo "muito ligada às suas superiores e dedicada ao Instituto" [provavelmente à Madre St. Thomas ou à sua substituta no Porto, Madre St. Liguori] -, tinha sido encontrada durante a ausência da superiora local, e que tinham sido enviadas cartas ao "sacerdote intriguista" [Padre Abreu], então em Roma, para reforçar o pedido de uma Província portuguesa separada. Ver Madre St. Felix, Notes, Cahier 3, 46-47, Arq. Hist./Cong., Vol. VII, 12 (a seguir referidas como Notes).

<sup>4</sup> A Madre St. Félix repete esta defesa em Notes, Cahier 3, 45-46.

desculpa para a separação desejada pela Madre Maria da Eucaristia<sup>5</sup>.

Este escoamento financeiro continuou por oito anos (1896-1904). Poucos detalhes se conhecem acerca dos pagamentos reais, feitos pelas comunidades portuguesas. É óbvio, porém, que o pagamento de setembro de 1898 não pôde ser feito a Henry Magill e que, como resultado disso, este contratou uma agência de cobrança para regularizar o pagamento da dívida<sup>6</sup>. Também é óbvio que as portuguesas tiveram de hipotecar a escola e a propriedade do Porto a fim de pagar a sua parte da dívida. Como reação às queixas das portuguesas, a Madre St. Félix reiterara, de forma muito pouco diplomática, a sua reivindicação de que se ela própria, como superiora geral, comprara a propriedade do Porto e financiara as suas obras de restauro, tinha o direito de pedir que esses custos fossem amortizados naquele período de necessidade<sup>7</sup>. Só alguns anos mais tarde, em carta dirigida à Madre St. Félix e datada de 28 de janeiro de 1904, a Madre Maria da Eucaristia conseguiu escrever que, no dia marcado para fazer o que se esperava ser o pagamento final a um certo "Sr. Boaventura", a sua irmã e o seu irmão lhe tinham vindo trazer o dinheiro e que, às três da tarde, ela o entregara ao Sr. Boaventura, na presença do notário e de várias testemunhas. A Madre Maria da Eucaristia acrescentou em seguida: "Felizmente, já não lhe devemos nada"<sup>8</sup>.

Este episódio confirma a argumentação da Madre Maria de Chantal de que, depois de se ter tornado superiora do Porto, em 1899, a Madre Maria da Eucaristia pedira à sua família apoio financeiro para pagar as pesadas dívidas da comunidade:

---

<sup>5</sup> Notes, Cahier 3, 44-45. Há uma certa ambiguidade no relato da Madre St. Félix, visto que não menciona que a Madre St. Liguori foi superiora do Porto nos três anos imediatamente após o regresso da Madre St. Thomas a Béziers em 1896. Quando se refere à superiora do Porto, portanto, refere-se à Madre de l'Eucharistie, que se tornou superiora em 1899.

<sup>6</sup> Ver Connell, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 3, 93-94.

<sup>7</sup> Madre St. Félix, Notes, Cahier 3,45.

<sup>8</sup> Madre Maria da Eucaristia à Madre St. Félix, 28 de janeiro de 1904, Arq. Hist./RSCM, Caixa 8, Pasta 7.

Pressionada pela necessidade desesperada, ela [Maria da Eucaristia] mandou chamar o seu irmão Christopher (que, por morte do Conde, herdara o título e a propriedade de Alentém) e explicou-lhe a situação. A casa da Praça Coronel Pacheco estava fortemente hipotecada e corriam o risco de receber ordem de despejo. Em seguida pediu, com muita timidez: "*Poderias trazer-me vinte contos amanhã?*" (Naquela época, era uma soma exorbitante). "*É só isso que queres?*", perguntou o Conde, levantando-se para sair. "*Nem te preocupes mais com isso, arranjo-tos imediatamente*". E, tal como o disse, melhor o fez, regressando passado pouco tempo com o dinheiro<sup>9</sup>.

Em março de 1904, a superiora do Porto escreveu à Madre St. Félix sobre a sua viagem a Braga para nomear uma representante que substituísse "uma religiosa doente" (Madre St. Liguori) no pagamento final da hipoteca, no dia seguinte, no Porto. Uma vez mais, a Madre Maria da Eucaristia manifestou os seus sentimentos: "*Agora, graças a Deus, este assunto está quase terminado*"<sup>10</sup>. Sem dúvida este fardo da dívida tinha sido uma cruz difícil de carregar para a Madre Maria da Eucaristia, que se confessou desanimada. Perguntou à superiora geral: "*Quando me aliviareis deste cargo de superiora que não me deixa um instante de sossego?*" Longe de parecer ambiciosa pelo poder e autoridade, como alguns a tinham acusado, a Madre Eucaristia, escreveu que ansiava ser deixada a um canto onde pudesse pensar na salvação da sua alma em vez de estar ocupada com tantas outras coisas. "*Oh, que Deus me ajude no meio deste labirinto. É a Ele e só a Ele que eu desejo servir*"<sup>11</sup>.

Dá para nos interrogarmos se a superiora geral terá percebido até que ponto a superiora do Porto estava sobrecarregada. No fim do livro de contas relativo a Lisburn, a Madre St. Félix escreveu: "Em 1904, esta grande dívida [o pagamento da dívida da superiora de Lisburn] estava quase

---

<sup>9</sup> Madre de Chantal Carvalhaes, RSCM, *Vidas Vivas*, traduzido para inglês pela Madre Benedict Murphy, RSCM, como *Lives Aglow with the Spirit*, 181 (a seguir referido como *Lives Aglow*).

<sup>10</sup> Madre Maria da Eucaristia à Madre St. Félix, 13 de março de 1904, Arq. Hist./RSHM, Caixa 8, Pasta 7.

<sup>11</sup> *Ibid.*

paga... *Deo Gratias*"<sup>12</sup>. Contudo, em termos de falta de confiança e de afeto, o preço fora maior do que se poderia imaginar. Estava preparado o cenário para se avaliar a possibilidade da autonomia portuguesa. Quase se poderia ter predito tal mudança quando as irlandesas começaram a ser retiradas de Portugal e as portuguesas começaram a assumir a sua reivindicação de se tornarem uma Província.

## Alcançando o Estatuto provincial

Não há dúvida de que a Madre Maria da Eucaristia tinha consciência do agravamento da situação política na França e de como a superiora geral se devia sentir magoada à medida que a situação ia de mal a pior. Contudo, animava a Madre St. Félix, a quem descrevia como *"uma mãe cheia de solicitude para com todas as suas filhas"* a tomar as medidas necessárias para o futuro, confiando que Deus as ajudaria em tudo. *"Todas as vossas filhas vos acompanham e rezam muito pela sua boa mãe"*, acrescentou<sup>13</sup>.

Como a situação política se ia agravando na França e se estava a tornar difícil e perigoso para as postulantes estrangeiras viajar até ao noviciado de Béziers, o conselho geral começou a pedir a Roma um noviciado temporário na Inglaterra ou na Irlanda. A localização preferida para esse noviciado ainda era incerta no Natal, mas a Madre St. Félix anunciou que pensava visitar os locais possíveis na primavera de 1902 e que depois tomaria a sua decisão<sup>14</sup>. O cardeal protetor parecia pouco entusiasmado frente a esse pedido. Respondeu que, de momento, isso não lhe parecia necessário. Além disso, argumentou que *"as postulantes ficariam mais compenetradas do espírito do Instituto e mais conhecedoras da língua francesa"*

---

<sup>12</sup> Madre St. Félix Maynard, Brief Histories of the Early Foundations, Sources of Life, Doc. 1\12 1 (Roma: RSCM, 1983), 6 (a seguir referidas como Brief Histories).

<sup>13</sup> Madre Eucaristia a Madre St. Félix, 28 de janeiro de 1904, Arq.Hist./ RSCM, Caixa 8, Pasta 7.

<sup>14</sup> Ver Madre St. Félix ao Cardeal Vannutelli, 29 de outubro de 1901 e 23 de dezembro de 1901, Lettres diverses, Cahier 3, 27bis-29bis.

*se fossem para França*"<sup>15</sup>. A 19 de junho de 1903, a madre St. Félix escreveu novamente ao cardeal protetor, dizendo que a perseguição presente, montada contra as congregações religiosas na França, estava a tornar mais necessário do que nunca abrir um noviciado na Irlanda<sup>16</sup>; a 27 de junho de 1903 foi concedida autorização para tal<sup>17</sup>.

Passado muito pouco tempo, algumas irmãs portuguesas, com o consentimento do conselho geral, escreveram à Santa Sé pedindo para abrir um noviciado em Portugal pela mesma razão — a situação na França não favorecia a ida das postulantes para Béziers. Além disso, as irmãs pediram que as suas noviças não tivessem de usar o hábito a fim de se conformarem com as leis portuguesas<sup>18</sup>. A esse pedido seguiram-se cartas semelhantes escritas pela Madre St. Félix<sup>19</sup> e pelo bispo do Porto<sup>20</sup> e, a 9 de setembro de 1903, também foi concedida autorização para abrir um noviciado em Portugal<sup>21</sup>.

O que deve ter sido surpreendente para a Madre St. Félix, porém, foi que, ao tomar conhecimento da autorização para abrir o noviciado em Portugal, D. António José de Sousa Barroso, bispo do Porto, instou com ela para que pedisse autorização da Santa Sé para estabelecer, em simultâneo, uma Província portuguesa. Longe de parecer uma conspiração, o bispo garantiu à Madre St. Félix que isso seria muito benéfico para o desenvolvimento da congregação no seu conjunto<sup>22</sup>. Além disso,

---

<sup>15</sup> Cardeal Vannutelli à M. St. Félix, 4 de agosto de 1902, Arq.Hist./ RSCM, Caixa 18, Pasta 16.

<sup>16</sup> M. St. Félix ao Cardeal Vannutelli, 19 de junho de 1903, Lettres diverses, Cahier 3, 34-34bis.

<sup>17</sup> Ver Rosa do Carmo Sampaio, RSCM, *Evolução das Estruturas no Instituto das RSCM*, julho de 1996, Arq. Hist./RSHM, Caixa 439, Pasta 12 (a seguir referido como "*Evolução das Estruturas*").

<sup>18</sup> Carta não datada escrita por várias religiosas residentes em Portugal ao Santo Padre, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 8, Pasta 9.

<sup>19</sup> M. St. Félix ao Card. VAnnutelli, 28 de Agosto de 1903, Lettres diverses, Cahier 3, 36-36bis.

<sup>20</sup> Ver carta não datada do Bispo do Porto, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 8, Pasta 9.

<sup>21</sup> Ver Sampaio, "*Evolução das Estruturas*". 143 Ibid.

<sup>22</sup> Ibid.



a 21 de setembro de 1903, o bispo de Guarda escreveu à Santa Sé animando-a a estabelecer uma Província portuguesa pois estava ansioso por convidar a congregação a estabelecer-se na sua diocese, mas com superiores portuguesas<sup>23</sup>.

O cardeal protetor, Vannutelli, mostrou-se ainda mais enfático. Escreveu à Madre St. Félix a 20 de setembro de 1903, dizendo que agora, que recebera autorização para um noviciado português, chegara o momento de pensar estabelecer uma Província portuguesa com uma provincial portuguesa à cabeça. Acrescentou um importante *post scriptum* à sua carta, observando que, onde há autoridade absoluta, é necessário ser mais descentralizado, imparcial, caridoso e amável<sup>24</sup>.

O novo noviciado português viria eventualmente a localizar-se em Penafiel, povoação situada a cerca de quarenta quilômetros para leste do Porto, mas que pertencia à diocese portuense. Em 1901, a família de Maria do Coração de Jesus Mendes tinha oferecido às religiosas uma grande casa situada no centro de Penafiel e, como não havia um colégio feminino nesse povoado, a comunidade abriu um pequeno colégio interno, um externato e uma escola gratuita para os pobres. Seis religiosas iniciaram esta quarta fundação em Portugal, com Maria de Jesus Perry como superiora<sup>25</sup>. O novo noviciado tornou-se uma realidade quando a Madre de Aquino Ribeiro chegou a Penafiel no dia 3 de abril de 1904, acompanhada por três jovens que tinham acabado de ser recebidas como noviças essa manhã no Porto. A comunidade de Penafiel deu-lhes as boas vindas e arranjou lugar na escola para acolher o noviciado português<sup>26</sup>.

Entretanto, na primavera de 1904, a Madre St. Félix tinha andado ocupada a escrever um capítulo suplementar para as Constituições recentemente aprovadas (1899). Não é claro o

---

<sup>23</sup> Ibid

<sup>24</sup> Cardeal Vannutelli à Madre St. Félix, 20 de setembro de 1903, Arq.Hist./ RSCM, Caixa 8, Pasta 9.

<sup>25</sup> Vidas Vivas, 237-238.

<sup>26</sup> Para uma descrição dos primeiros anos da Madre de Aquino Ribeiro como mestra de noviças no primeiro noviciado português em Penafiel, ver Lives Aglow, 211-223.

motivo que a levou a redigir esse capítulo sobre as Províncias. Não se falara disso até 1899. Queria ela que a sua própria versão da relação das Províncias, a nível geral, aparecesse nas Constituições e, por conseguinte, servisse de guia autorizado a qualquer Província que mais cedo ou mais tarde pudesse vir a emergir? Esperaria ela retardar aqueles que então insistiam em fazer de Portugal uma Província, sugerindo que tinha em mente um plano mais alargado para o Instituto? Esperaria vir a criar, eventualmente, Províncias adicionais, se Portugal desse um passo em frente, reintegrando-o assim numa rede de Províncias?

Fosse qual fosse a sua verdadeira motivação, a Madre St. Félix e a sua primeira assistente, Madre Ste. Constance Farret, visitaram Roma em junho de 1904 e encontraram-se com o Santo Padre, Pio X, com a Sagrada Congregação e com o cardeal protetor. Devem ter ficado muito descoroçadas, porém, ao descobrir que a aprovação final deste capítulo suplementar sobre as Províncias exigia a recomendação do bispo de Montpellier. Ao regressar a casa, portanto, a Madre St. Félix foi imediatamente visitar o Bispo de Cabrières, que lhe prometeu aprovar o capítulo e enviá-lo para Roma. Contudo, infelizmente, a 24 de setembro de 1904, escreveu que a sua secretária estava tão cheia de papéis acumulados quando regressou de férias e do retiro, que não encontrara o capítulo sobre as Províncias que a madre lhe entregara, e nem sequer tinha a certeza se já o teria enviado ou não! Por descargo de consciência, o bispo aconselhou a Madre St. Félix a fazer outra cópia do capítulo e a entregar-lha antes de 6 de outubro; então levá-la-ia pessoalmente consigo quando fosse a Roma, em outubro, e entregá-la-ia ao cardeal protetor<sup>27</sup>. A Madre fez imediatamente o que lhe fora pedido, mas, por infelicidade, mais tarde veio a saber que o cardeal protetor não estava em Roma em outubro e que os dois homens não se tinham encontrado. Parecia não haver qualquer registro em Roma da sua proposta para estabelecer Províncias no

---

<sup>27</sup> Bispo Cabrières à M. St. Felix, 24 de setembro de 1904, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 6, Pasta 8.

Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Por conseguinte, a Madre St. Felix ficou na posição frustrante de estar a reagir às reivindicações portuguesas de estatuto provincial em vez de antecipar esse movimento com o seu próprio e cuidadoso plano para eventuais Províncias no Instituto e para a relação das mesmas com o nível geral de autoridade<sup>28</sup>.

Entretanto, porém, deve ter parecido às irmãs portuguesas que a superiora geral não tinha seguido os conselhos dados, em 1903, pelos bispos portugueses e pelo cardeal protetor no sentido de estabelecer uma Província portuguesa. Quase um ano mais tarde, portanto, seis irmãs portuguesas, todas elas em boa posição, escreveram cartas individuais para Roma. As irmãs escreveram do Porto (Marie do Coração de Jesus Mendes, Maria Evangelista Pereira Rodrigues e Madre St. Augustin [Ferrand])<sup>29</sup>, de Penafiel (Maria de Jesus Perry e Maria do Bom Pasteur Lobo) e de Viseu (Madre S. Jose Pancada, primeira mulher portuguesa a entrar no noviciado em Béziers, em 1876). Facto significativo: não foi enviada carta nenhuma da comunidade de Braga, onde a Madre St. Liguori MacMullen era novamente superiora. As seis cartas, todas elas escritas nos mesmos dois dias, 28-29 de agosto

---

<sup>28</sup> A Madre St. Félix deve ter ficado frustrada e zangada pelo fato de o Capítulo sobre as "Províncias", que ela levava para Roma no verão de 1904, e que depois trouxera de volta para Montpellier a fim de obter a recomendação do bispo, não ter chegado a ser submetido pelo Bispo Cabrières durante a sua visita a Roma. Escreveu muito longamente sobre isso ao cardeal prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, a 19 de novembro de 1904, e ao cardeal protetor, a 21 de novembro de 1904. Ver *Lettres diverses*, Cahier 3, 45bis-48 e 48bis-49bis.

<sup>29</sup> É provável, mas não absolutamente certo (visto não ser indicado qualquer apelido), que a Madre St. Augustin referida como uma das seis autoras da carta e mais tarde eleita primeira assistente da Madre Maria da Eucaristia, fosse a Madre Augustin Ferrand, nascida na Argélia em 1856 e enviada para Portugal, tendo professado com a Madre Joseph Butler, no Porto, em agosto de 1880, e morrido em Béziers no ano de 1933. Devia ter cinquenta e quatro anos em 1910 (ver *Great Register*#138). A Madre de Chantal escreve sobre outra Madre St. Augustine em Portugal durante esses anos, a Madre St. Augustine Walsh, que poderá ter regressado a Portugal após vários anos na comunidade de Sag Harbor e em Lisburn. Devia ter sessenta e seis anos em 1910 (ver *Great Register*#70). Contudo, ao descrever o êxodo das irmãs irlandesas de Portugal, em 1910, a Madre de Chantal identifica uma religiosa como a "Madre St. Augustine (a quem as alunas chamavam 'a santa'), uma irmã que se destacava pela prática da pobreza". A tradutora inglesa, Madre Benedict Murphy, acrescenta, em nota de rodapé: "A Madre St. Augustine [Walsh] estabelecer-se-ia mais tarde na Academia, em Sag Harbor, onde viria a morrer em 1933". Ver *Lives Aglow*, 244.

de 1904, foram dirigidas ao cardeal prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares<sup>30</sup>. As cartas foram entregues em mão ao prefeito da Sagrada Congregação pelo Padre António Manuel da Silva Pinto Abreu, secretário do Bispo do Porto, que também tinha de entregar outras duas cartas importantes, uma do seu bispo, datada de 30 de agosto de 1904, e a sua própria carta, de 12 de setembro<sup>31</sup>. Estes documentos continham essencialmente a mesma mensagem que as seis cartas, nomeadamente: de que não havia unidade de direção entre as quatro casas portuguesas, porque a superiora geral, que reclamava uma única jurisdição, vivia na França, só raramente as visitava e não entendia as necessidades das casas portuguesas<sup>32</sup>. Apoiavam os argumentos das seis religiosas: perigo grave, dívidas pesadas, necessidade de formar uma Província portuguesa, com uma provincial também portuguesa e com autonomia suficiente para atuar de forma apropriada. Todas as requerentes concordavam que a Madre Maria da Eucaristia de Lencastre devia ser nomeada imediatamente superiora provincial<sup>33</sup>.

A Sagrada Congregação mostrou-se relutante em agir rapidamente, porém, e pediu ao núncio apostólico em Lisboa para investigar as reivindicações/pedidos/exigências feitas nos

---

<sup>30</sup> Estas cartas podem ser encontradas na Cidade do Vaticano: Arquivos históricos da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, M. 30. Dossier I, 27 (a seguir referido como SCRIS).

<sup>31</sup> Parecia ser norma que o Padre António Manuel da Silva Pinto Abreu juntasse a sua própria carta, mais detalhada, à carta do bispo. Além disso, parecia ser ele o porta-voz do Bispo junto do Vaticano sobre esta importante questão portuguesa. A Madre St. Félix suspeitava que ele se encontrava no âmago da intriga encoberta que envolvia a Madre Maria da Eucaristia. Quando voltou a aparecer em Roma em abril de 1911, o Cardeal Vannutelli avisou a superiora geral de que o "padreco português" estava de novo em Roma. Ver Cardeal Vannutelli A Madre Ste. Constance, 13 de abril de 1911, Arq. HistIRSHM, Caixa 8, Pasta 9.

<sup>32</sup> Carta de António, Bispo do Porto, A Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, 30 de agosto de 1904, SCRIS, M. 30, Dossier I, 27. Ver também a carta de António Manuel da Silva Pinto Abreu, 12 de setembro de 1904, SCRIS, M. 30, Dossiê, 27.

<sup>33</sup> Todas pareciam ser unânimes em que só a Madre Maria da Eucaristia tinha os dotes necessários para servir como provincial. Muitos anos antes, Gailhac também reconhecera os seus dotes. Escrevendo A comunidade de Braga em 1887, nomeara a Madre Maria da Eucaristia irmã responsável pela vida espiritual da comunidade na ausência da superiora. E acrescentou: "Devo dizer-vos que, desde a sua entrada no Instituto, e desde que está no Porto, ela [a Madre Eucaristia] tem sido um modelo de perfeita edificação". Ver GS/6/X/87/B.

documentos e nas cartas das seis religiosas. A 7 de outubro, o núncio apostólico respondeu, confirmando todos os problemas apontados e recomendando que se tomassem medidas<sup>34</sup>. A Sagrada Congregação agiu de imediato, emitindo um decreto a 24 de outubro de 1904, com o seguinte mandato: *"Ereção de uma Província portuguesa, abrangendo todas as casas de Portugal; a superiora provincial Madre Maria da Eucaristia de Lencastre, superiora no Porto, foi nomeada pela Santa Sé com todas as capacidades necessárias; apesar disso, teria todas as faculdades habituais definidas pelos cânones e pelas constituições apostólicas sob a dependência da superiora geral e do seu conselho"*<sup>35</sup>. Esta última cláusula provocou uma grande confusão, visto que nas Constituições aprovadas das RSCM não constava nada relativo a Províncias. Além disso, esta primeira superiora provincial fora nomeada pela Santa Sé, uma autoridade mais alta do que a da superiora geral, e tinham-lhe sido outorgados os direitos, privilégios e responsabilidades necessários para presidir sobre as superiores e religiosas da Província de Portugal. Embora o cardeal protetor tivesse consolado a Madre St. Félix garantindo-lhe que ela continuava a ter autoridade sobre todas as religiosas do Instituto, a Sagrada Congregação dos Bispos e dos Regulares colocava-se invariavelmente do lado das portuguesas e só raras vezes comunicava diretamente com a superiora geral.

## **A Madre St. Félix e a situação portuguesa**

Três dias depois de emitido o decreto de 24 de outubro de 1904 que estabelecia a Província portuguesa sob a liderança da Madre Maria da Eucaristia, o Cardeal Agliardi, prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, escreveu ao bispo de

---

<sup>34</sup> Carta do Núncio Apostólico ao Cardeal Ferrata, 7 de outubro de 1904, sobre as razões subjacentes ao pedido de estabelecimento de uma Província em Portugal, CRIS, M. 30, Dossier I, 27.

<sup>35</sup> Decreto de ereção de uma Província em Portugal e Nomeação da Madre Maria da Eucaristia como provincial, 24 de outubro de 1904, SCRIS, M. 30, Dossiê 1, 27.

Montpellier recomendando-lhe que comunicasse o conteúdo desse decreto à superiora geral e ao seu conselho de Béziers. Primeiro, deveria dizer-lhe que, tendo em vista a boa administração e o bem-estar espiritual da Comunidade, seria necessário dividir o Instituto em Províncias e, nesse sentido, era-lhe ordenado que começasse a enviar ao prefeito, Cardeal Agliardi, a documentação necessária. Deveria ser informada ainda de que a Sagrada Congregação já aplicara o seu decreto a Portugal, onde passara a existir uma Província sob a autoridade de uma provincial nomeada e investida pela Sagrada Congregação. O bispo de Montpellier também deveria instruir a Madre St. Félix de que a Sagrada Congregação fora informada de que ela chamara de novo a Madre Maria da Eucaristia e várias outras religiosas de Portugal para Béziers. Nos termos desse decreto, porém, a Sagrada Congregação ordenava à Madre St. Félix que suspendesse a chamada dirigida a essas religiosas. Na sua carta, o Bispo de Cabrières admitiu que desconhecia as razões pelas quais a superiora geral agira assim, mas que, pelo tom da carta da Sagrada Congregação, era claro para ele que havia discordância entre a Madre St. Félix e o seu conselho, por um lado, e as irmãs portuguesas, por outro. Concluindo, o Bispo de Cabrières aconselhou a Madre St. Felix "a obedecer a Roma, como era seu dever", mas, ao mesmo tempo, animou-a a apresentar muito claramente à Sagrada Congregação a forma como entendia a situação e os motivos que a tinham levado a tomar as medidas que tomara<sup>36</sup>.

A Madre St. Felix era sempre muito atenciosa para com a hierarquia, mas na sua carta de 19 de novembro, apresentou uma forte defesa dos seus atos, atípica nela, ao cardeal prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares. Começou por explicar que ela e o seu conselho já tinham reconhecido a necessidade de dividir o Instituto em Províncias. Quase dois anos antes, apresentara o seu plano ao bispo de Montpellier, mas

---

<sup>36</sup> Bispo de Montpellier a Madre St. Félix, 12 de novembro de 1904, Arq.Hist./ RSCM, Caixa 8, Pasta 9.

como ele respondera que o tempo não era propício, aceitara esperar. Em junho de 1904, ela e a sua assistente, Madre Ste. Constance, tinham ido a Roma a fim de apresentar ao cardeal protetor em pessoa o seu pedido de estabelecimento de Províncias e o capítulo suplementar sobre Províncias por ela preparado. Como o pedido não fora acompanhado da aprovação explícita do ordinário do lugar, porém, as irmãs tiveram de o levar de volta ao Bispo de Cabrières, para que este o assinasse. O bispo prometera aprovar de imediato o capítulo suplementar e entregá-lo ao cardeal protetor em mão, quando fosse a Roma, em outubro de 1904. Tendo apresentado estes detalhes, a Madre St. Félix insistia, dirigindo-se ao cardeal prefeito, que ninguém poderia acusá-la daquele atraso involuntário na apresentação das informações necessárias. No entanto, a Sagrada Congregação apresentara-lhe um *fait accompli*, levado a cabo sem o seu conhecimento ou envolvimento, e ela sentia-se pesarosa pela forma como tal decisão fora implementada e pela maneira como lhe fora comunicada. E escreveu: "*Fui acusada sem saber porquê; sou condenada sem me terem ouvido*"<sup>37</sup>.

Quanto à acusação de ter chamado de novo a Madre Maria da Eucaristia para a Casa Mãe, a Madre St. Félix explicou que ela e o seu conselho já pretendiam designá-la superiora provincial depois de a Província de Portugal ser erigida. A superiora geral tinha-se limitado a convidar a Madre Maria da Eucaristia a ir passar alguns dias na Casa Mãe a fim de conversarem sobre Portugal. Como a Madre Maria da Eucaristia respondera que estava demasiado cansada para fazer a viagem naquele momento, a Madre St. Félix prometera visitá-la em Portugal no fim do inverno. "*Não há discordância entre a Madre Maria da Eucaristia e a sua superiora geral*", insistiu a Madre St. Félix. "*Pelo contrario, as relações são perfeitamente religiosas e cordiais. O nosso trato é o mesmo com todas as outras superiores*". Quanto às outras religiosas supostamente chamadas

---

<sup>37</sup> Madre St. Félix ao cardeal prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, 19 de novembro de 1904, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 8, Pasta 9.

de volta à Casa Mãe, eram apenas duas, uma jovem professa, professora de artes, que precisara de recuperar por algum tempo no seu país natal e que agora estava a retomar o seu ministério, e a outra, a jovem irmã que deveria acompanhá-la até a França<sup>38</sup>.

Tendo refutado essas acusações iniciais, a Madre St. Félix perguntou se não se poderia concluir que as outras coisas pelas quais fora responsabilizada também tinham sido mal entendidas e mal interpretadas. Não se poderia, de igual modo, reconhecer nos acontecimentos recentes a primeira tentativa de criar um cisma? Abandonando isso à sabedoria e prudência do cardeal, a Madre St. Félix também confiou ao cardeal a necessidade de reabilitar a sua reputação, acrescentando que seria uma grande tristeza para ela deixar atrás de si uma memória manchada num Instituto que vira nascer, tendo sido uma das suas primeiras religiosas, e ao qual se dedicara durante cinquenta e nove anos, arcando com uma responsabilidade imensa com uma solicitude incansável. Sentia que a severidade dos atos da Sagrada Congregação contra ela deixaria, muito provavelmente, uma impressão desfavorável nos seus registros, e que todo o bem que fizera em prol das irmãs ficaria reduzido a nada. Que duro era isso para ela, confessava. Dirigindo-se ao cardeal, a Madre St. Félix escreveu que ficaria muito grata se ele lhe dissesse, com toda a simplicidade, que as acusações dirigidas contra ela seriam retiradas sem demora<sup>39</sup>

Para compreendermos plenamente a reação da Madre St. Félix, devemos perceber que ela estava a passar então por aquele que talvez tenha sido o período mais desanimador da sua vida. Alguns meses antes, tinha escrito ao Cardeal Vannutelli pedindo-lhe ajuda para se livrar do capelão da Casa Mãe, Monsieur l'abbé Rome. Devido ao tom pungente da carta da Madre St. Félix, escrita num momento tão difícil, dedicaremos algum tempo à abordagem da mesma.

---

<sup>38</sup> Ibid.

<sup>39</sup> Ibid.



Ela tinha medo que o espírito do Instituto estivesse a desaparecer e que em breve não restasse nada do espírito do Fundador. Mas, a questão estava ligada ao espírito de independência em relação à autoridade legítima. O capelão era tudo e as superiores, de modo especial a superiora geral, não eram nada, eram as últimas de todas, e ele criticava-as sempre que se proporcionava a ocasião. Não só isso, mas o capelão queria saber tudo que tivesse a ver com a comunidade e com o Instituto em geral, até mesmo as questões materiais, e ser mantido *au courant* de tudo. Quando a Madre não o informava de alguma coisa, acusava-a de desobedecer à Regra. Fora do confessional, o capelão dirigia pessoalmente o governo da própria comunidade e a sua má influência estava a afetar aquelas que ele formara e que estavam agora nas outras casas. A Madre St. Félix, perante isso, pediu ao cardeal protetor que pusesse termo a tal situação que já se arrastava havia sete anos. Se essa mudança não fosse feita, a coragem abandoná-la-ia, a sua responsabilidade assumiria proporções desmesuradas e todos os seus esforços seriam infrutíferos. E continuou: *"Eminência, dei início ao Instituto com as nossas quatro primeiras madres, há cinquenta e seis anos. Trabalhei e dediquei-me à sua prosperidade e agora sinto a tristeza de o ver desintegrar-se e afastar-se dia após dia daquilo que o seu venerado fundador desejou estabelecer"*. Pedia ao cardeal que atuasse, mas com a consciência de não querer ultrapassar o seu próprio bispo *"que também é um bom Pai... mas que, devido sua idade, é muito impressionável"*. Terminou assim a sua carta dirigida ao cardeal: *"Sei que posso contar consigo... O senhor sabe melhor do que eu que nunca nos devemos desligar do nosso bispo"*<sup>40</sup>.

A carta de 21 de novembro da Madre St. Félix para o Cardeal Vannutelli, tinha um tom muito diferente. Ela admitia que tinha necessidade de manifestar o seu profundo desgosto ao seu

---

<sup>40</sup> Madre St. Félix ao Cardeal Vannutelli, 20 de setembro de 1904, Lettres diverses, Cahier 3, 43-45.

compreensivo coração. Assumia que o cardeal não fora consultado de antemão pela Sagrada Congregação porque certamente a teria defendido, atestando, por exemplo, o seu desejo de dividir o Instituto em Províncias. Acrescentou que o Bispo de Montpellier não mencionara que se encontrara com ele em Roma e agora, nas circunstâncias vigentes, precisava de saber, através do Cardeal Vannutelli, se o Bispo de Montpellier se encontrara com ele por causa do capítulo, por ela proposto, sobre as Províncias<sup>41</sup>.

O Cardeal Vannutelli reagiu imediatamente dizendo que lamentava, mas que não se encontrara com o Bispo de Montpellier em Roma, visto que o mês de outubro era o único período em que podia visitar a sua própria diocese e respectivas paróquias, e que o Bispo de Cabrières já não estava em Roma quando ele regressara. Quanto à ereção de Províncias, a Sagrada Congregação sabia que ele as apoiava, e ele próprio também tinha informado a Congregação do apoio da Madre. O cardeal garantiu-lhe ainda que o Bispo de Cabrières certamente explicaria a responsabilidade que tivera pelo atraso na apresentação do capítulo sobre as Províncias a Roma. Sobre o outro assunto, escreveu que a Madre St. Félix tinha esclarecido bem as suas razões para chamar a Madre Maria da Eucaristia à Casa Mãe. Depois de a ter tranquilizado, o cardeal protetor animou-a a focar-se plenamente na preservação do espírito do Instituto na Província portuguesa. É significativo que, no fim da sua carta, o cardeal a tenha advertido de que ouvira rumores acerca do envolvimento indevido do capelão da Casa Mãe nos assuntos das casas, e o cardeal instou com a Madre St. Félix para que pusesse o Bispo de Montpellier ao corrente dessa sua preocupação. Ao que parece, o cardeal protetor nunca chegara a

---

<sup>41</sup> Madre St. Felix ao Cardeal Vannutelli, 21 de novembro de 1904, Lettres diverses, Cahier 3, 48bis-49bis.

receber a queixosa carta da Madre St. Félix, de 20 de setembro<sup>42</sup>.

Embora a Sagrada Congregação possa ter recebido algum esclarecimento através da carta da Madre de St. Félix datada de 19 de novembro de 1904, não houve mudanças de orientação, visto que a criação da Província portuguesa passou para a sua segunda fase. A superiora geral não fora envolvida na tomada de decisões, mas agora pediam-lhe que apoiasse publicamente as decisões depois do fato consumado, a fim de preservar a paz e a ordem.

O Bispo do Porto escreveu-lhe informando-a de que a Santa Sé acabara de nomeá-lo delegado apostólico para Portugal. Um dos seus primeiros atos foi convocar o primeiro capítulo provincial da Província portuguesa, mas, para que reinasse a boa ordem e a harmonia durante o capítulo, pediu à Madre St. Félix que fosse a primeira a comunicar essa notícia às superiores das casas portuguesas mal recebesse a sua carta. O bispo garantiu-lhe que ela seria informada das decisões do capítulo. Contudo, não foi convidada a estar presente<sup>43</sup>.

A Madre St. Félix escreveu uma carta a uma superiora de Portugal (talvez a Madre St. Liguori) a 21 de dezembro de 1904 e, em conformidade com o desejo e a ordem da Sagrada Congregação, reafirmou que esta erigira as comunidades de Portugal em Província devido ao estado de perseguição em que as religiosas se encontravam. A Madre Maria da Eucaristia fora nomeada provincial e todas as superiores de Portugal e, por conseguinte, todas as religiosas das várias casas lhe deviam respeito, deferência e submissão. Em seguida, a Madre St. Félix explicou que o bispo do Porto, agora delegado apostólico para Portugal, convocaria um capítulo provincial e que as irmãs deveriam responder de imediato ao seu apelo. Terminava a

---

<sup>42</sup> Cardeal Vannutelli a madre St. Félix, 23 de novembro de 1904, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 8, Pasta 9.

<sup>43</sup> Antonio, Bispo do Porto, à Madre St. Felix, 18 de dezembro de 1904, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 8, Pasta 9.

carta, dizendo: "Não duvido, minha querida filha, das suas boas disposições para com esta nova direção. Será, segundo espero e peço a Deus, para o maior bem do nosso querido Instituto no seu país. Leia a minha carta à comunidade reunida"<sup>44</sup>.

O bispo do Porto, na sua qualidade de delegado apostólico, também escreveu uma longa carta à Madre St. Liguori, recordando-lhe o decreto da Sagrada Congregação promulgado a 24 de outubro, a reunião iminente do capítulo e as instruções dadas à congregação religiosa, nomeadamente, que o dinheiro já não teria de ser enviado para fora da Província e que as meditações e outros exercícios espirituais seriam em língua portuguesa e não francesa<sup>45</sup>.

O capítulo foi convocado para as duas da tarde do dia 27 de dezembro de 1904, no Porto, pelo bispo dessa cidade na sua qualidade de delegado apostólico. O seu secretário, Padre António Manuel da Silva Pinto Abreu, também esteve presente. O capítulo confirmou a Madre Maria da Eucaristia como superiora provincial com todos os direitos e privilégios que acompanham esse cargo. Em seguida o capítulo elegeu, por aclamação, a Madre St. Liguori MacMullen e a Madre Ste. Foy como escrutinadoras. Enquanto prosseguiam as eleições das conselheiras provinciais, a Madre St. Augustin [Ferrand] foi escolhida para primeira assistente, a Madre S. José Pancada para segunda assistente, a Madre Coração de Jesus Mendes para secretária e a Madre Evangelista Pereira-Rodrigues para ecônoma. Vale a pena referir que as quatro religiosas eleitas se contavam entre as seis religiosas que tinham escrito cartas à Sagrada Congregação no anterior mês de agosto. Depois das eleições, o bispo dirigiu-se à superiora provincial, instando com ela para que visitasse as comunidades da sua Província, logo que possível, e entregou-lhe uma cópia das *Normas para os Institutos*

---

<sup>44</sup> Carta da Madre St. Félix a uma superiora de Portugal, 21 de dezembro de 1904, Arq. Hist./RSCM, Caixa 216, Pasta 6.

<sup>45</sup> Carta de António, Bispo do Porto, à superiora de Braga, 23 de dezembro de 1904, Arq. Hist./RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

*Modernos* para que se regesse por elas até as Constituições do Instituto incluírem informações relacionadas com o governo das Províncias<sup>46</sup>.

O capítulo não conseguiu resolver um ponto muito importante. A Madre Maria da Eucaristia fora nomeada pela Santa Sé e confirmada pelo Capítulo, mas a duração do seu mandato não fora determinada. Portanto, em maio de 1905, o Bispo do Porto pediu que fosse atribuído um mandato de nove anos, em vez de seis, àquela primeira Provincial Portuguesa, tendo em conta os inúmeros desafios que ela enfrentava. O secretário do bispo, padre António Manuel da Silva Pinto Abreu, juntou a sua própria carta de apoio<sup>47</sup>. A Sagrada Congregação aprovou esse pedido a 7 de junho de 1905<sup>48</sup>.

### **Uma nova Superiora Geral reage à Província Portuguesa**

Há que recordar que 1904 fora um ano desastroso para o Instituto e para a Madre St. Félix em particular. Em julho de 1903, legislação hostil na França forçara a comunidade de Bourg de Péage a fechar a escola e a regressar à Casa Mãe. Em 1904, todas as congregações religiosas tinham sido proibidas de se envolver na educação de qualquer tipo na França. Para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, na França, só as obras de beneficência da Casa Mãe e o pequeno orfanato de Vallon sobreviveram. Antevendo o pior e com o apoio do Bispo de Montpellier, a 23 de março de 1904, a Madre St. Félix pedira autorização à Santa Sé para transferir temporariamente a Casa Mãe para a Inglaterra ou para a Irlanda até a situação na França melhorar<sup>49</sup>. Passados seis meses, a 25 de setembro, mais uma vez com o apoio do bispo e do cardeal protetor, a superiora geral

---

<sup>46</sup> Primeiro Capítulo Português para eleger o Conselho Provincial, dezembro de 1904, Hist.Arch./RSCM, Caixa 216, Pasta 6.

<sup>47</sup> António, Bispo do Porto, ao Cardeal prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, 24 de maio de 1905, SCRIS, M. 30, Dossier III, 5.

<sup>48</sup> Ver SCRIS, M. 30, Dossier III, 10.

<sup>49</sup> Ver Madre St. Félix ao Santo Padre, 23 de março de 1904, SCRIS, M. 30, Dossier II, 16.

pedira um adiamento de dois anos do Capítulo Geral marcado para Béziers, em 1905. A razão dada para tal pedido era evitar as condições caóticas da França<sup>50</sup>.

Inicialmente, a Santa Sé concordara com o adiamento do Capítulo, mas essa autorização viria a ser rescindida. O Capítulo Geral reuniu-se, como marcado, em agosto de 1905. No dia 22 desse mês, a Madre Ste. Constance Farret foi eleita quarta superiora geral, com quatro assistentes: Madre St. Félix Maymard, Madre St. Xavier Fraty, Madre St. Calliste Hughes e Madre St. Charles MacMullen. No dia seguinte, a Madre Marie Gabriel foi eleita secretária geral e a Madre Marie Adrien, ecônoma geral<sup>51</sup>.

Apesar de algumas mudanças a nível de liderança, a confusão e o conflito continuaram entre a autoridade a nível geral, em Béziers, agora, tendo a Madre Ste. Constance como Superiora Geral, e os poderes e privilégios concedidos pela Sagrada Congregação à Madre Maria da Eucaristia. Numa carta dirigida à Madre St. Félix, datada de 12 de fevereiro de 1905, o cardeal protetor garantia-lhe que ela continuava a ter autoridade sobre a congregação. Contudo, quando a nova superiora geral, Madre Ste. Constance Farret, visitou Portugal e disse que tudo deveria continuar sob o controle do nível geral, o Conselho Provincial português escreveu uma carta à Sagrada Congregação protestando contra a tentativa da Madre Ste. Constance de privar a provincial portuguesa da sua autoridade para agir. A dificuldade derivaria certamente do fato de a provincial portuguesa ter sido nomeada e autorizada, não pelo capítulo provincial português nem pela superiora geral e o seu conselho, mas diretamente por Roma, e não haver nada, nas Constituições das RSCM, que explicasse a relação jurídica entre esta primeira provincial e a superiora geral. Ao que parece, as duas mulheres divergiam em termos da interpretação das respectivas responsabilidades e poderes no que dizia respeito à Província

---

<sup>50</sup> Cardeal Vannutelli ao Santo Padre, 25 de setembro de 1904, SCRIS, M. 30, Dossier II, 14

<sup>51</sup> Decisions du Chapitre General, agosto de 1905, Arq. Hist./Caixa 22, Pasta 2.

Portuguesa. Esta situação só viria a agravar-se com a nova superiora geral, Madre Ste. Constance<sup>52</sup>.

Antes disso, a Madre St Félix, animada pelo cardeal protetor, reconhecera a importância de incluir nas Constituições recém-aprovadas um capítulo suplementar sobre Províncias. As cláusulas adicionadas articulariam claramente a relação entre a Província e o nível geral, definindo e clarificando o alcance e os limites do poder e das responsabilidades da madre provincial, os termos da sua nomeação, etc., visto que não existiam outras Províncias antes da criação da Província portuguesa, e essa Província fora criada pela Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares que tinham escolhido a provincial sem sequer ter consultado a superiora geral, e estabelecido a duração do mandato e os poderes associados à nomeação. A Madre St. Félix deve ter raciocinado que se houvesse cláusulas relativas às Províncias nas Constituições das RSCM, a criação da Província em Portugal não teria sido tão conflituosa.

A Madre St. Félix, acompanhada pela sua primeira assistente, Madre Ste. Constance, viajara até Roma em junho de 1904 com o objetivo preciso de pedir que o capítulo suplementar sobre Províncias fosse anexado às Constituições das RSCM. Como já referimos, o Bispo de Montpellier, cuja aprovação era necessária, não chegara a submeter os documentos. Infelizmente para a Madre St. Félix, portanto, a Sagrada Congregação não tinha diretivas a observar em 1904 quando a provincial portuguesa foi nomeada. Apesar disso, a Madre St. Félix apelou de novo ao Santo Padre, a 19 de fevereiro de 1905, submetendo o capítulo suplementar sobre Províncias com todas as assinaturas necessárias<sup>53</sup>. No entanto, quando a Sagrada Congregação finalmente aprovou o pedido da criação de Províncias, em finais de julho de 1905, ela própria sugeriu um plano diferente, que incluiria todas as comunidades de língua inglesa numa Província, a Província portuguesa já existente como outra Província e, não

---

<sup>52</sup> Conselho Provincial Português ao Núncio, 6 de março de 1906, SCRIS, M. 30, Dossier III, 15.

<sup>53</sup> Ver Des Provinces de l'Institut du Sacré Coeur de Marie, SCRIS, M. 30, Dossier 111,1.

entendendo as condições de vida na França, as comunidades francesas como uma terceira. Tal decisão era inaceitável para a Madre St. Félix.

A posição do Conselho Provincial português era óbvia desde o início, e este manifestou o seu desagrado ao núncio mediante carta de 6 de março de 1906, descrevendo os agravos sofridos no passado e no presente. Sob a administração da antiga superiora geral, as suas casas encontravam-se em mau estado, e não tinham melhorado sob a atual superiora geral, Madre Ste. Constance. Esta paralisara a ação da superiora provincial. A sua visita recente deixara uma má impressão. Não se quisera encontrar com a provincial, declarando-a sujeita em tudo à Casa Mãe. A superiora geral enviara à Sagrada Congregação um plano para o governo de Províncias que seria a ruína para a Província Portuguesa. No ano anterior, o Bispo do Porto submetera outro plano. O conselho provincial pede agora ao núncio que recomende este último plano à Santa Sé. A carta terminava assim: *"Estão todas unidas à superiora provincial, que está a sofrer muito"*<sup>54</sup>.

O núncio apostólico contactou de imediato o Cardeal Ferrata, comunicando os agravos descritos pelo conselho provincial português e especificando que a superiora geral tinha pouca consideração pela superiora provincial, rejeitava o seu plano para o governo provincial (baseado nas Doroteias e nos Jesuítas), queria todo o dinheiro dos dotes e tinha os bispos contra si<sup>55</sup>.

A Madre Ste. Constance, agora superiora geral, tinha de fato um plano para a criação de Províncias. Apelou de novo ao Santo Padre e à Sagrada Congregação, especificando que só se deveria formar uma Província americana, visto que as comunidades francesas, embora reduzidas, poderiam servir de apoio às

---

<sup>54</sup> Ver Relatório da Comissão da Divisão do Instituto em Províncias, 10 de julho de 1906, SCRIS,

<sup>55</sup> M. 30, Dossier III, 1. SCRIS, M. 30, Dossier II, 13.



inglesas e irlandesas<sup>56</sup>. Passados meses, porém, escreveu à Sagrada Congregação pedindo que fosse adiado o estabelecimento de Províncias devido à agitada situação da França. Entretanto, permitiria que a Província Portuguesa continuasse, em prol da boa administração. Nesta altura, porém, a Madre Ste. Constance começava a sentir-se muito preocupada e escreveu ao cardeal protetor dizendo-lhe que receava que quaisquer mudanças resultassem na separação da Província Portuguesa do Instituto<sup>57</sup>. A Sagrada Congregação, porém, ignorou a aflição da superiora geral e, depois de se aconselhar com alguns consultores, decidiu que, além da Província Portuguesa já existente, haveria outras duas, uma americana e outra inglesa/francesa. Além disso, sugeriu que as normas submetidas pela superiora geral e as normas procedentes da Província Portuguesa deveriam ser combinadas nas Constituições, formando um

Capítulo 6: Províncias<sup>58</sup>.

Nesse momento, o Bispo de Cabrières escreveu ao Cardeal Ferrata da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, pedindo-lhe que apoiasse a superiora geral, cuja ansiedade estava a ser provocada por vários bispos portugueses que aparentemente pretendiam separar completamente a Província Portuguesa da Casa Mãe<sup>59</sup>. Essa carta dirigida ao Cardeal Ferrata foi seguida por outra, do Cardeal Vannutelli, que referiu que a superiora geral fora a Roma, preocupada com a pressão contra a unidade do Instituto como resultado da criação da Província Portuguesa. A ereção da Província Portuguesa fora boa, mas requeria a existência de outras Províncias que se mantivessem unidas à Casa Mãe e à superiora geral. Não fora o caso da

---

<sup>56</sup> Madre Ste. Constance à Sagrada Congregação, 25 de abril e 9 de maio de 1906, SCRIS, M. 30, Dossier 1, 19.

<sup>57</sup> Madre Ste Constance ao Cardeal Vannutelli, lide maio de 1906, SCRIS, M. 30, Dossier, 19.

<sup>58</sup> Ver Relatório da Comissão sobre a Divisão do Instituto em Províncias, 10 de julho de 1906, SCRIS, M. 30, Dossier III, 1.

<sup>59</sup> Bispo de Montpellier ao Cardeal Ferrata, 26 de setembro de 1906, SCRIS, M. 30, Dossier II, 13.

provincial portuguesa, visto que esta fora nomeada para o seu cargo pela Santa Sé<sup>60</sup>.

A 3 de novembro de 1906, a Madre Ste. Constance pediu que fosse deferida toda a questão de divisão em Províncias, desculpando-se com o fato de que *o pedido fora ideia da sua predecessora, que agira, sem consultar muita gente, para aplacar os portugueses!* A situação presente na França exigia que a divisão fosse adiada até mais tarde<sup>61</sup>. Tanto o Bispo de Montpellier como o Cardeal Vannutelli escreveram ao Cardeal Ferrata apoiando o pedido da Madre Ste. Constance devido à triste situação da França<sup>62</sup>.

Quando a Madre Ste. Constance foi a Roma, em 1921, para pedir de novo a divisão em Províncias, a Sagrada Congregação desaconselhou essa criação, declarando que não havia número suficiente de irmãos no Instituto. Seriam necessárias cinco divisões de duzentos membros cada uma e, nessa época, havia menos de quatrocentas e cinquenta irmãos no Instituto. A questão das Províncias foi adiada até 1938, e, entretanto, foram organizadas vigararias, cada uma delas com uma madre vigária<sup>63</sup>.

## **0 impacto da Revolução portuguesa de 1910**

Em outubro de 1910, uma importante revolução política ocorreu em Portugal, obrigando as comunidades portuguesas a secularizar-se, a fechar as suas escolas, a deixar os seus conventos e a regressar para junto das suas famílias, deixando o país ou, inicialmente, a viver secretamente em grupos de três ou menos. As superiores portuguesas tinham-se preparado um pouco para a possibilidade dessas mudanças revolucionárias

---

<sup>60</sup> Cardeal Vannutelli ao Cardeal Ferrata, 17 de outubro de 1906, SCRIS, M. 30, Dossier II, 12.

<sup>61</sup> Madre Ste. Constance ao Card. Ferrata, 3 de novembro de 1906, SCRIS, m. 30, Dossiê I, 27.

<sup>62</sup> Bispo Cabrières e Cardeal Vannutelli ao Cardeal Ferrata, 11 de novembro de 1906 e 14 de fevereiro de 1907, SCRIS, M. 30, Dossier I, 27.

<sup>63</sup> Ver Sampaio, "Evolução das Estruturas".

desde 1901, quando se reuniram durante três dias com uma emissária da Casa Mãe, a Madre St. Calliste Hughes, em Braga, onde fizeram planos para essa eventualidade. Agora, a 4 de outubro de 1910, foram chamadas ao Porto para se encontrarem com a sua provincial, a fim de sincronizarem planos para a dispersão segura das religiosas. Passadas algumas horas, as religiosas cujas famílias viviam no Porto refugiaram-se aí; outras regressaram às suas comunidades, aguardando novas instruções. As alunas das escolas e outros amigos ajudaram as religiosas das quatro casas levando e escondendo preciosas recordações em suas próprias casas, esperando o eventual regresso das religiosas. Algumas irmãs de nacionalidades estrangeiras regressaram aos seus países de origem logo que puderam. O consulado britânico conseguiu que as irmãs irlandesas fossem evacuadas através de um cargueiro atracado no Douro. Algumas aceitaram o convite da Madre Marie Joseph Butler e viajaram até Tarrytown, Nova Iorque<sup>64</sup>. Outras atravessaram a fronteira, entrando em Espanha, onde poderiam levar uma vida em comunidade. Em dois capítulos do seu livro *Vidas Vivas*, a Madre Maria de Chantal descreve com grande detalhe os primeiros dias da revolução e o frutífero exílio. Durante todo esse período de sublevação, a ativa solicitude da provincial portuguesa tornou-se evidente. O seu maior desejo era manter-se em contacto com cada uma das irmãs agora espalhadas numa grande diáspora<sup>65</sup>.

Como a comunicação postal com a Casa Mãe era quase impossível, a Madre Maria da Eucaristia viajou duas vezes até Béziers — uma vez, em finais de 1910, para descrever pessoalmente à Madre Ste. Constance o ataque contra a Igreja em Portugal, a dispersão das RSCM e o colapso da Província de Portugal. A única coisa que ela podia fazer era manter-se em comunicação com as religiosas e animá-las a permanecer fiéis ao

---

<sup>64</sup> A Madre Maria de Chantal enumera assim as quatro irmãs que aceitaram o convite de Marie Joseph Butler: Madre Alacoque Geraldês, Madre Ferdinand de Paiva, Maria d'Assunção de Brito e Marie St. Salvador de Brito. *Vidas Vivas*, fn 1,353.

<sup>65</sup> Ver *Vidas Vivas* 323-346, 347-374.

espírito do Instituto. O historiador A. H. de Oliveira Marques descreve vivamente a situação de todo o país:

*Uma vez proclamada, a República identificou-se com a luta à Igreja. Todas as ordens religiosas foram novamente expulsas (1910); os jesuítas, em particular, foram humilhados e por vezes tratados como criminosos. Em poucos meses, todos os frades e todas as freiras tinham deixado o país ou tinham sido forçados a abandonar os seus hábitos. Encerraram-se as casas religiosas, os colégios e os centros de caridade dirigidos pelas congregações, passando para o Estado todos os seus bens<sup>66</sup>.*

Em fevereiro de 1911, a Madre Maria da Eucaristia visitou de novo a Casa Mãe para se aconselhar e pedir a aprovação do conselho geral. Foram explorados vários planos para o estabelecimento das religiosas portuguesas na diáspora. A Madre Maria da Eucaristia foi acompanhada pela Madre Maria de Aquino Ribeiro, que sentira uma forte chamada de Deus a iniciar uma fundação no Brasil onde as religiosas poderiam, mais uma vez, empenhar-se no seu apostolado docente e levar uma vida comunitária. Vinha pedir autorização ao conselho geral, com toda a simplicidade e franqueza, para responder ao convite de Deus a criar uma fundação no Brasil. Embora a Madre Ste. Constance tivesse hesitado inicialmente, temendo que a proposta fosse demasiado arriscada e o destino, Brasil, demasiado distante, o conselho geral discerniu que o pedido da Madre Maria de Aquino era tão claro, tão sincero e tão manifestamente proveniente do Espírito, que o conselho acabou por concordar. As três fundadoras — Madre Maria de Aquino Ribeiro, Madre Ste. Foy Gomes Conde e Madre de Assis Gomes da Fonseca — partiram para o Brasil menos de três semanas mais tarde, a 21 de fevereiro de 1911<sup>67</sup>.

---

<sup>66</sup> A. H. Oliveira Marques, *História de Portugal*, Vol. 2. Palas Editores, Lisboa, 1973, 221.

<sup>67</sup> Ver *The Splendor of Kindness*, escrito por uma RSCM anônima e traduzido para inglês pela Madre Benedict Murphy (Rio de Janeiro: RSHM, 1953) 43-57. Para um estudo recente dos primeiros quinze anos das RSCM no Brasil, ver Alice Maria Duarte, *RSCM, A História do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria no Brasil de 1911 a 1926* (Belo Horizonte: Fontes de Vida, 2011).

Durante a mesma viagem a Béziers, a 4 de fevereiro de 1911, teve lugar outro acontecimento muito significativo. A Madre Maria da Eucaristia, na presença do conselho geral, cedeu o seu título de provincial e todos os seus antigos direitos e poderes, prometendo que não faria nada para restabelecer a Província Portuguesa que agora fora dispersa pela revolução. Em troca, no dia seguinte, o conselho geral nomeou formalmente a Madre Maria da Eucaristia "representante da superiora geral" em Portugal, em Espanha (onde a Madre Maria da Eucaristia começara a reunir as irmãs em Tuy) e no Brasil (onde uma nova fundação estava a ser criada). Em seguida, foi-lhe concedida autoridade sobre cada casa que viesse a ser fundada nesses países, com a consequente lista de direitos, por exemplo, visitar as casas, cuidar do espírito religioso e da prática da Regra, mudar os ministérios das irmãs, receber postulantes e supervisionar a formação de noviças, supervisionar as finanças e prestar contas do estado disciplinar e financeiro de cada casa, de três em três meses. Onde quer que a "representante da superiora geral" vivesse seria a "casa principal" em que existiria um noviciado e, nessa mesma casa, viveria uma assistente, uma ecônoma responsável pelas finanças e a mestra das noviças<sup>68</sup>.

É difícil ver uma grande diferença prática entre aquilo que a Madre Maria da Eucaristia fizera como provincial e aquilo que faria agora como representante da superiora geral em Portugal, em Espanha e no Brasil. Para o conselho geral, porém, havia obviamente uma diferença enorme, visto que, teoricamente, ela agiria agora não com base na sua própria autoridade, mas apenas em nome da superiora geral.

## **A eventual resolução**

As condições em Portugal tinham-se deteriorado ainda mais quando a Madre de Maria da Eucaristia e a Madre Maria de

---

<sup>68</sup> Séance du Conseil [Sessão do Conselho], 5 de fevereiro de 1911, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 216, Pasta 5.

Aquino regressaram da França. Na Véspera de Natal anterior (1910), os bispos do país tinham-se reunido e emitido uma carta pastoral coletiva condenando os procedimentos da República ao abolir os feriados e os juramentos religiosos, ao expulsar os religiosos e proibir a sua atividade nas escolas e ao introduzir o divórcio. O governo proibira a promulgação dessa carta pastoral, mas muitos bispos e sacerdotes recusaram-se a obedecer a tal ordem. O Bispo do Porto, por exemplo, foi condenado por se opor a essa lei e por animar outros a fazer o mesmo, e foi deposto do seu cargo. Em abril de 1911, foi promulgada a Lei da Separação. Esta separava literalmente a Igreja do Estado de Portugal, proibia o ensino cristão em todas as escolas, abolia todas as despesas do Estado com a religião e nacionalizava todas as propriedades da Igreja<sup>69</sup>.

Entretanto, a Madre Maria da Eucaristia passara da povoação fronteiriça de Valença, em Portugal, para a povoação fronteiriça de Espanha, Tuy, onde passaria a viver a comunidade exilada de irmãs demasiado doentes ou idosas para viajar, percorrendo longas distâncias até Espanha sofrer a sua própria revolução em 1931. Em seguida, novamente refugiadas, as religiosas regressariam a Portugal<sup>70</sup>. Ao mesmo tempo que a Madre Maria da Eucaristia dava início a esta fundação em Espanha, sem dúvida no intuito de reunir as RSCM dispersas que não tinham podido viajar muito para lá da fronteira, um assunto muito grave estava em curso.

O Cardeal Vannutelli escrevera à superiora geral, a 13 de abril, avisando-a de que "o padreco português" que se interessara pela Província estava a armar intrigas em Roma e conseguira a promulgação de um decreto que prolongava o mandato da Madre Maria da Eucaristia como provincial portuguesa. O cardeal prometeu descobrir as restrições e os

---

<sup>69</sup> Marques, Historia de Portugal, 221-222.

<sup>70</sup> A Madre de Chantal descreve o inicio desta fundação em Tuy em Vidas Vivas, 357-373.

termos exatos do documento. Entretanto, garantiu-lhe que havia razões para se preocupar<sup>71</sup>.

Passados dias, a Madre Ste. Constance escreveu para agradecer ao Cardeal Vannutelli por ter advertido o conselho geral das intrigas do Padre Antônio Manuel da Silva Pinto Abreu, que se encontrava em Roma. Contudo, ele não era o centro das preocupações da superiora geral. Aquilo que mais a preocupava era aquilo que a superiora geral supunha tratar-se de uma falta de sinceridade e de lealdade da parte da Madre Maria da Eucaristia, que fizera uma promessa no mês de fevereiro anterior, assinando-a na presença do conselho geral, de que não faria nada para restabelecer a Província em Portugal, no Brasil ou em qualquer outro lugar. Usando de uma linguagem muito forte, a Madre Ste. Constance manifestou os seus sentimentos e os sentimentos do seu conselho geral: *"Perante esta falta de boa fé, todos os membros do conselho manifestaram o desejo, com angústia, mas firmeza, de que este ramo do Instituto fosse completamente desligado do nosso tronco ao qual só estava ligado por falsas aparências"*. A superiora geral reconheceu que o conselho geral reforçara recentemente a autoridade da Madre Maria da Eucaristia permitindo-lhe fundar novas casas a fim de alojar as irmãs portuguesas dispersas, mas o conselho nunca antevira que a Madre Maria da Eucaristia continuaria a fazer intrigas em Roma utilizando o padre Abreu como intermediário, embora ele fosse totalmente alheio ao Instituto e não tivesse título nem mandato para agir em seu nome<sup>72</sup>.

Em carta dirigida ao Cardeal Vannutelli, a Madre Ste Constance insistiu que a Madre Maria da Eucaristia nunca se considerara sujeita à autoridade da Casa Mãe. *"A sua conduta prejudicou a unidade do Instituto e nós não podemos continuar a tolerá-la por mais tempo"*, escreveu a madre geral, em tom

---

<sup>71</sup> Cardeal Vannutelli à Madre Ste Constance, 13 de abril de 1911, Arq.Hist./ RSCM, Caixa 8, Pasta 9.

<sup>72</sup> Madre Ste Constance ao Cardeal Vannutelli, 17 de abril de 1911, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

enfático. *"A dignidade do conselho geral está ferida e a sua autoridade ficou reduzida aos olhos de toda a congregação"*. Segundo a Madre Ste. Constance, as superiores e um bom número de religiosas da congregação estavam a par destes enredos secretos e irregulares, desejando agora, tal como o conselho, a separação do ramo português. *"Eminência, as Madres Assistentes e eu própria imploramos ardentemente o favor que o bem do Instituto pede instantemente, e atrevemo-nos a contar com o seu encorajamento e forte apoio para obtê-lo"*. Esta carta notável foi assinada pela Madre Ste. Constance, superiora geral das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Béziers, França, e pelas suas assistentes, Madre St. Félix, Madre St. Calliste e a Madre St. Charles, mas as signatárias deixaram a execução do seu apelo nas mãos do cardeal protetor<sup>73</sup>.

Temos uma grande dívida de gratidão para com o cardeal protetor, Vincenzo Vannutelli, que, nessa época de crise, revelou tanto a sua sensatez como a sua sabedoria. Deu início à sua resposta ao conselho geral afirmando que a conclusão a que o conselho chegara era bastante justa, mas só se não houvesse uma solução intermédia. Ele apresentaria a decisão do conselho à Sagrada Congregação, mas, antes de o fazer, sentia-se forçado a dizer que talvez houvesse uma forma de tornar o prolongamento do mandato da Madre Maria da Eucaristia praticamente nulo. Ele tentaria obter um segundo decreto que obrigasse a *"alegada provincial de Portugal"* a não empreender nada fora do país (por exemplo, em Espanha ou no Brasil), que a superiora geral não tivesse autorizado. Nove dias mais tarde, o cardeal escreveu acerca do seu encontro com o cardeal prefeito da Sagrada Congregação. Terminou dizendo que pedira a revogação total do decreto obtido pelo sacerdote e que esperava recebê-lo. Aproveitando-se de uma delegação do Bispo do Porto, o Padre Abreu afirmara que a extensão dos poderes da provincial portuguesa era urgente. No entanto, argumentara o cardeal, a delegação não podia contradizer aquilo que fora decidido pelo

---

<sup>73</sup> Ibid.



conselho geral no encontro de 4-5 de fevereiro, visto que a Madre Maria da Eucaristia estivera presente e consentira. A urgência de tal extensão não existia, antes pelo contrario! *"Em breve resolveremos a situação", prometeu o cardeal. "Mantenha a calma"*<sup>74</sup>.

O cardeal protetor escreveu de novo a Madre Ste Constance, a 27 de junho de 1911, garantindo-lhe que, como ela ainda não recebera o famoso decreto mandatando a continuação da Madre Maria da Eucaristia como provincial, a superiora geral podia considerar esse decreto nulo. Além disso, o fato de a pessoa em cujo nome o pedido fora supostamente feito tinha dito que não tinha conhecimento algum do mesmo, certamente convenceria a Sagrada Congregação a pô-lo de parte. Constitui um triste comentário sobre a falta de confiança total na Madre Maria da Eucaristia o fato de que nesta carta dirigida à Madre Ste. Constance, o cardeal referiu três vezes que esperava que a Madre Maria da Eucaristia repetisse a sua afirmação de que desconhecia por completo este plano para pedir uma extensão do seu mandato e de que não fazia tenções de continuar a ser provincial, mas desejava apenas manter-se fiel ao acordo que fizera com a superiora geral e com o seu conselho. Terminou a carta dirigida a Madre Ste. Constance aconselhando-a a que, na sua resposta à Madre Maria da Eucaristia, dissesse: *"Se as coisas são como ela diz que são, esta questão da extensão do seu mandato não voltará a ser mencionada"*. Seja como for, a Madre Maria da Eucaristia deveria ser aconselhada a escrever imediatamente ao Cardeal Vannutelli<sup>75</sup>.

Era o dia 17 de julho de 1911 quando a Madre Maria da Eucaristia escreveu, do Porto, ao cardeal e, para que a sua carta tivesse mais peso, decidiu enviar a carta à superiora geral pedindo-lhe que fosse ela a apresentá-la ao cardeal. Repetiu

---

<sup>74</sup> Cardeal Vannutelli à Madre Ste. Constance, 20 e 29 de abril de 1911, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 8, Pasta 9.

<sup>75</sup> Cardeal Vannutelli à Madre Ste. Consntace, 27 de junho de 1911, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 8, Pasta 9.

aquilo que já afirmara, ou seja, que renunciara ao seu cargo de provincial com todo o seu coração e que o seu ardente desejo era conformar-se com o acordo comum que fizera com a superiora geral e com o seu conselho, em fevereiro. "*Dei a minha palavra e, com a graça de Deus, espero nunca vir a faltar-lhe*". Ao terminar, pedia-lhe mais uma vez que a representasse junto da Sagrada Congregação e que insistisse que ela não tivera conhecimento do plano do sacerdote português que dera origem àquele decreto<sup>76</sup>.

## Reflexões

A Madre Maria da Eucaristia era certamente uma mulher muito dotada. Gailhac notara-o de imediato e, ao enviá-la diretamente para Braga após o noviciado, nomeara-a para que provesse às necessidades espirituais da comunidade na ausência da superiora. Mal fez trinta anos e se tornou elegível, foi nomeada como primeira superiora portuguesa da nova fundação de Viseu. Quando, em 1904, as seis religiosas escreveram para Roma a pedir o estabelecimento de uma Província Portuguesa, foram unânimes em indicar que só a Madre Maria da Eucaristia tinha os dotes necessários para conduzir e unir a nova Província. Os Bispos de Porto e de Guarda concordaram e ela aceitou a nomeação da Santa Sé para servir como primeira Provincial Portuguesa.

Foi provincial num período muito duro da história de Portugal, em que a República exilou todos os religiosos do país, confiscando as suas propriedades. Em Tuy, Espanha, criou um refúgio seguro para as irmãs que não podiam regressar para junto das suas famílias ou para o seu país natal, ou cuja saúde ou idade as impediam de começar de novo no Brasil. Fora provincial, mas sentia-se feliz por ser "a representante da superiora geral em Portugal, no Brasil e em Espanha" e, depois

---

<sup>76</sup> Cópia de uma carta da Madre Maria da Eucaristia ao cardeal Vannutelli, 17 de julho de 1911, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 8, Pasta 9.

de 1921, continuou a servir as irmãs, mas com o título de vigária, em Portugal, até que adoeceu, em 1930, sendo então substituída. As referências ao seu papel como "provincial" de uma "Província" portuguesa entre 1904 e 1911 parecem ter sido removidas das Fontes. Quando a Madre Maria de Chantal por vezes se referiu a ela como "Madre Provincial" em *Vidas Vivas*, o título foi deliberadamente mal traduzido para inglês como "Mother Vicar" [Madre Vigária], com uma nota de advertência.

A Madre Maria da Eucaristia viveu anos difíceis no Instituto. O objetivo incontrolável da Madre St. Félix, enquanto governou a congregação após a morte do fundador, era manter o Instituto unido. Infelizmente, esse objetivo foi alcançado através da imposição de uma uniformidade que penetrava tudo. Os Capítulos Gerais de 1891, 1896 e sobretudo 1905, criaram inúmeras regulamentações que diziam respeito a cada aspeto da vida. Além disso, como precaução, as irmãs foram desincentivadas a corresponder-se umas com as outras, presumindo-se que o resultado seria mexericos injuriosos em vez de apoio e amizade vitais<sup>77</sup>. Uma certa "paranóia" bem-intencionada passou a dominar as responsáveis pelo governo do Instituto, à medida que este avançava para o século XX, e as regulamentações antirreligiosas na França e em Portugal devastavam a congregação através da expulsão das religiosas e da expropriação das suas propriedades.

Ao que parece, tanto a Madre St. Félix como a sua sucessora, Madre Ste. Constance, viam na Madre Maria da Eucaristia uma ameaça à unidade que estavam a tentar por todos os meios preservar. Ironicamente, foi o conselho geral, em abril de 1911, que, julgando mal o envolvimento da Madre Maria da Eucaristia na "intriga" do Padre Abreu, estava determinado a cortar o ramo português do tronco da árvore. Na verdade, porém, foi a Madre Maria da Eucaristia que preservou a unidade das irmãs portuguesas, tanto durante os seus a

---

<sup>77</sup> Ver Madre St. Felix, Circulaire Lettre, 25 de julho de 1903, Lettres diverses, Cahier 3, 35-36.

como quando regressaram a Portugal, na década de 1920, para restabelecer a sua vida comunitária em Espinho, Braga, Porto, Guarda e Aveiro. A Madre Maria de Chantal resume-o bem em *Vidas Vivas*:

*A sua [da Madre Maria da Eucaristia] solicitude e preocupação por todas era tão grande que nenhuma religiosa perdeu a sua vocação com humildade e gratidão, ela podia fazer suas as palavras de Nosso Senhor durante a Última Ceia: "Guardei em teu nome aquelas que me deste. Velei por elas e nenhuma se perdeu"<sup>78</sup>.*

Talvez seja ainda mais importante o fato de ter sido a Madre Maria da Eucaristia que, apesar das suspeitas e da desconfiança das suas superiores, em 1911, repetiu humildemente o seu empenho em servir, não como "provincial", mas fielmente, como "representante da superiora geral", no Instituto que amava.

A Madre Joseph Butler, que sucedeu à Madre Ste. Constance como Superiora Geral em 1926, foi mais generosa para com a memória da Madre Maria de Eucaristia do que tinham sido as suas predecessoras. Escrevendo a uma superiora de Portugal, em março de 1931, Marie Joseph Butler escreveu:

*Tenho muita pena da pobre Madre Maria da Eucaristia. Por favor, transmita-lhe o meu grande amor e garanta-lhe as nossas orações, minhas e da comunidade. Quando aprover ao nosso amado Senhor chamá-la para si, que os seus restos mortais sejam trazidos para o Porto e sepultados no lote da comunidade, pois estou certa que ela preferiria estar com as suas queridas filhas do que com a sua família. Eu sei que eu própria o preferiria. Trazei as Superiores, acompanhadas por quem desejardes, para assistirem à Missa solene de Requiem. É meu desejo que ela receba todas as honras que lhe são devidas, mas, acima de tudo, granjeai para ela todas as orações que puderdes<sup>79</sup>.*

---

<sup>78</sup> *Vidas Vivas*, 332-333.199

<sup>79</sup> Madre Joseph Butler, RSHM, a uma irmã, 11 de março de 1931, Arq. Hist./RSCM, Caixa 244, Pasta 11

A Madre Maria da Eucaristia de Lencastre morreu em Braga, alguns meses mais tarde, a 21 de junho de 1931. Contava sessenta e nove anos de idade e fora professa como Religiosa do Sagrado Coração de Maria durante quarenta e seis anos.



## NOVAS FUNDAÇÕES NA AMÉRICA

### Ordem para abandonar a fundação da América

Pouco se fala da comunidade de Sag Harbor entre a visita da Madre St. Félix, em 1892, e a virada do século, no material conservado nos arquivos da congregação. Aparentemente, as religiosas continuavam a fazer o bem "lenta, mas seguramente", como a superiora geral predissera. Quando a Madre St. Félix estava a preparar um dossiê para apresentar em Roma, em 1898, o Bispo de Brooklyn, Charles McDonnel, escrevera uma excelente recomendação da comunidade presente na sua diocese. Dizia assim, em parte:

*[Desde a sua chegada, em 1877], têm-se dedicado zelosamente a educação de jovens, tanto ricos como pobres, segundo o espírito das suas Constituições. Têm-se revelado fiéis à observância da sua Regra e têm suportado com paciência e fortaleza as lutas e os sacrifícios por que tem de passar uma fundação numa aldeia afastada do centro da população. Estamos contentes por também testificarmos o respeito e a estima com que são tratadas pelo povo e pelos seus vizinhos<sup>1</sup>.*

Deve ter sido surpreendente para a comunidade de Sag Harbor e para o seu bispo quando, a 23 de julho de 1900, a superiora geral escreveu à Madre St. Basil e à sua assistente, Madre St. Benedict, mandando-as fechar a fundação de Sag Harbor no fim de setembro ou no início de outubro de 1900, o mais tardar. Nessa carta, a Madre St. Félix escreveu que andava há algum tempo seriamente preocupada com a comunidade de Sag Harbor. *"Vejo-a sozinha, isolada, a vegetar há mais de vinte*

---

<sup>1</sup> Bispo Charles McDonnell a Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, 3 de março de 1898, SCRIS M. 30.

*anos na América, impedida de receber visitas das superiores e, por conseguinte, exposta a mil problemas e perigos de todo o tipo que poderão vir a ser muito graves". Explicou que tinha consultado pormenorizadamente o seu conselho, o bispo de Montpellier e alguns sacerdotes religiosos prudentes e experientes. Todos, sem exceção, apoiavam o seu plano de transferir a comunidade de Sag Harbor para a Europa. Na sua busca da vontade de Deus sobre este assunto, também escrevera para Roma, pedindo o seu conselho. A resposta fora uma concordância absoluta com os conselhos que já lhe tinham sido dados. "Não hesito, portanto, em chamar-vos de volta à Inglaterra ou à Irlanda". Durante a preparação para a partida, a superiora geral sugeriu que recorressem à Sr<sup>a</sup> Dallon ou aos seus filhos para contactar comunidades de Brooklyn que pudessem estar interessadas em ficar com a casa de Sag Harbor. Terminou a carta em tom amável, mas firme: "Compreendo, minhas queridas filhas, o desgosto que tal decisão vos custará, mas antes de mais, sois religiosas e, portanto, obedientes. Quaisquer tentativas para ficar serão inúteis"<sup>2</sup>.*

Outra carta semelhante, datada de 17 de julho de 1900, fora enviada ao Bispo de Brooklyn, mas ele estava na Europa quando a mesma chegou. Quando finalmente regressou, em finais de agosto, o seu tempo foi completamente absorvido por outros assuntos prementes. Só a 6 de setembro teve a possibilidade de responder à superiora geral. O Bispo McDonnell começou por sugerir que quaisquer conselhos que ela pudesse ter recebido de Roma deveriam ter sido de carácter pessoal e não oficial, visto que o bispo de uma diocese geralmente tem a oportunidade de ser informado de assuntos que afetem a missão da sua diocese, como esse era certamente o caso. Esperava que, ao contrário do que dava a entender a carta da Madre, a decisão de se retirarem de Sag Harbor não era uma decisão definitiva, visto que a retirada súbita de uma comunidade que ali trabalhava há mais

---

<sup>2</sup> Carta da Madre St. Félix à Madre St. Basil e à Madre St. Benedict, 23 de julho de 1900, Arq. Hist./RSCM, Caixa 9, Pasta 4H.



de vinte anos provavelmente lesaria muito a missão e seria até causa de escândalo para os fiéis. E prosseguiu:

*Se a decisão é irrevogável, deveríamos ser notificados com tempo suficiente para tomar medidas que defendam os interesses de todas as pessoas envolvidas. É por essa razão que agora lhe escrevo — nomeadamente, para averiguar se a sua decisão é definitiva e, se o for, se o prazo estabelecido para a retirada não poderá ser prolongado até ao encerramento do atual ano letivo ou até ao próximo verão*<sup>3</sup>.

Ao terminar, repetiu: *"Espero que lhe pareça conveniente prolongar a presença das Irmãs em Sag Harbor, caso a sua decisão for definitiva"*<sup>4</sup>. Como é óbvio, a Madre St. Félix não ficou satisfeita com a carta do bispo. Queixou-se ao Cardeal Vannutelli: *"A sua benevolência paterna [do Bispo de Brooklyn] é muito escassa em relação às nossas queridas filhas. Rezamos muito por elas e também rezamos para que Deus providencie tudo o que falta da parte do bispo"*<sup>5</sup>.

A carta do bispo retardou muitíssimo o plano da retirada unilateral da presença das RSCM dos Estados Unidos. Ele também poderá ter recordado a anterior súplica da superiora geral no sentido de procurar "um lugarzinho" mais perto de Brooklyn para estabelecer outra fundação a fim de que as obras prosperassem e as irmãs de Sag Harbor não ficassem isoladas em relação às outras irmãs da congregação. Parece provável que o bispo, colaborando com a superiora da comunidade de Sag Harbor, tenha tentado identificar paróquias da sua diocese onde um grupo de professoras religiosas fossem necessárias e bem-recebidas. Nas suas *Notes*, a Madre St. Félix registou que, em 1900, o pastor da paróquia de St. Mary, em Long Island City, no bairro de Queens, perguntara A superiora de Sag Harbor se a congregação poderia dirigir uma escola da sua paróquia. Foi

---

<sup>3</sup> Carta do Bispo Charles McDonnel à Madre St. Félix, 6 de setembro de 1900, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 216, Pasta 8.

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> Madre St. Félix ao Cardeal Vannutelli, 21 de dezembro de 1900, Diverses Correspondances pour les affaires de la Congrégation, Cahier 3 (1896-1905), 25-26, Arq. Hist./Cong., Vol. II-D, 95 (a seguir referidas como Lettres diverses).

necessário mais tempo para rezar e refletir sobre as condições de tal pedido, visto ainda não haver convento disponível e o plano obrigasse a comunidade a viver no quarto piso de um grande edifício da escola. No ano seguinte 1901, a superiora de Sag Harbor perguntou à superiora geral se poderia ser aberta uma pequena academia para jovens alunas externas no bairro de Borough Park de Brooklyn. Estas duas novas fundações possíveis parecem ter desviado a atenção da Madre St. Félix do seu plano anterior de encerrar a fundação de Sag Harbor<sup>6</sup>.

Em outubro de 1901, a Madre St. Félix escreveu ao cardeal protetor:

*Tenho a consolação de anunciar a Vossa Eminência o êxito inesperado que o bom Mestre nos concedeu na América. Duas novas fundações estão prestes a ser-nos oferecidas, na diocese de Brooklyn, e nós aceitá-las-emos com profunda e sincera gratidão. Que o bom Deus se digne abençoar esses dois belos empreendimentos para sua maior glória, para bem das almas e para o bem-estar do nosso Instituto!*<sup>7</sup>

Na sua carta dirigida, por ocasião do Natal desse ano, ao cardeal protetor, a Madre St. Félix parecia exultante:

*"No início de janeiro, embarcarão as nossas dez religiosas, destinadas às duas novas casas da América"*<sup>8</sup>.

## **St. Mary, Long Island City**

O pastor de St. Mary teve muitas preocupações na década anterior à chegada das RSCM. Natural do Condado de Longford, na Irlanda, e ordenado em All Hallows, Dublin, em 1868, o Reverendo John McGuire fora nomeado pastor da paróquia de St. Mary em 1878. No início de 1891, um incêndio destruiu por completo a primeira igreja de St. Mary, que fora abençoada em

---

<sup>6</sup> Madre St. Félix, Notes, Cahier 3 (1890-1905) 58-60, Arq. Hist./Cong., Vol. VII, 12 (a seguir referidas como Notes).

<sup>7</sup> Madre St. Félix ao Cardeal Vannutelli, 29 de outubro de 1901, Lettres diverses, 27-28.

<sup>8</sup> Madre St. Félix ao Cardeal Vannutelli, 23 de dezembro de 1901, Lettres diverses, 29.

1869. O padre McGuire construiu uma segunda igreja. Esta foi dedicada em dezembro de 1891 e uma nova escola paroquial foi aberta em 1893, mas, no verão desse ano, tanto esta segunda igreja como a nova escola foram devastadas por novo incêndio.

O padre McGuire preparou-se imediatamente para construir uma terceira igreja, que mais tarde foi dedicada pelo Bispo McDonnell, em 1894. Não admira que com todos os trabalhos de reconstrução da igreja paroquial, os planos de uma nova escola paroquial tivessem sido adiados por algum tempo. Só em 1902 a escola foi finalmente construída e foi para esta escola de Long Island City que as RSCM foram enviadas. Infelizmente, porém, só muito mais tarde viria a ser construído um convento para elas<sup>9</sup>.

Os anais anônimos de cinco páginas, simplesmente intitulados "St. Mary's" e encontrados nos arquivos da Província Americana de Leste, em Tarrytown, narram a história inicial da fundação com algum detalhe. Dez RSCM chegaram, como planejado, em janeiro de 1902, a bordo do transatlântico *Ivernia*<sup>10</sup>. O frio era cortante em Nova Iorque quando o barco atracou e vários dias de nevões saudaram os passageiros. O barco chegara cedo, as irmãs do hospital de St. Peter, em Brooklyn, tinham sido contactadas e, exímias como eram na prática da hospitalidade, as Irmãs dos Pobres de S. Francisco convidaram as RSCM a tomar uma refeição quente e a descansar antes de as levarem até ao trem das quatro da tarde com destino a Sag Harbor. Durante duas semanas, ficaram com a comunidade de Sag Harbor, que acolheu de braços abertos a nova comunidade de St. Mary. Entre as pioneiras contavam-se: a Madre Colette Fitzpatrick, a Madre Malachy O'Halloran, a Madre Evangelist McGowan, a Madre St. Irene, a Madre Leo Doherty, a Madre de l'Enfant Jésus Costelloe, a Madre Redeemer, a Madre

---

<sup>9</sup> Ver St. Mary's Church: Pride in Our Parish Heritage, 5-19, Archives of the Diocese of Brooklyn.

<sup>10</sup> The Waterford News, 17 de janeiro de 1902, anunciou que "No sábado passado, doze religiosas irlandesas da Ordem do Sagrado Coração [de Maria] partiram do Convento de Ferrybank para a América: Eleanor Shells, RSHM, e mais quatro irmãs de Waterford, três de Lisburn e quatro de Seaforth". Todos os outros relatos dizem que dez irmãs embarcaram com destino à América no navio S.S. Invernia.

St. Joseph O'Leary, a Irmã Eleanor Shells e a Irmã St. Boniface Donovan<sup>11</sup>.

A Madre St. Félix escreveu ao Bispo McDonnell para lhe agradecer ter convidado as religiosas para a sua diocese e para lhe pedir que as abençoasse e protegesse. Elas chegam à diocese de Brooklyn, escreveu a superiora geral, *"cheias de zelo e devoção... [e] cheias de boa vontade"*. Manifestou mais uma vez as preocupações que a tinham levado, em 1900, a tentar retirar a comunidade de Sag Harbor. As irmãs estavam lá há mais de vinte anos, mas não tinham conseguido recrutar ninguém nem aumentar o seu número. O seu isolamento num país tão vasto tornara a superiora geral apreensiva, sobretudo por não conseguir visitar regularmente as suas filhas da América. A Madre St. Félix esperava que as coisas mudassem a partir de então. Pressupondo que uma segunda nova comunidade em breve teria início em Borough Park, Brooklyn, escreveu: *"Duas novas casas fortalecem-nos agora e as nossas antigas missionárias [de Sag Harbor] serão animadas pelo zelo das suas irmãs das novas comunidades a trabalhar para bem das almas"*<sup>12</sup>. No mesmo dia, a superiora geral escreveu ao Padre McGuire, pastor de St. Mary. Agradeceu-lhe ter-lhes dado a oportunidade de trabalharem naquela nova fundação, para bem das pessoas e para glória de Deus, e de se expandirem no Novo Mundo, onde a comunidade de Sag Harbor se vira sozinha e isolada durante muito tempo<sup>13</sup>.

Durante o ano de 1902-1903, a Madre St. Basil foi ao mesmo tempo a superiora da comunidade de Sag Harbor e da nova comunidade americana. É surpreendente, portanto, que quando as religiosas regressaram a Long Island City, tenham encontrado

---

<sup>11</sup> Estes nomes relativos à primeira comunidade de St. Mary encontram-se datilografados numa página intitulada "St. Mary's". No fundo da página, escreveram este simples comentário: *"Ninguém estava à espera delas no barco. Por fim apareceu um homem a quem perguntaram onde era St. Mary. 'St. Mary ainda não foi construído', replicou ele"*. Ver Archives of the Eastern American Province, [Arquivos da Província americana oriental], Tarrytown (a seguir referidos como Archives of the EAP, Tarrytown).

<sup>12</sup> Madre St. Félix ao bispo de Brooklyn, 28 de janeiro de 1902, Lettres diverses, 29.

<sup>13</sup> Madre St. Félix ao Padre McGuire, 28 de janeiro de 1902, Lettres diverses, 32.

uma escola vazia, sem secretárias, livros ou outros artigos escolares necessários, e um lugar inóspito para a comunidade. A autora dos anais descreve a cena em termos muito expressivos:

*Os quartos, situados no terceiro e no quarto pisos, careciam de todo o conforto necessário — não havia aquecimento e o vento, que soprava do rio East, entrava facilmente através das frestas. Era uma verdadeira caixa de gelo. A sala de jantar continha uma longa mesa e algumas cadeiras. Algumas roupas de cama tinham sido enviadas de Sag Harbor e foram muito bem-recebidas. O pequeno fogão existente ardia durante toda a noite e algumas das irmãs diziam que só se sentiam confortáveis quando se sentavam em cima dele! Para ir buscar água, tinham de percorrer um corredor comprido e escuro e precisavam de levar consigo um machado, visto que a água estava sempre congelada. Após as noites mal dormidas, a manhã trazia consigo muitas dores e achaques, visto não ser muito confortável dormir sobre colchões finos estendidos sobre duros soalhos de madeira<sup>14</sup>.*

As provisões para a escola demoraram a chegar. A autora dos anais lembra-se disso devido à escassez dos livros: "... as religiosas eram obrigadas a usar ardósias, que os rapazes mais 'espertos' gostavam de atirar pelas janelas". Apesar de tudo, a nova escola abriu oficialmente a 17 de março, dia de S. Patrick), de 1902. As crianças que ingressaram na escola provinham da Escola Pública nº 1 ou do Liceu do outro lado da rua, onde assistiam às aulas até então. Por muito pouco aquecimento que houvesse na escola, durante a semana, era desligado ao fim-de-semana e, entre sexta e segunda, a comunidade do terceiro e do quarto pisos congelava<sup>15</sup>.

No outono de 1903, a Madre Marie Joseph Butler foi enviada da escola de Braga, onde estivera durante quase vinte e cinco anos, para assumir o papel de superiora da fundação de St. Mary. Acompanhada por uma religiosa francesa, Irmã Victoire Sabatier, chegou no *SS Laurent*, o mesmo navio que trouxera as

---

<sup>14</sup> Anais datilografados de autor anónimo, intitulados "St. Mary's", 1-2, Archives of the EAP, Tarrytown.

<sup>15</sup> Ibid.

primeiras seis RSCM para a nova missão de Sag Harbor, em 1877. O irmão da Madre Marie Joseph, Tom Butler, e a sua mulher, receberam-nas no cais e levaram-nas até Long Island City. Os anais narram a chegada das viajantes:

*A comunidade esperava a chegada da sua nova superiora com grande entusiasmo. A receção inicial teve lugar no átrio de entrada, por falta de um lugar melhor, como a Madre Marie Joseph em breve descobriria, quando pediu que lhe mostrassem o locutório. A sacristia, com cadeiras de cozinha, servia de locutório. Depois da saída dos visitantes, a senhora Malachy mostrou à sua superiora a casa inteira, o que não demorou muito tempo, visto que não havia muito para ver. Nada perturbou a Madre Marie Joseph. Ela deu início ao seu trabalho missionário sem se queixar<sup>16</sup>.*

Segundo outro dos primeiros relatos, embora a nova superiora tivesse encontrado pouco conforto material, "...considerava um verdadeiro tesouro a pequena comunidade de jovens irmãs ansiosas por ajudá-la de todas as maneiras possíveis — e isso era mais valioso naquela época do que qualquer ajuda material. Quanto a ela, o seu único desejo era manter as suas irmãs bem e felizes". Como diretora da escola, a Madre Marie Joseph queria muito aumentar o número de alunos e ajudar as jovens religiosas a tornarem-se boas professoras. Primeiro, teve de estudar o sistema educacional dos Estados Unidos e de ajustar os seus próprios métodos educacionais, desenvolvidos ao longo de várias décadas de ensino em Portugal, àquele novo ambiente. Só assim poderia ensinar as jovens religiosas a tornarem-se boas professoras. Também insistia em que estas se preparassem para os exames necessários para se tornarem professoras certificadas no Estado de Nova Iorque<sup>17</sup>.

Aparentemente, a sua maior dificuldade terá sido convencer o pastor a não desligar o aquecimento durante os fins-de-semana gélidos. Essa batalha não foi facilmente ganha. O conselho de Béziers parecia estar bem consciente das

---

<sup>16</sup> Ibid., 3.

<sup>17</sup> Ver Madre Ignatius Kearney, RSCM, Foundations of Faith (RSHM, 1965) 17-18.

circunstâncias difíceis em St. Mary. O pastor, tão enérgico devido à reconstrução da igreja paroquial pela segunda vez, parecia não se preocupar minimamente quanto à qualidade de vida da comunidade estabelecida na sua paróquia. A situação tornou-se tão precária, que foi necessário que a superiora geral e o seu conselho recordassem ao Padre McGuire as necessidades da comunidade e, a 30 de dezembro de 1906, decidiram, mediante votação: *"suprimir a escola de Long Island City se a situação das nossas irmãs não melhorar"*<sup>18</sup>.

A Madre Marie Joseph Butler viria a exercer as funções de líder das RSCM na América e em todo Instituto nas quatro décadas seguintes. O seu primeiro mandato na América, como superiora da comunidade de St. Mary, durou apenas três anos. A Madre Presentation Maguire viria de Lisburn para lhe suceder, em 1906, e a Madre Marie Joseph mudou-se para a terceira fundação americana, em Borough Park, Brooklyn.

### **Academia do Sagrado Coração de Maria, Borough Park, Brooklyn**

A superiora de Sag Harbor, Madre St. Basil Davis, recordou que, em 1892, a superiora geral tinha pedido ao Bispo McDonnell para arranjar um lugarzinho para uma fundação das RSCM na sua "aldeia episcopal" e sob a sua supervisão. Nas suas *Notes*, a

---

<sup>18</sup> Registre des Actes du Conseil [Registo das Atas do Conselho], 30 de dezembro de 1906, Arq. Hist./RSHM, Caixa 190, Pasta 5. Ao que parece, a situação não melhorou. A 22 de fevereiro de 1916, numa reunião em Tarrytown, quatro superiores — Madre Joseph Butler, Madre St. Joseph O'Leary, Madre St. Coeur O'Donovan e Madre St. Jean Madden — assinaram uma petição perguntando à Madre Ste. Constance se ela estava disposta a arcar com a responsabilidade" de retirar as RSCM de St. Mary, e citando as suas razões (ver Arq. Hist./RSHM, Caixa 216, Pasta 8). Mais tarde, em carta dirigida à Madre Ste. Constance, em maio de 1917, a Madre Joseph Butler voltou a sugerir a retirada das religiosas de St. Mary a fim de poderem responder a uma possível oferta para iniciarem uma nova fundação em Johnstown, Pensilvânia (ver Arq. Hist./RSHM, Caixa 216, Pasta 8). Nos Archives da EAP, Tarrytown, há uma carta datada de 3 de julho de 1922, escrita pela Madre Joseph Butler ao Bispo Molloy de Brooklyn, notificando-o de que as irmãs sairiam de St. Mary ao fim de mais um ano devido ao mau estado das instalações em que vivia a comunidade das RSCM. Numa carta repassada de bondade, o Bispo respondeu que compreendia as queixas das RSCM. As RSCM só deixariam oficialmente de servir em St. Mary em junho de 1971.

Madre St. Félix escreveu que já em 1901 a superiora da comunidade de Sag Harbor tinha pedido à congregação para aceitar uma pequena fundação para alunos externos numa zona de Brooklyn anteriormente chamada Bythebourne e, mais tarde, conhecida como Borough Park. A Madre St. Basil encontrara uma casa suficientemente espaçosa, para começar, mas com capacidade para crescer à medida que as circunstâncias fossem mudando. O preço da casa equivalia a trinta mil francos franceses. Mesmo que esta primeira investigação tenha tido realmente lugar em 1901, é claro que a casa só seria comprada quatro anos mais tarde. Os documentos indicam que a Madre St. Basil tomou a iniciativa de sugerir a fundação em Borough Park, sendo possível que tenha sido influenciada pela sua amiga, que também era amiga e benfeitora da comunidade de Sag Harbor desde o início, "*Miss Kelly de Brooklyn*"<sup>19</sup>.

A paróquia de Borough Park era relativamente nova. O Bispo Loughlin pedira aos Padres da Misericórdia para darem início à nova Paróquia, St. Frances de Chantal para as vinte e oito famílias católicas que a tinham pedido. Os Padres da Misericórdia tinham chegado em 1891. Mais tarde, foi construída uma igreja na 57th Street e na 13th Avenue e, entretanto, a pequena comunidade paroquial reunia-se para celebrar a liturgia em casa de Miss Maggie Gorman, a um quarteirão de distância do local da igreja.

A Madre St. Basil estava em contacto frequente com a superiora geral, Madre St. Félix, mas, em vez de descrever a propriedade disponível, a Madre St. Basil enviou as cartas com a descrição do agente imobiliário diretamente para Béziers. Esse agente, J. Wadsworth Norton, escrevera que uma casa que ele mostrara à Madre St. Basil "há algum tempo", na esquina da 57th Street com a 12th Avenue, podia agora ser-lhe oferecida "por uma grande pechincha", pelo preço de sete mil dólares, com uma primeira prestação de quatro mil e quinhentos dólares,

---

<sup>19</sup> Madre St. Félix, Notes, 59-60.



à taxa de 5 por cento de juros. E acrescentava: "*Eu sei que seria um lugar ótimo para si visto estar a crescer muito rapidamente e, como a Madre esteve aqui há dois anos, hoje mal conseguiria reconhecer o local. Gostaria que fosse a Madre a comprar esta casa, por isso responda-me logo que possível. Fico à espera da sua rápida resposta*"<sup>20</sup>.

A Madre St. Basil deve ter-lhe explicado que a autoridade, para comprar uma casa assim, pertencia à superiora geral, que estava na França, pois, a 11 de fevereiro, o Sr. Norton garantiu-lhe que o vendedor aceitara retardar a venda da casa até Madre St. Basil receber notícias de França, desde que não demorasse demasiado tempo. Para interessar a congregação pelo investimento, escreveu:

*Um terreno de lavoura foi vendido a semana passada do lado de Blythebourne; as pessoas vão construir cem casas mal comece a primavera, e Borough Park tem a construção de outras cem em curso, por isso podem ver como esta zona está a crescer, e eu gostaria muito que as irmãs comprassem esta propriedade, visto ser uma grande pechincha o preço por que o vendedor me permite vendê-la, sete mil dólares*<sup>21</sup>.

A resposta de França deve ter sido afirmativa, mas, na sua comunicação seguinte com Béziers, a Madre St. Basil manifestou a sua aflição por não poder pedir dois mil dólares emprestados ao banco para finalizar a transação. O padre William J. McAdam, S.P.M., pastor da paróquia de St. Frances de Chantal, em Borough Park, emprestara-lhe dois mil dólares, mas ela precisava de um adiantamento para lhe pagar num prazo de trinta dias. A sua maior preocupação era a necessidade de irmãs boas, capazes e saudáveis para trabalhar na fundação: uma superiora e outras irmãs para ensinar. Sem estas, seria impossível fazer qualquer bem em Borough Park<sup>22</sup>.

---

<sup>20</sup> Wadsworth Norton à Madre St. Basil, 2 de fevereiro de 1905, Arq. Hist., RSCM, Caixa 9, Pasta 4/A.

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> Madre St. Basil à superiora geral, 19 de março [ou de maio] de 1905. Arq. Hist./ RSCM, Caixa 9, Pasta 4A.

Em setembro de 1905, um pequeno grupo de RSCM chegou a Borough Park, à paróquia de St. Frances de Chantal, para abrir uma escola primária privada a que deram o nome de Academia do Sagrado Coração de Maria. Embora por vezes haja alguma confusão acerca do ano da fundação, parece óbvio que terá sido em setembro de 1905. O cardeal Vannutelli escreveu à Madre St Félix garantindo-lhe que pensara na nova fundação para 1 de setembro desse ano e que pedira a bênção de Deus para a mesma<sup>23</sup>. O que continua a ser incerto, porém, é o papel da Madre St. Basil nessa nova fundação.

A Madre St. Félix escreveu uma carta fora do comum à Madre St. Benedict Comerford, então em Sag Harbor, fazendo-lhe várias perguntas acerca da situação na América, e referindo que ela, e não à Madre St. Basil, podia ter sido a superiora da comunidade de Sag Harbor nessa época. Como resposta à pergunta: "É verdade que as duas fundações [Sag Harbor e St. Mary] não estão unidas?" A Madre St. Benedict respondeu que havia algumas visitas entre as duas comunidades. Três irmãs da comunidade de Long Island City tinham ido a Sag Harbor assistir a um funeral e tinham ficado lá durante vários dias. A Madre St. Basil convidara a Madre St. Joseph [sic] para Borough Park para ver se este seria um bom lugar para a comunidade de St. Mary passar as férias de verão. Tendo dito isso, a Madre St. Benedict confessou que algumas coisas não estavam a correr bem entre as duas comunidades, mas que não sabia o porquê. Talvez algumas irmãs menos edificantes tivessem tido longas conversas com a Madre St. Joseph<sup>24</sup> [sic] e assim tivessem começado as intrigas. A Madre St. Benedict pensava que o problema não tivesse tido origem do seu lado; ela e a Madre St. Basil faziam questão de

---

<sup>23</sup> Cardeal Vannutelli à Madre St. Félix, 7 de setembro de 1905, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 5, Fodler 6.

<sup>24</sup> Há aqui uma certa confusão, visto que tanto a Madre Joseph Butler como a Madre St. Joseph O'Leary estavam na comunidade de St. Mary, em Long Island City. O contexto sugere que a Madre St. Benedict, embora escrevesse "Madre St. Joseph" se estava a referir a "Marie Joseph" (Butler), superiora dessa comunidade.

escrever à Madre St. Joseph [sic] cinco ou seis vezes por ano e sempre de forma muito cordial<sup>25</sup>.

A pergunta seguinte foi difícil para a Madre St. Benedict, visto que ela e a Madre St. Basil eram amigas muito íntimas: "*Como avaliaria o carácter da Madre St. Basil?*" A Madre St. Benedict respondeu com a sua habitual candura. Explicou que o carácter da Madre St. Basil era habitualmente bom, exceto quando as religiosas não se comportavam como deviam. Então podia mostrar-se um pouco severa. Os amigos da Madre St. Basil eram-lhe muito dedicados. Ultimamente, o sobrinho da sua amiga, Miss Kelly, tinha oferecido uma imagem de mármore da Virgem Maria a Sag Harbor e ia oferecer outra semelhante ao convento de Borough Park. A Madre St. Benedict garantiu à superiora geral que a Madre St. Basil "... se dedicava de corpo e alma a tudo o que ajuda o Instituto a crescer neste país". Em seguida pediu um favor à superiora geral. Como no passado a Madre St. Basil e ela costumavam ler juntas as cartas provenientes da Casa Mãe, seria um pouco estranho, agora que algumas cartas eram sobretudo acerca da ex-superiora, que a Madre St. Benedict lhe ocultasse essas mesmas cartas. Seria demasiado pedir à superiora geral que fizesse perguntas, sobretudo as referentes à Madre St. Basil, numa folha de papel separada?<sup>26</sup>

Ao que parece, a Madre St. Basil terá sido exonerada porque, em 1905, continuava a viver na academia de Borough Park, mas a nova superiora, Madre Ste. Constance Farret, em breve mudaria a situação. A 22 de julho de 1906, quando o seu mandato de três anos em St. Mary terminou, Marie Joseph Butler foi nomeada superiora da comunidade de Borough Park, e a Madre Presentation Maguire substituiu-a em St. Mary. A Madre St. Basil foi nomeada para iniciar um novo mandato como superiora em Sag Harbor, a 5 de setembro de 1906. O conselho geral designara Sag Harbor como "casa principal" da América e

---

<sup>25</sup> Madre St. Benedict à Madre St. Félix, 13 de junho de 1905, Arq. Hist./RSCM, Caixa 216, Pasta 8.

<sup>26</sup> Ibid.

apelara à ereção de um noviciado na mesma. A Madre St. Basil, como "representante da superiora geral na América", recebeu autoridade sobre as três casas americanas<sup>27</sup>.

Segundo a encantadora versão anônima da história encontrada num documento chamado *History of the Brooklyn Foundation*, [História da Fundação de Brooklyn], o "grupo fundador" era formado pela Madre Marie Joseph Butler, Madre Bartholomew Delaney e Madre Philomena Banim, acompanhadas pela Madre St. Basil, que viera de Sag Harbor para o evento. A História descreve Borough Park nessa época como "*secção suburbana de casas de habitação de estrutura confortável e relvados bem tratados*". Quando as irmãs chegaram à esquina da 57th Street com a 12th Avenue, "*ficaram encantadas com a casa espaçosa, que se erguia no meio de relvados cobertos de sombra que os ventos frescos de setembro tinham coberto de folhas caídas*". Em seguida, começaram a limpar a casa, decididas a transformá-la numa escola conventual<sup>28</sup>. É provável, porém, que este relato não constitua a descrição do "dia da fundação" propriamente dito, em que as RSCM chegaram pela primeira vez a Borough Park, em setembro de 1905, mas a ocasião em que a Madre Marie Joseph Butler, então superiora, se mudou para Borough Park, em 1906, para abrir a escola conventual.

Relatos orais descrevem como as irmãs foram cordialmente acolhidas. Bridget Reilly McAuliffe tornou-se amiga íntima da Madre Marie Joseph e ajudou a organizar as mulheres da paróquia em termos de assistência social e financeira às religiosas. A família McAuliffe vivia mesmo em frente do convento. Tinham o único telefone, num raio de vários quilômetros, e recebiam generosamente mensagens para as religiosas. Os oito filhos da família competiam uns com os outros para poderem levar as mensagens telefônicas ao convento. Uma

---

<sup>27</sup> Minutas de 22 de julho de 1906 e de 5 de setembro de 1906, Registre des Actes du Conseil, Maison Mère, Béziers, 1905-1911, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 190, Pasta 5.

<sup>28</sup> History of the Brooklyn Foundation, 1, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 116, Pasta 4.

das filhas, Mary McAuliffe, nunca perdeu o seu afeto pelas religiosas e, de modo especial, pela Madre Marie Joseph Butler. Anos mais tarde, depois de Mary ter casado, duas das suas filhas viriam a ser Religiosas do Sagrado Coração de Maria: irmã Majella Berg e Irmã Gabrielle Berg<sup>29</sup>, respetivamente.

Embora a escola fosse pequena, os sacerdotes e as famílias da paróquia pareciam felizes pelo fato das irmãs estarem a ensinar as crianças da Academia, a instruí-las na escola dominical e a reunir as Filhas de Maria. Lentamente, as religiosas iam introduzindo parte das tradições presentes nas academias do Sagrado Coração de Maria da Europa. Por exemplo, o concerto realizado a 18 de junho de 1909 para duas visitantes de Béziers, a superiora geral, Madre Ste. Constance Farret, e a sua predecessora, Madre St. Félix, incluiu várias prestações corais e instrumentais, recitação de poemas e de histórias, várias encenações pelos "Our Babies", uma opereta em dois atos de Schindler com um grande elenco de rapazes e moças e várias danças. A apresentadora, nessa ocasião, foi Mary McAuliffe<sup>30</sup>.

A Madre Marie Joseph Butler não estaria presente nesse concerto, pois ficou apenas um ano em Borough Park. A 15 de setembro de 1907, o conselho de Béziers nomeou-a superiora de Marymount em Tarrytown, uma comunidade que ainda não fora fundada! E provável que a Madre St. Basil tenha assumido de novo a responsabilidade pela comunidade de Borough Park depois da Madre Marie Joseph se ter mudado para o Bronx e, mais tarde, para Tarrytown<sup>31</sup>.

---

<sup>29</sup> Entrevista oral de Maire McQuillan, RSCM, "Conversas com a Irmã Majella Berg relativamente às suas ligações familiares com a fundação de Brooklyn e com as RSCM", janeiro de 2004.

<sup>30</sup> Programa do concerto realizado na sexta-feira, 18 de junho de 1909, na Academia do Sagrado Coração de Maria, Borough Park, Brooklyn, Archives of the EAP, Tarrytown.

<sup>31</sup> Atas de 15 de setembro de 1907, Registre des Actes du Conseil, Maison Mere, Béziers, 1905-1911, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 190, Pasta 5.

## Uma mudança inesperada

Foi uma surpresa quando chegaram notícias da França, em 1909, dizendo que a pequena academia de Borouth Park deveria fechar apenas quatro anos depois de ter sido aberta. É certo que a escola e a comunidade pareciam ter causado uma boa impressão à Madre St. Félix durante a sua visita. Esta escreveu nas suas *Notes* que a pequena fundação se mostrava muito promissora em termos de prosperidade futura, embora tivesse apenas alunos externos e duas ou três alunas internas durante a semana. A comunidade formada por três irmãos de coro e duas irmãs coadjutoras parecia ser fervorosa e muito observadora da Regra. A Madre St. Félix fez uma oração no fim dos seus comentários: "*Que o nosso Salvador seja bendito e glorificado pelo bem que está a ser feito aqui e que continuará a ser feito no futuro*"<sup>32</sup>.

Ao que parece, a Madre Ste. Constance não era da mesma opinião. Segundo a *History of the Brooklyn Foundation*, [História da Fundação de Brooklyn], preocupava-a o fato de que a falta de transportes na zona pudesse ter um impacto negativo sobre o futuro crescimento da escola. Talvez também tivesse notado a frequência com que os párocos, Padres da Misericórdia, eram mudados pelos seus superiores. Mais importante ainda era o fato do jovem e zeloso pastor da paróquia de St. Catharine of Alexandria, Padre John J. O'Neill, ter visitado Béziers para pedir à superiora geral que desse início, na sua nova paróquia, a uma fundação semelhante à existente na paróquia de St. Frances de Chantal<sup>33</sup>. A Madre Ste Constance deve ter ficado muito impressionada com esse jovem sacerdote. Natural de Cork e ordenado em Brooklyn em 1894, fora nomeado pároco de Sta. Catarina de Alexandria e em breve angariara dinheiro suficiente para começar a construir uma grande igreja, em 1903, e uma casa paroquial de tijolo, três anos mais tarde. Denotando clarividência, comprara dez lotes em Fort Hamilton Parkway,

---

<sup>32</sup> Madre St. Félix, *Notes*, 59-60.

<sup>33</sup> *History of the Brooklyn Foundation*, 2, Arq. Hist./RSCM, Caixa 116, Pasta 4.

mesmo em frente à igreja, e construíra uma grande casa numa parte da propriedade, em 1908<sup>34</sup>. Agora, estava ansioso por que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria fossem viver nessa casa e dessem início a uma academia local para as crianças da sua paróquia. A Madre Ste. Constance estava convencida de que a paróquia do Padre O'Neill era mais promissora para o futuro. Em 1909, tomou a decisão de mandar fechar a academia da paróquia de St. Frances de Chantal e de transferi-la para a paróquia de St. Catharina of Alexandria<sup>35</sup>.

Os pais da paróquia de Sta. Frances de Chantal ficaram de coração despedaçado. Fora difícil quando Marie Joseph Butler lhes fora arrebatada, dois anos antes, para começar uma nova fundação em Tarrytown. Depois, em março de 1909, um incêndio destruíra a igreja paroquial e, embora se pudesse dizer missa na cave de um novo edifício, a partir de abril de 1910, a igreja só estaria terminada em 1926. Agora, a notícia da partida de toda a comunidade das RSCM e da sua academia, onde as crianças tinham recebido uma educação católica, foi para eles um choque terrível.

A Madre Marie Joseph escreveu à sua amiga Sr<sup>a</sup> McAuliffe quando recebeu a notícia:

*Mme. Malachy falou-me da pena que a senhora sente ao ver as irmãs partir. Estou certa que a sua dor é profunda, tal como a delas, e que as irmãs vão sentir a falta das suas bondosas palavras e atitudes. Que Deus a abençoe e recompense por tudo. Garanto-lhe que não tive nada a ver com tal decisão. A Madre Geral decidiu sozinha e levou-me duas irmãs daqui [de Tarrytown]. A única que vai trabalhar para a paroquia do Padre O'Neill é Mme. Malachy, por isso posso dizer que uma paróquia não tem nada a ver com a outra<sup>36</sup>.*

A nova academia, sediada agora na Paróquia de St. Catharine of Alexandria, abriu no outono de 1909 com quarenta alunos. A

---

<sup>34</sup> The Catholic Church in the USA, Vol. 3: The province of Baltimore and Province of New York, section I (New York: The Catholic Editing Company, 1914) 548.

<sup>35</sup> History of the Brooklyn Foundation, 2, Arq. Hist./RSHM, Caixa 116, Pasta 4.

<sup>36</sup> Madre Joseph Butler à Sr<sup>a</sup> Bridget McAuliffe, 14 de Agosto de 1909, Archives of the Eap, Tarrytown.

Madre St. Joseph O'Leary foi nomeada superiora da comunidade, que incluía a Madre Colette Fitzpatrick, a Madre Malachy O'Halloran, a Madre Florian Rooney, a Madre Ambrose Davis e a Irmã Eleanor Sheil. A sua residência era um edifício bonito, novo, que dava para a esquina da 41st Street, e fora doado ao pároco pelo construtor. Em breve a academia se tornara demasiado pequena para acomodar todas as crianças católicas da paróquia.

O padre O'Neill não ficou surpreso com isso. Já o antevira e estava preparado para enfrentar o desafio! Começou a construir uma grande escola paroquial em frente da igreja. Em maio de 1913, escreveu à Madre Ste. Constance:

*Os interesses da minha escola levam-me a escrever-lhe agora. Terá ouvido sem dúvida, das suas boas e fiéis irmãs, que a Escola de St. Catharine está quase terminada. Está pronta para ser ocupada no próximo mês de setembro. Esperamos ter um grande número de crianças, sendo óbvio que o pessoal de que dispomos é demasiado reduzido para olhar por elas. Espero, portanto, que na sua bondade a Madre me enviará mais quatro ou cinco religiosas, deixando-me assim eternamente grato para consigo. As brilhantes jovens que conheci quando da feliz visita que lhe fiz seriam uma encantadora aquisição para a nossa pequena comunidade local<sup>37</sup>.*

A grande escola paroquial em frente da igreja abriu a 12 de setembro de 1913. A partir desse dia, o número de crianças que recebiam educação católica na paróquia aumentou a uma velocidade vertiginosa e o número de RSCM, que ensinavam na escola, também cresceu desmesuradamente.

O êxito da academia na paróquia de St. Catharine não dissipou a tristeza que o encerramento da "pequena academia" de Borough Park provocara. Foi muito difícil para a Madre St. Basil largar a escola que ela própria idealizara e projetara desde 1901. Embora fosse a representante oficial da superiora geral na América<sup>38</sup>, a Madre St. Basil tentou convencer o Bispo McDonnell a escrever diretamente para Béziers sobre o encerramento da

---

<sup>37</sup> John J. O'Neill à Madre Ste. Constance, 21 de maio de 1913, Archives of the EAP, Tarrytown.

<sup>38</sup> O conselho de Béziers nomeara-a a 5 de setembro de 1906, dando-lhe autoridade sobre as três casas americanas. Ver Arq. Hist./RSCM, Caixa 190, Pasta 5.



escola. Devido às diferenças de língua entre a superiora geral e o Bispo McDonnell, este preferiu enviar a sua mensagem através da Madre St. Basil. Esta recordou-lhe o seguinte:

*Sinto que a minha carta, por muita sinceridade que eu tente imprimir à mensagem que me fez chegar, não surtirá o efeito desejado. Eles já sabem quão profundamente senti o encerramento dessa pequena escola e tudo o que eu disser poderá ser considerado como se estivesse a tentar impor a minha vontade, recorrendo por isso ao senhor Bispo, apesar da decisão de Béziers. Permita-me que lhe peça, Reverendíssimo Padre, que lhes escreva pessoalmente, como tendo sido informado de tudo o que se passa através dos Padres da Misericórdia<sup>39</sup>.*

Voltou a escrever ao bispo a 26 de novembro de 1909: *"Estou ansiosa por saber o que devo fazer quanto à escola de Blythebourne [Borough Park]... visto que o senhor Bispo não deseja que uma segunda escola seja aberta em detrimento da que já existe nessa localidade [St. Catharine]. Como a casa é um pouco grande para uma residência comum, não é fácil de alugar, pelo que continua desocupada"<sup>40</sup>.*

No mês de junho seguinte, parece que o bispo estaria a pensar na hipótese de reabrir a pequena academia em Borough Park. Quando a Madre St. Basil transmitiu a mensagem do mesmo à superiora geral, esta enviou a seguinte resposta ao bispo: *"Ela [a Madre Ste. Constance] pede-me que explique ao nosso bom Bispo que devido à escassez de pessoal, lhe parece impossível fazê-lo"*. Entretanto a casa estava para alugar<sup>41</sup>.

Ao que parece, em maio de 1911, o bispo tinha posto de novo a casa à disposição da comunidade das RSCM, mas a Madre Ste Constance recusou a oferta. Escrevendo ao bispo a 13 de junho de 1911, a Madre St. Basil explicou-lhe: *"Há dias recebemos uma*

---

<sup>39</sup> Madre St. Basil ao Bispo McDonnell, 3 de outubro de 1909, Archives of the Diocese of Brooklyn.

<sup>40</sup> Madre St. Basil ao Bispo McDonnell, 26 de novembro de 1909, Archives of the Diocese of Brooklyn.

<sup>41</sup> Madre St. Basil ao Bispo McDonnell, 1 de junho de 1910, Archives of the Diocese of Brooklyn.

*resposta da nossa superiora na França e, por estranho que pareça, ela persistia em não reabrir a pequena academia de Blythebourne [Borough Park], que foi fechada há dois anos. Creio que um pedido pessoal da [sua parte], nosso querido Bispo, não poderia ser recusado*<sup>42</sup>.

Vai-se tornando cada vez mais claro que a Madre St. Basil usou a autoridade do bispo para tentar convencer a superiora geral a voltar atrás na sua decisão de encerrar a "pequena academia".

Isso ter-se-á, sem dúvida, tornado claro para o Bispo que, embora fosse provável estar de acordo com a Madre St. Basil, não se queria envolver diretamente nessa decisão comunitária. A Madre St. Basil tentou mais uma vez conseguir que o Bispo se envolvesse. Escreveu-lhe o seguinte:

*Lamento sinceramente a preocupação que isto lhe provoca e estou desejava de o ajudar, na medida das minhas possibilidades. A nossa superiora tem a impressão de que eu quero que a Academia seja reaberta, mas nada do que eu possa ter dito nesse sentido teve qualquer efeito nela. Se eu agora lhe entregar as suas mensagens presentes, estou certa que ela pensará que sou eu que estou a instar consigo. Querido Bispo, posso então pedir-lhe um novo favor: que peça ao seu secretário que ponha por escrito as mudanças tão razoáveis que deseja fazer em relação a essas duas pequenas academias. Desse modo, a nossa superiora não poderá pensar que eu interfeiri com os planos dela e, conhecendo o seu ponto de vista, deverá dar-lhe uma resposta favorável. Agradecendo-lhe desde já, querido Bispo, e esperando não estar a abusar da sua bondade, sou com muita gratidão a sua, Irmã Basil*<sup>43</sup>.

Não pudemos encontrar mais correspondência sobre esta questão. A Academia do Sagrado Coração de Maria na paróquia de Sta. Frances de Chantal nunca voltou a abrir, embora, em 1913, a antiga casa paroquial tenha sido transformada numa

---

<sup>42</sup> Madre St. Basil ao Bispo McDonnell, 13 de junho de 1911, Archives of the Diocese of Brooklyn.

<sup>43</sup> Madre St. B

escola dirigida pelas Irmãs Dominicanas. A Madre St. Basil, que fora nomeada para um segundo mandato de três anos como superiora de Sag Harbor, em 1909, foi prematuramente substituída, como superiora, pela Madre Loyola Dempsey a 29 de agosto de 1911. No mesmo dia, o conselho de Béziers nomeou a Madre Marie Joseph representante da superiora geral nos Estados Unidos e transferiu oficialmente o noviciado da América para Marymount, em Tarrytown<sup>44</sup>.

### **Marymount em Tarrytown — Uma Fundação na Arquidiocese de Nova Iorque**

Um dos acontecimentos mais importantes da história das RSCM da América foi a fundação de Marymount numa pequena aldeia situada sobre o Rio Hudson, chamada Tarrytown. Esse acontecimento, que seria tão vital para tanta gente, foi precipitado pela morte de Mary Anne O'Rourke Butler, mulher de James Butler. Não se sabe se James Butler e a sua prima, Marie Joseph Butler, se tinham conhecido em County Kilkenny, onde ambos tinham sido criados. Sendo apenas cinco anos mais velho do que Marie Joseph, James Butler tinha emigrado da Irlanda para a América em 1875, contando então vinte anos de idade. Ao princípio, tinha arranjado emprego numa quinta no Massachusetts, depois como criado em hotéis de Urbana e

---

<sup>44</sup> Registre des Actes du Conseil 1905-1911, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 190, Pasta 5. As primeiras noviças da América tinham feito o seu noviciado em Sag Harbor, com início em 1904. Incluíam estas: Catherine Clancy (Madre Hilarion), de Brooklyn, Nova Iorque, entr. 25 de março de 1904; Mary Curtin (Madre St. Ita), de Limerick, Irlanda, ent. 30 de junho de 1905; Agnes Phelan (Madre Thérèse de Jésus), de Waterford, Irlanda, ent. 24 set. 1905; Minnie Hickey (Irmã St. Alexandra), de Enniscorthy, Irlanda, ent. 5 outubro 1905; Catherine Kelly (Madre Consilia), de Brooklyn, Nova Iorque, ent. 19 de março de 1906; Elizabeth Kilmartin (Madre St. Veronica), de Derries, King's Co., Irlanda, ent. 4 de maio de 1907; Mary Angela Nolan (Madre d'Aquin), de Drogheda, Irlanda, ent. 9 de outubro de 1907; Susan Davey (Irmã St. Colman), de Dromara, Co. Down, Irlanda, ent. 2 de outubro de 1908; Mary O'Donnell (Madre du Bom Conseil), de Clonmel, Co. Tipperary, Irlanda, ent. 1 de outubro de 1909. Todas acabariam por professar entre 1910 e 1916. Ver Names of Professed from 1910-1915, registados num simples Bloco de Notas dos Alunos, Archives of the Eastern American Province. O noviciado muda-se para a "sala da torre" de Marymount, em Tarrytown, em 1911, com a chegada de Aloysia Twomey (Madre Xavier) e Jane Catherine Kearney (Madre Ignatius).

Chicago, no Illinois, e por fim como gerente de hotel na Cidade de Nova Iorque. Tendo adquirido uma certa experiência ao comprar alimentos para os hotéis, em breve aplicou a sua energia e o seu bom senso abrindo várias mercearias:

*Contratava, apenas, rapazes irlandeses entusiastas e famintos e que trabalhariam duramente a troco de salários baixos — muitos dos quais eram abordados por ele enquanto desciam o portaló. À medida que os seus lucros iam aumentando, ele ia comprando mais lojas. Em 1909 já possuía ou controlava duzentas lojas, todas pintadas de verde, tendo um volume de negócios de quinze milhões de dólares por ano. Tinha-se tornado não só o primeiro, mas o maior operador de cadeias de mercearias dos Estados Unidos<sup>45</sup>.*

Quando já era um empresário de sucesso, James Butler comprou trezentos e cinquenta hectares de boa terra em Westchester County, a norte da Cidade de Nova Iorque, e deu sua quinta o nome de East View [Vista Oriental]. Depois comprou cavalos puro-sangue que criou nessa quinta e que mais tarde inscreveu em corridas em vários hipódromos e eventualmente no Empire City Racetrack [Hipódromo Empire City], o famoso hipódromo que ele próprio construía em Yonkers, no ano de 1902. James Butler em breve descobriu que criar puros-sangues para participar em corridas era não só uma paixão, mas também um complemento muito lucrativo da sua cadeia de mercearias. O autor Stephen Birmingham calcula que: "Entre os anos de 1914 e 1933, os cavalos de Butler ganharam um total de 649.573 dólares"<sup>46</sup>.

Embora fosse muitas vezes considerado agarrado e avarento, era extremamente generoso quando se tratava de certas necessidades da Igreja Católica, sobretudo da arquidiocese de Nova Iorque, onde vivia e trabalhava. Há registos de que: Quando ele [James Butler] recebia na quinta de East View ou na

---

<sup>45</sup> " Stephen Birmingham, *Real Lace: America's Irish Rich* (New York: Harper and Row, 1973), 78. É difícil encontrar informações biográficas publicadas sobre James Butler. Birmingham inclui um capítulo informativo neste livro, mas as informações são difíceis de verificar visto que ele não inclui notas de rodapé nem bibliografia no mesmo.

<sup>46</sup> *Ibid.*, 79-81.

sua grande casa da cidade, os convivas eram habitualmente Cardeais, Bispos ou outros dignitários católicos, e disponibilizava a sua propriedade para a realização de piqueniques da Fresh Air Fund e de festas para órfãos católicos<sup>47</sup>. Embora fosse indiferente à maior parte das honras sociais, James Butler orgulhava-se em reconhecer a nomeação que lhe fora conferida pelo Papa Pio X como Sir James Butler, Cavaleiro Comandante da Ordem de São Gregório, em 1912.

Não se sabe ao certo quando é que James Butler e a Madre Marie Joseph se terão conhecido nos Estados Unidos. Talvez o irmão dela, Tom, que trabalhava para James, os tenha apresentado. Talvez James tenha passado por St. Mary para ver o seu primo quando de alguma inspeção ao seu armazém de dois milhões de dólares, em Long Island City. Entre as recordações dos primórdios em St. Mary conta-se a história de Genevieve Butler, segunda filha de James Butler. Ao que parece, *"[esta pequena e atrevida tagarela] costumava ficar irritada com a forma insistente com que o seu pai anunciava uma visita à Madre Marie Joseph Butler. 'O paizinho põe o seu chapéu alto e nós temos de ir visitar a Madre Joseph', costumava ela dizer"*<sup>48</sup>. Mais tarde, James Butler referir-se-ia à Madre Marie Joseph como *"a querida amiga da minha mulher"*, por isso devem ter-se conhecido antes da morte desta, ocorrida em 1906. Mary Anne O'Rourke tivera onze filhos, mas apenas cinco sobreviveram à infância. Tinha quarenta e poucos anos quando morreu. James Butler decidiu cumprir o sonho da sua mulher doando uma escola conventual em sua memória, e decidiu que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria seriam as receptoras dessa oferta.

A Madre Marie Joseph mudara-se de Long Island City para a Academia de Borough Park em setembro de 1906, mas já no início de dezembro de 1906 se ia tornando claro que ela acabaria por ser enviada para a arquidiocese de Nova Torque, a fim de dar início a uma fundação situada no Condado de Westchester, nas

---

<sup>47</sup> Ibid., 84.

<sup>48</sup> St. Mary's folder [Dossier de St. Mary], Archives of the EAP, Tarrytown.

proximidades de East View. James Butler já circunscrevera o local do futuro convento a duas propriedades: uma, de cinco hectares, anexa à igreja da Transfiguração do Padre O'Byrne, e a outra, uma linda casa com vinte e três quartos em onze hectares de terreno. *"Tem uma vista maravilhosa sobre o rio Hudson e todo aquele lugar é lindíssimo"*. O antigo proprietário vendera a propriedade por quarenta e cinco mil dólares, mas morrera e a sua viúva revelara-se menos cooperante. A frustração do Sr. Butler é palpável:

*Tenho tido um agente imobiliário atrás dessa mulher durante vários dias. É uma senhora de muita idade, e ele não consegue que ela atribua um preço à propriedade, embora quisesse que lhe fizéssemos uma oferta. Sendo assim, eu recomendei ao agente que lhe oferecesse quarenta e cinco mil dólares, a quantia pela qual o Padre O'Byrne dissera que o velhote estava disposto a vendê-la, mas a senhora não aceitou, limitou-se a dar uma gargalhada e não conseguimos demovê-la. De momento, são estes os dois únicos lugares que temos em vista, mas garanto-lhe desde já que não vou desistir. Vou continuar a procurar até encontrarmos o lugar adequado e as pessoas que estejam dispostas a vendê-lo<sup>49</sup>.*

O Sr. Butler começava sempre as suas cartas para a Madre Marie Joseph da mesma maneira — "Minha Querida Prima" — terminando-as com "do seu Primo muito amigo". Escrevia para lhe falar das suas duas filhas que andavam numa escola em Washington, e que ele e os rapazes se "estavam a dar o melhor possível". Era óbvio que conhecera as outras religiosas da comunidade, visto que geralmente perguntava por elas no fim das suas cartas. Era esperado que ele escrevesse ou fosse visitar a sua prima a fim de debaterem as perspetivas futuras, na certeza de que ela se mantinha em contacto com a superiora geral à medida que os projetos iam evoluindo<sup>50</sup>.

---

<sup>49</sup> James Butler à Madre Marie Joseph Butler, 21 de dezembro de 1906, Archives of the Eap, Tarrytown. Esta é uma das catorze cartas de um mesmo maço, escritas por James Butler à sua prima enquanto tentava encontrar um local para a fundação que desejava estabelecer em memória da sua mulher. As respostas da Madre Joseph Butler só podem ser deduzidas.

<sup>50</sup> Ver, por exemplo, James Butler à Madre Marie Joseph Butler, 8 de março de 1907, Archives of the EAP, Tarrytown.

Em março de 1907, o Sr. Butler teve conhecimento de que os pastores de três paróquias da zona de East View (o Padre Lennon, de Pocantico Hills, o Padre O'Byrne, de Tarrytown, e o Padre Early, de Irvington) estavam todos ansiosos por ter religiosas a gerir uma escola, sobretudo "... porque o Arcebispo toma muito a peito que toda a sua gente cuide bem das suas crianças nestas paróquias rurais, quer seja na cave da igreja quer noutra qualquer". Ao que parece, nessa altura, o Sr. Butler começava a antever que algumas irmãs da futura comunidade do convento de Marymount viessem a sair diariamente para uma, duas ou até três dessas paróquias vizinhas de Westchester a fim de ensinar as crianças<sup>51</sup>. Seja como for, o Sr. Butler garantiu à sua prima que tentaria registrar todas essas informações de uma forma devida:

*Garanto-lhe que não deixarei nenhuma pedra por revolver e que, quando tudo estiver terminado, a Prima descobrirá que tudo se fez como devia ser. Aquilo que eu pretendo com isto é juntar todas as coisas e depois analisaremos tudo para ver o que será melhor fazer. Agora limito-me a escrever-lhe estas poucas linhas para informá-la de que não tenho hesitado nem negligenciado nada do que diz respeito a esta questão. Assumi o comando da situação e não tenho parado de procurar, e cada dia nos tem trazido coisas novas, coisas em que pensar e, quanto mais avanço, melhor vejo [aquilo que] nós podemos fazer<sup>52</sup>.*

Em maio de 1907, a Madre Marie Joseph teve uma entrevista com o arcebispo de Nova Iorque acerca da possibilidade das Religiosas do Sagrado Coração de Maria iniciarem uma fundação na arquidiocese. Até esse momento, as fundações americanas da comunidade tinham estado todas sediadas na diocese de Brooklyn. O Sr. Butler, que provavelmente teria marcado o encontro, estava um pouco apreensivo: "Agora, como é óbvio, espero ansiosamente ouvir a sua opinião quanto à decisão do

---

<sup>51</sup> Este devia ser o paão seguido pela comunidade de Seafield, em Inglaterra, que, além, de servir à grande escola conventual, também enviava os seus membros para várias paróquias das cercanias.

<sup>52</sup> James Butler à Madre Marie Joseph Butler, 19 de março de 1907, Archives of the EAP, Tarrytown.

conselho [arquidiocesano], pois penso diariamente que a Prima talvez já tenha recebido notícias de Sua Graça, embora me pareça que eles costumam ser bastante lentos a tratar destas questões"<sup>53</sup>.

A decisão do Conselho Arquidiocesano foi enviada à Madre Marie Joseph a 14 de maio de 1907. Citá-la-emos na íntegra:

*O Reverendíssimo Arcebispo [Doutor Farley], em resposta ao vosso pedido do dia 13, pede-me para lhe comunicar que os consultores diocesanos estão favoravelmente dispostos a aceitar a proposta do Sr. Butler bem como a admissão da sua comunidade na diocese. Sua Graça está agora à procura de um lugar adequado e espera poder convidar o Sr. Butler, dentro de alguns dias, para o acompanhar na visita de prospeção ao local e à propriedade. O resultado ser-vos-à devidamente comunicado.*

*Sinceramente vosso em Cristo,  
P. J. Hayes, Secretário do Conselho*<sup>54</sup>

Não é totalmente claro se o arcebispo queria dizer que ele próprio procuraria o local mais indicado para a fundação, ou para a paróquia ou paróquias que podiam esperar vir a usufruir do trabalho da comunidade, agora que esta tinha sido admitida na arquidiocese. Seja como for, ao que parece, a decisão seria tomada tanto pela arquidiocese como pelo Sr. Butler. Isso não caberia às RSCM!

O Sr. Butler parecia aliviado: *"Espero que a partir de agora tudo tome o seu devido andamento e que vos podereis estabelecer no lugar mais apropriado. Bem sabeis que ele [o arcebispo] compreende todos os membros dessas comunidades tal como são e conhece tudo o que lhes diz respeito, e estou certo que ele estará do nosso lado e nos favorecerá com a melhor localização possível"*<sup>55</sup>.

---

<sup>53</sup> James Butler à Madre Marie Joseph Butler, 11 de maio de 1907, Archives of the EAP, Tarrytown.

<sup>54</sup> Carta do Conselho Diocesano da Arquidiocese de Nova Iorque à Irmã Mary Joseph [Butler], 14 de maio de 1907, Arq. Hist./RSHM, Caixa 216, Pasta 8.

<sup>55</sup> James Butler à Madre Marie Joseph Butler, 17 de maio de 1907, Archives of the EAP, Tarrytown.



Ao que parece, todos os projetos foram finalizados durante o verão de 1907. O arcebispo decidiu que as RSCM ensinariam, não numa das três paróquias de Westchester vizinhas do local onde seria estabelecida a principal fundação, mas numa nova escola paroquial na paróquia de St. Thomas Aquinas [S. Tomás de Aquino], no Bronx. Parece que o Sr. Butler, sem dúvida surpreendido e desapontado, não conseguiu convencer o arcebispo noutro sentido. Em setembro, a Madre Ste. Constance e o seu conselho de Béziers nomearam Marie du Saint Coeur O'Donovan (mais tarde conhecida na América como Marie Sacred Heart O'Donovan) diretora da escola da paróquia de St. Thomas Aquinas, mas não superiora da casa ou da comunidade local. Na mesma reunião do conselho, a Madre Marie Joseph foi nomeada "superiora de Tarrytown, nova casa da América", embora a propriedade ainda não tivesse sido comprada e a Madre Marie Joseph ainda estivesse a residir temporariamente em St. Thomas Aquinas<sup>56</sup>. Outras irmãs da comunidade incluíam a Madre Evangelist McGowan, a Madre Febronie Kehoe, a Madre Florian Rooney, a Madre Pauline Kennedy e a Irmã Gerard.

O Sr. Butler garantiu à sua prima que pelo menos os planos para a fundação de Tarrytown continuavam no bom caminho: o preço da casa e da propriedade de Tarrytown seria de setenta e cinco mil dólares, e ele também contribuiria com mais vinte e cinco mil dólares para ajudar a mobilar a casa. Depois do contrato ter sido assinado, o Sr. Butler apresentaria a Madre Marie Joseph à Sr<sup>a</sup> Katharine Reynard, atual proprietária, à qual descreveu como sendo "uma boa católica", na esperança de que ela pudesse ajudar as religiosas que se mudassem para lá<sup>57</sup>

A Madre Marie Joseph poderá ter escrito ao seu primo descrevendo a situação real de St. Thomas Aquinas, visto que o Sr. Butler enviou um cheque de mil dólares para ajudar a comunidade a "instalar-se na casa" do Bronx. Deu a entender

---

<sup>56</sup> Registre des Actes do Conseil, Maison Mère 1905-1911, Arq. Hist./ RSCM, Caixa 190, Pasta 5.

<sup>57</sup> James Butler à Madre Marie Joseph Butler, 19 de setembro de 1907, Archives of the EAP, Tarrytown.

claramente, porém, que esses mil dólares eram apenas um empréstimo concedido a casa de St. Thomas Aquinas; a paróquia teria de pagar ao fundo do convento de Tarrytown depois da mudança da comunidade. Parece óbvio que o Sr. Butler não queria assumir qualquer responsabilidade pela casa de Bronx, apenas pelo Convento de Tarrytown<sup>58</sup>.

O Sr. Butler iniciou a carta seguinte para a sua prima dizendo: *"Continuo aborrecido por causa de Tarrytown e parece-me que não vou ser capaz de dar este caso por terminado"*. Aparentemente, havia um rendeiro na propriedade de Reynard que desejava ficar até ao dia 1 de maio de 1908. A propriedade podia ser comprada de imediato, mas as religiosas não podiam ocupar a casa enquanto o rendeiro, Sr. Root, não deixasse a propriedade. A Madre Marie Joseph estava a ficar apreensiva, como é evidente, visto que sugerira que poderia haver outra propriedade adequada. O seu primo discordou perentoriamente:

*Quanto ao tal Crocker Place que a Prima mencionou na carta e no diagrama que junto, não gosto assim tanto dele, embora se trate de um lugar muito bonito e de um ótimo terreno. Fica em frente da igreja do Padre O'Byrne, ou seja, no lado sul mais próximo [da igreja] do Padre Early. Seria uma localização muito boa, mas não teriam a vista sobre o rio Hudson que teriam no outro local, e há ainda outra coisa, é que não é tão alegre nem tão limpo como esse, embora, como já disse, seja uma propriedade muito boa*<sup>59</sup>.

Finalmente, em outubro de 1907, James Butler anunciou à sua prima que o negócio fora fechado relativamente à propriedade de Reynard e que a comunidade poderia tomar posse da casa a 7 de dezembro. O rendeiro sairia a 7 de novembro, o que daria à proprietária, Katharine F. Reynard, trinta dias para tratar do mobiliário e de tudo o que dissesse respeito à propriedade. James Butler manifestou a esperança de que se a Madre Marie Joseph e as religiosas da comunidade se

---

<sup>58</sup> James Butler à Madre Marie Joseph Butler, 24 de setembro de 1907, Archives of the EAP, Tarrytown.

<sup>59</sup> James Butler à Madre Marie Joseph Butler, 27 de setembro de 1907, Archives of the EAP, Tarrytown.

encontrassem com a idosa senhora, ela poderia deixar à nova fundação parte da sua mobília. Tal não sucedeu. Em vez disso, a Sr<sup>a</sup> Reynard pediu a um perito que avaliasse as coisas que não pôde levar consigo<sup>60</sup>. Apesar disso, o Sr. Butler escreveu à sua prima em tom aliviado e orgulhoso:

*Acho que a Prima terá um dos locais mais magníficos da América para os fins que tem em vista. É um lugar lindíssimo, e eu sei que o arcebispo ficará muito contente por saber que a propriedade foi comprada, como ele tinha decidido. E verá que todos os sacerdotes e todas as pessoas dessa região se mostrarão interessadas.*

*Agora, estamos satisfeitos pelo que vos diz respeito, e é um alívio para mim termos a propriedade que tínhamos inicialmente em vista [em dezembro de 1906], e estou certo que é o melhor que conseguiríamos obter. Também estou certo que a Prima e a sua comunidade ficarão encantadas com ela<sup>61</sup>.*

A 8 de dezembro, a Madre Marie Joseph e mais seis RSCM chegaram da paróquia de St. Thomas Aquinas para tomar posse do novo lugar, em Tarrytown. Desembrulhando a pequena imagem de Maria que tinham trazido consigo, a Madre Marie Joseph Butler pousou-a sobre o tampo de pedra mármore da lareira, no locutório da frente, e todas cantaram em uníssono o *Magnificat*. Em seguida, a Madre Marie Joseph declarou: "*Em honra de Maria Imaculada, e em memória de Mary Anne O'Rourke Butler, chamaremos a esta nova casa Marymount*".

---

<sup>60</sup> James Butler à Madre Marie Joseph Butler, 22 e 26 de novembro de 1907, Archives of the EAP, Tarrytown.

<sup>61</sup> James Butler à Madre Marie Joseph Butler, 25 de outubro de 1907, Archives of the EAP, Tarrytown.



## SEGUNDA PARTE

### CONTINUANDO A HISTÓRIA: MADRE STE. CONSTANCE FARRET

A Madre Ste. Constance já apareceu como Superiora Geral nos últimos capítulos deste volume centrados na Madre St. Félix pois parecia impossível levar tudo a um abrupto desfecho em 1905, quando o longo período do mandato da Madre St. Félix, como Superiora Geral, chegou ao seu fim oficial. Mais deveríamos dizer acerca da sua sucessora, Madre Ste. Constance — os desafios com que se confrontava e os contributos que deu durante os vinte e um anos do seu mandato como quarta Superiora Geral do Instituto. Além disso, a Madre St. Félix continuou ligada ao governo do Instituto, como primeira conselheira e mais tarde como quarta conselheira, durante a maior parte do tempo dos mandatos da Madre Ste. Constance.

#### Os primeiros anos: de estudante a Superiora Geral

Marguerite Farret nasceu em Béziers a 30 de maio de 1852 e estudou no *pensionnat*, colégio interno da Casa Mãe. Embora manifestasse interesse por ingressar na comunidade pouco depois de ter terminado os estudos, esperou dez anos, desejando em vão ultrapassar as objeções dos seus pais à sua entrada no noviciado. Finalmente entrou, sem lhes dizer nada, quando já contava vinte e sete anos de idade. Foi recebida como noviça a 3 de janeiro de 1880, recebendo o nome religioso de Madre Ste. Constance e, treze meses mais tarde, a 5 de fevereiro de 1881, fez a sua primeira profissão<sup>1</sup>.

Durante vários anos, ensinou as alunas mais velhas do colégio interno. Escreve uma fonte acerca dela: "*A Madre Ste. Constance tinha muitos dons — inteligência viva, segurança nas suas opiniões, dotes artísticos, talento musical e uma grande força de*

---

<sup>1</sup> Ver Great Register, Hist. Arch / RSHM, Caixa 17, #127.

*vontade desenvolvida ao longo dos seus anos de luta. C'était une riche capture*"<sup>2</sup>. Foi nomeada Mestra de Noviças, ainda antes da sua profissão perpétua, em janeiro de 1886, e permaneceu ativa nesse papel até a Madre St. Calliste Hughes ser enviada de Portugal, em 1896, para lhe prestar assistência como Mestra de Noviças.

Embora a Madre St. Felix não o tenha registado nas suas *Notes*, vários historiadores posteriores mencionaram que, enquanto Mestra de Noviças, a Madre Ste. Constance cometera o erro de permitir a profissão de duas noviças que não eram aptas para a vida religiosa. Além do mais, não gostavam nada dela. Enquanto jovens professoras, espalharam calúnias e boatos anônimos acerca da sua antiga Mestra de Noviças, tentando, durante vários anos, destruir a sua reputação. Segundo o relato da Madre Maria de Chantal: *"Pouco a pouco, foram minando a confiança da superiora e das irmãs [na Madre Ste. Constance] até ao ponto de esta, que era tão ativa e competente em tudo o que fazia, acabar por ser afastada do seu cargo de Mestra de Noviças e de todos os seus deveres. Esta provação durou vários anos"*<sup>3</sup>.

Ao que parece, as identidades destas duas jovens professoras não foram imediatamente descobertas, tendo sido ambas admitidas à profissão perpétua. Passado pouco tempo, porém, a verdade deve ter vindo à luz, pois as duas deixaram o Instituto de repente. Este período de profundo sofrimento pessoal afetou a saúde física e mental da Madre Ste. Constance, e poderá estar na origem da ambiguidade quanto à duração do período em que foi Mestra de Noviças. Um historiador posterior, Abbé F. Leray, descreve esta dura situação:

*Influenciadas por um espírito mau e malicioso, [as duas ex-noviças] espalharam falsas interpretações e calúnias contra a Madre Ste. Constance e, durante cinco ou seis anos, a Mestra de Noviças sofreu um lento martírio. Esta tortura, porém, não conseguiu nada a não ser*

---

<sup>2</sup> Padre Froc, Congregation of the Sacred Heart of Mary 1849-1949, 106, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 117, Pasta 6.

<sup>3</sup> Ver Lives Aglow, 204.

*tornar claramente patente a paciência heróica e a nobreza de caráter da boa Madre Ste. Constance*<sup>4</sup>.

Pouco a pouco, a sua saúde e paz de espírito foram restabelecidas e, após a morte da Madre St. Thomas Hennessy, em 1902, a Madre Ste. Constance foi nomeada superiora local da Comunidade da Casa Mãe e primeira assistente do conselho administrativo. Durante esses anos, deve ter ocorrido a muitas que a Madre Ste Constance seria uma boa candidata à sucessão da Madre St. Félix como Superiora Geral seguinte, pois tinha sido sua companheira e aprendiz durante três anos. Além disso, fora enviada uma adenda à Sagrada Congregação no ano anterior à aprovação formal das Constituições, que dizia o seguinte: "*Sendo o Instituto de origem francesa, a Superiora Geral também deverá ser francesa*"<sup>5</sup>.

Não admira, portanto, que no Capítulo Geral de 1905, a Madre St. Félix tenha liderado o apoio dado à Madre Ste. Constance como sua sucessora, e esta foi unanimemente eleita Superiora Geral. Contava então cinquenta e três anos de idade.

Nesse mesmo Capítulo Geral, a Madre St. Félix foi eleita (para servir como) primeira assistente do Conselho durante um mandato de seis anos e, no Capítulo de 1911, foi novamente eleita como quarta assistente por novo mandato de seis anos. A Madre Ste. Constance e a Madre St. Félix continuaram a trabalhar juntas nas questões vitais com que se confrontava o Instituto em expansão, como, por exemplo, a criação de províncias, as crises políticas na França e em Portugal e as fundações da América.

---

<sup>4</sup> F. Leray, *Un Apôtre: Le Père Gailhac* (Paris: Spes, 1939) 245, mais tarde traduzido pela Madre Benedict Murphy, RSCM, com o título *In the Service of Souls... na Apostle: Father John Gailhac*, (Paris, 1944) 198. Ver também Pere Froc, *Congregation of the Sacred Heart of Mary 1849-1949*, 153.

<sup>5</sup> ????? (o livro não traz a referência)

## Capítulos Gerais no tempo da Madre Sainte Constance (1905, 1911, 1919, 1925)

Parece apropriado comentar aqui, brevemente, os Capítulos Gerais realizados durante o período em que a Madre Ste. Constance foi Superiora Geral. O seu objetivo, nesse período, tinha três vertentes: considerar e aprovar a resolução de certas questões de interesse para o Instituto tal como apresentadas *às delegadas pela Superiora Geral*; manter a uniformidade de costumes entre as comunidades de religiosas do Instituto nos diversos países; eleger Assistentes Gerais de seis em seis anos e uma Superiora Geral de doze em doze anos.

Depois das Constituições terem sido oficialmente aprovadas pela Santa Sé, em 1899, verificou-se um enorme interesse pela articulação dos vários usos e costumes da Congregação, por insignificantes que fossem. Várias listas de regulamentações concretas, sempre apresentadas pela Superiora Geral para subscrição pelas delegadas dos Capítulos, foram então adicionadas a *regulamentações anteriores de modo a formar o Costumeiro*. Este Costumeiro era lido no início dos capítulos gerais e depois melhorado ou ampliado. Como de um modo geral havia pouca referência a uma "espiritualidade" congregacional e não se punha em destaque a Escritura durante os procedimentos do Capítulo Geral, a "espiritualidade" das RSHM parece ter sido articulada em termos de adesão às Constituições e ao *Costumeiro*. No Capítulo Geral de 1905, por exemplo, foram promulgadas cinquenta e duas regulamentações. Num documento separado, as superiores locais presentes no capítulo deveriam subscrever, por escrito, vinte regulamentações adicionais, sublinhando o seu dever de as fazer cumprir nas respectivas comunidades.

As regulamentações promulgadas nos quatro Capítulos Gerais realizados nos anos de mandato da Madre Ste. Constance reforçavam a exclusividade da vida de semiclausura, pondo em destaque à separação da família, dos amigos, dos sacerdotes e dos conhecidos de comunidades anteriores. Não eram



permitidas fotografias dos pais, amigos ou sacerdotes nos quartos das religiosas. Todos os "luxos" eram proibidos; as religiosas não podiam ter dinheiro. A escrita e troca de correspondência, até mesmo com outras RSHM, era fortemente desincentivada e controlada, tal como os livros lidos pelas religiosas.

Esperava-se uma uniformidade rigorosa no hábito religioso usado, na observância do Costumeiro, nas horas de levantar e de descanso, no momento e nas palavras das orações utilizadas nos exercícios de piedade, no horário das refeições e até no instante preciso em que se levantava o grande véu da comunhão, durante a Missa. Eram estabelecidas distinções entre as religiosas de coro e as irmãs coadjutoras, mediante códigos de vestuário e conferências, exercícios de piedade e recreios diferentes. Também se deveria notar que, exceptuando algumas referências ao tratamento das alunas nas escolas, mencionava-se pouco a missão ou os ministérios das religiosas. Acontecimentos mundiais importantes, como a Primeira Guerra Mundial, a epidemia de 1917-1918 e as revoluções do pós-guerra na Europa não eram o centro desses Capítulos, mas sim a conduta das religiosas e o seu *horarium*<sup>6</sup>.

## **Estabelecendo ligação com o Brasil**

Durante os primeiros seis anos de liderança da Madre Ste. Constance, grande parte do seu tempo foi passado a analisar as ramificações da revolução portuguesa de 1910, e a contínua legislação anticlerical da Terceira República Francesa. Como referido anteriormente neste volume, em 1905, a Madre Ste. Constance fizera a sua primeira visita formal à Província Portuguesa mandatada pela Santa Sé. Não fora bem-recebida. A sua afirmação direta de autoridade levara o Conselho Provincial português a dirigir uma carta de protesto à Sagrada

---

<sup>6</sup> Para informações sobre os Capítulos Gerais das RSCM 1896-2007, ver um breve estudo preparado por Kathleen Connell, RSCM, "Chapters Throughout Our History", Arq. Hist. / RSCM, Caixa 389.

Congregação. Os seus dois encontros subsequentes com a Madre Maria da Eucaristia, em Béziers, em 1910 e 1911, foram mais calmos nos meses que se seguiram à expulsão das religiosas portuguesas. Mais tarde, a Madre Ste. Constance nomeou a Madre Maria da Eucaristia como sua representante em Portugal, Espanha e Brasil, mas só depois de esta ter sido destituída por duas vezes dos seus poderes como provincial<sup>7</sup>.

Também deveríamos recordar que foi a Madre Ste. Constance que, aconselhada pelo seu Conselho, aceitara o pedido da Madre Maria de Aquino Ribeiro para iniciar uma fundação no Brasil. Não há provas que sugiram que a Madre Ste. Constance tenha alguma vez visitado o Brasil pessoalmente, mas a Madre Maria de Aquino manteria certamente a Superiora Geral informada acerca das novas fundações de Ubá e do Rio de Janeiro.

Uma carta escrita pela Madre Maria de Aquino à Madre Ste. Constance em 1924 dá uma indicação da forma de relacionamento entre estas duas mulheres. A Madre Maria de Aquino agia com iniciativa própria, mas mantendo a Superiora Geral informada das suas ações. Numa das suas cartas, explicou que dera início a uma construção no Rio antes de ter recebido autorização da Superiora Geral porque, tendo pedido a opinião do bispo, este animara-a a começar imediatamente a construção, tendo a autorização já sido dada pelo núncio. A Madre Maria de Aquino garantiu à Superiora Geral que já calculara as despesas com o empreiteiro e que estava confiante de que Deus providenciaria, mas acrescentou: *"Peço-lhe que me dê uma penitência, se lhe parecer que a minha conduta foi inadequada"*. Noutras questões, a Madre Maria de Aquino parecia sentir-se à vontade para se limitar a informar a Madre Ste. Constance de certas decisões já tomadas: *"Desculpe-me, querida Madre, mas esqueci-me de dizer..."*, começava ela, e depois explicava que, no fim de janeiro, as RSCM do Brasil abririam um pequeno orfanato numa casa que tinham alugado

---

<sup>7</sup> Ver acima, Capítulo 8 — A Questão Portuguesa: O Impacto da Revolução em Portugal em 1910, 193-229.

ao lado do colégio. Tinham fundos suficientes, começariam com vinte órfãos e o orfanato chamar-se-ia Orfanato de Santa Teresa do Menino Jesus. No fim da carta, a Madre Maria de Aquino escreveu que, tanto no Rio como em Ubá, as religiosas da comunidade eram mulheres de boa vontade, mas que a pobre natureza humana estava sempre presente, o que muitas vezes provocava grandes sofrimentos às superiores. "*Anseio sempre pelo momento em que me verei livre do meu cargo*", escreveu ela, terminando a carta com devoção e respeitoso afeto no Coração de Jesus<sup>8</sup>.

A Madre Maria de Aquino participou nos Capítulos Gerais de 1919 e 1925 e viajou até Béziers para ter um encontro privado com a Superiora Geral na primavera de 1923, o que daria ocasião a que as duas mulheres se encontrassem pessoalmente<sup>9</sup>. A Madre Ste. Constance manter-se-ia certamente bem informada do crescimento que estava a ter lugar no Brasil.

### **Tuy, Espanha: refúgio e oportunidade**

Enquanto as irmãs portuguesas que tinham seguido a Madre Maria de Aquino até ao Novo Mundo iam estabelecendo fundações no Brasil, a Madre Maria da Eucaristia e um grupo de irmãs expulsas de Portugal chegavam a Tuy, Espanha, a 5 de abril de 1911. Esta pequena cidade de fronteira, logo a seguir à ponte internacional de Valença, Portugal, transbordava de religiosos e religiosas que tinham sido deslocados pela revolução de Portugal<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Madre de Aquino à Madre Ste. Constance, 21 de dezembro de 1924, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 11.

<sup>9</sup> Ver Alice Maria Duarte, RSCM, A História do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Mariana Brasil de 1911 a 1926 (Belo Horizonte, MG: Fontes de Vida, 2010).

<sup>10</sup> O primeiro grupo de RSCM em Tuy incluiu a Madre Eucaristia, a Madre Neri Barreto, a Madre du Crucifix Oliva e a Irmã Ambrosina. Em breve se lhes juntou um grupo de cerca de quarenta irmãs idosas e doentes que, a certa altura, viviam num anexo do colégio interno. Calcula-se que dezesseis comunidades religiosas masculinas e vinte e oito femininas também se tenham refugiado em Tuy quando da Revolução de 1910. [N.A.] Histoire de la Province Portugaise, Pt. 2 (1892-1933), 39, Arq. Hist. / RSHM, Caixa J. Este livro inclui ainda fotografias da cidade e dos arredores de Tuy, e dos vários edifícios associados aos ministérios das RSCM — pensionnat, noviciado e lar das irmãs idosas. Ver 55-64.

É necessária mais investigação para apreciar plenamente a presença e os ministérios das RSCM durante os seus vinte anos em Tuy. A Madre Maria de Chantal descreveu o início desta fundação na sua história *Vidas Vivas*. O primeiro grupo que procurou refúgio em Tuy tinha passado por grandes privações físicas: pouca comida, mobiliário quase nulo, colchões insuficientes, falta de aquecimento. Além disso, o bispo de Tuy não permitia que os religiosos exilados usassem hábitos pois não queria que as autoridades espanholas soubessem quantos religiosos e religiosas de Portugal se tinham refugiado em Tuy. A Madre Maria de Chantal, que conhecia muitas das religiosas dessa fundação, comentou que, inicialmente, as RSCM pareciam sofrer sobretudo de um sentimento de ociosidade forçada; tinham-se acostumado a vidas afadigadas em escolas cheias de vitalidade. Agora, explicava ela, "*...a inatividade que lhes fora imposta pelas circunstâncias presentes era muito difícil de suportar*"<sup>11</sup>.

A situação melhorou quando a comunidade se mudou para outra parte de Tuy, a Calle de Obispo Lago, onde tinham uma casa mais espaçosa. Nessa casa e em pequenas casas alugadas, nas proximidades, a Madre Maria da Eucaristia abriu um colégio interno em 1912. Quando a notícia se estendeu a Braga, Porto e Viseu, muitos das suas ex-alunas atravessaram a fronteira com Espanha para assistir às aulas. Passado pouco tempo, havia sessenta garotas a seguir o programa anteriormente seguido nas escolas das RSCM. No fim de cada ano letivo, as alunas regressavam a Portugal e apresentavam-se a exame neste país<sup>12</sup>.

As alunas não foram as únicas a seguir as religiosas até Tuy. Como a revolução continuava, muitos leigos estavam a sofrer

---

<sup>11</sup> Ver Madre Maria de Chantal Carvalhaes, RSCM, *Vidas Vivas* (Coimbra, Portugal: ISCM, 1948) 357-373. Este livro foi traduzido para inglês pela Madre Benedict Murphy, RSCM, como *Lives Aglow with the Spirit* 248-262. Também é de interesse a correspondência entre o Cardeal Vannutelli, Cardeal Protetor das RSCM da época, e o Bispo de Tuy. Ver Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 6.

<sup>12</sup> *Lives Aglow*, 250-252.

espiritualmente. Eram muitas vezes privados dos sacramentos e do conselho espiritual dos religiosos e sacerdotes forçados a exilar-se. A Madre Maria da Eucaristia respondeu a essa necessidade reatando os retiros para mulheres leigas que a Madre Maria Joseph Butler e ela própria tinham lançado, como pioneiras, em Braga. Não era difícil encontrar jesuítas que pregassem esses retiros, visto que muitos deles estavam exilados nas proximidades. Os retiros tinham lugar na escola, provavelmente depois das alunas terem regressado a Portugal para o verão. A Madre Maria de Chantal comentou: *"Ano após ano, os retiros iam sendo cada vez mais bem frequentados e o bem realizado através deles foi um dos frutos mais consoladores colhidos durante o seu exílio em Tuy"*<sup>13</sup>.

Embora as religiosas portuguesas continuassem no exílio, as vocações da Congregação continuavam a crescer. A Madre Maria da Eucaristia abriu um noviciado em Tuy no ano de 1917 e nomeou a Madre Ste Agnes de Jesus Soares Teixeira Mestra de Noviças<sup>14</sup>. Cinco jovens entraram pouco depois do noviciado ter aberto e, a 8 de dezembro do mesmo ano, entraram mais quatro postulantes, incluindo a futura historiadora das RSCM, Madre Maria de Chantal Carvalhaes<sup>15</sup>.

Muitas das irmãs idosas e doentes que tinham sido levadas para Tuy pela Madre Maria da Eucaristia, em 1911, sofreram com grande amor e morreram em Espanha, onde foram sepultadas no cemitério da cidade de Tuy. A Madre Maria de

---

<sup>13</sup> Ibid., 253-254. É interessante notar que a Madre Joseph Butler reatou esse tipo de retiros para mulheres leigas em Tarrytown, Nova Iorque, no ano de 1911, seguindo o mesmo padrão. No Capítulo Geral de julho de 1919, o Cardeal de Cabrières elogiou o trabalho florescente dos retiros em Tuy e em Marymount, Tarrytown, manifestando o seu desejo de compreender mais detalhadamente os métodos e o processo utilizados nesse ministério. Ver Minutas do Capítulo Geral de 1919, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 389.

<sup>14</sup> Esta grande Religiosa do Sagrado Coração de Maria acompanhou a Madre de Aquino na viagem de regresso ao Brasil depois do Capítulo Geral de 1919. Três irmãs tinham servido como mestras de noviças em Tuy antes de o noviciado ter sido encerrado e se ter mudado para Portugal, em 1933. A Madre Ste. Agnés de Jésus é considerada uma das primeiras pioneiras do Brasil. Mais tarde, regressou a Portugal para servir como superiora provincial (1946-1952). Em seguida liderou um grupo de irmãs que estabeleceria a primeira fundação das RSCM em Africa, Moçambique, em 1952. Esta sepultada em Quelimane, Moçambique.

<sup>15</sup> Lives Aglow, 258.

Chantal devia conhecer muitas delas. Escreveu ela:"... o seu holocausto, oferecido em resgate pela sua pátria amada, deve certamente ter acelerado a regeneração de Portugal"<sup>16</sup>.

### **A luta do Instituto por ser compensado pelo governo português**

As quatro fundações das RSCM de Portugal tinham sido obrigadas a fechar quando deflagrou a Revolução de 1910-1911. Pouco depois, a casa de Penafiel foi reclamada pela família que a tinha doado às RSCM, mas as propriedades do Porto, Braga e Viseu corriam o risco de serem confiscadas pelo governo. Quase imediatamente, porém, o Instituto deu início a longas tentativas no sentido de tentar ser compensado pelo novo governo português, apelando ao governo britânico para que o ajudasse.

A 11 de novembro de 1910, o procurador das RSCM em Inglaterra, John O'Hare, escreveu a Sir Edward Grey, Secretário de Estado britânico para os Negócios Estrangeiros: *"Apelo a V.Ex<sup>a</sup> em favor de clientes minhas que são Súbditas Britânicas, no sentido de que proteja as suas propriedades em Portugal e, através do seu Embaixador, que impeça as Autoridades de Portugal de confiscar tais propriedades"*<sup>17</sup>.

Nesse tempo, e de modo especial em países voláteis com reputação anticlerical, as congregações religiosas nomeavam muitas vezes religiosos britânicos, irlandeses (que nessa época eram considerados súbditos britânicos) ou americanos requerentes de certas propriedades em favor da sua Ordem. O'Hare, portanto, registrou claramente as propriedades e os nomes jurídicos das suas clientes que as "detinham". Eram todas de naturalidade irlandesa. Mary MacMullen (Madre St. Liguori), Rosanna MacMullen (Madre St. Charles) e Mary Hughes (Madre St. Calliste), detentoras de propriedades na Praça Coronel Pacheco nº 2 e 7, no Porto; Joanna Butler (Madre Joseph) e

---

<sup>16</sup> Ibid. Para mais informações sobre Tuy, ver também Madre de Chantal, Por Caminhos não andados, pt. 2 & 3 (1871-1931), (Lisboa: ISCM, 1970) 249-288. Arq. Hist. / RSCM, Caixa K.

<sup>17</sup> O'Hare a Edward Grey, 11 de novembro de 1910, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

Frances Moylan (Madre Visitation), proprietárias de duas casas e de terrenos no Campo Dom Luiz, 31, Braga e Joanna Butler (Madre Therese) e Cecilia Kenny (Conception), donas de propriedades e de um jardim na Rua Tenente Valadim, em Viseu<sup>18</sup>.

Dez dias mais tarde, O'Hare recebeu uma resposta sem compromisso do gabinete do Secretário dos Negócios Estrangeiros: *"Por ordem do Secretário Sir E. Grey, venho informá-lo de que ele não tem conhecimento de qualquer risco de confiscação de propriedades privadas em Portugal. Se os súbditos britânicos têm razões para apreender algum perigo especial que afete os seus interesses particulares, devem recorrer ao Ministro de Sua Majestade em Lisboa, apresentando as suas queixas com todos os detalhes"*<sup>19</sup>

Ao que parece, em janeiro de 1911, as condições em Portugal tinham piorado. Respondendo a uma carta da Madre Ste. Constance, John O'Hare escreveu:

*Lamento que tenha recebido "más noticias". Contudo, não me diz em que consistem tais noticias. Peça-lhe que tenha a bondade de me descrever tudo. Seria inútil, da minha parte, que eu comunicasse com as Autoridades britânicas anunciando que tínheis recebido "noticias alarmantes". Devo apresentar especificamente aquilo de que me queixo e que tipo de proteção pretendo receber"*<sup>20</sup>.

Ao tentar pressionar o Governo Britânico a apoiar as RSCM nas suas dificuldades, O'Hare recordou o apoio de John Redmond, presidente do Partido Parlamentar irlandês na Casa dos Comuns, e do Sr. Boland, M.P. Os dois homens participaram numa reunião privada com o secretário dos Negócios Estrangeiros, Edward Grey, a 4 de maio, para falar sobre o pedido de compensação pelas perdas das RSCM em Portugal, mas receberam a seguinte resposta:

*O governo britânico não podia tomar qualquer ação em nome dos pretendentes a propriedades ultimamente ocupadas por associações*

---

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> W. Langley ai. O'Hare, 21 de novembro de 1910, Arq. Flist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

<sup>20</sup> J. O'Hare à Madre Ste. Constance, janeiro de 1911, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

*religiosas em Portugal até as requerentes terem tomado medidas exaustivas no sentido de chegarem a uma solução legal apresentando o seu requerimento ao Governo português do modo indicado num Memorando do Gabinete dos Negócios Estrangeiros de 19 de abril de 1911.*

Além disso, o Secretário dos Negócios Estrangeiros afirmou que o governo britânico não podia requerer decisões enquanto não reconhecesse formalmente a nova República Portuguesa como potência estrangeira<sup>21</sup>.

Sem desanimar, vários amigos de Inglaterra garantiram à Madre Ste. Constance: *"Envidaremos todos os esforços para proteger a vossa propriedade, na medida em que a pressão exercida deste lado for útil"*. O Reverendo James O'Connell de Gt. Crosby concebeu um plano pessoal. Queria encontrar meios pelos quais um Membro do Parlamento levantasse a seguinte questão: *"O que tem feito o governo inglês para proteger a propriedade dos súbditos ingleses em Portugal?"* Esperava que o debate suscitado por esta pergunta fosse levado ao conhecimento do governo provisório de Portugal e de que este começasse a ponderar seriamente a questão<sup>22</sup>.

Em 1912 e 1913, John O'Hare manifestou um verdadeiro otimismo. A 21 de novembro de 1912 deu esta boa notícia à superiora de Seafield: *"O Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros decidiu travar a Batalha dos Requerentes britânicos"*<sup>23</sup>. Passado um ano, tranquilizou a Madre Ste. Constance: *"Respondendo à sua carta de 5 de novembro [1913], não tenho a menor dúvida de que Sir Edward Grey, Secretário dos Negócios Estrangeiros, está a analisar muito seriamente este assunto... O Requerimento não caiu no esquecimento"*<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup> Memorandum de Edward Grey, Gabinete dos Negócios Estrangeiros, 17 de maio de 1911, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

<sup>22</sup> Rev. James O'Connell à Madre Ste. Constance, 22 de maio de 1911, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

<sup>23</sup> J. O'Hare à Madre Marcella McGrath, 21 de novembro de 1912, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

<sup>24</sup> J. O'Hare à Madre Ste. Constance, 10 de novembro de 1913, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 13.



Em fevereiro de 1914, os funcionários britânicos deram início a um exame exaustivo do requerimento, e os advogados que representavam o Instituto começaram a perceber que era necessário reunir mais documentação. As respectivas escrituras e as hipotecas relativas ao valor presente tinham de ser apresentadas. O nome de outro "dono" da propriedade do Porto tinha vindo à superfície: Marie Maynard (Madre St. Félix).

Inicialmente, o seu nome não tinha sido submetido, visto ela não ser um súbdito britânico, mas como o seu nome constava da escritura, o Secretário dos Negócios Estrangeiros insistia em querer ver a sua certidão de nascimento ou de naturalização como Súbdito britânico, se a mesma existisse. As "proprietárias" em questão eram agora referidas com maior precisão como "as requerentes candidatas em nome da Ordem". O Secretário Grey insistia em que se estabelecesse uma clara distinção entre as duas "Joanna Butler" — qual delas era a proprietária parcial de quê? Por último, mas não menos importante, o Secretário Grey observou: *"Preciso de saber ainda se Rose Anne MacMullen, que nasceu em 1827, ainda é viva?"*<sup>25</sup> Infelizmente, a Madre St. Charles morrera no anterior mês de maio.

Mal recebeu esta carta do Gabinete dos Negócios Estrangeiros, John O'Hare escreveu à Madre St. Constance pedindo-lhe que envidasse todos os esforços para lhe obter a certidão e os outros detalhes pedidos, *"visto que o assunto é de uma urgência extrema"*<sup>26</sup>. Dez dias mais tarde, garantiu à Superiora Geral: *"Já entreguei a Sir Edward Grey, Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, todos os detalhes pedidos, e o assunto está agora a ser tratado o mais rapidamente possível"*<sup>27</sup>.

Ninguém previra que, em agosto de 1914, a Europa se envolveria numa Guerra Mundial. Não admira, portanto, que Sir Edward Grey, que então desempenhava o cargo de Secretário

---

<sup>25</sup> Eyre A. Crowe ai. O'Hare, 7 de fevereiro de 1914, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

<sup>26</sup> J. O'Hare à Madre Ste. Constance, 9 de fevereiro de 1914, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

<sup>27</sup> O'Hare à M. Ste. Constance, 19 de fevereiro de 1914, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

dos Negócios Estrangeiros, tivesse coisas mais importantes em que pensar: a invasão da Bélgica pelos alemães a 3 de agosto e a declaração de guerra à Alemanha no dia seguinte por parte do Reino Unido. Viria eventualmente a ser substituído como Secretário dos Negócios Estrangeiros por Earl Curzon em 1916. John O'Hare já não era o procurador das RSCM em Inglaterra. Em 1920, Fred G. Cole, *Esquire*, seria contratado para reatar a "Batalha das Requerentes britânicas" em nome das RSCM.

Em abril, o Sr. Cole apresentou um relatório atualizado sobre o requerimento apresentado pelo Instituto ao governo britânico, descrevendo o preço de compra original, as hipotecas em que se tinha incorrido, o valor atual calculado de cada uma das três propriedades e os nomes das "requerentes candidatas em nome da Ordem".

Como resposta, o novo Secretário dos Negócios Estrangeiros, Lord Curzon, indicou em tom impaciente, "mais uma vez, o ponto da situação". A sua avaliação contundente foi comunicada pelo seu assistente:

*Estes requerimentos foram inicialmente assumidos e apresentados pelo Governo de Sua Majestade como pretensões genuínas de súbditos britânicos, que tinham sofrido perdas por ação do governo português. Tornou-se agora muitíssimo claro que não foi esse o caso, mas que as requerentes britânicas eram meras mandatárias em cujos nomes a propriedade fora colocada pelas várias Ordens religiosas interessadas. [sendo assim], a única fundação pela qual o governo de Sua Majestade tinha o direito de interceder já não está.*

[Além disso], mesmo que Lord Curzon ainda estivesse disposto a deixar que o caso fosse apresentado em Haia, o que, nas circunstâncias atuais não se verifica, é certo que o resultado seria uma decisão a favor do governo português.

Em tais circunstâncias, o governo português fez uma oferta que não parece despropositada a Lord Curzon, mas que, mesmo que o seja, é a única com base na qual se poderá resolver a questão<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> Lord Curzon a J. Cole, Esq., 8 de maio de 1920, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

Ao comunicar a opinião do Gabinete dos Negócios Estrangeiros à Madre Maria da Eucaristia, Sr. Cole repetiu as duas opções dadas, embora preferindo claramente chegar a acordo com base na oferta feita pelo governo português e nos números calculados pelo Gabinete dos Negócios Estrangeiros britânico, baseados no preço de compra original de cada uma das três propriedades, acrescido dos custos associados aos seus alargamentos e melhoramentos. Num *post scriptum*, enviou uma mensagem à Superiora Geral: "*Nas minhas cartas anteriores dirigidas ao Gabinete dos Negócios Estrangeiros, apresentei-lhes todos os fatos e mais não posso fazer*"<sup>29</sup>.

Os Padres do Espírito Santo tinham perdido propriedades em Portugal durante a Revolução de 1910 e tinham sido forçados a partir para o exílio em Espanha. Porém, como as suas casas em Portugal eram propriedade legal dos Espiritanos individuais de origem francesa, britânica ou alemã, os três governos tinham posto um processo contra o governo português no Tribunal Internacional de Justiça sediado em Haia e ganharam. Portugal foi obrigado a oferecer compensação limitada à Congregação por perda de propriedade<sup>30</sup>.

Talvez tenha sido o exemplo dos Espiritanos que motivou a Madre Ste. Constance a manter a protesto da Congregação durante dez anos. Contudo, não se sabe ao certo se as RSCM o terão apresentado a Haia; o governo britânico, convencido de que tal protesto era fraco e de que os portugueses ganhariam o processo, recusou-se a representar as RSCM diante do Tribunal Internacional. É possível, porém, que se tenha chegado a algum acordo entre a oferta do governo português e a percepção por parte da comunidade do valor da propriedade confiscada. Independentemente do montante da indenização que as RSCM receberam ou não, estas começaram a regressar a Portugal.

---

<sup>29</sup> Fred G. Cole à madre de l'Eucharistie, 11 de maio de 1920, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 13.

<sup>30</sup> Henry J. Koren, C.S.Sp., *To the Ends of the Earth: A General History of the Congregation of the Holy Ghost* (Pittsburgh: Duquesne Uni. Press, 1983) 356.

A Madre Maria de Chantal interrompeu o seu relato da mudança das irmãs de Tuy para Portugal com esta importante notícia: *"Nesta hora de graça, Nossa Senhora de Fátima apareceu. A história de Portugal, nos últimos trinta anos, só pode ser entendida à luz sobrenatural desta visita salvífica da Padroeira do Reino, no ano de Nosso Senhor de 1917"*<sup>31</sup>.

As RSCM tinham sido convidadas a abrir uma fundação em Espinho e, ajudadas por algumas caridosas senhoras leigas e pelo pároco, quatro RSCM, vestidas como seculares, abriram um florescente internato e um externato em 1920. Mais tarde, em 1928, o Colégio seria transferido para Aveiro, mas a Madre Maria de Chantal não quis que a fundação de Espinho ficasse esquecida: *"Nenhuma outra fundação levada a cabo pelas RSCM após a revolução de 1910 custou tantos sacrifícios ou enfrentou tantas dificuldades como a de Espinho; contudo, esses oito anos de apostolado deram frutos sem medida"*<sup>32</sup>.

As irmãs em Tuy estavam particularmente ansiosas por regressar às cidades onde tinham exercido a sua missão durante décadas antes do seu exílio. Embora não pudessem reclamar as suas propriedades anteriores, as RSCM foram regressando pouco a pouco a Braga — "a Roma portuguesa" — em 1921. Cinco anos mais tarde, a Madre Maria da Eucaristia partiu de Tuy e regressou à cidade do Porto, onde abriu uma nova escola na Avenida da Boavista, batizando-a com o nome de Colégio de Nossa Senhora do Rosário. As restantes RSCM exiladas tiveram de regressar a Portugal quando uma revolução deflagrou em Espanha, no ano de 1931. A Madre Maria da Eucaristia morreu nesse mesmo ano.

### **Mudanças na Casa Mãe: as Irmãs Oblatas de Maria**

Como Superiora Geral, a Madre Ste. Constance fora responsável pelas religiosas e pelas comunidades de todo o Instituto, mas estava particularmente interessada no crescimento do Instituto

---

<sup>31</sup> Lives Aglow, 263.

<sup>32</sup> Ibid., 270.

na França e, sobretudo, nas mudanças em curso na Casa Mãe em Béziers. Tinha respondido de forma criativa ao encerramento forçado pelo governo francês do colégio interno da Casa Mãe, em setembro de 1906; as antigas alunas do colégio interno foram discretamente transferidas *en masse* para o Bon Pasteur, um edifício próximo que então se encontrava vago. Aí, as alunas continuaram os seus estudos sob a direção de duas leigas cristãs, Léonie e Louise Duget, e a escola recebeu o novo nome de St. Anne<sup>33</sup>.

Na ala recém-vaga do internato, a Madre Ste. Constance abriu um Instituto profissional feminino para jovens. Aí, naquilo que seria descrito como "uma espécie de centro para mulheres", as jovens que ainda estavam a completar a sua formação técnica puderam encontrar aposentos simpáticos num ambiente religioso<sup>34</sup>.

Outra mudança importante iniciada pela Madre Ste. Constance na Casa Mãe foi a incorporação das irmãs Oblatas de Maria às Religiosas do Sagrado Coração de Maria. As Oblatas, originalmente conhecidas como Irmãs da Virgem, formavam uma espécie de "ordem terceira" iniciada por Gailhac em 1851, para inserir as mulheres que então se encontravam no Refúgio e que desejavam manter-se na Casa Mãe e entregar a sua vida ao serviço de Deus. O grupo inicial de doze proviera inteiramente do Refúgio, tendo professado em 1853. Depois desse grupo, a maior parte das aspirantes eram jovens da Preservação ou mulheres com pouca formação. As Irmãs da Virgem viviam numa seção separada da Casa Mãe, tinham a sua própria superiora (que representava a Superiora Geral das RSCM) e a sua própria Regra. A sua principal obra apostólica era na Preservação, embora também fossem responsáveis pela lavandaria de toda a Casa Mãe. Renovavam os seus votos anualmente depois do retiro pregado por Gailhac ou, mais tarde, geralmente pregado por um

---

<sup>33</sup> Em 1919, a Madre Ste. Constance animou as diretoras da escola de St. Anne a regressar ao local original dentro das paredes da Casa Mãe. Em 1921, o colégio interno foi formalmente reaberto no seu local original, mas com o nome de Cours Saint-Jean. Ver acima, Capítulo 7.

<sup>34</sup> Ver Leray, 246.

jesuíta. Vinte e seis mulheres tinham professado como Irmãs da Virgem durante o tempo da Madre St. Jean, mas, infelizmente, muitas destas tinham pouca saúde e morreram novas<sup>35</sup>. O Bispo Courtier deu ás Irmãs da Virgem o novo nome de "Irmãs Oblatas de Maria" e, em 1873, a Madre St. Félix incorporou todos os nomes anteriores num novo registro com esse título<sup>36</sup>.

As Irmãs Oblatas de Maria continuaram a crescer, mas lentamente. As informações acerca do seu desenvolvimento emergiram muito mais tarde, durante o processo de beatificação de Gailhac, em 1954, quando três ex-Irmãs Oblatas deram testemunho sobre a sua entrada nas Oblatas e as circunstâncias que rodearam a sua posterior incorporação na congregação das RSCM. Torna-se claro que essas testemunhas decidiram ingressar nas Irmãs Oblatas porque as conheciam e amavam desde o tempo da Preservação, sentindo-se levadas a imitá-las<sup>37</sup>.

Uma testemunha, Soeur Placide Chaulmey, explicou que a partir do momento em que ingressou nas Oblatas, em 1898, compreendeu que, embora os seus exercícios de piedade fossem os mesmos, havia uma diferença entre as Oblatas e as irmãs coadjutoras das RSCM: as Oblatas estavam sob a direção imediata da Madre St. Sylvestre, que representava a superiora local da Casa Mãe. Além disso, as Oblatas nunca saíam da Casa Mãe a não ser quando eram levadas numa grande carruagem para o campo, quando eram necessárias nas vinhas. Fora isso, estavam sempre ocupadas com as roupas da comunidade e do internato, ou na Preservação. Contudo, Soeur Placide afirmou: *"Eu considerava-me uma religiosa e nunca tive qualquer dúvida sobre isso. Contudo, entre nós, interrogávamo-nos sobre a razão pela qual tinha de haver uma tal separação entre a comunidade e as Oblatas"*<sup>38</sup>.

---

<sup>35</sup> Ver Rosa do Sampaio, RSCM, Uma Caminhada na Fé e no Tempo, Vol. 1. (Fontes de Vida, 1990) 135-137.

<sup>36</sup> Inquisition, 428.

<sup>37</sup> Ver Arq. Hist. / Proc. Ap., 2596-2615, 2623-2630.

<sup>38</sup> Ibid., 2597-2626.

Soeur Madeleine Bousquet testemunhou que sempre considerara que pertencia à Congregação do Sagrado Coração de Maria. No entanto, quando uma órfã que desejava ingressar nas Irmãs Oblatas foi aconselhada a ingressar antes nas irmãs coadjutoras, surgiu a questão se nós, as Oblatas, seríamos religiosas ou não. Soeur Seraphine Serquel, que conhecera Gailhac quando era criança na Preservação, teve uma experiência semelhante. Desde que fizera os primeiros votos como irmã Oblata em 1899, passara a considerar-se uma verdadeira religiosa pertencente à Congregação do Sagrado Coração de Maria. Ficava espantada ao ouvir uma ou outra pessoa dizer que ela não era religiosa nem membro da congregação das RSCM<sup>39</sup>.

Várias Oblatas interpelaram a sua superiora imediata, chegando eventualmente a falar com a Madre Ste Constance acerca dessa dúvida perturbadora. Algumas diziam que se os boatos que corriam fossem verdade, antes queriam tornar-se irmãs coadjutoras ou até ingressar noutro convento e começar tudo de novo. A Madre Ste. Constance reagiu com grande sensibilidade e prometeu que em breve remediaria a situação. Passado pouco tempo, todas as Irmãs Oblatas foram convidadas para uma reunião na Casa Mãe com o Bispo de Cabrières. O bispo escutou atentamente enquanto as Irmãs Oblatas mais velhas falavam em nome do grupo, manifestando o seu desejo de se tornarem parte integrante do Instituto. Quando o bispo as deixou para se encontrar separadamente com toda a comunidade da Casa Mãe, a fim de abordar o mesmo assunto, a Madre Ste. Constance garantiu às Oblatas que, passado um breve período de formação, fariam a sua profissão como religiosas do Sagrado Coração de Maria<sup>40</sup>.

Na festa da Anunciação, 25 de março de 1908, dezanove Irmãs Oblatas de todas as idades foram admitidas na Congregação, dando início à sua formação como irmãs

---

<sup>39</sup> Ibid., 2611, 2624-2626.

<sup>40</sup> Ibid., 2598.

coadjuvadoras. A 24 de outubro do mesmo ano, na capela da comunidade da Casa Mãe, fizeram a sua profissão temporária como Religiosas do Sagrado Coração de Maria na presença da Madre Ste. Constance, do diretor de Retiros jesuíta, Abbé Xavier, anteriormente de Fontfroide, do Abbé Maynard, e do capelão da comunidade. As irmãs Oblatas de Maria deixaram de existir<sup>41</sup>. Eventualmente, todas estas recém-professas foram admitidas à profissão perpétua, a maior parte delas a 22 de novembro do ano seguinte (1909)<sup>42</sup>.

### **Inglaterra: Seafield e Barrow**

Em 1904, ano anterior àquele em que a Madre Ste. Constance se tornou Superiora Geral, aquilo que poderia ter sido considerado um desastre tornou-se uma ocasião muito promissora para a comunidade de Seaforth e para o Instituto. Era conveniente que fosse a Madre St. Félix, ainda em funções, a receber a notícia. O Departamento das Docas de Liverpool [Liverpool Dock Board] anunciou o seu plano de aumentar o número de docas ao longo do estuário do rio Mersey e, portanto, seria necessário reclamar os terrenos em que o convento e a escola das RSCM estavam situados. Contudo, o Departamento das Docas não tinha intenção de expropriar a Casa de Seafield, em Seaforth, sem pagar a devida indenização. John O'Hare, advogado contratado pela comunidade para negociar a venda e procurar uma possível nova localização para a escola, foi muito bem-sucedido. A propriedade de Seaforth, comprada pelas RSCM em julho de 1884 por trinta mil libras, tinha-se revelado um terrível encargo financeiro para o

---

<sup>41</sup> Estas dezenove irmãs constam todas do Great Register of the Religious of the Sacred Heart of Mary (entre #412 e #474). Os seus nomes são recordados aqui: Bathilde Fabre, Albine Carcenac, Philomène Comei, Thérèse Aybram, Angelina Raynaud, Jeanne Mallet, Eutrope Brachet, Béatrix Cambon, Célestine Lladós, Josephine Villebrun, Anais Balme, Lucienne Alignan, Placide Chaulmey, Angélique Colba, Séraphine Serquel, Caroline Dibon, Berthe Vernhettes, Adélaïde Bousquet e Madeleine Bousquet.

<sup>42</sup> Uma destas irmãs, Albina Carcenac, tinha sido irmã Oblata durante quarenta anos. Fato surpreendente, fora enviada por um breve período para o Porto, em 1875, para ensinar costura as alunas locais (Ver Connell, Vol. 2, 154). Tinha feito a sua profissão perpétua a 22 de novembro de 1909, mas morrera em Bayssan dezesseis dias mais tarde, aos sessenta e nove anos de idade.



Instituto. Agora, vinte anos mais tarde, ofereciam setenta mil libras à comunidade pela propriedade. Os termos de venda eram muito generosos. A comunidade e as alunas não teriam de deixar as instalações enquanto não se pudessem restabelecer num local adequado.

Em dezembro de 1904 foi comprado um local perfeito para a escola, "New Hey", em Gt. Crosby, que recebeu o novo nome de New Seafield; foi imediatamente contratado um arquiteto para desenhar e construir a escola conventual. Segundo a tradição da escola, a superiora local de então, Madre Irénée Fogarty, uma mulher naturalmente dotada em arte e design, ajudou a melhorar a decoração do edifício. Entretanto, a Madre Gérard Phelan e a Madre Imelda abriram duas pequenas escolas em casas situadas em Kimberley Drive e na Eshe Road, Blundellsands, para atrair moças residentes perto de Gt. Crosby que se pudessem inscrever em Seafield após a abertura da escola.

A escola ficou pronta na Páscoa de 1908. Então, cheia de alegria pascal, a comunidade das RSCM e duzentas alunas mudaram-se de Seaforth, tomando posse do seu novo lar. Na primeira semana de maio, o Bispo Whiteside presidiu à abertura pública do novo Convento do Sagrado Coração de Maria, em Seafield<sup>43</sup>. Esta, em breve, se tornou conhecida na região como uma excelente escola feminina para a educação de jovens católicas.

A fundação de Barrow também continuou a sofrer alterações e a crescer depois de 1905. As RSCM ensinavam nas escolas (paroquial e privada) de Ulverston e nas paróquias de St. Patrick, Sagrado Coração e St. Columba (Ilha de Walney). A certa altura, as irmãs deixaram o Convento de Nelson Street e de Ulverston (1924) e, acompanhadas pelas alunas da Select School de Holker Street (1929), mudaram-se para a grande propriedade próxima da Abadia de St. Mary in Furness, cham

---

<sup>43</sup> Gertrude du Sacré Coeur Healy, RSCM, artigo sem título sobre o ministério educacional das RSCM em Inglaterra e na Irlanda [1968] 19-24. SHM Arcives, NEP.

hoje, mais de cem anos após a primeira fundação local, as RSCM continuam a servir as pessoas da região de Barrow<sup>44</sup>.

## **A maravilha que era Blackbrook House**

Há que fazer uma menção especial à fundação de Blackbrook House, dirigida pela Madre Vincent Foley, entre setembro de 1903 e março de 1929. Durante os mandatos da Madre Ste. Constance como Superiora Geral (1905-1926), ela pode estar confiante, por esse ministério estar nas mãos sábias e compassivas da Madre Vincent.

Oficialmente, Blackbrook House era considerada uma *"escola industrial feminina para jovens abandonadas e delinquentes sob os auspícios do Ministério da Administração Interna [Inglês], mas dirigida por uma congregação religiosa"*. O Bispo Whiteside, de Liverpool, reconheceu que as RSCM tinham a experiência e a compaixão necessárias para transformar essa escola industrial num verdadeiro lar e não foi defraudado. As *"jovens abandonadas e vadias de Liverpool resgatadas dos covis de pecado e miséria"*, em breve se transformaram em *crianças felizes e saudáveis e membros de uma "família"*, como o bispo antevira.

Os novos edifícios tinham sido terminados em 1904 quando uma grande casa permanente foi construída em propriedade da diocese de Liverpool contígua à Blackbrook House original. Havia lugar para cento e vinte jovens. Durante os anos da administração da escola industrial feminina de Blackbrook pelas RSCM, foi mantido um diário que constituiu uma fonte de informação de valor incalculável durante os anos de 1900-1931. As breves entradas do diário, embora selecionadas, dão uma ideia clara daquilo que as jovens estudavam e de como viviam

---

<sup>44</sup> Para mais informações sobre a fundação de Barrow e arredores, ver monografias encontradas nos SHM Archives, NEP, 254: n.a. "Apostolate of Reverend Father John Anthony Gailhac through the RSHM in Crosslands, Barrow-in-Furness, England", n.d., e [Madre Ursula Gouhg] "Convent of the Sacred Heart of Mary, Crosslands, Barrow-in-fumess, Lancashire". Ver ainda "Sisters of Century-Old Order Still Serving God", 1990.

enquanto estavam na escola, e dos esforços envidados pela comunidade para enriquecer, sob todos os aspectos, a vida destas futuras mulheres<sup>45</sup>.

Ao princípio, a comunidade era formada pela Madre Vincent (superintendente) e por seis ou sete religiosas: duas qualificadas para dar aulas e as restantes irmãs responsáveis pelos "departamentos industriais" (trabalho doméstico, cozinha, lavanderia e costura). Havia ainda professoras leigas certificadas de culinária e costura, uma mestra assistente de costura e uma professora de ginástica. Como as jovens eram de idades variáveis entre os três e os dezesseis anos, o programa tinha de satisfazer necessidades diferentes.

As disciplinas acadêmicas incluíam aritmética, composição, declamação, geografia, história e economia doméstica. À instrução religiosa também se dava, sem dúvida, a devida importância. Cada jovem recebia ainda instrução específica e formação prática em costura (incluindo confecção de vestuário), trabalho de lavanderia e cozinha. Uma vez por semana, a própria Madre Vincent dava às jovens mais velhas aulas de "economia doméstica", preparando-as assim para a sua vida futura, não só como trabalhadoras, mas também como esposas e mães.

Um Comitê escolar, liderado pelo Reverendo Edward O'Sullivan, avaliava o progresso da escola, e os membros individuais do Comitê faziam muitas vezes visitas inesperadas. As suas breves impressões eram inscritas no diário: *"Passavam revista a várias partes do edifício e ficavam muito agradados com tudo aquilo de que se apercebiam. O aspeto geral das crianças impressionava-os (aos membros do comitê) de forma muito favorável devido aos inúmeros sinais evidentes do cuidado eficiente e maternal com que eram certamente tratadas"*. (E. O'Sullivan, 4 de outubro de 1905). *"Fiz hoje uma visita surpresa e*

---

<sup>45</sup> Uma cópia deste Blackbrook House Logbook [Diário de Blackbrook House] (1900-1931) pode ser encontrada nos SHM Archives NEP, Box 255.7. (As informações e citações extraídas do Diário estão indicadas, não nas notas de rodapé, mas no texto, junto à citação da data da entrada respectiva. Para proteger a privacidade das moças desta escola industrial, os episódios citados neste texto não incluem os nomes de cada jovem envolvida).

*encontrei tudo numa ordem perfeita e as crianças muito interessadas e felizes" (Emma Middlehurst, 6 de fevereiro de 1906). "Fiz uma visita inesperada à escola e fiquei muito satisfeita com tudo o que vi fazer em todas as salas de aula. As crianças pareciam felizes e saudáveis" (G. Stringfellow, 5 de janeiro de 1906).*

Eram envidados grandes esforços por manter as crianças saudáveis: exames físicos trimestrais, pelo médico assistente, e idas ao dentista várias vezes por ano; duchas frias todas as manhãs; caminhadas a pé pelos campos; aulas semanais de ginástica sueca; dança inglesa diária e alimentação saudável. Apesar de tais esforços, algumas jovens adoeciam e morriam, visto provirem de lares pobres ou onde se tinha abusado delas. O diário inclui esta triste entrada: *"Duas jovens muito novas foram levadas ao hospital de doenças oftálmicas. Estas crianças, ao que parece, tinham tido um acidente quando bebês. O pai de uma delas tinha-a atingido no olho com uma garrafa que continha whisky. A pancada fez com que a pupila ficasse virada ao contrário. Provavelmente, o olho terá de ser removido., para salvar o outro"* (4 de novembro de 1912). Uma entrada posterior menciona a morte dessa criancinha apenas dois anos mais tarde (19 de novembro de 1914).

Devemos referir ainda que o diário indica sempre que o médico era notificado quando alguma das meninas não estava bem e que a ia ver nesse mesmo dia ou no dia seguinte. Por vezes, o médico enviava a jovem doente imediatamente para o hospital; outras vezes era tratada na escola. O diário registra a história de uma menina a quem fora diagnosticada congestão do fígado. Quando morreu, passados dez dias, trinta e sete jovens da Casa de Blacbrook acompanharam o corpo da sua amiga até ao cemitério, apesar da chuva torrencial. O registro comenta que as meninas "ficaram encharcadas", mas que depois foram bem-recebidas em casa e que "tomaram bebidas quentes antes de se deitar" (16 de outubro de 1906).

Não se escondia às jovens as doenças e a morte das suas companheiras de classe, nem elas eram impedidas de fazer luto pelas mesmas. Contudo, quem visitava Blackbrook comentava sempre a sensação de alegria e felicidade que aí se vivia, mesmo em momentos inesperados: "Achei as crianças muito bem tratadas, cheias de vida e entusiasmo enquanto se preparavam para os exames próximos. Não vi nenhum rosto sombrio" (E. O'Sullivan, 2 de março de 1908).

As visitas sociais eram sempre ocasião de festa. O Bispo Whiteside, que era praticamente o principal administrador da escola, visitava-a com frequência e nunca chegava de mãos vazias, pois trazia doces, fruta e o presente de algum tempo de recreio extra para as crianças. Quando morreu, a 28 de janeiro de 1921, o diário comenta com gratidão: "Era amado e reverenciado pelas crianças e pelas irmãs".

Outros sacerdotes e religiosas visitavam Blackbrook House para manifestar o seu interesse e apoio — o Deão Kelly de Bootle, a superiora e algumas irmãs do Convento de Notre Dame, de St. Helen (5 de fevereiro de 1906) Sagrado Coração enviaram alguns livrinhos interessantes para a biblioteca das crianças (16 de fevereiro de 1908). As religiosas do Sagrado Coração de Maria, provenientes de várias comunidades, faziam visitas especiais a Blackbrook para conhecer as crianças e a comunidade que cuidava delas. Desde a sua abertura, as irmãs e as alunas internas de Seaforth e depois de New Seafield, Gt. Crosby, eram visitantes regulares. Por vezes as suas visitas eram retribuídas, como lemos no diário: "Nove das jovens [de Blackbrook] passaram uma boa parte do dia na praia de Seaforth. Visitaram a Casa de New Seafield, em Gt. Crosby, e foram recebidas pelas RSCM e pelas alunas internas" (12 de junho de 1908).

O diário menciona ainda que a fundação de Blackbrook era visitada regularmente pela Superiora Geral quando esta vinha à Inglaterra. Ao principio, era a Madre St. Félix que vinha trazendo fruta, biscoitos e guloseimas para as crianças (18 de maio de

1904). Quando ela e a sua assistente regressaram, no fim dos seus mandatos como Superiora Geral, ficaram novamente encantadas por terem encontrado "as crianças saudáveis e muito felizes" (24 de junho de 1905). Esta fundação de Blackbrook fora autorizada por ela em 1899, e deve ter sido uma grande consolação para a Madre St. Félix, pois certamente recordava as palavras que Gailhac lhe dirigira vinte anos antes:

*Bem sabe, minha querida filha, como eu estou apegado às nossas obras de caridade; foi para estas pobres crianças que eu criei a Casa [Mãe] e foi por elas que comecei. Os orfanatos são o fundamento do edifício... Recomendo-lhe estes queridos orfanatos com todo o meu coração... É através destas obras de caridade, minha querida filha, que as bênçãos de Deus são atrapadas sobre o Instituto. A beleza de uma comunidade são os pobres, a quem ensinamos a amar e a servir Deus, formando-os na prática da virtude e no amor ao trabalho<sup>46</sup>.*

Pouco depois de se ter tornado Superiora Geral, a Madre Ste. Constance escreveu uma carta às crianças de Blackbrook e, em agosto desse ano, ela e a sua assistente (possivelmente a Madre St. Félix) visitaram a escola (7 de agosto de 1906). Parece que a Madre Ste. Constance não as pôde visitar em 1907, mas enviou-lhes um presente para comprarem fruta para as meninas. Em 1908, a Superiora Geral visitou novamente Blackbrook; a sua visita de 1913 foi descrita no diário de forma mais detalhada:

*A Superiora Geral e a sua assistente fizeram uma visita à escola. As crianças participaram num concerto preparado para essa ocasião e, tarde, tiveram um agradável chá de festa. A Superiora Geral, cuja sede se encontra em Béziers, no Sul de França, visita esta escola de dois dois anos aproximadamente. É francesa de altíssimas qualidades e muito interessada em questões da educação. Elogiou a limpeza e a ordem da casa e admirou o aspecto feliz e singelo das crianças (5 de julho de 1913).*

---

<sup>46</sup> *Diverses Notes*, maio de 1884, Proc. ap., 3101-3102.

O calendário antecipado das visitas da Madre Ste Constance teve de ser abandonado após a deflagração da guerra na Europa, em 1914, mas, pouco depois da guerra, as suas visitas foram reatadas. Então passou a prolongar as suas visitas (21-24 de maio de 1919 e 14-18 de junho de 1920) à comunidade e às crianças da escola que tanto apreciava. Em breve, outra Superiora Geral tomaria o seu lugar e a Madre Marie Joseph Butler também seria acolhida em Blackbrook (15 de agosto de 1927). O seu comentário, em carta dirigida à Madre Baptiste Holohan, foi muito positivo: "*que maravilhosa formação elas [as jovens] recebem... Aqui sentimo-nos em casa, é uma felicidade para mim poder dizê-lo*"<sup>47</sup>.

Se perguntássemos às meninas de Blackbrook House quais eram as suas visitas preferidas, elas talvez concordassem que eram os momentos em que se podiam misturar com crianças da sua idade. Talvez destacassem o dia em que os rapazes do *Boys Refuge*, de Liverpool, visitaram a sua escola e em que as meninas de Blackbrook deram um concerto que andavam a preparar há várias semanas. Nessa ocasião, os rapazes tinham retribuído com danças e exercícios de ginástica (5 de janeiro de 1906). Dois anos mais tarde, os rapazes do *Refuge* voltaram de novo a Blackbrook, desta vez para dar o seu próprio concerto à comunidade e às meninas (3 de janeiro de 1908).

Outra visita que foi certamente apreciada foi o dia em que alguns rapazes do orfanato de Beacon Law foram convidados a ir passar algum tempo em Blackbrook com as suas irmãs que frequentavam a escola. Foi um dia inesquecível, sem dúvida, repetido com frequência (16 de setembro de 1914). Há uma passagem do diário que descreve um evento desportivo: "*As jovens da Escola Industrial de Nile Street vieram a Balckbrook e jogaram netball*", mas a pontuação final não foi mencionada! (24 de agosto de 1921).

A Madre Vincent e o seu *staff* estavam atentas à necessidade das meninas de um ambiente familiar nos seus primeiros anos de

---

<sup>47</sup> Madre Joseph Butler à Madre Baptiste Holohan, Arq. Hist. / RSCM, Vol 36, #446.

vida, e a comunidade também devia recordar a advertência de Gailhac: "A beleza de uma comunidade são os pobres, a quem ensinamos a amar e a servir a Deus, formando-os na prática da virtude e no amor ao trabalho"<sup>48</sup>. Eram envidados todos os esforços para dar às meninas as bases acadêmicas necessárias e as aptidões domésticas práticas para serem bem-sucedidas depois de deixarem a escola.

O Relatório Anual do Governo relativo a 1912, que foi copiado para o diário, comentava favoravelmente o ambiente da escola durante a visita do inspetor a 21-22 de fevereiro: "*As jovens fazem bom uso do seu espaçoso recinto exterior, no verão, quando todas as refeições são tomadas ao ar livre. Aproveitam-se todas as oportunidades para dar às jovens independência e liberdade.., as jovens estão muito empenhadas em obter boas notas, que implicam prêmios em dinheiro. Regra geral, as meninas anseiam por agradar e são tão trabalhadoras, que lhes resta pouco tempo para fazerem travessuras...*" O inspetor concluiu assim o relatório: "*As jovens são receptivas e particularmente agradáveis no trato*".

Três anos mais tarde, foram feitas inspeções oficiais a 22 de janeiro e 3 de março de 1915 pelo Inspetor-chefe dos Reformatórios e das Escolas Industriais, Charles E. B. Russell. Estes relatórios foram também copiados para o diário. Depois de comentarem o uso excelente dos edifícios da escola, o Inspetor escreveu: "*As meninas vestem de forma muito decente, dispõem de calçado invulgarmente bom e têm sido ensinadas a tratar muito bem dos dentes e do cabelo*". As mais velhas já não usavam toucas, mas antes chapéus novos, de aba, de inverno; as meninas mais novas também estavam felizes por poderem trocar as suas toucas por casacos quentes.

O Inspetor-chefe continuou: "*A biblioteca aumentou muito e muitas das jovens têm vindo a alimentar o gosto pela leitura.... leem fluentemente, declamam claramente, respondem*

---

<sup>48</sup> Gailhac à Madre St. Felix, *Diverses Notes*, maio de 1884, Proc. ap., 2101-3102.



*prontamente e de forma inteligente a perguntas de caráter geral e cantam de forma encantadora".*

Estava obviamente satisfeito com a direção tomada pela superintendente e pelo seu staff na escola: *"Recompensas, privilégios e distintivos de boa conduta têm-se revelado aqui, como noutras escolas, mais eficazes do que os castigos para reprimir o mau comportamento e inculcar bons hábitos. As jovens sentem-se felizes e bem tratadas, e o seu desejo óbvio de se saírem bem no dia da inspeção é uma prova do seu apreço pelas irmãs, que se dedicam, de alma e coração, às suas jovens pupilas".*

As sábias recomendações do Inspetor-chefe Russell animaram as diretoras de Blackbrook a tomar novas medidas. Sugeriu ele que a Madre Vincent proporcionasse uma mudança de cenário completa, uma quebra na rotina habitual durante as férias de verão, passando-as talvez à beira-mar. Tal prática já fora benéfica para *"contrariar qualquer tendência de destruição do espírito de iniciativa das jovens"* devido à rotina constante. Além disso, o Inspetor-chefe sugeriu que a Madre Vincent pensasse na hipótese de deixar que algumas boas jovens de boas famílias visitassem a sua família uma vez por ano. Fazendo lembrar a esperança constante de Gailhac de que as jovens formadas nas escolas das RSCM teriam uma boa influência sobre os seus pais e sobre a sociedade, o inspetor continuou: *"Se de algum modo a escola puder ajudar a estabelecer uma vida familiar decente e feliz ali onde nunca existiu, isso conferirá um benefício acrescentado à comunidade, bem como à formação da jovem no sentido de se tornar uma boa mulher".*

Graças ao progresso de Blackbrook, a Madre Vincent pode colocar muitas das jovens como criadas de servir em boas casas. Referindo-se a oito jovens recentemente colocadas, o Inspetor-chefe Russell afirmou: *"Têm sido dadas muito boas referências do seu progresso, e as informações sobre a grande maioria das jovens mais velhas que já estão a servir também são altamente satisfatórias".* A Madre Vincent, desejosa de dar às jovens mais

velhas a opção de "começar uma nova vida" noutra pais, oferecia às que já estavam formadas a oportunidade de serem colocadas em boas famílias no Canadá. Já em 1905, o diário registra: "*Quatro jovens da escola partiram por mar para o Canadá a 1 de junho. Em honra desse acontecimento, as crianças da escola tiveram feriado!*" Quando chegavam cartas dessas jovens, o acontecimento era registrado no diário e as boas notícias partilhadas com as colegas de Blackbrook: "*Todas elas parecem contentes e felizes*". A 25 de junho de 1908 partiram mais oito jovens para o Canadá.

Quando chegavam, as jovens eram recebidas e colocadas através da Associação Católica de Emigração do Canadá. O diário descreve uma visita à escola feita pela Madre Evangelist, Agente da Associação Católica de Emigração. "*Deu muito boas informações sobre as nossas meninas no Canadá. Viu as que estão para emigrar este ano e ficou satisfeita com elas*" (15 de março de 1912).

Nesse verão, a Madre Vincent e a Irmã Michael embarcaram para o Canadá, a 26 de julho, com as suas meninas emigrantes; é provável que outras meninas e rapazes da região também fizessem parte do grupo que a Madre Vincent acompanhou nessa viagem. As duas religiosas ficaram no Canadá para se encontrarem com todas as jovens de Blackbrook emigradas nos seus locais de emprego. Em 1913, o inspetor do governo incluiu a seguinte informação no seu relatório anual: "*Das dezessete jovens que tinham deixado Blackbrook House nos últimos três anos, catorze ainda se mantinham no seu primeiro local de trabalho. As outras três estavam-se a sair satisfatoriamente*" (2 de março de 1913).

Pelo processo seguido em Blackbrook House, torna-se óbvio que a emigração para o Canadá era cuidadosamente planejada e supervisionada. Primeiro, o Sr. Burke, um membro do Comitê Educacional, vinha entrevistar cada jovem que tivesse manifestado o desejo de emigrar depois de terminada a sua formação na escola (14 de abril de 1913). Doze das dezenove

candidatas foram aceitas. Depois, um médico examinava as que tinham sido aceitas e, se o merecessem, assinava um certificado de aptidão para emigrar (15 de abril de 1913). Em seguida, as que estavam em vias de emigrar passavam um mês a trabalhar "no duro", confeccionando o vestuário que levariam para o Canadá (30 de maio de 1913).

Ao que parece, em 1913, as doze jovens de Blackbrook não viajaram todas juntas, pelo que se depreende da seguinte entrada: "*Duas das nossas meninas emigraram para o Canadá. Embarcaram no Corsicaco e viajaram acompanhadas pelas irmãs Magdale e Clare do Boys Refuge de Liverpool*" (25 de julho de 1913).

O perigo de ataques submarinos inimigos em breve desincentivaria esta emigração transatlântica para o Canadá. Nos anos subseqüentes à guerra, porém, houve momentos em que a viagem foi invertida, visto que algumas das jovens emigradas regressaram do Canadá para fazer uma visita. O diário registra: "*... uma ex-aluna desta escola regressou do Canadá para uma visita ao fim de catorze anos de residir ali. Visitou a Escola de Blackbrook e ficou lá uma noite. Está-se a dar muito bem no Canadá*" (8 de maio de 1929). Uma RSCM de Seafield recordou visitas de ex-alunas de Blackbrook ou das suas filhas: "*Certo dia uma moça bem-falante veio a Seafield. Era a filha de uma jovem que fora enviada para o Canadá pela Madre Vincent Foley*" (entrevista a Marguerite Greene, RSCM, junho de 1996).

As ex-alunas não teriam dúvidas de que seriam bem-recebidas se visitassem Blackbrook House, pois fora-lhes claramente dito, no momento de deixarem a escola: "*Se acontecer ficarem sem emprego, como pobres avezinhas assustadas pela tempestade, encontrarão um ninho quente em Blackbrook, onde serão novamente acolhidas num edifício especial*"<sup>49</sup>.

A situação em Blackbrook começou a mudar quando a Madre Vincent começou a ser pressionada pelo Ministério da

---

<sup>49</sup> Ver Leray, *In the Service of Souls...* na Apostle: Father John Gailhac, 194.

Administração Interna para se demitir da sua função de diretora. Já a 1 de dezembro de 1928, o Secretário de Estado tinha aprovado a nomeação da sua sucessora, Miss Mary Mulcahy (irmã St. Lawrence, RSCM), "por aposentação da atual diretora"<sup>50</sup>. Por fim, a Madre Vincent viria a demitir-se do cargo de diretora quatro meses mais tarde, a 31 de março de 1929, visto ter sido declarada "super idosa", sessenta e seis anos de idade, demasiado velha para o cargo!

Parece haver uma certa confusão sobre a sucessora da Madre Vincent, visto que a Irmã St. Lawrence terá deixado o seu cargo na escola passadas poucas semanas. A Irmã Alphonsus O'Hara, RSCM, ascenderia então ao cargo de diretora. Como esta era incapaz de lidar com os aspetos financeiros do seu posto, a Madre Vincent, então superiora da comunidade, assumiu de novo a responsabilidade pelas finanças da instituição. Apesar disso, o cargo revelou-se demasiado pesado para a Irmã Alphonsus, que se viria a demitir a 31 de julho de 1930. O Administrador da escola nomeou então a Irmã Mary Dominic O'Flaherty, RSCM, diretora e superintendente de Blackbrook a partir de 1 de agosto de 1930. Este seu cargo foi de curta duração.

Talvez tenha havido a sobreposição de demasiadas autoridades na substituição da Madre Vincent: o Ministério da Administração Interna, o Administrador da Escola em representação da diocese, a Superiora Geral e local das RSCM<sup>51</sup>. Aparentemente, as diversas autoridades discordavam acerca do papel que a Madre Vincent devia desempenhar em Blackbrook House e na comunidade, e esse desacordo persistiu mesmo depois da sua substituição oficial como Diretora em março de 1929. Mais de um ano depois, a Madre Marie Joseph Butler comentou em carta dirigida à Madre Gerard: "...grandes

---

<sup>50</sup> Ver Home Office: Whitehall No. 155.216/23, 1 de dezembro de 1928.

<sup>51</sup> Quando a Madre Ste Constance escreve ao Bispo Whiteside dizendo que decidiu nomear a Madre St Bonaventure superiora da Comunidade das RSCM de Blackbrook, em 1911, explica claramente ao bispo que a Madre Vincente continuará responsável pelas crianças, pelas aulas e pelas finanças. A Madre St. Bonaventure tomará a seu cargo apenas a Comunidade e a sua observância da Santa Regra.

*movimentações em Seafield. Madre Vincent destituída do seu cargo pela gente da Administração Interna... "52.*

Não é clara a razão pela qual as RSCM deixaram o seu maravilhoso ministério em Blackbrook House. O que é notório e surpreendente, porém, é que muitos membros da Congregação parecem não ter consciência desse extraordinário ministério em que as RSCM da Inglaterra estiveram empenhadas durante mais de trinta anos. Porque se terá a Congregação retirado de Blackbrook House e por que razão esse acontecimento parece "envolto em mistério?" O diário não ajuda, visto que a última entrada está datada de 26 de dezembro de 1931 e que as páginas seguintes (225 a 296) foram arrancadas.

Várias razões têm sido sugeridas ao longo dos anos. Uma explicação, oralmente transmitida, sugere o seguinte cenário:

*O Estado fornecia peças de linho e de tecido para as jovens praticarem costura. As nossas irmãs forneciam algumas peças, se o Estado não o fazia. Uma das irmãs recém-chegadas usou uma peça do tecido [fornecido pelo Estado] para fazer aventais para a comunidade religiosa. Um inspetor apercebeu-se da discrepância e tivemos de deixar Blackbrook. Infelizmente, uma nuvem encobriu esta comunidade na memória das RSCM. A irmã que cometeu o erro estava habituada a um sentido de partilha mais informal, do tipo "fica tudo em família"53.*

Outra razão apresentada para a retirada das RSCM de Blackbrook terá sido, supostamente, uma mudança de política iniciada pelo Ministério da Administração Interna. Foi introduzido um sistema de "entrega das crianças a pais adotivos" e, por conseguinte, a frequência da escola ficou reduzida. "Temia-se que a escola não pudesse ser eficientemente gerida em condições de mutação; assim, em 1932, decidiu-se retirar as

---

<sup>52</sup> Carta da Madre Joseph Butler à madre Gerard, Quinta-feira Santa de 1930, Arq. Hist. / RSCM, Vol. 49, #1391.

<sup>53</sup> Esta antiga versão foi contada numa entrevista com Marguerite Greene, RSCM, em junho de 1996.

*irmãs, orientando-as para trabalho missionário noutras partes da Província*<sup>54</sup>.

Outro documento sugere ainda que a Congregação deixou voluntariamente a sua missão em Blackbrook House por razões positivas:

*Em vez da expansão antevista pelo Bispo Whiteside, a política do governo relativamente ao cuidado destas crianças mudou, tendo sido introduzido um novo sistema. Como as irmãs de S. Vicente de Paulo se tinham especializado nessa área em todo o país, o apostolado na sua nova e mais especializada fase em Blackbrook House passou para elas em 1931. Assim como o Fundador satisfaz uma necessidade da Igreja ao fundar a Casa de Refúgio para as crianças abandonadas e privadas de tudo de Béziers, também as Irmãs do Sagrado Coração de Maria, em Blackbrook House, acolheram os pequeninos da Igreja de Deus quando a necessidade era maior*<sup>55</sup>.

Devemos dar a última palavra à Madre Vincent que, numa nota de quatro páginas, não assinada, resumiu a sorte da escola. Essa nota foi enviada a uma RSCM não nomeada para seu conhecimento particular *"quando vier a ser, no futuro, Superiora Geral, ou para que possa beneficiar com os nossos erros no passado"*. Parte da nota diz o seguinte:

*Entre 1904 e 1929, cinquenta das jovens emigraram para o Canadá a fim de terem melhor oportunidade de um futuro bem-sucedido. Têm-se saído bem, em quase todos os casos.*

*Em 1929, o inspetor-chefe levou a cabo consultas minuciosas para tentar saber quantas condenações [tinha havido] entre as jovens saídas de Blackbrook. Entre 1904 e 1929, [houve] apenas uma condenação por assalto e nenhuma condenação à casa de correção. As jovens saídas de Blackbrook House tinham-se mantido fiéis à sua Formação Religiosa e ao seu Vínculo Matrimonial. Tenho recebido muitas cartas como as que anexo. Em todos os casos, as jovens*

---

<sup>54</sup> Ver o breve documento sem título nem autor nem data em SHM Archives, NEP, Box 255.

<sup>55</sup> Ver "Blackbrook, St. Helen's, Lancashire", sem data, anónimo, 3 pp., SHM Archives, NEP, Box 255.

*guardam felizes recordações da sua vida escolar em Blackbrook House. Tinham um grande amor e reverência pelas irmãs. Em março de 1932 [sic], as irmãs foram afastadas devido a um erro na nomeação de uma Diretora inapta para a correta condução da instituição. Nada mais posso dizer, mas lamento a perda desta boa obra<sup>56</sup>".*

A Madre Vincent e as religiosas que trabalhavam com ela em Blackbrook House ficariam felizes por saber que o seu ministério foi continuado, no mesmo local de St. Helen, pelo *St. Catherine's Centre For Girls*. Trata-se de um Lar Comunitário Assistido, pertencente e gerido pela *The Nugent Care Society*, agência cristã de assistência social, que serve o noroeste de Inglaterra. Este Centro oferece um elevado padrão de cuidados residenciais para moças, entre os treze e os dezessete anos de idade.

### **Visitas à América**

Durante a primeira década do século XX, a missão das RSCM na América estava florescente. Na sua carta datada de 23 de julho de 1900, a Madre St. Félix, então Superiora Geral, apelara às religiosas a que terminassem o seu ministério na América e regressassem a Béziers em outubro. Escrevera ela: "*Vejo-a [a comunidade de Sag Harbor] sozinha, isolada, a vegetar há mais de vinte anos na América, impedida de ser visitada pelas Superiores e, por conseguinte, exposta a mil perturbações e perigos de todo o tipo que podem vir a ser muito graves*".

Quando a Madre Ste. Constance sucedeu à Madre St. Félix como Superiora Geral, em 1905, essa triste situação fora remediada e o apostolado na América incluía o ensino na escola paroquial de St. Mary, em Long Island City, e numa pequena academia de Borough Park, Brooklyn. Quando ela e a Madre St. Félix visitaram a América, em julho de 1909, as RSCM tinham sido acolhidas na Arquidiocese de Nova Iorque para dar início a novos ministérios na escola paroquial de St. Thomas Aquinas, no

---

<sup>56</sup> Madre Vincent Foley], sem data, 4 pp., SHM Archives, NEP, Box 255.

Bronx e em Marymount, numa academia para a educação de meninas em Tarrytown, sobre o rio Hudson.

Ainda antes da sua primeira visita a Tarrytown, a Madre Ste. Constance tinha manifestado o seu interesse por esta nova fundação. A escola abriu em fevereiro de 1908, de início apenas com seis alunas; meses depois da abertura, a Madre Marie Joseph Butler pediu autorização à Superiora Geral para adicionar uma grande ala sul à mansão original. As escavações começaram em setembro, quando vinte novas alunas chegaram para o início do novo período. Na pedra angular, colocada em novembro pelo arcebispo Farley de Nova Iorque, estava inscrita a declaração formal que estabelecia a data da cerimônia: "*durante o quarto ano da Presidência de Theodore Roosevelt e o terceiro ano da jurisdição da Reverendíssima Madre Ste. Constance, Superiora Geral da Ordem do Sagrado Coração de Maria*", enumerando em seguida os nomes dos membros da comunidade então presentes: Rev. Madre Marie Joseph Butler, (Superiora), Madre St. John Maden, (Assistente), Madre Gerard Phelan (Diretora), Madre St. Evangelist McGowna, Madre Dorothy, Madre St. Joseph O'Leary, Madre Stanislaus Phelan, Madre Teresa Phelan, Irmã victoria, Irmã Dorothy e duas postulantes coadjutoras, Catherine Waters (irmã Hilda) e Mary Tisdale (Irmã Austin)"<sup>57</sup>.

Marymount já começara a atrair dignitários de visita: o Cardeal Logue, Primaz da Irlanda, o Cardeal Vincenzo Vannutelli, Delegado papal para a América e o Cardeal Protetor da Congregação, acompanhados pelo Arcebispo Farley de Nova Iorque, pelo Bispo Brown de Cork e pelo Arcebispo Bourne de Inglaterra. Qual não terá sido a surpresa da Madre Ste. Constance ao ver o título seguinte no New York Herald, a 8 de junho de 1908 — "*J. D. Rockefeller trava amizade com o Cardeal Logue, a quem visita: cada um deles é bem aceite pelo outro!*" —,

---

<sup>57</sup> Ver Katherine Burton, *Mother Butler of Marymount* (Nova Iorque: Longmans, Green and Co., 1944) 109-110. Este livro tem por base um manuscrito no publicado de Michael Kenny, Si., "What Shall I Render", Archives of the EAP, Tarrytown, Box 69.



e ao perceber que o cardeal e o milionário americano tinham sido fotografados a apertar a mão no pórtico de Marymount!

Havia uma questão, porém, que perturbava claramente a Madre Ste. Constance. Em 1908, fora-lhe enviada uma carta por James Butler, o homem que tinha comprado a propriedade de Reynard para as RSCM no ano anterior. Nessa carta, o Sr. Butler esclarecia que antes de entregar a escritura da propriedade precisava de ter a garantia de que a sua prima, Madre Marie Joseph Butler, continuaria a ser sempre Superiora de Marymount. A Madre Ste. Constance escreveu imediatamente uma forte carta à Madre Marie Joseph insistindo que não prometera absolutamente nada nesse sentido e que ela, como Superiora Geral, tinha a liberdade de colocar quem lhe parecesse melhor à frente da escola. *"A Madre não ficará fixa em Tarrytown nem permanecerá aí por um período mais longo do que o prescrito pela Santa Regra"*, acrescentou. A Madre Marie Joseph deveria transmitir isto ao seu primo e, se o Sr. Butler não aceitasse os termos da Superiora Geral, todas as religiosas seriam imediatamente retiradas de Marymount!<sup>58</sup>

O Sr. Butler dirigiu outra carta à Superiora Geral a 25 de março de 1908. Tentando apaziguar a Madre Ste. Constance, não insistiu para que a Madre Marie Joseph continuasse superiora da comunidade, mas manteve, de forma inequívoca, que desde o início pretendia que a sua prima estivesse presente em Tarrytown: *"Aquilo que eu pretendia e que ainda pretendo é que a minha prima fique sempre ligada à casa de Tarrytown e não seja mandada para outro lugar"*. Este talvez tenha sido o primeiro choque da Madre Ste. Constance com a filantropia americana "sob condições forçadas". O Sr. Butler argumentou que como doara a propriedade em memória da sua mulher, Mary Anne, ele e a sua família deviam ter acesso ilimitado a visitar Marymount sempre que o desejassem; a presença a longo prazo da sua prima, "querida amiga" da sua defunta mulher,

---

<sup>58</sup> Madre Ste. Constance a Marie Joseph Butler, 4 de março de 1908, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 8.

garantiria o seu bom acolhimento em Marymount. Depois de ter recordado à Madre Ste. Constance o fato de que fora ele que comprara a propriedade e que conseguira autorização, por parte do Arcebispo, para a entrada das RSCM na diocese de Nova Iorque, James Butler continuava:

*Muito antes de ter comprado a propriedade, mencionei o meu desejo às outras Superiores de Sag Harbor e de Long Island City e elas deram-me a entender que não haveria qualquer dificuldade em que o meu pedido fosse atendido, por isso, sempre pensei, desde o início, que ficara estabelecido que a minha prima poderia permanecer sempre em Tarrytown. A Madre talvez pense que foi a Madre Marie Joseph que me meteu esta ideia na cabeça. De maneira nenhuma; pelo contrário, ela queria que eu retirasse essa condição. Contudo, penso que a sua recusa se deveu a um mal-entendido e que, depois da minha explicação, me concederá a graça desse favor, pelo que eu ficarei eternamente grato<sup>59</sup>.*

James Butler era um homem acostumado a levar a sua vontade avante, mas a Superiora Geral não estava disposta a atendê-lo! Voltou a recusar as suas condições. Chegaram finalmente a acordo quando o benfeitor de Marymount e a Madre Ste. Constance se encontraram pessoalmente, em julho de 1909. Ela apresentou-lhe um memorando, datado de julho de 1909, que dizia o seguinte:

*Como grato reconhecimento pelo claro favor concedido à nossa Ordem — 8 de dezembro de 1907 — pelo nosso generoso benfeitor Sr. James Butler, é nosso formal desejo que a comunidade, residente em Marymount, Tarrytown, recite diariamente, depois da Santa Missa, e com caráter perpétuo, um Pai Nosso e uma Ave Maria pelo descanso da alma da Sr<sup>a</sup> Butler, um Pai Nosso e uma Ave Maria pelo Sr. Butler e um Pai Nosso e uma Ave Maria pela família do Sr. Butler.*

O memorando estabelecia ainda que seriam ditas duas Missas Solenes de *Requiem* em cada mês de novembro, uma pela Sr<sup>a</sup> Butler e outra pelo Sr. Butler. A troca de tal oferecimento, James

---

<sup>59</sup> James Butler à Madre Ste. Constance, 25 de março de 1908, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 8.

Butler desistiu das suas condições e, a 4 de junho de 1910, enviou a escritura da propriedade de Marymount às RSCM a troco de um dólar e de "várias outras boas e valiosas considerações"<sup>60</sup>.

A Madre Ste. Constance deve ter ficado impressionada com a lealdade e a capacidade de liderança demonstrada pela Madre Marie Joseph porque, a 29 de agosto de 1911, nomeou-a formalmente para substituir a Madre Basil Davis como Representante da Superiora Geral na América. Por conseguinte, a "casa principal" da América deixou de ser o convento de Sag Harbor, mas Marymount Tarrytown, e foi iniciado um noviciado oficial no "quarto da torre" de Marymount, nesse mesmo ano.

A Madre Baptiste Holohan foi enviada de Portugal para assumir a função de Mestra de Noviças e estar à chegada das duas primeiras postulantes — Jennie Kearney (Madre Ignatius) e Aloysia Twomey (Madre Xavier). Em breve outras se juntariam a elas e o noviciado teve de ser deslocado para uma pequena casa de campo situada atrás do convento e sobranceira aos Lagos de Tarrytown. Foi batizada como "*Florzinha*".

A Madre Ste. Constance regressou de novo à América em 1914, desta vez acompanhada pela Madre St. Calliste Hughes. Certamente terá visitado as irmãs de Brooklyn, que já não se encontravam na pequena academia de Borough Park, mas na paróquia de St. Catharine of Alexandria, onde o pastor, Padre O'Neill, construíra uma grande escola paroquial que abrira em setembro de 1913. A Superiora Geral deve ter-se congratulado em segredo por ter seguido o conselho deste jovem sacerdote irlandês, que viajara até Béziers, em 1908, para convencê-la de

---

<sup>60</sup> "Memorial", assinado pela Madre Ste. Constance em julho de 1909, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 8. Mais tarde, depois de James Butler ter financiado a construção da Capela Memorial Butler, em Marymount, no ano de 1923, os corpos dos pais de James, da sua mulher e filhos bebês, e do seu filho Pierce, morto em combate na Franca, no mês de novembro de 1918, foram desenterrados e novamente sepultados na cripta subjacente à Capela Memorial Butler. Eventualmente, James também seria sepultado na Cripta, e uma Missa Solene de Requiem passaria a ser celebrada na cripta pelos membros falecidos da Família Butler, em cada dia 6 de novembro.

que St. Catharine of Alexandria, e não St. Frances de Chantal, era a paróquia mais indicada para as RSCM.

A Madre Ste Constance deve ter visitado a paróquia de St. Mary, em Long Island City. Fora necessário substituir as superiores locais com muita frequência, visto a relação entre a comunidade religiosa e o pároco ter melhorado pouco. A Escola de St. Thomas Aquinas estava a entrar no seu sétimo ano como instituição educacional para as crianças da paróquia.

A Superiora geral também terá certamente visitado a comunidade de Sag Harbor. Esta aumentara de tamanho e continuava a dar o seu contributo para a vida católica naquela pequena aldeia. Talvez a Madre Ste. Constance tenha recordado à Madre St. Calliste o sofrimento e a perseguição sofridos pela comunidade de Sag Harbor, no início da década de 1880, e a tenha apresentado à Irmã Cecilia Ryan, que fora milagrosamente curada de cancro no seu leito de morte, a 2 de agosto de 1889<sup>61</sup>. Ninguém poderia imaginar que esta irmã sobreviveria cinco anos à Madre Ste. Constance.

A Superiora Geral deve ter ficado muito satisfeita ao ver como Marymount crescera durante os cinco anos decorridos desde a sua última visita. Agora, em 1914, com a Madre Marie Joseph Butler como superiora, a Madre Gerard Phelan como diretora da academia e com a comunidade a crescer, cada vez mais alunas internas se iam inscrevendo na escola. A Madre Marie Joseph antevira-o quando acrescentou a Ala Sul, completando assim os dois lados do quadrângulo. Essa ala ficou terminada em 1911, com uma capela e um refeitório, salas de aula, sala de estar e quartos para as alunas internas nos dois pisos superiores.

A Madre Ste. Constance também se mostrou muito positiva acerca dos retiros para mulheres leigas que a Madre Marie Joseph iniciara no verão em que a Ala Sul abriu. Enquanto jovem religiosa em Braga, a superiora local apoiara a sua ideia de

---

<sup>61</sup> Para um relato sobre estes anos em Sag Harbor, ver Kathleen Connell, *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, Vol. 3,139-202.

organizar retiros de pregação para as alunas e antigas alunas, as Filhas de Maria e, eventualmente, para mulheres leigas de todas as classes sociais. Agora, na América, a Madre Marie Joseph pretendia que a Ala Sul satisfizesse as necessidades das alunas da academia durante o ano letivo e servisse como lugar destinado a retiros para leigas no verão<sup>62</sup>.

Já no início de 1909, os Jesuítas tinham sido nomeados pela arquidiocese para celebrar as missas de domingo em Marymount, visto que os padres carmelitas, capelães habituais da comunidade, não o podiam fazer ao domingo. Foi então que Marymount conheceu muitos dos jesuítas que mais tarde viriam a pregar os retiros organizados para as mulheres leigas. Um deles em particular, Terence Shealy, S.J., tornou-se amigo fiel da comunidade de Marymount, celebrando as Missas do Galo de Natal, dirigindo as Filhas de Maria, dando conferências no Dia da Fundação, na Festa da Imaculada Conceição, na Festa de S. José e nos encontros de antigas alunas e presidindo Pas cerimónias de Recepção e de Profissão das Noviças<sup>63</sup>.

O Padre Shealy iniciara um movimento único de retiros para homens leigos na região de Nova Iorque, a que deu o nome de Liga de Retiros para Homens leigos. Oferecia aos leigos um retiro de pregação e oração ao fim-de-semana, combinando-o mais tarde com algum tempo para instrução naquela que seria chamada "Escola de Estudos Sociais". Aí, os problemas sociais, de então, eram interpretados à luz dos princípios cristãos e os homens eram formados e, depois, enviados como "apóstolos leigos". Mais tarde, a "Escola de Estudos Sociais" também seria frequentada por mulheres leigas e, a partir de 1909, a Madre Marie Joseph pedira ao Padre Shealy que desse conferências do mesmo tipo às alunas de Marymount. O Movimento de Retiros para Homens leigos encontrou uma casa em Mount Manresa,

---

<sup>62</sup> Para um estudo detalhado dos retiros da Madre Joseph Butler, ver Michael Kenny, S.J. "What Shall I Render?", 195-219.

<sup>63</sup> Ver o livro, preparado postumamente pelas religiosas e pela faculdade de Marymount College, intitulado *Father Shealy and Marymount: His Lectures and Conferences*, ed. Michael Earls, SI. (Worcester, Mass.: the Harrigan Press, 1924) 8.

Staten Island, em 1911. A Madre Marie Joseph Butler introduzira os seus retiros de verão para mulheres leigas no mês anterior na Ala Sul da academia. Ela e o Padre Shealy, que organizavam retiros semelhantes para leigos na zona, animavam-se e apoiavam-se mutuamente neste importante ministério até a morte precoce do Padre Shealy, em setembro de 1922. Os retiros de verão para mulheres leigas, em Marymount, continuariam a ser uma prioridade para a Madre Marie Joseph Butler até à sua morte<sup>64</sup>.

### **A deflagração da Guerra na Europa (1914-1918)**

A visita da Madre Ste. Constance à América, em 1914, teve um desfecho abrupto com a notícia de que a Alemanha declarara guerra à França a 3 de agosto. O exército alemão, utilizando um plano militar concebido, muito antes, pelo General von Schlieffen, invadiu a neutra Bélgica a caminho da França e, por conseguinte, a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha no dia seguinte. A deflagração da guerra não foi inesperada. Desde o assassinato do Arquiduque do Império austro-húngaro a 28 de junho, os países diretamente envolvidos nas alianças em guerra tinham-se começado a preparar para a guerra enquanto, ao mesmo tempo, tentavam desesperadamente manter a paz. Agora a guerra chegara à Europa.

A Madre Ste Constance e a sua companheira, Madre St. Calliste, queriam regressar imediatamente à França, mas havia poucos lugares disponíveis nos navios de passageiros transatlânticos. Puderam finalmente reservar lugares no desafortunado Lusitânia, um navio com destino a Liverpool. (Menos de um ano mais tarde, a 7 de maio de 1915, o Lusitânia seria torpedeado por um submarino alemão e afundar-se-ia passados dezoito minutos. Houve setecentos e sessenta e um

---

<sup>64</sup> Ver Kathleen Connell, RSCM, "Mother Joseph Butler and the Sons of St. Ignatius — A Collaborative Weave", conferência dada nos Butler Commons da Universidade de Fordham, a 4 de dezembro de 2011.

sobreviventes, mas mil cento e noventa e oito pessoas afogar-se-iam com o navio).

As duas religiosas chegaram a Liverpool sem incidentes, mas depois tiveram de arranjar transporte para chegar à costa sul da Inglaterra, para atravessar o Canal da Mancha, seguir até Paris e, por fim, até Béziers. A viagem foi um pesadelo visto que os trens, sobretudo na França, estavam apinhados de soldados que pretendiam deter os invasores alemães antes de estes cercarem Paris. Os próprios táxis de Paris estavam a ser utilizados para transportar jovens recrutas até à frente de batalha. Quando a Madre Ste. Constance e a Madre St. Calliste chegaram a Béziers, os planos para o Instituto ajudar a França nessa sua hora de necessidade já estavam a tomar forma.

Alguns detalhes sobre o impacto da Primeira Guerra Mundial sobre as RSCM de Béziers estão disponíveis porque a Madre Ste. Constance conseguiu que Monsenhor T. Barthélémy, vigário geral da diocese de Montpellier, escrevesse uma monografia intitulada *La Congregation du Sacré-Coeur de Marie*. Embora só fosse publicada em 1924, terá provavelmente começado mais cedo, visto que a história das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, durante a guerra, aparece como epílogo da monografia. O relato de Monsenhor Barthélémy sobre esses anos, baseado sem dúvida na recordação dos fatos por parte da Madre Ste. Constance, terá influenciado os historiadores tardios desse período da história das RSCM, tais como o Abbe Leray e o Padre Froc.

Segundo esta tradição, mal a Madre Ste. Constance regressara à Casa Mãe, instara com as religiosas para que redobrassem as suas orações pela França e que respondessem ao desafio lançado a cada francês de então: servir. "Rezar e servir" seria a divisa da comunidade e, dentro em breve, perceberam qual seria a melhor forma de servirem. Como os órfãos tinham sido recolocados no edifício anteriormente usado como colégio interno, o espaço liberado pelos órfãos seria transformado em hospital militar para soldados feridos. Como não dispunha de

recursos financeiros, porém, a comunidade da Casa Mãe teve de improvisar a transformação de quartos antigos em lugar adequado para os cinquenta homens feridos internados quase de imediato. Descrevendo a situação, Monsenhor Barthélémy escreveu que *"embora se pudesse dizer que não faltava boa vontade às enfermeiras que prepararam os quartos, também seria verdade dizer que a boa vontade era a única coisa que não faltava"*<sup>65</sup>.

A Superiora Geral dirigiu-se à cidade de Béziers, onde era bem conhecida, para angariar a ajuda de mulheres e homens que também quisessem ajudar e que dispusessem de recursos financeiros para renovar os quartos que estavam a ser utilizados como hospital militar. As tarimbas foram substituídas por boas camas de ferro e procedeu-se à distribuição de água, luz e aquecimento por todos os quartos. As religiosas misturavam-se com os feridos, reconfortando-os e rezando com eles. À medida que as vítimas da guerra se multiplicavam, a administração militar pediu à Casa Mãe para aceitar mais soldados feridos. A Madre Ste. Constance e a comunidade concordaram que podiam tratar de sessenta a oitenta, depois, o número subiu para noventa e, finalmente, para cento e quatro! Notre Dame, a pequena capela gótica da Casa Mãe, inicialmente utilizada pela Preservação e pelas Oblatas, foi adornada com as bandeiras dos países Aliados e transformada naquilo a que os soldados chamavam "a sua capela"<sup>66</sup>.

Abbe Leray descreveu esta situação inicial com esta comparação pungente:

*O convento já estava a fazer tudo o que podia. Tinham colocado uma parte da Casa Mãe e do orfanato à disposição das autoridades militares, convertendo-a em hospital. E aí, em vez do autocarro da escola, transbordante de vida, que transportava as felizes alunas,*

---

<sup>65</sup> F. Barthélémy, La Congrégation du Sacré-Coeur de Marie (Paris: librairie Letouzey & Ane, 1924)140-141.

<sup>66</sup> Ibid., 140-142.



*havia as pesadas ambulâncias cinzentas da Cruz Vermelha, que vinham depositar a sua triste carga: os nossos pobres soldados feridos*<sup>67</sup>.

As religiosas e as suas alunas de outras partes do Instituto deviam conhecer e apoiar a obra da Casa Mãe. As jovens da academia de Tarrytown, que tinham conhecido a Superiora Geral durante a sua visita de 1914, mandaram-lhe um presente e um ramalhete espiritual no dia do seu santo. No bilhete de agradecimento pelo presente das alunas, a Madre Ste. Constance explicou como uma grande parte da Casa Mãe fora transformada para servir como hospital "*para os nossos pobres soldados feridos*" e que muitas mulheres e ex-alunas caridosas ajudavam as religiosas, fazendo todos os possíveis por aliviar os sofrimentos dos feridos entregues aos seus cuidados. Ao terminar, a Madre Ste. Constance pediu às alunas de Tarrytown que rezassem a Deus pedindo a paz. As alunas incluíram esse bilhete no seu anuário, intitulado *Hiamead*, em 1916.

A certa altura, enfermeiras profissionais tomaram a seu cargo os cuidados médicos a administrar e as religiosas foram sendo gradualmente retiradas dos cuidados diretos dos soldados. Monsenhor Barthélémy explicou que a Madre Ste. Constance começara sensatamente a afastar as religiosas de grande parte do trabalho pesado, para poderem reatar os períodos de recolhimento, oração e trabalho próprios da sua vocação. Continuou a fazer a sua visita diária de encorajamento aos "seus queridos feridos" e nomeou duas religiosas de idade para representar a comunidade no seu ministério junto dos soldados feridos. Foram escolhidas a Madre Annunciation [Lynch] e a Madre St. Gonzague [Cottes].

*As duas religiosas, sem o pretenderem, tornaram-se muito populares entre os soldados franceses. Quem se poderia gabar de conhecer o número exato de hectolitros de chá que a Madre Annunciation*

---

<sup>67</sup> F. Leray, Un Apôtre: le Père Jean Gailhac, trad. Madre Benedict Murphy, RSHM (Paris, 1944), 208.

*distribuía, graças à colaboração da incansável Irmã Valerie [McAlleece]? Por outro lado, muito poucos podiam saber quantas horas a Madre St. Gonzague passava, tanto de noite como de dia, à cabeceira dos doentes e dos moribundos*<sup>68</sup>.

Comentando esta história, Abbé Leray escreveu: *"Uma gratidão inegável reconhecia esta caridade incansável. Da sua estada no convento, os soldados levaram consigo a recordação de terem tido contacto com uma vida melhor. Quantos dentre eles, no ambiente de devoção sobrenatural que os rodeava, terão redescoberto a fé e as práticas religiosas da sua infância?"*<sup>69</sup>

No fim da guerra, o hospital militar da Casa Mãe foi encerrado. Como as alunas internas acabariam por se mudar de novo para a sua escola, os órfãos também regressaram aos seus aposentos originais. Todos os soldados tinham partido. Alguns deles tinham sido mandados de novo para a frente de batalha e morrido aí. Outros continuavam vivos, alguns com ferimentos que os acompanhariam para sempre.

Escrevendo dez anos depois do início da guerra, Monsenhor Barthélémy observou que as coisas estavam a regressar à vida normal, mas que a Reverenda Madre Ste. Constance ainda recordava aqueles a quem costumava chamar "os seus queridos feridos". Quase todos os soldados se tinham recusado a deixar o hospital sem dizer um cordial obrigado, por vezes acompanhado de lágrimas. *"Ao deixar esta casa do Sagrado Coração de Maria, na sua caminhada silenciosa e pensativa a caminho da estação, muitos descobriam, pouco a pouco, toda a riqueza escondida nestas simples palavras: 'Tornarmo-nos melhores'*<sup>70</sup>.

---

<sup>68</sup> Barthélémy, 142-144.

<sup>69</sup> Leray, 209.

<sup>70</sup> Ibid., 144-145.

## Perdas pessoais

As perdas experimentadas durante a Primeira Guerra Mundial foram massivas e sem precedentes. O número de mortos e feridos de ambas as partes do conflito, calculado em milhões, pode deixar-nos atordoadas. Por vezes são as perdas individuais e pessoais que tornam real a dor e o sofrimento associados à guerra. Aqui referiremos apenas três exemplos de perdas pessoais experimentadas pela Congregação durante esta guerra.

A Madre Ste. Constance, a quem Abbé Leray equipara a Santa Joana d'Arc, cujo coração sangrou ao ver o "sangue da França" correr, também sofreu perdas na sua própria família. Dois sobrinhos, ambos comandantes de batalhão, morreram em combate. Contavam apenas trinta anos, nesse momento, e deixaram para trás desgostosas viúvas e criancinhas órfãs. *"Assim, para a Superiora, o sofrimento pela pátria e pela família aumentou e também aumentou a soma total de sofrimentos reparadores e redentores"*<sup>71</sup>.

Uma jovem noviça também sucumbiu devido às vicissitudes da guerra. M. de la Passion Murray, de Downpatrick, Irlanda, tinha contraído tuberculose pulmonar enquanto estava no noviciado em Béziers, onde não havia comida suficiente nem cuidados de saúde disponíveis para ela, visto que o médico da comunidade tinha sido requisitado exclusivamente para os militares feridos. Foi decidido, portanto, que seria melhor acompanhá-la até à casa, na Irlanda, e aí permanecer temporariamente, até recuperar. De Béziers, viajou até Southampton, mas depois ficou demasiado doente para prosseguir a sua viagem, e as *Franciscaines de Sainte Marie des Anges* ofereceram-lhe hospitalidade no seu convento. A sua família, em Downpatrick, deve ter sido informada da situação, porque o seu irmão, James, estava a seu lado quando ela morreu, a 31 de julho de 1917. Foi ele que assinou a sua certidão de óbito, no dia seguinte. Esta noviça contava apenas vinte e um anos de idade. Tanto a sua família irlandesa como a sua família

---

<sup>71</sup> Leray, 209.

religiosa de Béziers devem ter chorado a sua perda. Está sepultada no lote das Franciscanas, no Cemitério antigo de Southampton<sup>72</sup>.

Outra baixa de guerra foi um soldado americano. Em pequeno, Pierce Butler, filho mais velho de James Butler, fora escolhido para escavar a primeira pazada de terra nas escavações para a Ala Sul de Marymount, em 1908. Dez anos mais tarde, partiu para a França como Primeiro Tenente da Infantaria 312, Divisão 78. Segundo Barthélémy, em Argonne, Pierce tinha-se oferecido como voluntário para assumir o comando de uma companhia que perdera todos os seus oficiais. No dia seguinte, 24 de outubro de 1918, foi atingido por uma granada do inimigo, perdeu a perna e morreu desse ferimento mortal<sup>73</sup>. Outra fonte conta uma história ligeiramente diferente. E narrada pelo Tenente Laurie Brown, também Primeiro Tenente da mesma divisão de Infantaria. Ele e Pierce eram bons amigos e ambos tinham sido feridos e trazidos para a mesma base hospitalar de Beaune, Côte d'Or. Pierce casara com Maud O'Brien em junho de 1918, pouco antes de partir para a França. O Tenente Brown escreveu uma carta à jovem viúva de Pierce garantindo-lhe que, embora Pierce tivesse ficado gravemente ferido e a sua perna tivesse sido amputada acima do joelho, ele sobrevivera por alguns dias. Um sacerdote administrara-lhe os últimos ritos e a Sagrada Comunhão na base hospitalar dois dias antes da sua morte. Brown queria que Maud soubesse que Pierce tinha falado dela com terno amor e cuidado nos seus últimos dias e que morrera em paz. No fim, Pierce Butler sucumbira a uma pneumonia, a 12 de novembro de 1918, no dia seguinte à assinatura do armistício. Contava vinte e três anos<sup>74</sup>.

---

<sup>72</sup> Esta informação foi-me indicada por Aline Léonard, RSCM, arquivista dos SHM Archives, NEP.

<sup>73</sup> Barthélémy, 127.

<sup>74</sup> Cópia de uma carta do Tenente Laurie Brown para a Sr<sup>a</sup> Pierce Butler [novembro de 1918]. Archives of EAP, Tarrytown, Caixa 68.

## Outra experiência de guerra: Cambrai

Béziers não era o único lugar em que as RSCM viviam a guerra. Havia uma grande comunidade de religiosas em Cambrai, cidade situada no nordeste da França. Quando os alemães invadiram a França, em 1914, a cidade ficou encurralada atrás da linha alemã, na França ocupada pelos alemães; todas as comunicações com a Casa Mãe se tornaram impossíveis durante a guerra.

A Madre Ste. Constance, tal como a Madre St. Félix antes dela, estava decidida a atrair vocações francesas para o Instituto e acreditava que as fundações da França eram indispensáveis se quisessem realizar esse propósito. O Bispo de Montpellier também partilhara durante muito tempo a sua esperança em relação as novas fundações francesas. Foi por volta desse período que um sacerdote jesuíta, o Padre Dumartin, informou a Madre Ste. Constance de que em breve estaria disponível um colégio interno na cidade de Cambrai, visto que as diretoras de então, as três irmãs Peinte, tinham anunciado a sua intenção de se retirarem da administração da escola. Como o Arcebispo de Cambrai era idoso, pediu ao seu coadjutor, o Bispo Delamaire, que procurasse um grupo católico para dirigir o colégio interno<sup>75</sup>.

As RSCM ficaram felizes ao saber que essa escola estaria disponível. Algumas delas, porém, devem ter-se lembrado da experiência de Bourg de Péage: as complexas condições apresentadas pelas Demoiselles Deloche, a relutância do bispo e de parte do clero em admitir uma nova congregação nessa região onde já existiam outras congregações dedicadas ao ensino, a escola magnífica que a certa altura fora erigida, mas depois a partida forçada das religiosas que nela ensinavam e a ocupação da escola pelo governo francês em 1903<sup>76</sup>.

Foi muito mais fácil lidar com as irmãs Peinte. Louise Lefèbre, uma antiga aluna que passara sete anos com as irmãs Peinte e

---

<sup>75</sup> Madre Ste. Marie Boissezon, RSCM, mensagem manuscrita. "Fondation de la maison de Cambrai Institution Jeanne d'Arc", Arq. Hist. / RSHM, Caixa 22, Pasta 5, 1-3,6.

<sup>76</sup> Ver acima, Capítulo 4.

um ano com as RSCM, lembrava-se bem delas. Em 1967, escreveu: *Mademoiselle* Elisa Peinte era a responsável por todos os aspectos materiais da escola, *Mademoiselle* Clémence Peinte dava as aulas de preparação para o primeiro diploma e para o diploma superior, e *Mademoiselle* Victorine Peinte dava as outras aulas<sup>77</sup>. No entanto, a cidade abrira recentemente uma escola municipal para meninas e as irmãs Peinte estavam a ficar demasiado idosas para ensinar, por isso tinham decidido procurar outras pessoas que as substituíssem.

Apesar de uma forte carta de recomendação do Bispo de Montpellier, as RSCM depararam com uma dificuldade inesperada quando *Mademoiselle* Paule de Crozals, diretora da *ecole Ste. Ursule*, de Béziers, também mostrou interesse pela escola das irmãs Peinte, fazendo uma oferta concorrente em finais de janeiro de 1913. Quando a Madre Ste. Constance pressentiu que a sua primeira oferta fora posta de parte, enviou outra oferta, difícil de recusar. A Congregação estava preparada para enviar onze religiosas de coro: seis com diploma e duas sem diploma, mas preparadas para supervisionar os estudos, duas de língua inglesa para ensinar música, desenho, pintura e língua inglesa, e uma religiosa de coro portuguesa para ensinar costura. Cinco ou seis irmãs coadjutoras acompanhariam o grupo e encarregar-se-iam do trabalho material segundo as necessidades. A Madre Ste. Constance garantiu a Monsieur l'Abbé Gennevoise, inspetor das escolas gratuitas da diocese, representante do bispo nas negociações, que a Congregação assumiria os encargos financeiros e os déficits dos primeiros anos. Ao terminar, pediu-lhe que garantisse ao seu bispo: "*Nós [as RSCM] tratá-lo-emos com um respeito profundo e com total submissão se formos autorizadas a entrar na sua diocese*"<sup>78</sup>.

A 16 de junho de 1913, Monsieur l'Abbé Gennevoise aceitou a oferta da Madre Ste. Constance. *Mademoiselle* Bourguignon foi

---

<sup>77</sup> Carta de Louise Lefebvre, ex-aluna da Instituição Joana d'Arc, 1967, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 22, Pasta 5.

<sup>78</sup> "Fondation de la maison de Cambrai Institution Jeanne d'Arc", 8-11.

contratada como Diretora Leiga de Estudos e *Mademoiselle* Thiriez passou a funcionar como proprietária do terreno. Foi enviado dinheiro a *Mademoiselle* Bourguignon para cobrir diversas despesas, custos de construção e a compra de mobília para os quartos. A escola, que já recebera o nome de Instituição Joana d'Arc, abriu em outubro de 1913 com uma diretora de estudos leiga, um *staff* empenhado e oitenta e sete alunas. A Madre St. Liguori MacMullen era a superiora da comunidade. O ano letivo começou de forma promissora. Segundo Monsieur l'Abbé Gennevoise, "*... a mudança operada em oito dias é maravilhosa*"<sup>79</sup>.

Louise Lefèbre, estudante na Instituição Joana d'Arc quando as irmãs Peinte transferiram a propriedade da escola para a comunidade, descreveu a primeira impressão das jovens frente ao novo *staff*: "*Nós sabíamos que eram religiosas secularizadas, mas desconhecíamos o nome da sua comunidade. Alvitramos vários nomes: algumas disseram 'São de Paris, de um convento chamado dos Pássaros'; outras disseram, 'São as Damas de St. Maur'. Contudo, não tínhamos certezas*". Em seguida enumerou os nomes de alguns dos membros do *staff*, referindo-se a cada uma como *Mademoiselle*, sem fazer distinção entre as leigas e as religiosas. Só algumas irmãs da comunidade das RSCM podem ser identificadas pelo nome: Madame Mary Ann MacMullen (Madre St. Liguori), *Mademoiselle* Berthe Ruas (Madre St. François), *Mademoiselle* Marie de Paiva (Madre Ferdinand), *Mademoiselle* Thérèse Walsh (Madre St. Timothy), Irmã Cláudia e Irmã St. Lucie Belnin<sup>80</sup>.

O primeiro ano letivo correu muito bem, mas quando a guerra foi declarada, muitos dos professores e dos alunos não regressaram das férias de verão ou deixaram a escola. As religiosas ficaram, embora tenha sido a partir de então que todas as comunicações com a Casa Mãe se tornaram impossíveis. Quando teve início a invasão de Cambrai por parte dos alemães,

---

<sup>79</sup> Ibid., 12-18.

<sup>80</sup> Carta de Louise Lefèbre, 1967, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 22, Pasta 5.

*Monsieur le Chanoine* Vercollier, secretário particular do novo bispo Monsenhor Chollet, pediu ao irmão de Louise Lefabre e a outro homem para dormirem no locutório da escola na primeira noite da invasão, a fim de oferecerem alguma proteção, se necessário<sup>81</sup>.

Os alemães marcharam através da cidade de Cambrai em setembro, mas continuaram a avançar em direção a Paris. Quando os franceses detiveram a ofensiva alemã, na Batalha do Marne, as forças opostas tentaram ultrapassar-se mutuamente naquilo a que se chamou Corrida até ao Mar. Em breve ambos os lados tinham escavado duas redes de trincheiras que se estendiam ao longo de quase setecentos e vinte e cinco quilómetros desde o Mar do Norte até à Suíça. Tinha sido criada uma "terra de ninguém" entre as trincheiras opostas que não seria invadida até aos últimos meses dessa longa guerra. Infelizmente, Cambrai ficava a leste da frente ocidental, na França ocupada pelos alemães.

Quando o exército e os refugiados franceses retrocederam, afastando-se de Cambrai, os alemães avançaram. Com a continuação da guerra, os alemães aproveitaram os recursos que uma terra ocupada e a sua população podiam render em termos de trabalho forçado nas minas de carvão e na indústria siderúrgica. Os alimentos e o combustível eram escassos, as notícias censuradas e as vidas das pessoas perturbadas e regulamentadas pelos ocupantes, provocando sofrimento a muitos. Contudo, *Monsieur le Chanoine* Vercollier, olhando para trás, recordando esse período, afirmaria: "*A caridade e o coração dos cambrésiens reagiu com uma incansável generosidade cristã*"<sup>82</sup>.

As aulas na Instituição Joana d'Arc tinham recomeçado em 1915 para aquelas alunas que tinham ficado, mas 1916 foi um ano horroroso em termos de guerra. A Batalha de Verdun (21 de

---

<sup>81</sup> Ibid.

<sup>82</sup> Ver a alocução de Monsieur le Chanoine Vercollier sobre a Instituição Joana d'Arc durante a Primeira Guerra Mundial, feita em 1919 aos professores, ex-alunas e novas alunas da escola.



fevereiro — 16 de dezembro) durara nove meses (com baixas mistas calculadas em setecentas mil, contando-se entre elas a morte de trezentos e cinco mil militares); a Batalha do Somme, de 1 de julho a 18 de novembro (com baixas mistas calculadas em mais de um milhão, entre as quais trezentos e seis mil militares mortos) tinha sido ainda mais grave em termos de perdas humanas<sup>83</sup>. Em finais de 1916, os alemães construíram outra linha de defesa, uma zona altamente fortificada chamada linha de Hindenburgo, que se estendia atrás da frente de batalha, perto de Cambrai.

### Primeiras evacuações de Cambrai

Em novembro de 1916, houve uma evacuação inesperada. Os militares alemães requisitaram a Instituição Joana d'Arc para cobrir às suas necessidades e Cambrai passou a ser o quartel general do Comando Supremo alemão. Muitos dos cidadãos de Cambrai deixaram a cidade, incluindo Louise Lefèbre e os seus pais, que partiram em dezembro num trem de evacuação. Louise mencionaria mais tarde que vira "Madame Thérèse Irlandaise" (Madre St. Timothy Walsh), que já estava muito doente, a ser colocada no trem<sup>84</sup>.

A Madre Maria de Chantal, RSCM, historiadora portuguesa, também escreveu referindo-se a esse incidente: "Duas religiosas, uma das quais a Irmã Cláudia [sendo a Madre St. Timothy, provavelmente, a outra], adoeceram gravemente e só à custa de muitas humilhações e de súplicas persistentes é que a hostilizada Superiora [Madre St. Liguori] obteve licença do *Komandatur* para as duas irmãs doentes partirem para sul [para Beziers]"<sup>85</sup>.

A restante comunidade das RSCM teve de partir rapidamente. *Monsieur le Chanoine Vercollier* recordaria as lágrimas

---

<sup>83</sup> Para uma estatística das vítimas e mortes da Primeira Guerra Mundial, ver Matthew White, *The Great Big Book of Horrible Things: The Definitive Chronicle of History's 100 Worst Atrocities* (Nova Iorque: W.W. Norton and Co.) 2012.

<sup>84</sup> Carta de Louise Lefèbre, 1967, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 22, Pasta 5.

<sup>85</sup> Lives Aglow, 206.

silenciosas das irmãs quando o Santíssimo Sacramento foi retirado da sua capela e levado para a capela das Clarissas. As irmãs agostinianas de Cambrai deram hospitalidade as RSCM retiradas da Instituição Joana d'Arc; as Irmãs da Caridade e os seus órfãos em breve as seguiriam.

A guerra continuava, e as batalhas iam-se tornando cada vez mais próximas. Na Batalha de Passchendalele, perto de Ypres (31 de julho a 12 de novembro de 1917), foi registrada uma estimativa de seiscentas mil baixas, incluindo a morte de cento e cinquenta mil militares. Pouco depois do fim dessa batalha, o Terceiro Exército britânico deu início a uma ofensiva de surpresa contra o exército alemão naquela que foi chamada Batalha de Cambrai, a 20 de novembro. Os britânicos planejavam atacar a linha de Hindenburgo, a que os alemães chamavam *Siegfried Stellung* com cerca de trezentos e cinquenta tanques completamente armados, equipados com pontes improvisadas para atravessar trincheiras largas. A infantaria seguiu-lhes e a cavalaria, em seguida, deveria cercar e tomar Cambrai, importante cidade servida pelo caminho-de-ferro e sede local do Quartel General alemão.

Durante os primeiros dias, a ofensiva parecia estar a ser bem-sucedida; os tanques atravessaram o arame farpado, penetraram na terra de ninguém e ultrapassaram as trincheiras abandonadas. A eficácia dos tanques tinha provado que a Linha de Hindenburgo não era inexpugnável. Em breve, porém, surgiram problemas. Nos últimos dias, cerca de cento e setenta e nove tanques tinham sido destruídos ou sofrido avarias; alguns dos tanques eram demasiado pesados para atravessar a ponte sobre o canal e isso impediu a chegada da Cavalaria a Cambrai. A 30 de novembro, os alemães deram início a um contra-ataque com vinte divisões e, a 3 de dezembro, o Terceiro Exército britânico tinha retrocedido.

Os habitantes de Cambrai teriam certamente ouvido o bombardeamento e ficado à espera da libertação. A seu tempo, a Madre Ste Constance, insegura sobre o paradeiro da

comunidade, terá ouvido a notícia da Batalha de Cambrai e do seu desfecho e rezado pela segurança das suas filhas.

Em março de 1918, animados pelo seu êxito contra os britânicos na Batalha de Cambrai e conscientes de que a sua participação na guerra poderia alterar os pratos da balança, os alemães deram início à "Operação Miguel", decididos a empurrar os britânicos ainda mais para ocidente. A guerra de trincheiras, que caracterizara a guerra durante os primeiros quatro anos, deu então lugar a uma guerra de movimento. De 21 de março a 5 de agosto de 1918, os alemães tinham-se esforçado por derrotar os Aliados na Segunda Batalha do Somme e na Segunda Batalha do Marne. Não tiveram êxito. Em agosto, os Aliados iniciaram a contraofensiva contra a Alemanha e tornou-se óbvio de que a região circundante de Cambrai se transformaria de novo num campo de batalha. Os habitantes da cidade foram novamente evacuados, desta vez para um país estrangeiro, a Bélgica.

### **Grande evacuação para a Bélgica**

É raro conseguir um relato de algum período da história das RSCM tão detalhado e fidedigno como as memórias deixadas pela Madre St. Liguori. Ela manteve notas meticulosas sobre a caminhada da comunidade, desde a sua evacuação forçada de Cambrai, em setembro de 1918, até à sua eventual reunião com a Comunidade da Casa Mãe, em Béziers, quase cinco meses mais tarde. A sua caminhada fez parte da repatriação massiva de soldados exaustos, dos feridos, dos prisioneiros de guerra e dos refugiados que atravessavam a Europa em todas as direções. Em breve seria assinado um armistício para pôr termo aos combates, mas só a 11 de novembro. A história dessa evacuação será narrada aqui tal como a Madre St. Liguori a descreveu, mas de uma forma mais breve e acompanhada de alguns comentários. As suas palavras, diretamente citadas, são autênticas.

Foi no domingo, 8 de setembro de 1918, às seis da manhã, que a comunidade soube da evacuação imediata e forçada dos habitantes de Cambrai. Não foi uma surpresa, dado que as

bombas caíam incessantemente sobre a cidade e que a Ofensiva de cem dias dos Aliados em direção a Leste já decorria há um mês. Porém, a data de partida foi estabelecida a curto prazo. Todos os cidadãos de Cambrai deviam ser evacuados até à meia-noite.

A comunidade começou o dia assistindo a duas Missas, visto não terem a certeza de quando poderiam voltar a celebrar Missa. Foram evacuadas seis irmãs no total, mas nem todas foram identificadas pelo nome. Cada uma preparou uma pequena trouxa com os seus haveres, que lhes bastasse para vários meses, mas suficientemente leve para ser transportada durante as longas e previstas caminhadas a pé. Para mágoa da Madre St. Liguori, esta teve de queimar todos os cadernos e registros dos primórdios das RSCM na Instituição Joana d'Arc e das Filhas de Maria. Ao meio-dia estavam prontas, deixaram o seu refúgio agostiniano e apressaram-se a ir fazer uma última visita ao Arcebispo Chollet para receber a sua bênção, despedindo-se também do seu capelão, *Monsieur le Chanoine* Vercollier. O bispo ficou tão preocupado ao ver as religiosas carregar as suas trouxas e a partir a pé, que as animou a subir para o caminhão, já carregado com a sua mobília, para viajarem até à sua primeira paragem, em Valenciennes, perto da fronteira belga.

Desde o primeiro dia, a comunidade percebeu que ela própria teria de se responsabilizar por procurar hospitalidade em cada paragem ao longo do seu itinerário. O arcebispo entregara-lhes uma carta de apresentação e um pedido de hospitalidade para as irmãs, mas quando elas apresentaram a carta do bispo ao Presidente da Câmara de Valenciennes, ele recusou-se a dar-lhes abrigo. Na sua paragem seguinte, o seminário, deram-lhes um pouco de sopa e uma pequena chávena de café, mas não lhes ofereceram abrigo durante a noite. Finalmente, encontraram um orfanato das Irmãs da Caridade que se ofereceram para deixar a comunidade usar a enfermaria, mas só se mais ninguém

precisasse dela. Puderam ficar no orfanato até ao alvorecer do dia 14 de setembro.

A comunidade deixou Valenciennes às quatro da manhã e, quando chegaram a Vicq, ao fim da tarde, as irmãs estavam muito cansadas da caminhada, apesar de alguma boleia ocasional em transporte público e de carroça as tivesse aliviado um pouco. Chegadas ao seu destino, permitiram-lhes usar uma sala de aula como abrigo e três ou quatro religiosas foram convidadas a passar a noite em casas particulares.

O dia seguinte, 15 de setembro, era domingo, e o vigário geral da região, Padre Deschrever, tentou limpar uma pequena capela que ficava no caminho para poder dizer Missa para o grupo. Isso foi altamente apreciado pela Madre St. Liguori, que comentou "*a felicidade das irmãs por ouvirem Missa e receberem o Pão dos Anjos*" durante a sua caminhada. Depois disso, os soldados alemães, que ainda as tinham a seu cargo, levaram as irmãs até ao cais do caminho-de-ferro onde havia muito mais gente reunida. Estavam todos à espera de ser levados., para onde, ninguém sabia! O trem chegou, mas só cerca de metade das pessoas pode embarcar. As religiosas foram deixadas no cais com outras pessoas, esperando até à meia-noite, quando finalmente chegou um trem para levá-las para fora da França rumo a algum destino no estrangeiro.

Após uma viagem de cerca de vinte horas, a comunidade desembarcou em Stavelot, localidade descrita pela Madre St. Liguori como "*uma bonita aldeia, muito boa para nós*". Durante o dia, a comunidade ficava numa sala que fora reservada para elas e, à noite, pessoas bondosas do lugar forneciam-lhes camas. A Madre St. Liguori, porém, revelou mais uma vez o que era sempre mais importante para ela: "*Grace a Dieu. Tivemos santa Missa todos os dias*". Ficaram em Stavelot desde 16 de setembro até chegar o momento de serem transferidas para o seu destino final no início de outubro.

*Limbourg*, cidade belga muito próxima da fronteira com a Alemanha, foi o lugar onde a comunidade passou a maior parte

de outubro, novembro, dezembro e a primeira semana de Janeiro de 1919. Foi aí que conheceram muitas pessoas boas e caridosas e que o pároco foi um pai para elas. A igreja era linda e as liturgias eram conduzidas com piedade e precisão. Enquanto estava nesta cidade, a comunidade ouviu dizer que o seu arcebispo e capelão fora enviado para Huy, uma cidade perto de Liege, a pouca distância de Limbourg. A Madre St. Liguori escreveu: *"Gostaríamos imensamente de os ter procurado, mais hélas!"*

Nas suas memórias, a Madre St. Liguori nunca mencionou o fato de terem tido notícias de os Aliados terem conseguido perfurar a Linha de Hindenburgo, perto de Cambrai, a 27 de setembro de 1918, nem sobre a libertação da cidade de Cambrai a 10 de outubro, com poucas baixas ao fim de apenas dois dias de combate. Mais surpreendente ainda é o fato de não ter mencionado o Armistício, que pusera formalmente termo à guerra às onze horas do décimo primeiro dia do décimo primeiro mês.

A 21 de novembro, várias irmãs da comunidade, desejosas de enviar cartas para a França, encontraram-se com alguns aviadores. A Madre St. Liguori explicou: *"Foi a primeira vez, desde agosto de 1914, que pudemos enviar uma carta à notre Ven. Mère [Madre Ste. Constance] e às nossas queridas famílias"*. A 6 de dezembro, a comunidade recebeu uma carta de resposta da Madre Ste. Constance. *"é impossível descrever como ficamos comovidas ao reconhecer a sua caligrafia"*, recordou a Madre St. Liguori. A Superiora Geral instava com elas para que regressassem a Béziers logo que possível, ou seja, mal as autoridades deixassem a comunidade tomar um trem que as repatriasse.

Passado um mês, depois da Missa e da Sagrada Comunhão, a Comunidade partiu a pé de Limbourg, às seis da manhã do dia 7 de janeiro. Um lavrador encontrou-as na estrada e ofereceu-se para levar as suas trouxas na sua carroça puxada a bois e este seu ato de bondade não foi esquecido. Em Dolhain, as irmãs embarcaram num trem proveniente da Alemanha, cheio de

*"pobres soldados franceses, doentes e exaustos"*. Chegaram todos a Bruxelas às sete da tarde. Tinha sido um longo dia. O comboio seguinte só estava marcado para as cinco da manhã do dia seguinte, por isso, a comunidade teve de procurar um lugar onde pernoitar. Um dos homens que trabalhavam na estação indicou-lhes um convento próximo. Como por vezes já sucedera, as religiosas do convento não ficaram felizes por recebê-las, a Madre St. Liguori teve de lhes suplicar e, por fim, de insistir pedindo que pelo menos deixassem as viajantes entrar. Finalmente, as religiosas puderam entrar, mas tiveram de dormir no chão do corredor, porque as suas anfitriãs achavam que a partida das viajantes, de madrugada, perturbaria as outras irmãs do convento.

A comunidade partiu cedo, de fato, às quatro da manhã, para ir comprar as suas passagens para o trem das cinco, mas viu-se confrontada com um problema com que não tinha se deparado noutras viagens em trens destinados à evacuação. Precisavam de passaportes para embarcar no trem e as irmãs não o tinham previsto. Como é óbvio, perderam o trem das cinco e tiveram de regressar ao inóspito convento e pedir hospitalidade para pelo menos mais um dia. Regressaram à estação às oito da manhã, para tentar obter os passaportes, mas tiveram de esperar durante horas na fila com uma grande multidão, também ansiosa por conseguir passaportes. Quando finalmente chegaram ao início da fila e a Madre St. Liguori abriu a boca para falar, o inspetor dos passaportes gritou: *"Vou n'êtes pas française!"* [Você não é francesa!]. Descobrimo que mais duas irmãs também não eram francesas, mandou que a Madre Ferdinand, a Irmã Lucie e a Madre St. Liguori fossem procurar consulados ou funcionários que emitissem passaportes portugueses, espanhóis e ingleses (irlandeses) para as viajantes. As três procuraram desesperadamente funcionários dos seus países que as pudessem ajudar, mas debalde. Por fim, alguém lhes recomendou que fossem ter com o representante da Cruz Vermelha, responsável pela repatriação dos *émigrés* sem

passaporte. A única dificuldade era que este homem só vinha às sextas-feiras, e isso significava que as irmãs teriam de regressar mais uma vez ao desagradável convento por mais dois dias. Ao que parece, por essa altura, as religiosas do convento tinham dado início a uma política de cobrar às suas hóspedes a diária de um franco por pessoa!

Na sexta-feira, as três irmãs não-francesas receberam os passes necessários e, na manhã seguinte, deixaram Bruxelas rumo a França num caminhão enorme. A viagem foi dolorosa e o estado das estradas era deplorável, mas as irmãs estavam gratas por irem a caminho de casa. Finalmente chegaram a Roubaix ao fim da tarde, após um dia muito longo, e ainda tiveram de procurar um lugar para passar a noite. Foram acolhidas no orfanato das Irmãs da Caridade, onde lhes cederam uma sala, alguns colchões de palha e cobertores que partilharam entre si, pois estavam em pleno inverno e fazia muito frio.

Depois de três dias em Roubaix, as viajantes foram finalmente avisadas de que um trem partiria para Paris a 13 de janeiro, às duas da tarde. Essa viagem de trem foi, sem dúvida, a mais dura para elas. A carruagem que lhes fora atribuída tinha sido destinada para transportar oito cavalos. Em vez disso, os ocupantes eram sessenta pessoas e a respectiva bagagem, podendo, portanto, sentar-se apenas no chão da carruagem desde as duas da tarde de segunda-feira até às dez da manhã de terça-feira, 14 de janeiro, perfazendo um total de vinte horas.

Felizmente, mudaram de trem em Arras, ficando um pouco mais confortáveis, mas quando tentaram comprar pão, descobriram que não havia pão à venda em lado nenhum. Finalmente chegaram a Paris, famintas e cansadas, pouco depois da meia-noite de quarta-feira, 15 de janeiro. É razão para nos interrogarmos se terão tido energia para celebrar a sua chegada a Paris, porta de entrada para o Sul de França.

Na estação, as irmãs foram interrogadas sobre a validade dos bilhetes gratuitos que lhes tinham sido oferecidos pela Cruz Vermelha, em Bruxelas. Disseram-lhes que se não pagassem os



seus bilhetes seriam presas. Não vendo saída para a situação, a Madre St. Liguori entregou ao cobrador dos bilhetes o dinheiro que lhes restava, mas depois foi à procura do representante da Cruz Vermelha para lhe contar o sucedido. O homem não se mostrou nada compreensivo. Ficou furioso pelo fato de as irmãs terem pago os bilhetes, sendo os passes da Cruz Vermelha perfeitamente válidos. Deu ainda a entender que, ao fazê-lo, elas tinham incentivado o ato errado ou mesmo ilegal do cobrador. Deviam ter-se recusado a pagar, mesmo que isso significasse terem sido presas! O lugar onde teriam de ficar nessa noite implicava uma viagem de metrô, por isso o homem da Cruz Vermelha teve de ser persuadido a dar às irmãs bilhetes de ida e volta gratuitos para o metrô. A certa altura, acabaria por anuir.

Nem sequer a breve viagem de metro foi isenta de incidentes. *"Que aflição a nossa ao perceber que a Madre St. François não saíra do metrô conosco! Foi quase por milagre que nos voltamos a reunir"*. Finalmente, a esgotada comunidade deixou Paris e chegou a Béziers na quinta-feira, 16 de janeiro, às onze da manhã.

Não havia ninguém à sua espera na estação para recebê-las, visto que não tinham podido informar a Madre St. Constance do dia nem da hora da sua chegada. Quando as viajantes de Cambrai finalmente chegaram à Casa Mãe, a porteira, Irmã Ste. Valerie, abriu a porta e viu à sua frente seis pessoas que nunca vira até então, com chapéus na cabeça e não muito apresentáveis, após uma viagem de dez dias. Hesitou em deixá-las entrar! Porém, mal as reconheceu, que alegria! Foram acolhidas de braços abertos, com emoção e ação de graças<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> Existem versões ligeiramente diferentes da história contada pela Madre St. Liguori. Numa coletânea de alocações feitas em 1919 a professoras, alunas e ex-alunas da Instituição Joana d'Arc, há um artigo intitulado L'Évacuation. Foi preparado pela Madre St. Liguori, mas, na sua ausência, lido ao público presente provavelmente por Monsieur le Chanoine Vercollier. A coletânea de alocações tem por título Historique e encontra-se em Arq.Hist. / RSCM, Caixa 22, Pasta 5. Há ainda outro documento intitulado: Quelques Notes Sur l'Évacuation en Belgique, que é uma forma ligeiramente abreviada da alocação preparada pela Madre St. Liguori. Inclui alguns pequenos detalhes que foram escolhidos para incluir na minha versão sobre a evacuação. Encontra-se em Arq. Hist. / RSCM, Caixa 22, Pasta 6.

A 11 de março de 1919, um grupo de RSCM regressou a Cambrai, desta vez levando a Madre St. Calliste Hughes como superiora. Tinha terminado havia pouco o seu longo mandato como mestra de noviças na Casa Mãe<sup>87</sup>. A nova comunidade deparou-se com a cidade de Cambrai em ruínas, mas a Instituição Joana d'Arc sobrevivera. Os soldados alemães tinham usado o internato como quartel durante a guerra. Agora que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria tinham regressado a Cambrai, tendo participado da Cruz de Cristo, estavam a começar "dias de ressurreição". Apesar da morte da Diretora de Estudos, Mademoiselle Bourguignon, e da perda de muitas professoras, as aulas recomeçaram a 25 de março de 1919, apenas duas semanas depois do regresso da Comunidade a Cambrai. Perceberam que tinham regressado a casa quando a primeira Missa foi celebrada na nova capela, a 7 de maio<sup>88</sup>. Muitas décadas mais tarde, em novembro de 2013, as Religiosas do Sagrado Coração de Maria celebrariam o centésimo aniversário da escola e da sua presença em Cambrai.

### **Cartas circulares da Madre Ste. Constance para as Irmãs do Instituto**

Presente-se que a Madre Ste. Constance gostava de escrever cartas e que reconhecia a importância de formular claramente um propósito comum em que todas as irmãs se focariam juntas no ano seguinte. E certo que Gailhac, além das miríades de cartas que escrevia às irmãs individuais que lhe pediam direção espiritual, muitas vezes escrevia cartas que pretendia que fossem copiadas e enviadas de casa em casa. Além disso, as Superiores Gerais transmitiam, por vezes, importantes informações na mesma carta e depois faziam-na circular por todas as comunidades. A Madre St. Félix, por exemplo, escreveu uma longa descrição da morte do fundador, em 1890, e, no mês

---

<sup>87</sup> A Madre St. Calliste continuou a ser superiora de Cambrai de 1919 a 1927. Morreu em 1927 e foi sepultada em Béziers.

<sup>88</sup> Ver "Après la Guerre de 1914-1945", em Historique, Ibid.

seguinte, partilhou-a com todas as comunidades do instituto. Também enviou uma carta circular, em 1911, por ocasião do sexagésimo aniversário da sua profissão, pedindo as orações das irmãs. Tais cartas poderiam ter sido chamadas *lettres circulaires*, mas foi a Madre Ste. Constance que deu início à prática anual de enviar "Cartas Circulares" que orientavam as irmãs do Instituto para um foco comum<sup>89</sup>.

A sua carta "*Sobre o Espírito de Sacrifício e de Reparação*" (1911) introduziu um tema muitas vezes recorrente nas suas circulares: as religio vitima, como ele, oferecendo sacrifícios de reparação a Deus sobretudo por aquelas nações que perseguem a Igreja e que tentam destruir a religião católica atacando os seus ministros, os seus apóstolos e as suas obras. "Quatro das nossas casas foram fechadas por este espírito maçônico e revolucionário", recordou ela às irmãs. Contudo, ao instar com elas para que oferecessem reparação a Deus, a Madre Ste. Constance não sugeriu que as irmãs fizessem jejuns ou penitências corporais. Em vez disso, instou com elas para que oferecessem reparação a Deus, evitando maus pensamentos e juízos negativos e precipitados com orgulho e qualquer outra coisa que ferisse a consciência ou entristecesse o olhar de Deus. Evitar todas estas falhas demasiado familiares, como reparação a Deus, seria o foco do ano de 1911. Para ajudar as religiosas a entrar nesse espírito de sacrifício, a Madre Ste. Constance sugeriu que um dia por mês fosse um "dia de imolação", um dia em que as irmãs multiplicariam conscientemente os seus pequenos sacrifícios e desempenhariam mais fielmente os seus deveres, oferecendo tudo a Deus com espírito de sacrifício.

---

<sup>89</sup> As Cartas Circulares da Madre Ste Constance de 1911-1926, em que se baseia esta seção, encontram-se nos Arquivos Históricos, em Roma. As cartas na língua original, francês, encontram-se nos Arq. Hist. / RSCM, Caixa 117, Pasta 9. As cartas traduzidas para inglês encontram-se nos Arq. Hist. / RSCM, Caixa 22, Pasta 1. As cartas referidas são identificadas pelo respetivo título e ano no texto.

No ano seguinte, a Madre Ste. Constance escreveu *"Sobre o bom exemplo"* (1912): "O bom exemplo é uma espécie de apostolado ao alcance de cada uma de nós. Todas nós podemos ser eloquentes e persuasivas pregadoras dando bom exemplo. Tem sido dito, com toda a razão: *"Se pela palavra nós iluminamos e persuadimos, pelo exemplo, determinamos e conduzimos"*. A Madre Ste. Constance apercebia-se do mal espalhado por todo o mundo: *"Os princípios perderam a força e desapareceu toda a discriminação entre o bem e o mal"*. No entanto, lembrou: *"Se uma tábua de salvação subsiste, neste naufrágio universal na ajuda maravilhosa proporcionada pelo bom exemplo. E esse exemplo, nós, Religiosas apostólicas do Sagrado Coração de Maria, somos chamadas a dá-lo tanto em casa como no exterior"*.

Na sua carta seguinte, *"Sobre o Espírito de Oração"* (1913), fez dois comentários muito interessantes. Explicou que, por espírito de oração, não queria dizer *"um colóquio ininterrupto com Deus"*, mas antes *"uma suave e amável propensão da nossa mente e do nosso coração para Deus... procurando o Senhor como nossa Estrela Polar para nos guiar na nossa caminhada..."* Mais adiante, nessa mesma carta, começou a nomear alguns dos muitos grupos que precisavam das orações das irmãs, mesmo que essas orações fossem apenas aspirações — a Igreja sofredora, a sociedade, as pessoas perseguidas pelos ímpios, as almas do Purgatório. *"Jesus Cristo reza por todos e deve ser Ele o nosso modelo"*, escreveria a Superiora Geral, resumindo assim o propósito para 1913:

*Nós [rezaremos] por todas as necessidades dos nossos irmãos. Suplicaremos por todos os que sofrem e que estão cansados; rezaremos por todos! Agindo assim, evitaremos aquele egoísmo espiritual que impede o progresso de tantas almas, virtuosas à sua maneira, que assaltam o Céu com as suas orações, mas que só pensam nas suas próprias necessidades. Tentaremos dilatar os nossos corações mediante uma generosa santidade.*

Nestas três primeiras cartas circulares, há um sentido de empenhamento responsável em favor do mundo. A Madre Ste. Constance considerava isto fundamental para a missão apostólica das RSCM. Segundo esse espírito, seria estabelecido um "*dia de imolação*" mensal em que os sacrifícios feitos deveriam ser recolhidos e oferecidos em reparação a Deus por todos os que pecam contra Ele perseguindo a Igreja; as irmãs deveriam tornar-se vivas "*tábuas de salvação no meio do naufrágio universal*" pelo poder do seu bom exemplo; deveriam "*dilatar os seus corações*" para acolher toda a gente: todos os seus irmãos, todos os que sofrem e que estão cansados, todos aqueles que, espalhados pelo mundo, precisam das suas orações, imitando Jesus Cristo, que reza por todos.

Nem todas as irmãs puderam receber as suas cartas circulares durante a guerra, mas a Madre Ste. Constance continuou a escrevê-las sempre que pode. Em 1915, escreveu uma carta "*Sobre a oração e a penitência*", temas reminiscentes das suas cartas de 1911 e 1913, mas ainda mais pungentes à luz da carnificina da guerra. No início da guerra, as suas cartas terminavam com o pedido de orações pela vitória "do nosso querido país" [França]. No ano seguinte, lembrou-se de rezar pelos "nossos queridos 'países'" [França e Grã-Bretanha] e, mais tarde, pediu às irmãs orações "pela vitória dos Aliados". Talvez as bandeiras nacionais que foram sendo gradualmente adicionadas à bandeira francesa, na capela militar da Casa Mãe, lhe recordassem que "os Aliados" provinham das nações de origem de muitas das suas filhas espirituais.

Com a escalada da guerra, a Madre Ste. Constance escreveu uma carta circular destinada a restabelecer a esperança das irmãs e a sua própria esperança. Verificou-se uma enorme mudança nessa carta, baseada, como estava, na convicção da sua própria pobreza pessoal? A carta intitula-se "*Sem mim, nada podeis fazer*" (1917). Começava assim: "*De todas as palavras emanadas do Adorável Coração de Jesus e que brotaram dos Seus Divinos lábios, talvez nenhuma tenham sido mais*

importantes ou mais instrutivas do que estas: *'Sem mim, nada podeis fazer'*. Ao longo da carta, animava as irmãs dizendo que quando dessem consigo a dizer: *"Não posso fazer nada, não consigo rezar, nem meditar, nem me posso confessar, nem comunicar devidamente"*, deveriam dizer com São Paulo, *"com Jesus posso fazer tudo"*. Deveis pedir a Jesus que se una a vós, continuava ela, que venha em vosso auxílio para que possais fazer juntas aquilo que vos seria impossível fazer sozinhas. A Madre Ste. Constance terminava a carta, dizendo: *"Portanto, o nosso propósito para o ano de 1917 está feito. Antes de todas as nossas ações, pediremos o auxílio de Jesus e apoiaremos o nosso coração fraco sobre o Seu coração forte e generoso e por Ele, com Ele e Nele, realizaremos obras dignas da Vida Eterna"*.

Os temas dos dois anos seguintes, *"A vida interior"* (1918) e *"Sobre o recolhimento"* (1919), sugerem que, apesar do fracasso dos britânicos ao tentarem mudar o curso da guerra na Batalha de Cambrai, em dezembro de 1917, e apesar da ameaça da Ofensiva alemã na primavera de 1918, a Madre Ste. Constance parece instar com o Instituto para que se desligue do mundo e dos perigos da guerra, focando-se sobretudo nos valores essenciais da vida religiosa. *"Todos os nossos esforços devem tender, este ano [1918], para o nosso avanço na vida interior, utilizando estes meios e ultrapassando todos os obstáculos com que nos possamos deparar"*.

Em 1919, a guerra tinha terminado, e as negociações para a paz, em Versailles, estavam ainda a começar. Nessa carta circular, a Madre Ste. Constance parece esgotada ao estabelecer um contraste entre as religiosas recolhidas e as frívolas e superficiais, *"arrastadas por cada moda passageira"*. Enquanto recordava às religiosas que *"a nossa santidade é o resultado da nossa fidelidade constante à graça"*, advertia que a pessoa tibia e mundana *"...não está recolhida quando é visitada pela graça, por isso esta passa-lhe ao lado, deixando a sua alma estéril"*.

Terminava a carta da forma habitual, formulando claramente o propósito para 1919: *"Aplicamo-nos com grande fidelidade,*

*durante todo o ano, no recolhimento. Entraremos com frequência dentro de nós para adorar a Deus, visto que Ele se digna repousar numa alma recolhida tal como repousa no Céu".*

Durante a guerra, não fora possível convocar o Capítulo Geral originalmente marcado para 1917, assinalando o fim do primeiro mandato de doze anos da Madre Ste. Constance como Superiora Geral. Mal se tornou possível viajar pela Europa, porém, o Capítulo Geral reuniu-se em Béziers em julho de 1919. A Madre Ste. Constance foi reeleita por unanimidade por mais doze anos. A Madre St. Liguori, recentemente regressada da sua evacuação na Bélgica, foi eleita terceira Conselheira Geral.

A Madre Ste. Constance voltou imediatamente a sua atenção para as decisões e ações essenciais para o crescimento do Instituto, que tinham sido adiadas ou negligenciadas durante a guerra. Em 1919, por exemplo, depois de os soldados feridos terem deixado o hospital improvisado na Casa Mãe, os órfãos reclamaram o seu espaço original na mesma. A Madre Ste. Constance autorizou então *St. Anne*, a escola que substituíra o *pensionnat* em 1906, a mudar-se de novo das suas instalações temporárias no Bon Pasteur, para a sua sede original, entre as paredes da Casa Mãe. Embora o nome da escola tivesse mudado para *Cours Saint Jean*, a Superiora Geral estava a tentar restabelecer aquilo que era familiar num mundo que fora virado de pernas para o ar pela guerra. Em breve as portuguesas regressariam de Tuy e voltariam a estabelecer-se, se não nas suas casas originais, pelo menos nas cidades de onde tinham sido expulsas na época da perseguição.

## **Crise em Lisburn**

A comunidade de Lisburn precisava certamente do cuidado e da atenção da Madre Ste. Constance visto que, para os católicos de Lisburn, a violência ainda não terminara. O assassinio de Oswald Swansey, Inspetor distrital da Policia Real irlandesa, por membros do movimento *Sinn Fein*, em agosto de 1920, suscitou uma animosidade renovada e novos combates entre católicos e

protestantes na cidade. As irmãs referir-se-iam mais tarde a esse período como "o Pogrom de 1920-1923"<sup>90</sup>. As casas e lojas dos católicos foram saqueadas e queimadas pela população de Lisburn e até a casa paroquial, onde viviam os sacerdotes da paróquia, foi incendiada. O convento também seria atacado por uma numerosa multidão. Uma irmã recordaria todos os detalhes:

*Várias mulheres trouxeram carrinhos de bebê cheios de pedras enormes. Entregaram-nos aos homens que, por sua vez, catapultaram as pedras através das janelas com uma força terrífica. Para dar uma ideia dessa força, algumas das pedras atravessaram a janela da frente, depois as portas de vidro da sala de música e, por fim, as janelas das traseiras da casa. Não nos atrevíamos a adormecer.*

*Os poucos soldados jovens [designados para proteger o convento da multidão furiosa] de vez em quando entravam a correr e gritavam: "Preparem-se, irmãs. Não sabemos o que eles vão fazer a seguir". Aquelas noites foram a coisa mais horrível por que vez passamos. Aqueles jovens soldados ingleses (eles próprios Protestantes) diziam que nunca tinham assistido a tanta crueldade nem sequer durante a guerra mundial. Por toda a parte ardiavam as casas dos católicos, enquanto os seus proprietários tentavam escapar com vida"<sup>91</sup>.*

Mais uma vez, as RSCM tiveram de evacuar a sua casa. As primeiras a partir foram duas irmãs idosas e doentes da comunidade. Foram levadas pelo médico católico para a cidade vizinha de Banbridge, onde uma outra irmã tinha familiares. Quando a sua presença foi descoberta, os extremistas da cidade ameaçaram a família: "*Não queremos freiras instaladas em Banbridge*". Quando o médico católico regressou a Lisburn, a sua casa fora destruída e os seus bens queimados. Ele e a sua família

---

<sup>90</sup> Há dois relatos de testemunhas anônimas, sem data nem título, escritos por RSCM que viveram este "pogrom" em Lisburn. Um relato de seis páginas é identificado como My recollections of August 1920. O outro relato faz parte de um documento maior, Memoir of the RSHM in Lisburn durante esse período. Inclui uma descrição da última fase do pogrom após o regresso das irmãs a Lisburn. SHM Archives, NEP, 251.

<sup>91</sup> Memoir of the RSHM in Lisburn, SHM Archives, NEP, 251.



partiram e nunca mais regressaram a Lisburn. Em breve se tornou claro que quem se atrevesse a prestar qualquer tipo de assistência às religiosas seria atacado. Era óbvio que chegara o momento da comunidade fugir. *"Mais tarde seríamos acusadas de ter partido"*, escreveu uma irmã nas suas recordações. *"Com efeito, se não o tivéssemos feito, ficaríamos sem comida; ninguém se aproximava de nós"*<sup>92</sup>.

No dia seguinte, o resto da comunidade levantou-se muito cedo. De manhãinha, ainda escuro, atravessaram Lisburn a pé até a estação de trem, levando alguns pertences, a fim de empreenderem viagem rumo à segurança de Cushendall. Escreveu a autora de *My Recollections*: *"Quando o comboio chegou e nós nos sentamos, um polícia exclamou: 'Ah, Irmãs! Certamente não nos vão deixar!' Tínhamos sido muito corajosas, mas este comentário encheu muitos olhos de lágrimas"*. Antes de deixarem o convento, as irmãs tinham retirado cuidadosamente o Santíssimo Sacramento do sacrário e metido a píxide numa malinha de mão. Enquanto a comunidade se afastava da sua casa de Lisburn, ia passando a malinha de mão em mão, dando assim o privilégio a cada uma de embalar o seu Companheiro, *"exilado, como nós"*, durante a viagem<sup>93</sup>.

As religiosas tinham escolhido Cushendall como seu destino porque alguns dos membros da comunidade ainda lá estavam a passar as suas férias de agosto, numa casa alugada à beira-mar, quando a crise começara em Lisburn. Prepararam-se para acolher as recém-chegadas e *"as religiosas instalaram-se todas na mesma casa, o melhor possível"*. Além disso, o Cônego McCartan, velho amigo das RSCM, convidou quatro irmãs a ficar na casa paroquial. Já em Cushendall, a Madre Bonaventure Donnelly, superiora de Lisburn, planejou enviar as irmãs da comunidade para os conventos das RSCM em Inglaterra. Como recordaria uma irmã: *"Fomos distribuídas pelas casas inglesas, onde nos acolheram com grande bondade e simpatia"*. Não é

---

<sup>92</sup> My Recollections, SHM Archives, NEP, 251.

<sup>93</sup> Ibid.

claro, porém, quanto tempo as irmãs terão ficado em Inglaterra, se foram para outro lugar, ou se todas elas regressaram à comunidade de Lisburn. É certo que passaram muitos meses antes da situação se restabelecer em Lisburn, permitindo o regresso das irmãs ao seu convento. Apesar da sua tranquila estada na Inglaterra, a Madre Ste. Constance continuava preocupada com a segurança da comunidade de Lisburn, visto que a perseguição não terminara e que a violência poderia assomar à superfície mesmo sem ser provocada:

*As pobres irmãs que regressaram primeiro passaram um mau bocado, segundo creio. Era impossível encontrar um estafeta que lhes fizesse os recados e as irmãs tinham medo de se aventurar. Ninguém se podia aproximar da sua porta, por medo de ser agredido pelos protestantes. Só pelo bondoso desvelo de um polícia católico é que as irmãs não ficaram sem pão. As vezes a população gritava, durante a noite: "Elas são contra o Governo. Queimem-nas. Estamos sedentos de sangue e havemos de tê-lo!" A casa paroquial foi incendiada e o túmulo do Padre McCashin profanado. Nada nem ninguém estava seguro à nossa volta<sup>94</sup>.*

Gradualmente, porém, as RSCM regressaram ao seu convento e à sua escola de Castle Street. Lisburn fora a primeira fundação das RSCM fora de Béziers e não seria abandonada.

Em 1921, a Madre Ste. Constance viajou de novo até Roma a fim de renovar o seu pedido relativamente à divisão do Instituto em Províncias, devido à distância existente entre as casas. Contudo, a Sagrada Congregação recusou-se a autorizá-lo, pelo fato de a Congregação, com menos de quatrocentas e cinquenta religiosas, não ter um número suficiente de membros que o garantissem. A Superiora Geral decidiu, portanto, dividir o Instituto em quatro *vigararias*, conferindo poderes às Madres Vicárias para a assistirem no governo do Instituto<sup>95</sup>.

---

<sup>94</sup> Memoir of the RSHM in Lisburn, SHM Archives, NEP, 251.

<sup>95</sup> Ver Rosa do Carmo Sampaio, RSCM, "Evolução das Estruturas no Instituto", julho de 1996.

## Ela era uma "Relíquia preciosa do Carisma"

No ano seguinte, em fevereiro de 1922, foi aberta uma nova fundação em Ealing, Londres; passados meses, um colégio interno e um externato já estavam a acolher alunas em Lourdesmount.

Todavia, nem todas as notícias foram boas em 1922. Em março, a Madre Ste. Constance escreveu às comunidades: *"A nossa querida Mãe St. Félix morreu no seu nonagésimo primeiro ano de vida, após um longo período de progressiva debilidade"*. Tendo ingressado nas Religiosas do Sagrado Coração de Maria em outubro de 1849, a Madre St. Félix fora o último membro vivo da comunidade fundadora, simultaneamente Superiora Geral e ecônoma do Instituto durante vinte e sete anos e, depois de ter deixado esses cargos, ficara Assistente Geral da Madre Ste. Constance durante mais doze anos. Agora, a 26 de março de 1922, fora chamada a receber a sua recompensa.

A Madre Ste. Constance passara toda a sua vida religiosa na Casa Mãe com a Madre St. Félix e podemos pressentir claramente a admiração que nutria pela sua predecessora. A Madre Ste. Constance escreveu as irmãs, descrevendo aquilo de que fora testemunha: *"Quando a Madre St. Félix finalmente se aposentou, entregou-se à oração, ao recolhimento e à prática da Regra e, apesar da sua idade, nunca faltava aos exercícios de piedade. Era uma fonte de edificação para todos os membros da comunidade"*. E a Madre Ste. Constance prosseguiu:

*Nunca esqueçais que ela era uma colaboradora dos nossos venerados Fundadores e que, formada na sua escola, trabalhava com toda a sua força, depois da morte de ambos, para expandir o nosso querido Instituto, para o qual desejava tão profundamente santificação, prosperidade e florescimento. Com ela, desaparece uma longa época, a época das nossas origens, das quais foi contemporânea e da qual*

*gostava tanto de falar a fim de perpetuar a memória dos nossos Santos Fundadores*<sup>96</sup>.

Era tida em grande apreço pelos membros da comunidade que a viam como *"uma preciosa relíquia do carisma"*. Um historiador expressou-se com propriedade ao escrever: *"O nosso amado Senhor costuma colocar um destes exemplos vivos em cada comunidade religiosa, onde ele é uma luz pela qual todos são iluminados, uma fonte a partir da qual todos são retemperados, uma chama em que todos reavivam a sua"*<sup>97</sup>.

A Madre St. Félix escrevera a sua própria despedida às "suas queridas filhas" anos antes de morrer. Começava assim: *"Conheceis, minhas queridas filhas, a ternura com que vos amei a todas e como tomo a peito a vossa santidade. Por isso estou confiante de que receberéis com coração filial estes conselhos que a vossa mãe vos dá antes de vos deixar"*. Em seguida, depois de as ter aconselhado sobre a importância dos votos e da vida em comunidade, fez a sua *amende honorable*, pedindo-lhes perdão por quaisquer faltas passadas que muitas vezes as pudessem ter magoado. Por fim, despediu-se de todas:

*Antes de deixar este mundo, peço às minhas queridas e amadas filhas, que não me esqueçam diante de Deus, mas que rezem fervorosamente ao Nosso Salvador, para que tenha piedade da minha alma.*

*Prometo-vos que não vos esquecerei quando tiver a felicidade de ser unida a Jesus, nosso celeste e divino esposo.*

*Peço aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria que abençoem a mãe e as filhas*<sup>98</sup>.

Quase quatro décadas antes da sua morte, nos dias em que a Madre St. Félix estava a iniciar o seu longo serviço como Superiora Geral, Gailhac prometera-lhe: *"Quando Deus te*

---

<sup>96</sup> Carta dirigida pela Madre Ste. Constance ao Instituto, 26 de março de 1922, Arq. Hist. /RSCM, Caixa 216, Pasta 10.

<sup>97</sup> Leray, 196.

<sup>98</sup> Madre St. Félix, Demiéres recommandations faites à mes bonnes filies avant man départ pour l'étemité. Diverses Notes, 101-109, Arq. Hist. / Cong., Vol II D, 95.

chamar para si, eu irei ter contigo e conduzir-te-ei até ao céu. O bom Deus não me recusará esse favor"<sup>99</sup>. Que reunião deve ter sido a deles!

## Novas direções na América

No verão após a morte da Madre St. Félix, a Madre Ste. Constance fez a sua última visita à América. Desde a sua visita anterior, em 1914, a Madre Marie Joseph Butler, nova Madre Vigária da América do Norte, comprara três edifícios num grande lote de terreno, mesmo em frente a Marymount e, em 1918, abriu a Faculdade de Marymount. Seguir estudos superiores numa faculdade católica privada, nos Estados Unidos, não era pouco comum nessa época, mas era um caso único para a missão das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Sinais daquilo que motivara o novo empreendimento da Madre Marie Joseph Butler tinham sido publicados em *The Sun*, um jornal de Nova Iorque, em 1917: "*Já passou o tempo em que ser feminina quer dizer ser desamparada. O mundo nunca precisou tanto, como hoje, da inteligência e da compaixão das mulheres*". Marymount College viria a ser uma faculdade católica para mulheres, onde jovens católicas se tornariam amantes de Deus e líderes da sociedade. O artigo do *The Sun* revelou uma segunda dimensão da visão da Madre Marie Joseph Butler: uma dimensão internacional. Escreveu ela: "*Cursos especiais de Línguas modernas são dados por professoras nativas àquelas cujos estudos em capitais europeias foram protelados ou interrompidos devido à guerra [Primeira Guerra Mundial]*". Por outras palavras, já em 1917, a Madre Butler assumiu que as estudantes de Marymount estenderiam, obviamente, os seus estudos até às capitais europeias mal a guerra terminasse. Paris era a primeira escolha óbvia.

Em 1920, quando foi a Béziers apresentar um relatório sobre o estado do Instituto nos Estados Unidos, a Madre Marie Joseph

---

<sup>99</sup> Ver Proc. op., 3100.

parou em Paris para dar início à sua busca de um bom lugar para as estudantes de Marymount que optassem por estudar na Europa. Ela e a sua companheira, Madre Gerard Phelan, não tiveram êxito nas suas buscas. No verão de 1921, a Madre Marie Joseph e a Madre Ste. Constance encontraram-se em Paris. Sentimo-nos tentadas a interrogar-nos se esta cidade terá provocado nas duas mulheres impressões profundamente contrastantes. Será que Paris sugeria à Madre Marie Joseph um centro de cultura europeia, de arte e aprendizagem, de universidades antigas e de novas línguas que permitissem às jovens católicas - francesas e americanas - da mesma geração conversar entre si? A Madre Ste Constance, recordaria divisões alemãs a marchar enquanto se preparavam para tomar a cidade, táxis apinhados de rapazes franceses que corriam para uma morte possível no Marne, uma sala cheia de estadistas e políticos debruçados sobre um mapa, talhando a Europa de modo a satisfazer aos mais vingativos e aos sonhadores? Para a Madre Ste. Constance, seria Paris o coração do país que ela amava e cuja dor partilhava?

Um obstáculo para uma nova fundação era a dificuldade em obter a autorização do Cardeal Dubois para fixar a Congregação das RSCM na arquidiocese de Paris. Tinha sido recusada a entrada a muitas fundações. A Madre Marie Joseph Butler entrou em ação. Explicou o seu problema a um sacerdote americano que celebrava Missa na igreja perto delas, em Paris. Este apresentou-a a um amigo, um banqueiro que fora muito generoso para com a Arquidiocese de Paris e que era bem conhecido do Cardeal e do seu Conselho. Esse banqueiro, Leopold Hueffer, aceitou escrever cartas de recomendação a três membros do conselho, instando com o Cardeal Dubois para aceitar as RSCM na arquidiocese. A Madre Marie Joseph Butler escreveu esta simples descrição para Tarrytown: *"O Cardeal teve de se reunir com o Conselho, antes de nos aceitar na arquidiocese, e a Madre Geral parecia desfeita enquanto*

*esperava pela decisão. Fomos aceitas, por isso a Madre Geral parte de coração leve, esta noite, para Lourdes*<sup>100</sup>.

Apesar desta boa notícia, algumas das Cartas Circulares escritas pela Madre Ste. Constance neste período indicam que a guerra não tinha sido facilmente esquecida. Às vezes parecia estar completamente terminada. Havia orações de ação de graças pela vitória "*dos nossos queridos países*" e eram incentivadas orações "pelos mortos heroicos que derramaram o seu sangue pela salvação dos seus "países" (1919). A breve carta "Sobre o dever" (1920) foi seguida pela Carta Circular "*Sobre a pureza de intenção*" (1921), em que pedia às irmãs para rezarem pelas "vitimas da guerra", sem especificar o lado que estas tinham apoiado.

Nesse momento, porém, a Madre Ste. Constance começou a desviar-se do padrão que ela própria tinha estabelecido para as Cartas Circulares. Em 1922, não foi formulado o propósito comum em que as irmãs do Instituto se deveriam focar durante o ano seguinte. A carta mais parecia uma página de diário espiritual de alguém próximo de Deus que estivesse a sofrer muito, sendo ela própria uma vitima de tudo o que vira, ouvira e vivera durante a Grande Guerra. Estava repleta de imagens e metáforas relacionadas com a guerra sobrepostas à caminhada espiritual. Nessa Carta Circular, "*O combate da alma*" (1922), pedia às irmãs para refletirem sobre o título da carta:

*Que palavras e que sentimentos este pensamento desperta em nós! A nós, que somos filhas da paz, discípulas do Amor, será que nos queres enviar para o campo de batalha? Com quantos inimigos nos depararemos? A resposta é fácil. Desde a queda dos nossos primeiros pais, estamos condenadas ao combate diário..., para nos afastarmos do império de Satanás, devemos combater com todas as nossas energias e com uma perseverança indômita, ou consentir numa derrota ignominiosa. O status quo é impossível.*

---

<sup>100</sup> Carta de Monsieur Joseph Butler a Madre Baptiste Holohan, 30 de junho de 1921, Arq. Hist. / RSCM, Vol. 35, #405.

Mais adiante, nessa mesma carta, a Madre Ste. Constance citou São Paulo, animando-nos a "*colocar a armadura de Cristo*", de Cristo, a quem a Madre Ste. Constance imaginava agora como "*o Divino Guerreiro, cuja vida era uma guerra continua contra os seus inimigos. Contemplai o Modelo e o objeto da nossa confiança*". Ao que parece, a Madre Ste. Constance poderia ter estado a tentar compreender o que sucedera de verdade, naqueles anos hediondos de 1914-1918, e por que razão deixara que isso sucedesse. No fim dessa carta, debatia-se, tentando encontrar algum sentido no ocorrido: "*Sim, tal como os verdadeiros soldados de Cristo, também nós acorremos à luta. Não tenhamos medo dela; preparemo-nos para ela; e, em cada manhã, desçamos corajosamente ao campo de batalha. Cada uma tem o seu e cada uma o conhece bem*"<sup>101</sup>.

Quando a Madre Ste. Constance chegou a Marymount, em julho de 1922, encontrou construtores em toda a parte. Tinham sido feitas as escavações para a construção da ala norte do convento no ano anterior e a construção estava agora a tomar forma. Perpendicular à ala norte, também estava a ser construída uma linda capela. A capela era um presente de James Butler e seria chamada *Capela Memorial Butler*, em honra do seu filho Pierce, que morrera na guerra. O seu corpo, durante algum tempo sepultado em Beaune, França, estava agora enterrado na cripta subjacente ao altar da nova capela.

A Madre Marie Joseph e a Madre Gerard tinham acabado de regressar de outra busca infrutífera de um bom lugar para Marymount, em Paris. Em agosto partiriam de novo, desta vez de trem, através dos Estados Unidos, para responder ao convite feito pelo Bispo Cantwell para as RSCM estabelecerem uma escola Marymount, em Los Angeles. A Madre Ste. Constance apoiava grandemente estes dois planos de expansão. No ano seguinte, 1923, a Capela memorial Butler já terá sido dedicada, a ala norte já estará terminada, uma comunidade de RSCM terá

---

<sup>101</sup> Carta Circular "The Warfare of the Soul", [0 combate da alma] (1922) Arq. Hist. / RSCM, Caixa 22, Pasta 1.



aberto Marymount Los Angeles e um pequeno grupo de mulheres da Faculdade Marymount terão chegado a Marymount, Neuilly, para dar início ao seu Primeiro Ano no Estrangeiro.

A Madre Ste. Constance não ficou muito tempo nos Estados Unidos, mas talvez tenha reconhecido a possibilidade de uma nova vida para o Instituto neste continente, que tinha sido poupado às devastações da guerra recente, e que ainda não fora diretamente afetado pelas memórias e pelos horrores da guerra. Talvez tenha sido esta visita a um "Novo Mundo" que dissipou, pelo menos por algum tempo, a escuridão tão óbvia que encobria a sua Carta Circular escrita no início do ano de 1922. Regressou à França na terceira semana de julho. Um memorando, datado de 22 de julho de 1922, resumia assim o relatório da Madre Ste. Constance: *"Está muito satisfeita e diz que elas [as RSCM da América] são muito boas trabalhadoras da vinha do Senhor, mas que... precisam de entrar em sintonia com as Constituições quanto às visitas e correspondência desnecessárias"*<sup>102</sup>.

A Madre Ste. Constance parece ter vindo à superfície deste mundo de trevas. As suas Cartas Circulares *"Fidelidade nas pequenas coisas"* (1923) e *"Fidelidade à Graça"* (1924) têm um tom muito diferente; quase se pressente o seu desejo de começar tudo de novo. Focou os seus pensamentos num propósito concreto, a fim de orientar as irmãs do Instituto. Começou assim a sua carta de 1923:

*... a alma está cheia de assombro ao pensar que tão grande Deus se dignou baixar-se até uma criatura tão débil para considerar as suas mínimas ações, para aprová-las e para se sentir glorificado por elas sempre que tenham sido realizadas com o desejo de lhe obedecer e agradecer. Que grande mistério é esta condescendência.*

A carta terminava com esperança:

---

<sup>102</sup> Memorando não assinado de 22 de julho de 1922, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 66, Pasta 7.

*Comecemos por trabalhar resolutamente na nossa perfeição, praticando a fidelidade nas coisas pequenas, e seremos fiéis nas maiores e o Divino Mestre, nos últimos momentos da nossa luta final, dirigir-nos-é estas palavras consoladoras: "Serve boa e fiel, por teres sido fiel no pouco, confiar-te-ei o muito. Entra na alegria do teu Senhor".*

A Carta Circular de 1924 centrava-se no dom gratuito da graça. A Madre Ste. Constance citou a oração diária de Santo Inácio: *"Meu Deus, dá-me apenas o teu Amor e a tua graça, com elas serei suficientemente rico"*. Recordou às irmãs que o dom é muito importante, mas que a nossa colaboração é necessária, propósito comum para o ano era óbvio: *"Será, portanto, esta fiel colaboração [com a graça] que nós praticaremos ao longo do ano"*<sup>103</sup>.

### **A morte da Madre Ste. Constance**

As suas recordações da guerra e os lutos da sua própria família, as suas preocupações com as irmãs do Instituto, sobretudo com aquelas que corriam perigo no norte de França ou na Irlanda do Norte, provocaram à madre Ste. Constance um sofrimento tão intenso, que este começou a afetar a sua saúde física. Os médicos prescreveram-lhe repouso, mas ela mostrava relutância em negligenciar qualquer um dos seus deveres como Superiora Geral. O Capítulo Geral de 1925, graças a Deus, fora breve, durando apenas de 24 a 27 de agosto. O tema principal fora a eleição das Conselheiras Gerais e todas elas permaneceram no Conselho, exceto a Madre St. Liguori. O Capítulo, porém, deve ter recordado à Madre Ste. Constance que o seu mandato ainda só ia a meio. Faltavam-lhe ainda outros seis anos.

A sua Carta Circular sobre a *"Energia cristã e religiosa"* (1925) retomou os temas que deviam ser causa de preocupação para ela — luta e combate: *"É certo que nós não podemos ser salvas levando uma vida tranquila e fácil, pois o Céu só se ganha"*

---

<sup>103</sup> E assim se encerra esta seção sobre as Cartas Circulares, ver *ibid.*

*lutando e fazendo violência contra nós próprias; é por isso que devemos manifestar coragem e uma energia constante". Ao desenvolver o seu argumento, citou as seguintes palavras de Jesus: "O reino dos Céus sofre violência e só os violentos o arrebatarão". Centrando-se no tema da carta, escreveu: "Reagi, portanto, minhas queridas Irmãs, contra esses desejos de bem-estar e das comodidades da vida, contra essa falta de mortificação; combatei os defeitos de caráter e esforçai-vos resolutamente por alcançar as virtudes religiosas e cristãs; é isso que o nosso Divino Salvador nos pede, como prática especial para este ano". Interrogamo-nos se as irmãs que receberam esta carta tinham conhecimento daquilo contra o qual a sua Superiora Geral estava a lutar pessoalmente, apesar do conselho dos seus médicos para descansar. Terminou assim a carta: "Utilizemos, portanto, toda a nossa energia nesta luta contínua entre a natureza e a graça, neste combate interno, cujo campo de batalha são os nossos corações"<sup>104</sup>.*

A comunidade da Casa Mãe certamente notaria que a Superiora Geral ia ficando fisicamente cada vez mais fraca. Costumava passar a maior parte do tempo sozinha no quarto, para poder manter-se num ambiente de temperatura constante. Se estava sol, por vezes saía, mas quando o céu estava nublado e fazia frio, deixava-se ficar sempre no quarto. É admirável, porém, que ela tentasse não faltar a nenhum dos seus deveres. Depois da sua morte, o capelão da comunidade, Abbé Joseph Guirauden, descreveu a sua fidelidade ao dever nos seus meses finais:

*Recebia as suas filhas com um sorriso, aconselhava-as e manifestava interesse por elas. Nada se fazia naquela casa sem a sua orientação ou assentimento. Mantinha a sua energia moral e as suas grandes qualidades de superiora. Não cessava de animar cada uma a observar perfeitamente a Santa Regra. Continuava apaixonada pela unidade de todas as irmãs do Instituto, e continuava a lamentar a escassez de*

---

<sup>104</sup> 304 Carta Circular "Energia crista e religiosa" (1925), Arq. Hist. /RSCM, Caixa 22, Pasta 1.

vocações francesas. Atribuía às postulantes os seus nomes religiosos e, até 16 de março de 1926, saudava sempre o bispo que vinha examinar canonicamente as noviças antes da sua profissões<sup>105</sup>.

A Madre Ste. Constance teve força suficiente para escrever aquela que seria a sua última Carta Circular, "*Não julgueis e não sereis julgados*" (1926). Numa das suas primeiras Cartas Circulares, "*Sobre o Espirito de Sacrifício e de Reparação*" (1911), tinha identificado o evitar juízos negativos e precipitados contra o próximo como um sacrifício que podia ser oferecido a Deus em reparação. Agora, naquela que viria a ser a sua última carta dirigida ao Instituto, retomou o mesmo tema: "*Há poucas faltas tão universais e tão pouco notadas e combatidas como as dos juízos errados contra o nosso próximo; talvez isso se deva ao fato de não sopesarmos o suficiente as consequências e a gravidade dessa falta*". E por que razão é um ato tão grave? A Madre apresenta uma interpretação interessante: "*[Quando nós julgamos os outros], insinuamo-nos no Direito Divino, pois Deus, que é o único que conhece os segredos do coração e que penetra as intenções de cada um, reservava para si o direito de julgar as ações das suas criaturas, a fim de as reprovar ou abençoar*".

Nesta carta, a Madre Ste. Constance não limita a sua mensagem ao ano de 1926. "*Que diremos daqueles que formam juízos precipitados contra as suas irmãs e, pior ainda, contra as suas superiores?*" Isto leva-nos a interrogar-nos se algumas das irmãs teriam começado a julgar as próprias oscilações inexplicáveis da Superiora Geral, entre fraqueza e força. "*Oh, minhas queridas filhas*", parecia ela gritar nesta última carta, "*não julgueis ninguém!*"<sup>106</sup>.

Pouco a pouco, a saúde da Madre Ste. Constance começou a piorar. Mais uma vez, o capelão da comunidade descreveu os detalhes da sua saúde decadente e da sua eventual morte, num

---

<sup>105</sup> Joseph Guirauden, "Demier Mais", Détails sur la Maladie et la Mort de la Révérende Mere Ste. Constance, 3-4, Arq. Hist. / RSCM, Caixa 216, Pasta 10.

<sup>106</sup> Carta Circular "Não julgueis e não sereis julgados" (1926) Arq. Hist. / Caixa 22, Pasta 1.

livrinho destinado às irmãs do Instituto que viviam longe. Escreveu com sinceridade: a saúde da Madre Ste. Constance nunca foi perfeita, mas foi piorando gradualmente. Tinha bronquite persistente que tornava os seus invernos difíceis de suportar. Além disso, porém, havia a dolorosa luta contra uma doença que paralisava a sua força física, sem afetar a sua energia moral. Tinha de passar longos períodos sozinha no seu quarto, sendo muitas vezes privada da companhia da comunidade e, para sua grande mágoa, da vida comunitária. Já quase no fim, era um grande sofrimento para ela faltar aos exercícios de piedade e ter de reduzir a frequência com que recebia a Eucaristia, consolação da sua vida reclusa. Quando a dor se tornava insuportável forçando-a a gritar, oferecia-a como sacrifício a Deus, para bem da comunidade<sup>107</sup> .

Com a aproximação da primavera, as irmãs esperavam que a Madre Ste. Constance experimentasse aquilo que lhes parecia ser a sua "ressurreição" de cada primavera, que lhe dava energia suficiente para fazer as visitas habituais às várias partes do Instituto. Em 1926, planejava visitar a Inglaterra, e já tinha falado sobre o passaporte. De repente, porém, na manhã do dia 1 de abril, Quinta-feira Santa, a Madre Ste. Constance pareceu ter sofrido uma mudança. A comunidade reuniu-se à volta dela, em oração. Falou muito pouco durante todo o dia, a não ser para dizer que não sentia dores. À tarde recebeu os Últimos Sacramentos e a Sagrada Comunhão. A sua última palavra foi "*Rezai*", por isso, durante as horas seguintes, quem a rodeava ia dizendo jaculatórias constantes. O capelão da comunidade e o pároco de St. Aphrodise, também estiveram presentes junto dela nos últimos momentos. Beijou o crucifixo que lhe estenderam e morreu precisamente às oito da noite, enquanto os dois sacerdotes lhe davam a última bênção de absolvição<sup>108</sup> .

Monsenhor Mignen, Bispo de Montpellier, presidiu ao funeral da Madre Ste. Constance rodeado pelas Religiosas do Sagrado

---

<sup>107</sup> Guirauden, 14.

<sup>108</sup> Guirauden, "Death" [Morte], 5-6.

Coração de Maria, por muitos sacerdotes, pela família e pelos amigos de Béziers. Tinha sofrido muito na sua vida, mas a sua morte sobreviera rápida e pacificamente, ao fim da tarde de Quinta-feira Santa, no momento em que a Igreja entrava no mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo.

Embora Abbé Leray tenha escrito várias décadas depois da morte da quarta Superiora Geral da Congregação, a sua descrição final da Madre Ste Constance constitui um elogio muito pertinente:

*Esta alma de princípios sublimes, modelo fiel da Madre St. Jean, profundamente devota, ativa e prudente, era, ao mesmo tempo, muito maternal. Encorajava e censurava com firmeza, sempre que a ocasião o exigia, mas todos tínhamos sempre consciência da sua bondade inata, sendo evidente na sua expressão uma palavra, um olhar, que ninguém podia esquecer. Todos pensavam bem dela e a amavam. Sem nos determos no crescimento que ela suscitara no Instituto do Sagrado Coração de Maria, não só na França, mas também no estrangeiro, acrescentemos também que muitas surpresas ainda nos estão reservadas para o Dia do Juízo, em que todo o bem que esta mulher e religiosa, profundamente cristã, realizou em silêncio será revelado<sup>109</sup>.*

A 20 de abril de 1926, a primeira conselheira geral assistente, Madre Aloysius Hoey, escreveu a Marie Joseph Butler e a todas aquelas que tinham participado no Capítulo Geral de 1925, menos de um ano antes. A carta não foi inesperada. Escreveu o seguinte: "*A triste perda da nossa queridíssima e Rev. Madre, Superiora Geral do Instituto, obriga-nos a reunir de novo, este ano, os membros do Capítulo Geral, a fim de elegermos aquela que Deus destinou para lhe suceder neste alto e pesado cargo*". Quatro assistentes gerais, a secretária geral e a ecônoma geral também foram eleitas<sup>110</sup>.

---

<sup>109</sup> Leray, 213.

<sup>110</sup> Madre Aloysius Hoey a Marie Joseph Butler, Arq. Flist. / RSCM, Caixa 74, Pasta 3.

O Bispo Mignen de Montpellier, que deveria presidir à eleição, marcou a data para sábado, 21 de agosto. Como era costume, os membros do Capítulo Geral reuniram-se previamente para fazer um retiro de oito dias, em silêncio, em Béziers. Em seguida, todo o Instituto deu início a um tríduo de oração invocando a orientação do Espírito Santo e a assistência de Maria nessa importante escolha de uma líder.

A Madre Marie Joseph Butler, Vigária para a América, foi unanimemente eleita quinta Superiora Geral da Congregação. E assim continua a história das RSCM ...





## CRONOLOGIA SELECIONADA

**1890**

Morte do venerável Jean Gailhac, fundador das Religiosas do Sagrado Coração de Maria (25 de janeiro).

Morte do Padre Edward Kelly (em julho), que convidara as RSCM para Lisburn, em 1870.

A Madre St. Félix visita as irmãs de Inglaterra e da Irlanda (primeira semana de agosto a 17 de setembro).

Pós-impressionismo na Arte francesa: Cézanne, Gauguin, Seurat, Van Gogh (1890-1910)

**1891**

Recenseamento: população de Lisburn 12.250 (2.657 dos quais são católicos e 9.593 são protestantes).

Morte do Padre Joseph Dunphy em Mooncoin, aos 62 anos de idade (5 de fevereiro).

O Capítulo Geral começa com o tema: *Unidade e Uniformidade*. A Madre St. Félix foi unanimemente reeleita para um segundo mandato como Superiora Geral (29 de abril).

Morte da Madre St. Marie Hennessy, primeira superiora da fundação do Porto (30 de abril).

Leão XIII promulga *Rerum Novarum* (15 de maio).

O pároco Joaquim da Silva Veiga, o Cónego Manuel Vieira de Matos e Dona Eduarda Augusta de Queiroz, no seu desejo de recristianizar Viseu, convidam as RSCM a abrir uma escola para meninas no Convento do Bom Jesus. O Conselho Geral concorda (julho).

A Madre St. Félix visita as três comunidades de Portugal no início do verão, e as comunidades de Inglaterra e da Irlanda mais tarde (agosto).

A Madre St. Eugene Granier é chamada de novo a Béziers e recolocada pela Madre St. Alphonsus Keane como superiora de Seaford House, Seaford (setembro).

Morte do Bispo de Brooklyn, John Loughlin (29 de dezembro).

**1892** O Bispo Charles McDonnell é nomeado Bispo de Brooklyn (2 de maio).

A Madre de l'Eucharistie de Lencastre faz os seus votos perpétuos (24 de maio) e é nomeada primeira superiora portuguesa da nova fundação de Viseu (19 de julho).

A Madre St. Felix e a Madre St. Eugene (e uma terceira irmã não identificada) viajam até Béziers para visitar a comunidade de Sag Harbor pela primeira vez (junho-julho).

A superiora assistente, Madre de Jesus Perry, substitui a Madre Annunciation Lynch como superiora de Chaves (21 de setembro).

No seu esforço para fazer outra fundação francesa, a Madre St. Felix escreve aos Bispos de Mende, Grenoble e Tarbe, mas todos eles se recusam a autorizar novas fundações nas suas dioceses.

O Bispo Bonnet, da diocese de Viviers, na região de Ardeche, na França, aceita de braços abertos a oferta, e o Conselho geral das RSCM escolhe Vallon como lugar da nova fundação (dezembro).

Duas irmãs de idade, as *Demoiselles* Deloche, oferecem-se para vender o seu colégio interno de Bourg de Péage, diocese de Valence, às Religiosas do Sagrado Coração de Maria (8 de dezembro).

**1893** As dificuldades em pagar a hipoteca de Seafield House levam a Madre St. Félix a pedir ao Bispo O'Reilly para usar a sua influência na venda da antiga propriedade de Bootle (abril-maio).

Fundação do orfanato de Vallon, França (julho).

Fundação do colégio interno de Bourg de Péage, França (julho).

Dona Amélia, Rainha de Portugal, e os dois jovens príncipes visitam a escola em Viseu.

A propriedade de Sea View, em Bootle, é finalmente vendida por 6.500 libras (novembro).

A Madre St. Eugène é "nomeada" para o Conselho Geral.

**1894** A Madre St. Félix e a Madre St. Liguori viajam até Chaves e planeiam, com relutância, a retirada da comunidade das RSCM (fevereiro).

Morte do Bispo Bernard O'Reilly (9 de abril), e Thomas Whiteside substituiu-o como Bispo de Liverpool (12 de julho).

**1895** O corpo de Gailhac é transferido do túmulo das RSCM, no cemitério público, para a cripta da Casa Mãe (4 de fevereiro).

A segunda parcela da antiga propriedade Bootle é vendida por 6.200 libras (7 de agosto).

O Dr. Henry Henry é nomeado Bispo de Down e Connor (16 de agosto), sucedendo ao bispo Patrick McAlister, que morreu no anterior mês de março.

Morte de Abbé Jean Léonard de Fontfroide (12 de novembro). A fundação de Lisburn celebra as suas Bodas de Prata (21 de novembro).

**1896** Henry Magill pede que o empréstimo concedido à Madre Seraphim seja pago. (Fevereiro-março) A Madre Seraphim é chamada de novo para Béziers em abril, e admite ter uma dívida adicional de 3.200 libras, correspondente a empréstimos concedidos. Deixa o Instituto (24 de abril), e a Madre Presentation Maguire substitui-a como superiora em Lisburn.

A Madre St. Félix visita Portugal (fevereiro).

Miss Margaret Hennessy, uma das fundadoras de Portugal, morre no Porto (9 de março).

Emília Vieira Ribeiro, futura Madre de Aquino, fundadora do Brasil, entra no noviciado em Béziers (maio).

A Rainha de Portugal, acompanhada pelos dois príncipes, visitam a escola de Viseu pela segunda vez (junho).

A Madre St. Thomas Hennessy deixa Portugal para participar no Capítulo Geral em Béziers, e já não regressa a Portugal, tornando-se Superiora local da Casa Mãe (setembro).

A Madre St. Calliste Hughes também deixa Portugal, passando a ser Mestra de Noviças na Casa Mãe.

O Capítulo Geral tem lugar em Béziers (20-29 de setembro).

O Orfanato e a Preservação da Casa Mãe são fundidos e as suas atividades integradas (setembro).

Morte do Cardeal Gustavo Hohenlohe, Cardeal Protetor das RSCM desde 1881 (30 de outubro).

A Madre St. Félix visita novamente Portugal (27 de outubro a 27 de novembro).

A Madre de l'Eucharistie substitui a Madre St. Thomas como superiora do Porto (novembro).

A Madre St. Liguori substitui a Madre de l'Eucharistie como superiora de Viseu (novembro 1896-1903).

A Madre Joseph Butler substitui a Madre St. Liguori como superiora de Braga (1896-1903).

**1897** Em Lisburn, é construído um novo colégio interno no local das três casinhas compradas em Castle Street em 1885-1886.

inaugurado um novo pavilhão e uma nova capela em Vallon (abril).

A Rainha Vitória celebra o seu 60º aniversário como Rainha de Inglaterra (junho).

O conde de Alentém morre depois de ter feito as pazes com a sua filha, Madre de l'Eucharistie de Lencastre, e de ter restabelecido a sua herança (25 de junho).

Abertura oficial do novo edifício de Bourg de Péage (outubro).

Início de uma nova fundação em Barrow, Inglaterra (29 de outubro).

**1898** O Cardeal Vincenzo Vannutelli é nomeado Cardeal Protetor das RSCM (março).

Morte de D. António José de Freitas Honorato (Bispo português de Braga). É substituído por Dom Manuel Baptista da Cunha (1899-1913).

**1899** Aprovação definitiva das Constituições, desde há muito esperada (24 de fevereiro).

Waldeck-Rousseau é nomeado Primeiro Ministro da França e introduz legislação destinada a limitar as congregações religiosas (22 de junho).

Reabertura do caso Dreyfus. Leão XIII alinha com aqueles que desejam a exoneração de Dreyfus; finalmente, o presidente da França concede a Dreyfus um perdão imediato (agosto).

Quinquagésimo aniversário da Fundação do Instituto é celebrada em Béziers. Muitos sacerdotes das dioceses de Valence e de Viviers acorrem pela primeira vez (19-20 de setembro).

Madre St. Félix em Portugal (março). Há uma pesada hipoteca sobre a escola do Porto devido à dívida de McGill. A Madre de l'Eucharistie pede vinte contos ao seu irmão Christopher para pagar a hipoteca da escola; recebe-os no dia seguinte.

Morte do Cardeal Dom Américo Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto (1871-1899); é substituído, no Porto, por Dom António José de Sousa Barroso (1899-1918).

As RSCM são convidadas pelo Bispo Whiteside a dirigir uma Escola Industrial para meninas em Blackbrook, Inglaterra; chegada da Madre Conception Kenny para dirigir essa obra (outubro).

**1900** Escola seleta para meninas e crianças, dirigida pelas RSCM, é aberta pelo Deão Kelly, em Bootle.

Nova igreja paroquial é construída em Chapel Hill, Lisburn.

A Madre St. Félix ordena à Madre St. Basil e à Madre St. Benedict que retirem a comunidade das RSCM de Sag Harbor e que regressem a Béziers (julho). O Bispo de Brooklyn. Charles McDonnel, insiste em adiar o processo, visto que a diocese não tinha sido consultada (setembro).

**1901** Início da perseguição em Portugal: instituições religiosas precisam que o governo aprove os seus estatutos para continuarem abertas. As RSCM de Portugal trocam os hábitos por traje secular (18 de fevereiro).

Inspeção das casas religiosas de Portugal pelo governo (abril).

A Madre St. Félix celebra as suas Bodas de Ouro na Casa Mãe (maio).

Como resultado das Leis de Associação, propostas por Waldeck-Rousseau, as congregações não-autorizadas devem tentar obter autorização especial para exercerem o seu ministério na França. Isso envolve cento e quarenta e sete congregações masculinas e seiscentas e seis congregações femininas. Dois terços das congregações femininas pedem autorização, mas são rejeitadas, na sua maioria (2 de julho).

A família de Marie du Coeur de Jesus Mendes doa às RSCM uma casa na cidade de Penafiel; eventualmente abrir-se-á aí um pequeno colégio interno, um externato, uma escola gratuita e um noviciado.

A Madre St. Calliste Hughes é enviada, da Casa Mãe, como emissária da Madre St. Félix, para um importante encontro de três dias, em Braga, com a Madre Butler e a Madre de l'Eucharistie, a fim de redigirem novos estatutos a apresentar ao governo a 18 de outubro.

Havia cerca de cinquenta religiosas na comunidade do Porto, incluindo RSCM estrangeiras: francesas, inglesas, irlandesas, alemãs, espanholas e brasileiras.

**1902** Dez RSCM atravessam o Atlântico Norte para abrir novas fundações em Brooklyn (janeiro).

Abertura formal da escola de St. Mary, Long Island City (março).

É construída uma escola nacional para meninas em Castle Street, Lisburn. A Comissão da Educação paga dois terços do preço da construção. Custa à comunidade apenas quatrocentas libras.

Émile Combes é nomeado primeiro ministro da França (1902-1905), com o objetivo de destruir as congregações religiosas no país (7 de junho).

Morte da Madre St. Thomas Hennessy em Béziers (27 de setembro).

Madre Ste. Constance Farret, primeira assistente do Conselho Geral, também passa a ser Superiora local da Casa Mãe, substituindo a Madre St. Thomas (setembro).

**1903** Morte da Madre St. Eugène Granier em Béziers, aos sessenta anos de idade (18 de fevereiro).

O governo francês fecha a escola de Bourg de Péage, e as irmãs regressam a Béziers (julho).

O orfanato de Vallon é autorizado a continuar a sua obra de caridade, apesar da perseguição do governo (julho).

Pio X (Giuseppe Sarto) sucede a Leão XIII como Papa (4 de agosto de 1903 — 20 de agosto de 1914)

É autorizada por Roma a abertura de um noviciado na Irlanda (junho) e em Portugal (setembro), devido à instabilidade vivida na França.

O Cardeal Protetor, Vincenzo Vanutelli, começa a instar com a Madre St. Félix para formar uma Província portuguesa liderada por uma provincial portuguesa (setembro).

Marie Joseph Butler parte de Portugal para a Casa Mãe, e depois para St. Mary, em Long Island City, Nova Iorque (setembro).

A Madre St. Liguori substitui a Madre Joseph Butler como superiora de Braga (até 1907).

A Madre Vincent Foley é nomeada nova diretora de Blackbrook House (setembro de 1903-março de 1929).

O primeiro avião a motor é pilotado pelos Irmãos Wright (dezembro).

**1904** A Madre St. Félix pede licença à Santa Sé para transferir temporariamente a Casa Mãe para Inglaterra. O pedido é concedido (23 de março de 1904).

A Madre St. Félix e a Madre Ste. Constance estão em Roma em julho para pedir autorização para incluir um capítulo sobre Províncias nas Constituições aprovadas, mas primeiro precisam da aprovação do Bispo de Montpellier (junho-julho).

Emile Combes promulga uma lei que proíbe todos os membros de congregações religiosas de ensinar na França, dissolve todas as congregações oficialmente designadas como "ordens docentes" e confisca as suas propriedades (7 de julho).

O Liverpool Dock Board decide prolongar as docas, precisando de expropriar Seafield House, em Seaforth, mas o Dock Board pagará às RSCM setenta mil libras pelo terreno (agosto).

Seis irmãs portuguesas e o Bispo do Porto enviam cartas Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares pedindo que Portugal se torne uma Província (12 de setembro).

É pedido, e concedido pela Santa Se, um adiamento de dois anos para o Capítulo Geral (originalmente marcado para 1905); mas mais tarde é rescindido (setembro).

A Madre St. Félix pede desesperadamente ao Cardeal Vannutelli que mude o Capelão-confessor da Casa Mãe, "antes que nada mais reste do espírito de Gailhac" (20 de setembro).

A Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares emite um decreto de criação da Província Portuguesa, nomeando a Madre de l'Eucharistie Superiora provincial (24 de outubro).

O primeiro capítulo provincial português reúne-se no Porto. A Madre St. Félix, superiora geral, não é convidada a assistir (27 de dezembro).

Oitenta e uma congregações religiosas femininas da França são dissolvidas pelo governo e obrigadas a exilar-se.

Compra de "New Hey" para construção de uma nova escola de Seafield, em Great Crosby (dezembro).

**1905** Morte da Madre St. Alphonsus Keane em Seaforth (14 de fevereiro); é substituída como superiora pela Madre Ste. Irénée Fogarty, que também trabalha com os arquitetos de Seafield no projeto do novo edifício.

Compra de uma casa adicional em Holker Street, Barrow, para acolher os números crescentes da Escola Seleta (março).

As delegadas ao Capítulo geral elegem unanimemente a Madre Ste. Constance Farret como quarta Superiora Geral para um mandato de doze anos. A Madre St. Félix foi eleita primeira assistente do Conselho Geral (22 de agosto).

Fundação da Academia do Sagrado Coração de Maria em Borough Park, Brooklyn (setembro).

As dívidas contraídas pela Madre Seraphim (4000 libras e 3.200 liras) são completamente pagas pelo Instituto (outubro).



Padre John J. Heffernan, ex-pastor de Sag Harbor, morre em paz na cidade de Boston (25 de novembro).

Abrem-se pequenas escolas privadas em Kimberly Drive e em Eshe Road, Blundellsands, a fim de atrair para a nova escola Seafield futuras alunas que não possam viajar até ao convento de Seaforth nos anos seguintes (1905-1908).

A Concordata de 1801 é oficialmente revogada na França, cortando toda a ligação entre o governo francês e a Igreja Católica (dezembro).

**1906** Madre Joseph Butler é nomeada superiora de Borough Park, e a Madre Presentation substitui-a em St. Mary (julho).

O governo francês ordena o encerramento do colégio interno de Béziers, mas a Casa Mãe é autorizada a continuar as suas outras obras de caridade (setembro). Após um breve lapso de tempo, as alunas do pensionnat encerrado são reunidas em masse num local próximo (o Bon Pasteur) com um novo nome (St. Anne) e com diretoras e professoras leigas católicas.

É realizado um bazar na paróquia de Lisburn para pagar a dívida de nove mil libras em que se incorreu com a ereção da nova igreja, da nova casa paroquial e das novas escolas.

A Madre St. Basil é novamente nomeada superiora de Sag Harbor, que é designada a "casa principal" onde será estabelecido um noviciado (abril). É nomeada Representante da Superiora Geral na América, sendo-lhe conferida autoridade sobre as três comunidades americanas (setembro).

**1907** As RSCM são oficialmente admitidas na arquidiocese de Nova Iorque (maio).

Fundação na paróquia de St. Thomas Aquinas, Bronx, Nova Iorque (setembro).

A Madre St. Liguori deixa Portugal, sua casa durante trinta anos, mudando-se para a Inglaterra e depois para a França. É substituída pela Madre de Aquino Ribeiro, que passa a ser a primeira superiora portuguesa de Braga (setembro).

A Madre Marie Joseph Butler abre a primeira Marymount, em Tarrytown, Nova Iorque (8 de dezembro).

**1908** As irmãs Oblatas são admitidas na Congregação das RSCM e começam a sua formação como irmãs coadjutoras (25 de março).

Fazem votos temporários (24 de outubro) e fazem a profissão perpétua no ano seguinte.

A Madre Anthony Kirwen e a Madre Agatha Holohan, acompanhadas pela Irmã Julien, tomam posse da nova escola de Seafield, em Great Crosby (abril).

O Cardeal Primaz de toda a Irlanda, Cardeal Logue, visita Marymount, Tarrytown, encontrando-se aí com John D. Rockefeller (junho).

A Madre Marcella McGrath torna-se Superiora da nova fundação de Seafield, e a Madre St. Irénée é enviada como superiora para St. Mary, Long Island City, por um ano (setembro).

A escola das RSCM de Bourg de Péage, confiscada, é vendida pelo governo francês para criar uma école supérieure para rapazes (setembro).

Dá-se início a uma Ala Sul para aumentar a propriedade Reynard original de Marymount (setembro).

O novo e jovem rei Dom Manuel II é recebido em Portugal, mas apenas por dois anos (novembro).

**1909** A Madre Ste. Constance e a Madre St. Félix fazem uma visita formal às comunidades da América (junho).

A Superiora Geral decide encerrar a academia de Borough Park e abrir, em vez dela, uma Academia na paróquia de St. Catharine of Alexandria, visto que o pároco, Padre O'Neill, convence a Madre Ste. Constance que a sua paróquia tem maior potencial de crescimento (setembro).

**1910** Revolução em Portugal — é estabelecido um novo regime republicano (8 de outubro).

Grande hostilidade no Porto e em Penafiel; menos violência em Braga e Viseu.

As propriedades de ordens religiosas são tomadas pelo novo governo português. Morosas tentativas legais são imediatamente iniciadas pelas RSHM, para receberem indenização pela sua propriedade confiscada (novembro).

A Madre Maria da Eucaristia desloca-se a Béziers a fim de informar a Madre Ste. Constance sobre o estado da Igreja em

Portugal, a diáspora das religiosas e o colapso da Província portuguesa (dezembro).

Os religiosos de Portugal são proibidos de viver em comunidade e de ensinar (31 de dezembro).

**1911** A Madre Maria da Eucaristia viaja de novo até à Casa Mãe e entrega o seu título de provincial de Portugal e todos os seus direitos e poderes. Em troca, o Conselho Geral nomeia-a Representante da Superiora Geral em Portugal, Espanha e Brasil (4 de fevereiro).

A Madre Maria de Aquino Ribeiro, a Madre de Assis Gomes da Fonseca e a Madre Ste. Foy Gomes Conde deixam Portugal no navio "Cap-Vert" a fim de fazerem uma fundação no Brasil (21 de fevereiro).

Início da missão no Brasil (11 de março).

Lei da Separação, em Portugal, separa a igreja do Estado (abril).  
A Madre Maria da Eucaristia acompanha as RSCM até ao exílio, em Tuy, Espanha (5 de abril).

Fundações das RSCM em Ubá / MG e em Vila Isabel (junho).

A sabedoria do Cardeal Vannutelli salva o Instituto de cometer um grave erro (junho).

A Madre Ste. Constance nomeia a Madre Marie Joseph Butler Representante da Superiora Geral na América. Marymount Tarrytown torna-se a "casa principal", com um noviciado oficial (agosto).

A Madre Marie Joseph Butler organiza o primeiro retiro de verão para mulheres leigas na nova Ala Sul (setembro).

O Capítulo Geral de 1911 reúne-se em Béziers. A Madre St. Félix é eleita para o Conselho Geral por um segundo mandato de seis anos (setembro).

François-Marie de Cabrières, Bispo de Montpellier, é nomeado cardeal (novembro).

**1912** O Titanic choca com um *iceberg* às onze e quarenta da noite, ao largo da costa da Terra Nova e afunda-se num espaço de três horas (14 de abril).

**1913** Morte da Madre St. Charles MacMullen na Casa Mãe, aos oitenta e cinco anos de idade (8 de maio).

Madre Vincent Foley, diretora de Blackbrook, e Irmã Michael, acompanham algumas das jovens na sua emigração para o Canadá (julho).

Escola paroquial de St. Catharine of Alexandria, em Brooklyn, substitui a pequena academia do SCM (setembro).

Início da fundação de Ulverston no outono.

As RSCM assumem a direção da Instituição Jeanne d'Arc em Cambrai, França (outubro).

**1914** Deflagração da guerra na Europa (agosto).

A Madre Ste. Constance e a Madre St. Calliste interrompem abruptamente a sua visita à América e regressam à Europa no Lusitânia (agosto).

Abertura de um hospital militar na Casa Mãe, para mais de cem soldados feridos.

Bento XV eleito Papa para substituir Pio X (setembro de 1914 - janeiro de 1922).

**1915** RMS Lusitânia é afundado por um submarino alemão (7 de maio).

**1916** Alguns dos cidadãos de Cambrai evacuam a cidade quando esta se transforma no quartel-General do Comando Supremo alemão (novembro).

Os soldados requisitam a Instituição Jeanne d'Arc. As RSCM deslocadas não deixam a cidade, mas procuram refúgio junto das religiosas agostinianas de Cambrai. As Irmãs da Caridade e os seus órfãos em breve se juntam a elas (novembro).

**1917** Primeira aparição da Virgem Santíssima a Lúcia dos Santos e a Jacinta e Francisco Marto, em Fátima, Portugal (13 de maio). A Revolução Bolchevique da Rússia é conduzida por Lenine (novembro).

Abertura de um noviciado em Tuy, Espanha (novembro).

Batalha de Cambrai: vitória dos Aliados (novembro-dezembro).

**1918** Mulheres com mais de trinta anos passam a poder votar no Reino Unido (fevereiro).

As 6 da manhã do dia 8 de setembro, a comunidade é informada da evacuação imediata e forçada, até à meia-noite, de todos os habitantes de Cambrai, incluindo as seis RSCM. Destino: Bélgica.

A faculdade de Marymont, em Tarrytown, abre as suas portas a jovens mulheres católicas (outubro).

Assinatura do Armistício pondo termo 6 Primeira Guerra Mundial, às onze horas do décimo-primeiro dia, do décimo-primeiro mês (novembro).

A comunidade de Cambrai, agora na Bélgica, podia enviar cartas para Béziers. Foi a primeira vez, desde agosto de 1914, que as irmãs puderam mandar uma carta à Madre Ste. Constance ou às suas famílias (novembro). A Superiora Geral respondeu imediatamente, e a Madre St. Liguori comenta: "É impossível dizer como ficamos comovidas ao ver a sua caligrafia" (dezembro).

**1919** As irmãs evacuadas regressam a Béziers depois de mais de cinco meses no exílio (16 de janeiro).

Passados meses, um grupo de RSCM, conduzidas pela Madre St. Calliste, regressa a Cannbrai, para reabrir a escola (março).

O Capítulo geral reelege a Madre Ste. Constance por novo mandato de doze anos como Superiora Geral (23 de julho).

St. Anne, a escola que substituíra o pensionnat em 1906, muda-se para o seu lugar original, dentro das paredes da Casa Mãe.

**1920** As RSCM chegam ao fim das suas tentativas legais, de dez anos, para receber uma indemnização pelas propriedades tomadas em 1910 (maio).

As RSCM são convidadas a regressar a Portugal para dar início a uma fundação em Espinho (maio). Abertura de uma escola (outubro) e posterior transferência para Aveiro, em 1928.

A décima-nona emenda á Constituição dos E.U.A. concede o direito a voto ás mulheres.

Assassínio do detetive Inspetor Oswald. Swansey, R.I.C., em Lisburn; seguem-se motins e fogos postos anticatólicos (agosto).

A comunidade de Lisburn foge temporariamente para conventos das RSCM em Inglaterra.

**1921** Regresso das RSCM de Tuy a Braga (maio) e abertura de uma escola (outubro).

A Sagrada Congregação rejeita o plano das Províncias, da Madre Ste. Constance, por isso esta divide a congregação em quatro vigararias, cada uma delas com uma Madre Vigária (abril).

As RSCM são aceitas na arquidiocese de Paris (junho).

Morte do Cardeal de Cabrières aos noventa e um anos de idade (21 de dezembro).

**1922** Pio XI é eleito Papa, sucedendo a Bento XV (fevereiro de 1922 — fevereiro de 1939).

Morte da Madre St. Félix Maynard no seu nonagésimo primeiro ano de vida (26 de março).

A Madre Ste. Constance visita a América pela última vez (julho).

René-Pierre Mignen é nomeado Bispo de Montpellier (3 de agosto).

As RSCM abrem um colégio interno e um externato em Lourdesmount, Ealing (setembro).

**1923** As RSHM dão início a fundações em Los Angeles, Califórnia (junho) e em Neuilly, França (julho), e abrem escolas Marymount no outono.

A Capela Memorial Butler é dedicada em Marymount Tarrytown (30 de maio).

**1924** Edwin Hubble anuncia a existência de outros sistemas galácticos e de galáxias distantes (dezembro).

**1925** Capítulo Geral reúne-se em Béziers (24 de agosto — 27 de agosto).

**1926** Início da Escola de Marymount, em Nova Iorque (2 de fevereiro).

Madre Ste. Constance Farret, quarta Superiora Geral das RSCM, morre de repente, na manhã de Quinta-feira Santa (1 de abril).

As delegadas do Capítulo Geral de 1925 são novamente convocadas para escolher uma sucessora para a falecida Madre Ste. Constance, e para eleger quatro conselheiras gerais, uma secretária geral e uma economista geral para lhe prestar assistência. A Madre Marie Joseph Butler é eleita, por unanimidade, quinta Superiora Geral das Religiosas do Sagrado Coração de Maria (21 de agosto).

A Madre Maria da Eucaristia regressa de Tui para abrir uma nova escola no Porto: Colégio de Nossa Senhora do Rosário (outubro).







*Madre St. Félix Maynard, RSCM – Terceira Superiora Geral*



*Béziers: A capela redonda e o pátio do noviciado*





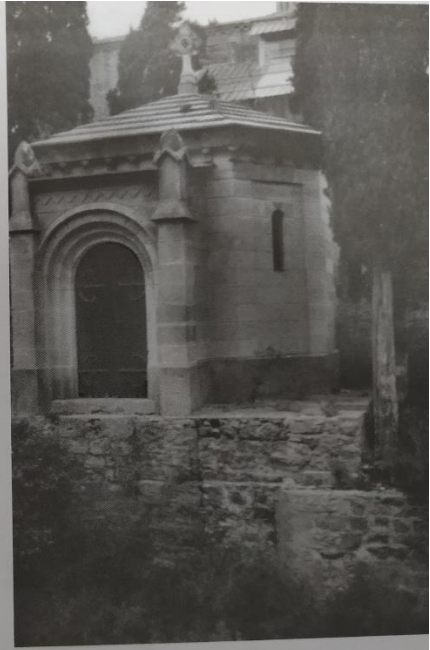
*Madre St. Félix com a comunidade do Porto, em 1891*

*Sentadas: Madre. St. Calliste, Madre St. Thomas, Madre St. Félix,  
Madre St. Timothy e Madre du Calvaire*

*De pé: Madre Bon Pasteur, Madre Coeur de Jésus, Madre Cécile,  
Madre Eulalie, Madre Evangéliste*



*François-Marie Anatole de Cabrières,  
Bispo de Montpellier*



*Sepultura de Abbé Marie Jean Léonard,  
Fontfroide (1895)*



*Madre Ste. Constance Farret, RSCM – Quarta Superiora Geral*



*Tuy, Espanha: Colégio interno e aspetos da cidade velha de Tuy*



*Tuy, Espanha: Noviciado*



*Madre de l'Eucharistie de Lencastre – Primeira Provincial de Portugal*



*RSCM não-identificada, fotografada em Béziers em finais da década de 1890  
(talvez uma das primeiras fotografias da Madre de Aquino Ribeiro)*





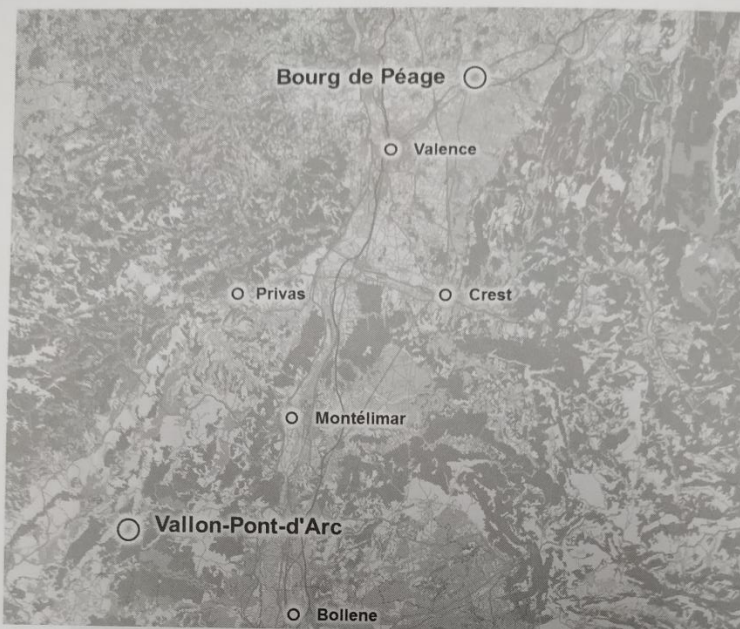
*Madre de Aquino Ribeiro, fundadora das comunidades brasileiras*



*Madre Saint Coeur de Jésus O'Donovan,  
primeira diretora da Escola Paroquial de St. Thomas Aquinas, Bronx,  
Nova Iorque (1907)*



*Madre Joseph Butler, fundadora de Marymount Tarrytown (1907)*



*Mapa mostrando as localidades de Bourg de Péage e Vallon*



*Escola de Bourg de Péage, França*



*Madre Vincent Foley e Madre Marcella McGrath enquanto postulantes*



*Alunas no recreio, na Escola das RSCM, na década de 1890*



*Alunas internas de Sealfield em 1908*



*Crianças em St. Mary, Brogan Street, Ulverston, 1919*



*Convento do Sagrado Coração de Maria, Barrow-in-Furness*



*Capela do Hospital Militar da Casa Mãe 1914-1918*

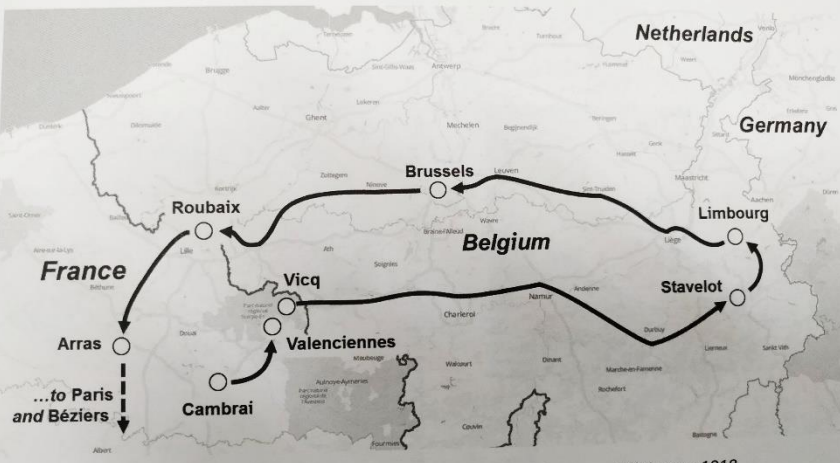




*Rosana MacMullen antes da sua entrada nas RSCM, em 1851*



*Madre St. Charles MacMullen, pouco antes da sua morte, em 1913*



*Rota seguida pela Comunidade de Cambray evacuada para a Bélgica em 1918  
 Cambray, Valenciennes, Vicq, Stavelot, Limburgo, Bruxelas, Roubaix, Arras, Paris, Béziers*



*Visita do Cardeal Logue, Primaz da Irlanda, a Marymount, Tarrytown 1908*



*Visita da Madre Ste. Constance à Comunidade de Marymount,  
Tarrytown de 1922*

*Fila da frente: Madre Cecilia Rafter, Madre Aloysius Hoey, Madre Joseph Butler, Madre Ste. Constance Farret, Madre Baptiste Holohan, Madre Gerard Phelan, ?*

*Fila intermédia: ?, Madre Ignatius Kearney, Madre Walter Cooke, Madre Brenda Lyng, ?, Madre Immaculée MacMullen, Madre Dominic McHenry, Madre Clara Gough, Madre St. Clare McCormack, Madre Monica Lyng, Madre Teresa Phelan, ?, ?*

*Fila Superior: Irmã Helen Murphy, Irmã Winifred Russell, Irmã Magella Doyle, Irmã Zita Scott, Irmã Cândida Doyle, Madre des Victoires Moran, Madre St. Edmund, Madre Pauline Kennedy, Irmã Hilda Waters, Irmã Bridget Rowsome, Irmã Martha Mythen, ?, ?, ?  
(As postulantes e algumas das religiosas não estão identificadas)*

# BIBLIOGRAFIA

## 1. FONTES INICIAIS

### 1.1. FONTES RSCM

#### 1.1.1. Roma: Arquivos Gerais

Ecrits du Père Gailhac, prière du diocese de Montpellier. Montispessulan Beatificationis. 13 Vols. Montpellier, 1949

Cartas Originais do Padre Gailhac (Série GS: janeiro 1871 — junho1889). Ver também a versão publicada: Venerável Padre Jean Gailhac, Cartas às Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Vol. 1 (1848 — 1878) e Vol. 2 (1878 — 1889). Fontes de Vida: RSCM, 2011.

Arquivos Históricos da Congregação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada: Uma coleção de documentos originais e outra Informação relevante sobre Gailhac, os primeiros membros e obras do Instituto. Alguns destes documentos estão datilografados no Processo Apostólico (abaixo mencionado). Existem dezasseis volumes encadernados em couro, numerados de I a VII com vários volumes subdivididos. As subdivisões estão indicadas por letras do alfabeto. Os volumes foram encadernados em 1964. Volumes usados neste estudo: Vol. I-B, Vol. II-A, Vol. II-B2. Vol. II-D, Vol. II-E, Vol. II-F, Vol. IV-A, Vol. VII, Vol. VII-B2.

Arquivos Históricos das Religiosas do Sagrado Coração de Maria: Inclui documentos encontrados ou reunidos depois de 1964. Estes documentos encontram-se em caixas classificados com números ou letras. As caixas encontradas no Arquivo Histórico e usadas neste estudo são: 2, 5, 6, 8, 9, 12,17,18,20, 22, 66, 74, 117, 190, 216, 244, 389, 439, C, E, K, J, Y.

Os Arquivos Históricos também incluem aproximadamente 3000 cartas originais da Madre Marie Joseph Butler. Em 1948, recolheram-se cópias destes originais em volumes azuis para

apresentar no Tribunal da Arquidiocese de New York envolvida na Causa da Beatificação da Madre Butler.

Processus apostolicus super virtutibus et miraculis in specie servi Dei Joannis Gailhac: Montispeessulan Beatificationis et Canonizationis, 24 Vols. Montpellier: 1955. Estes vinte e quatro volumes (7079 pp.) incluem testemunhos e documentação, parte do Processo Apostólico da Beatificação de Gailhac.

### **Jornais:**

Le Publicateur de Béziers jan. 1890

La Semaine religieuse de Montpellier

L'Eclair: Quotidien du Midio

### **1.1.2 Béziers: Arquivos da Casa Mãe das RSCM**

Grande Registro dos Membros Incorporados

Correspondência com o Barão de Macau

Notas do Comité dos Consultores Legais das Congregações

*L'Impartial*

Documentação entregue no simpósio A Dinâmica da Espiritualidade realizado na Casa Mãe em Béziers, 7 de janeiro de 2000

### **1.1.3 London: Arquivos SCM, Província Europeia do Norte (PEN)**

As caixas utilizadas estão numeradas mostrando uma nova classificação no arquivo: Caixa 251 (Lisburn), Caixa 252 (Ferrybank), Caixa 253 (Bootle/Seaforth), Caixa 254 (Barrow), Caixa 255 (Blackbrook) Les Annales du Couvent du Sacré Coeur de Marie, Ferrybank Copy of the Logbook of Blackbrook House (1900-1931)

#### **1.1.4 Tarrytown, N Y: Arquivos RSCM, Prov. Americana de Leste (PAL)**

Correspondência de James Butler para Marie Joseph Butler (1906-1907)

Várias notas sobre St. Mary's, Borough Park, e Cópias

Marymount da correspondência da Madre Marie Joseph Butler

### **1.2 CIDADE DO VATICANO**

#### **1.2.1 Cidade do Vaticano: Arquivos Históricos da Sagrada**

Congregação dos Bispos e Regulares (também referido como SCRIS)

SCRIS, M. 30, Dossiers I, II, III.

### **1.3 IRLANDA**

#### **1.3.1 Ballynahinch, Irlanda do Norte: Jornal da Biblioteca**

*The Irish News e Belfast Morning News*

#### **1.3.2 Waterford, Irlanda: Biblioteca Pública de Waterford**

Waterford News e General Advertiser

### **1.4 ESTADOS UNIDOS**

#### **1.4.1 Brooklyn, New York**

Arquivos da Diocese de Brooklyn

Correspondência com o Bispo Charles McDonnell e outros bispos

St. Mary's Church: Pride in Our Parish Heritage

#### **1.4.2 Sag Harbor, Long Island**

Biblioteca Pública John Jermain:

Sag Harbor Corrector 1899-1901

Village of Sag Harbor: Registo de Óbitos (1885-1982)

## 2. FONTES SECUNDÁRIAS

### 2.1 ESTUDOS RELACIONADOS COM AS RSCM

Barthelemy, F. As Ordens Religiosas: A Congregação do Sagrado Coração de Maria. Paris: Librairie Letouzey & Ané, 1924

Carvalhaes, M. de Chantal, RSCM. Vidas Vivas. Coimbra: RSCM, 1948. Ver também a tr. Inglesa de M. Benedict Murphy, 1948. Lives Aglow With the Spirit. Coimbra: RSCM, 1948.

Carvalhaes, M. de Chantal, RSCM. Por Caminhos Não Andados: Sessenta Anos de História 1871-1931, 2 Vols. Lisboa: Instituto do Sagrado Coração de Maria, 1970. Ver também a tradução Francesa: Fondations du Père Jean Gailhac au Portugal 1871-1886 e Histoire de la province Portugaise: Deuxième partie 1892-1933.

Connell, Kathleen, RSHM. A Journey in Faith and Time: History of the Religious of the Sacred Heart of Mary. Vol. 2 (The Growth of the Institute - The Foundations during Mother Ste. Croix Vidal's Leadership 1869-1878). Sources of Life: RSHM, 1993.

Connell, Kathleen, RSHM. A Journey in Faith and Time: History of the Religious of the Sacred Heart of Mary. Vol. 3 (The Foundations during Mother St.Félix Maynard's First Term as General Superiour 1878-1890). Fontes de Vida: RSHM, 2006.

Connell, Kathleen, RSHM "Mother Joseph Butler and the Sons of St. Ignatius — a Collaborativ Weave". Conferência proferida em Fordham University em 4 de dezembro de 2011

Coudere, P. J-B, S.J. La Con grégation du Sacré Coeur de Marie: son origine, son histoire. Montauban: Imprimerie Catholique Jules Prunet, 1922.



- Duarte, Alice Maria, RSCM. *A História do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria no Brasil de 1911 a 1926*. Belo Horizonte, MG: Fontes de Vida RSCM, 2011.
- Froc, P. *Congregation of the Sacred Heart of Mary 1849-1949* [Greene, Marguerite, RSHM]. "SHM Foundation: Sacred Heart of Mary Convent, Ferrybank, Waterford." 1979
- [Greene, Marguerite, RSHM]. *Estudo sobre Bootle sem data e sem título, Seafield, Blackbrook e New Seafield*.
- Kearney, M. Ignatius, RSHM. *Foundations of Faith*. New York: RSHM, 1965
- Keenan, Marjorie, RSHM. *The Constitutions of the Religious of the Sacred Heart of Mary: A Brief Consideration of the Purpose and Spirit of the Institute*. Fontes de Vida: Série de Recurso II, 2000.
- [Lanigan, M. Stephen, RSHM]. "Seafield: A Tale of Two Centuries." Documento entregue à Crosby Historical Society, 1970.
- Lattre, Michel de, *Inquisitio circa valorem historicum vitae servi Dei Sacerdote V. Maynard concinnatae*. Vatican City: Typis Polyglottis, 1962
- Leray F. *Un Apôtre: Le Pere Jean Gailhac*. Paris: Spes, 1939.
- Leray F. *In the Service of Souls... an Apostle: Father John Gailhac*. Traduzido por M. Benedict Murphy, RSHM. Paris: Spes, 1944
- Maynard, Henri Victor, R. P. Gailhac... *sa vie et ses oeuvres*. Béziers: Librairie Bénézech-Roques, 1895.
- Maynard, Henri Victor, Jean Gailhac: *Priest and Founder of the Religious of the Sacred Heart of Mary*. Traduzido por M. Joseph Rogan, RSHM e Françoise-Thérèse Rogan, RSHM. Westminster, Maryland: Christian Classics, 1977.

- Maynard, M. St. Felix. Brief Histories of the Early Foundations. Fontes de Vida, Doc. No.1: RSHM, 1983
- McKenny, Raphael, RSHM. "A Priest Called Gailhac." Vols. 2 e 3, estudos sobre a vida de Gailhac não publicados.
- McKenny, Raphael, RSHM "Jottings". Uma memória não publicada sobre o processo usado na Causa da Beatificação do Venerável Jean Gailhac.
- Milligan, Mary, RSHM. That They May Have Life. Rome: Gregorian University Press, 1975. (Em português: Para que tenham Vida. Caminhos de uma espiritualidade para hoje, Coimbra, 1982)
- Missud, Benjamin. "27 September 1908, l'inauguration de l'école supérieure de garçons," L'Impartial, 11 Setembro 2008.
- Missud, Benjamin "Le pensionnat des filies du Sacré Coeur de Marie," L'Impartial, 1 Janeiro 2009.
- Privat, M. St. Maurice, RSHM. Pére Gailhac. Béziers: RSCM, 1973
- Sampaio, Rosa do Carmo, RSCM. Uma Caminhada na Fé e no Tempo: Historia das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Vol.1 (Génesis do Instituto: Seu Desenvolvimento durante a Vida da Mere St.Jean 1802-1869). Fontes de Vida: RSCM, 1990.
- Sampaio, Rosa do Carmo, RSCM. "Uma Evolução das Estruturas no Instituto RSCM." Julho 1996.
- [RSCM anon.] The Splendor of Kindness: M. de Aquino Vieira Ribeiro, RSCM, Foundress of the Brazilian Colleges of the Sacred Heart of Mary 1870-1937. Traduzido por M. Benedict Murphy, RSCM. Rio de Janeiro: RSCM, 1953.
- Secondy, Louis, "The Pensionnat of the Religious of the Sacred heart of Mary, Béziers, from 1851-1973," documento não publicado apresentado no Simpósio The Dynamic of a Spirituality in Béziers, 7 Janeiro 2000.

## 2.2 OUTRAS OBRAS

- Birmingham, David. *A Concise History of Portugal*, New York: Cambridge University Press, 1993.
- Birmingham, Stephen. *Real Lace: America's Irish Rich*. New York: Harper and Row, 1973.
- Curtis, Sarah A. *Educating the Faithful: Religion, Schooling and Society in Nineteen Century France*. DeKalb, Illinois: Northern Illinois Uni. Press, 2000.
- Dansette, Adrien. *Religious History of Modern France. Vol. II*. New York: Herder and Herder, 1961.
- Earls, Michael, S.J. ed. *Father Shealey and Marymount: His Lectures and Conferences*. Worchester, Mass.: Harrigan Press. N.d.
- Fournier, Michel. "L'explosion démographique." *Histoire de Béziers* ed. Jean Sagnes. Toulouse: Editions Privat, 1986.
- Fournier, Michel. "Béziers in the Nineteenth Century," documento no Publicado apresentado no simpósio *The Dynamic of a Spirituality conservado na Casa Mae das RSCM em Béziers*, 7 janeiro 2000.
- Johns, Mary. "The Madness and Sadness of Fernie's Folly." *Crosby Herald*, 6 September 1968. *History of the Congregation of the Holy Ghost*. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1983.
- Langlois, Claude. *Le Catholicisme au Féminin: les Congrégations françaises a supérieure générale au XIX siècle*. Paris: Les éditions du Cerf, 1984.
- La Peyre and Alain Rogues. *Béziers Pas à Pas*. LeCoteau: Editions Horvath, 1984.
- Launay, Marcel. *L'Eglise et L'Ecole en France X1Xe-XXe siècles* Paris: Desclée. 1988.

Oliveira Marques, A. H. de History of Portugal, 2<sup>nd</sup> ed. 2 Vols. New York: Columbia University Press, 1976.

Phillips, C.S. The Church in France 1848-1907. New York: Russell and Russell, 1936.

Poulet, Dom Charles. A History of the Catholic Church, Vol. II St. Louis, Missouri: Herder Book Co., 1935.

Sharp, John K. Priests and Parishes of the Diocese of Brooklyn 1820-1972. Brooklyn: Roman Catholic Diocese of Brooklyn, 1973.

White, Matthew. The Great Big Book of Horrible Things. New York: W.W. Norton and Co., 2012.

## AS AUTORAS

**Rosa do Carmo Sampaio, RSCM e Kathleen Connell, RSCM**



*As duas Autoras*

As autoras deste volume eram muito diferentes na sua personalidade. Uma nasceu na pequena aldeia de Sampaio, perto de Braga, Portugal, em 1942. A outra nasceu dois anos antes em New York City. Viveram a sua vida em continentes diferentes. Uma tinha o dom das línguas — Português, Francês, Espanhol e um pouco de Italiano, mas Inglês não; a outra conseguia ler Francês mas só falava Inglês. No início do seu trabalho juntas, em 1983, tiveram que desenvolver uma "língua" para poderem comunicar uma com a outra já que iam trabalhar juntas parte dos quinze verões seguintes. Rapidamente deu para perceber que as semelhanças entre elas ultrapassavam de longe as suas diferenças. Ficaram amigas.

Eram ambas licenciadas em História e Religião/Espiritualidade. Ambas frequentaram os Colégios fundados pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria e mais tarde, foram professoras, durante vários anos, nessas mesmas instituições, nos seus respectivos países. Ambas colocaram os seus dons ao serviço das suas províncias, nos conselhos provinciais, na formação e na pastoral vocacional. Eram ambas apaixonadas pelo Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, pelo seu passado, presente e futuro e enquanto escreviam a

história da congregação e davam aulas a tempo inteiro, cada uma também fazia palestras e orientava retiros sobre o Carisma e sobre as Fontes aos membros mais novos e às irmãs nas várias províncias e regiões do Instituto.

A Ir. Rosa do Carmo foi eleita Conselheira Geral das RSCM em 1995 e durante o tempo em que cumpria essa missão, em Roma, adoeceu, vindo a falecer de cancro três anos depois, a 23 de março. Sr. Kathleen continua a trabalhar nas Fontes do Instituto e a fazer palestras e retiros sobre o Carisma e a história da congregação.



vida  
de vie  
di vita  
sources of life  
fuentes de vida  
fontes de vida  
sorgenti  
sources  
fuentes  
fontes de vida  
sources de vie  
sorgenti di vita  
sources of life  
fuentes de vida  
fontes de vida  
sorgenti di vita  
sources of life  
fontes de vida  
sources of life  
fuentes de vida  
fontes de vida  
sorgenti di vita  
sources of life  
fontes de vida